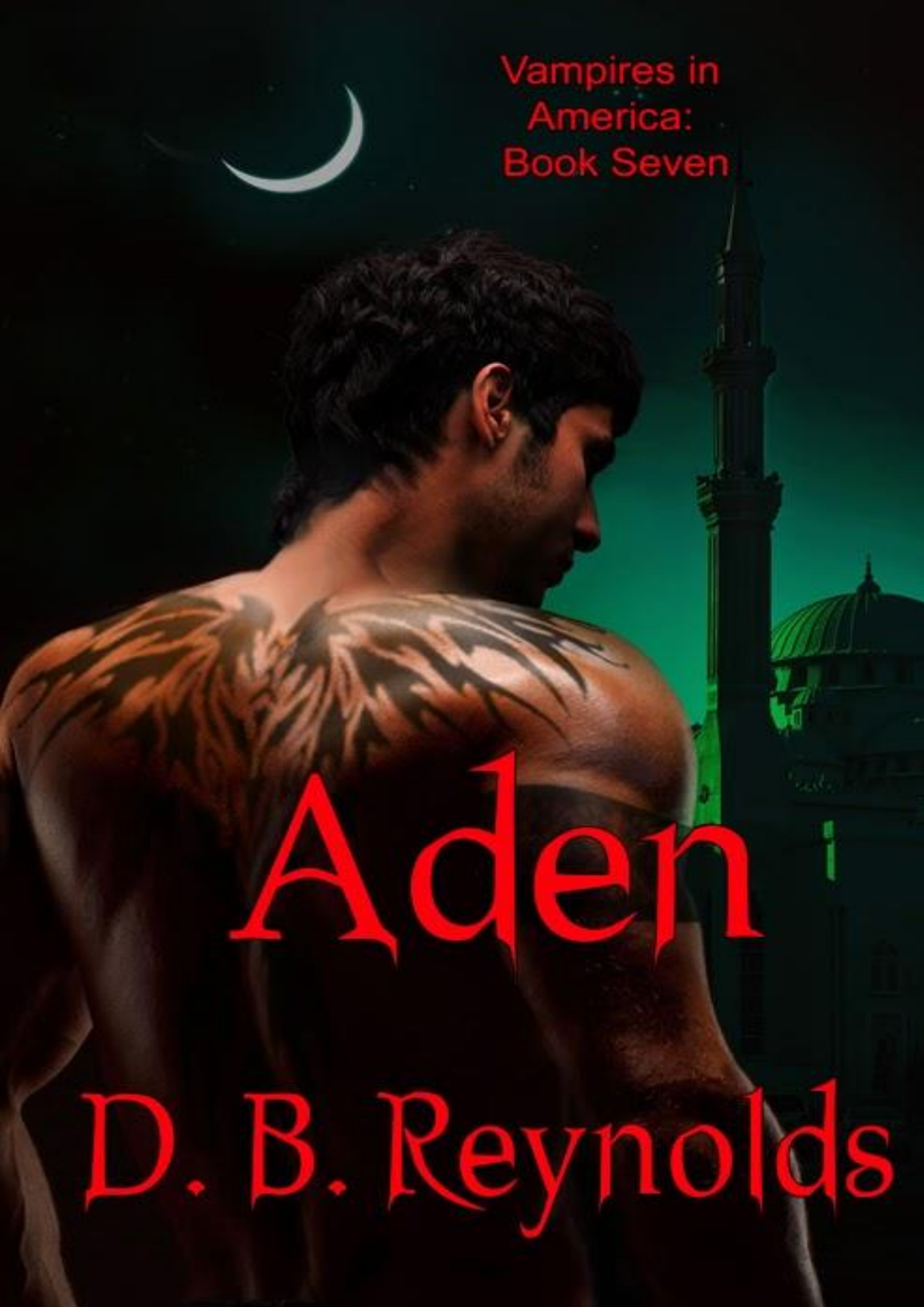




Vampires in
America:
Book Seven

Aden

D. B. Reynolds



Ela estava em busca de vingança. O que ela encontrou foi um vampiro que a varreu para as profundezas mais obscuras da paixão.

Chicago, Illinois ... a cidade dos ventos. Lar de grandes nomes do futebol, dinossauros chamada Sue, e, quando o sol se põe... vampiros poderosos que lutam pelo direito de governar a cidade e além.

Nascido em escravidão, Aden é um dos vampiros mais poderosos da América do Norte, em guerra com outros de sua espécie em uma luta para se tornar o próximo Senhor do Centro-Oeste. Mas no meio da luta mortal de sua longa vida, os fantasmas de seu passado têm de voltar para assombrá-lo. A escravidão ainda existe, e Aden está determinado em destruí-la e os vampiros que lucram com isso.

Sidonie Reid é uma repórter investigativa em busca da maior história de sua carreira, até que a história custa a vida de um amigo e Sid percebe que ela tem que fazer muito mais do que escrever sobre ele. Com a intenção de trazer para baixo os vampiros e sua rede de escravos, Sid ganha entrada para os mais altos níveis da sociedade vampiro, onde ela encontra-se enfrentando a sexualidade crua que é Aden.

Presos em uma paixão escura que não podem resistir, Aden e Sidonie unem forças, determinados a derrotar o antigo regime e tudo que ele representa. Os perigos estão além do cálculo, mas a recompensa final vale a pena o risco. Se eles sobrevivem...

PRÓLOGO

Chicago, IL

SIDONIE REID agarrou o cinto de segurança apertado, o nylon cavando em seus dedos quando a ambulância rugiu através de uma interseção com o som estridente de buzinas e cantando pneus. Havia tanto barulho. A sirene era um assalto constante para seus ouvidos.

Não havia janelas, e mesmo se houvesse, ela não poderia ter tentando abrir. Ela nem sequer tentou. Toda a sua energia estava voltada para a mulher pálida amarrada a maca, lutando para viver. Ela apertou a mão de Janey mais forte, desejando que ela lutasse, que soubesse que ela não estava sozinha, que havia alguém aqui que se importava, que conhecia a verdade do que tinha acontecido. Não o que parecia, mas o que era.

— Minha senhora, eu preciso que você solte sua mão. — A voz do enfermeiro era estimulante e eficiente. Janey era apenas mais um paciente com ele, mais uma vítima da guerra contra as drogas. Ele estava em constante movimento, e mesmo que Sid soubesse que ele estava trabalhando para salvar a vida de Janey, que ele tinha que manter esse um passo de distância emocional, a fim de fazer o seu trabalho, ela se ressentia seu desprendimento.

Janey não era apenas mais uma drogada. Ela estava morrendo porque alguém a queria morta, e ninguém se importava. Ninguém, além de Sid, e quem era ela? Ela mentiu para a polícia e ela disse que era da família, mas a verdade era que Sid nem sequer sabia se Janey tinha uma família. Ela não sabia seu aniversário, sua canção favorita, não sabia se Janey era mesmo seu nome verdadeiro. Tudo o que Sid sabia era que alguém tinha feito aquilo. Alguém tinha furado a agulha na veia de Janey, tinha enviado uma dose letal de heroína pura em um caminho direto para o seu coração. Alguém queria Janey fora do caminho,

a queria morta, e isso era culpa de Sid. Isso era o que ela tinha trazido para a vida de sua amiga. Nada senão a morte.

— Você tem que soltar, — o enfermeiro repetiu, com mais força ainda.

— Sinto muito, — disse Sid, deixando os dedos frouxos de Janey caírem de volta para a maca, curvando para a frente sobre os joelhos, ficando o mais próximo que pôde para a amiga sem tocar. — Me desculpe, Janey, — ela sussurrou. Ela sentiu lágrimas quentes rolando pelo seu rosto e não tentou detê-las.

A enfermeira olhou para cima. — É a primeira vez que ela tem uma overdose? Você sabia que ela estava usando drogas?

— Sem drogas, — Sid insistiu.

O enfermeiro deu-lhe um olhar compassivo. — Olhe, senhora. Ela teve uma overdose em algo, provavelmente heroína, e eu preciso saber se há alguma coisa lá dentro. Você não está fazendo a ela qualquer bondade fingindo que ela não é uma drogada.

— Ela não é. Alguém fez isso.

Soaram alarmes médicos, abafando o grito da sirene quando eles pararam perto de outra curva.

— Se afaste, — o enfermeiro ordenou firmemente, então rasgou a folha do peito de Janey, desnudando seus pequenos, seios pálidos, e oh, como sua amiga teria odiado isso. O cheiro de algo queimando encheu as narinas de Sid quando o enfermeiro tentou sacudir o coração de Janey de volta à vida, suas costas curvando-se da maca. O enfermeiro olhou o monitor que continuava a mostrar nada além de linha fixa, e, em seguida, as portas da ambulância se abriram, e Janey tinha ido embora, levada pelas portas duplas, cercada por homens e mulheres que provavelmente viam casos como este a cada noite. Só mais uma overdose de um viciado.

Mas Janey não era uma viciada. Alguém a tinha matado para enviar uma mensagem. Bem, mensagem recebida. Mas Sid não estava recuando. Ela iria descobrir quem tinha feito isso, e ela iria fazê-los pagar.

CAPÍTULO UM

Seis meses depois

SID OLHOU EM VOLTA do tumultuado salão, lutando contra a vontade de se beliscar. Ela conseguiu. Ela realmente estava parada em meio dos mais poderosos vampiros do continente Norte Americano enquanto eles decidiam quem seria o próximo Lorde Vampiro do Meio-Oeste.

Ela seria a primeira a admitir que ela não sabia precisamente o que significava, não sabia os limites do território, ou quais poderes tais vampiros possuíam. Mas o que ela sabia era suficiente. O ganhador dessa competição – e ela também não tinha certeza qual tipo de competição era – iria governar Chicago. Isso significava que ele também seria aquele que receberia o reinado de escravidão que o antigo lorde vampiro, Klemens, tinha operado nesta cidade por quase vinte anos antes de sua morte. E isso era algo que Sid sabia. Ela tinha passado todo o ano passado, e especialmente os últimos seis meses desde a morte de Janey, pesquisando e escrevendo histórias sobre a conexão de Chicago com o tráfico sexual.

Ostensivamente, a série foi para o seu jornal local, a única parte de jornalismo sério em um papel que era mais conhecido por cobrir o café da manhã de panquecas do time de basquete da escola. A cidade era um distante subúrbio de Chicago, uma comunidade de alta escala que fazia o seu melhor para lembrar Mayberry em tudo exceto o valor da propriedade e o senso de moda. Suas histórias diversas vezes motivavam pequenas velhas senhoras a pararem na rua e a castigarem por reportar o tipo de coisa horrível pela qual elas se mudaram para o subúrbio. Ela não podia achar algo legal para escrever? Mas Sid não se importava com legal. Ela queria fazer a diferença, e desde que seu pai era dono do jornal... bem, ela talvez odiasse a ideia de comandar o dinheiro do papai, mas se este

fosse o único jeito que ela conseguisse que a estória fosse escrita, então era isso que ela ia fazer.

Porque Chicago não era simplesmente um mercado conveniente para escravos. Quando se falava desta parte particular do tráfico, a cidade era o porto transitório para o resto dos Estados Unidos. Acabe com a operação em Chicago, derrube os vampiros que a operam, e você podia interromper toda a corrente de suplementos. E era isso que Sid queria, acabar com eles. Ela não era inocente o suficiente para acreditar que acabaria com o problema. Enquanto tivesse demanda por escravas sexuais, alguém iria começar a fornecer. Mas acabar com Chicago iria ser um grande golpe para os traficantes, e aquilo seria um bom primeiro passo.

Era também um passo muito perigoso. Os traficantes iriam fazer qualquer coisa para impedi-la de expor seu nojento, mas extremamente rendável, negócio. Ela tinha aprendido do jeito difícil, embora Janey que tivesse pago o preço. Janey tinha sido uma daquelas escravas, mas ela tinha sido mais sortuda que a maioria. Quando seu dono tinha decidido que ela não tinha mais uso para ele, ele tinha dado a ela cem dólares e a deixado em uma esquina.

Mas Janey não tinha ficado naquela esquina. Ela tinha achado abrigo e um programa. Ela tinha saído das ruas, ganhado seu GRE¹, e estava trabalhando como garçoneiro quando Sid aconteceu de parar na sua lanchonete uma noite. E quando ela descobriu que Sid estava investigando, Janey se ofereceu para ajudar. O que fez com que ela morresse.

Os escravizadores não tinham ousado ir até Sid diretamente; seu pai tinha muito dinheiro, tinha muita influência. A morte de Sid iria trazer a polícia e a imprensa, teria tido uma verdadeira investigação. Mas não a de Janey. A morte dela tinha passado completamente por todos exceto por Sid.

E enquanto a morte de Janey não tinha mudado a mente de Sid de expor a verdade nua e crua, a tinha convencido a tentar os policiais. Ela tinha

¹ GRE □ A sigla GRE significa Graduate Record Examinations (Exames de Registro de Graduação). Trata-se de um teste admissionário utilizado como requisito de admissão por muitas escolas que oferecem ensino de pós-graduação, não apenas nos Estados Unidos, mas também em outros países de língua inglesa.

pedido favores, tinha usado o nome da família, mas eventualmente até os policiais tinham parado de receber suas ligações e não retornavam suas mensagens. Eles tinham crimes mais importantes para resolver, crimes com vítimas americanas, vítimas com dinheiro, vítimas de alto perfil. As mulheres pegadas pela web dos escravizadores eram sem nome, estrangeiras sem rosto, e até elas chegarem nos Estados Unidos, a maioria eram vítimas sem esperança da heroína. As suas histórias estavam mergulhadas e enterradas por baixo da maioria dos problemas de drogas, e ninguém se importava sobre mais uma viciada em heroína ou como ela chegou ali.

O que Sid precisava era uma história certa, algo que ninguém podia ignorar, e o ângulo de vampiro era isso. Ela estava determinada a fazer o que precisasse para chegar perto do grande líder vampiro, para conseguir a história de dentro. Vampiros precisavam de sangue, e Sid tinha muito sangue. Ela apenas precisava conhecer o vampiro certo. Experiências passadas a tinham ensinado que ela podia chamar a atenção de qualquer homem que ela pusesse os olhos, e um vampiro não seria diferente de nenhum outro homem, certo?

Um pouco de pesquisa a tinha levado até Claudia Dresner, uma professora de sociologia da Universidade de Illinois que estava escrevendo um livro sobre vampiros. Dresner tinha posse e então não podia ser demitida por sua escolha de assunto, mas aquilo não significava que seus colegas respeitavam seu trabalho. Sid tinha fornecido um simpático e interessado ouvido para a professora e no processo colhido uma gama de informação sobre vampiros, incluindo a existência de algo chamado uma casa de sangue, um lugar onde fãs de vampiros e aqueles que queriam ser vampiros iam para se misturar com a coisa real e oferecer sangue para ficar na casa, por assim dizer. Tinham várias numa cidade com o tamanho de Chicago, mas a Professora Dresner a tinha levado para uma com maior poder centrado, um clube que ela tinha insistido que Sid podia conhecer o tipo de vampiro que podia leva-la ao topo. Dresner apenas tinha ido com ela na primeira vez, mas ela tinha apontado um par de possibilidades. Não os peixes grandes mesmo, mas vampiros que podiam fazê-la ter acesso para os peixes grandes, os vampiros poderosos suficientes para ir até o topo.

Sid tinha sido uma excelente pupila, e sua recompensa era o vampiro ao seu lado, aquele que conseguiu um convite para ela em uma das galas mais altas dos vampiros. Seu nome era Travis, e se ela tivesse conhecido ele em qualquer outra circunstância, ela não teria visto nada mais que um cara agradável que surfava e que tinha de algum jeito saído de Chicago. Um pouco mais alto que dois metros, ele tinha o corpo musculoso de um nadador, com as afiadas pontas de uma tatuagem tribal visível abaixo da manga direita da camisa preta que ele usava como um uniforme. E por baixo de sua atitude fechada, ele era incrivelmente um cara doce.

— Excitante, hein, baby? — Trav estava muito perto, seu corpo constantemente se esfregando em sua bunda enquanto ele se movia de um lado para o outro. Se alguém estava excitado, era o Travis. Ele estava como uma criança pequena que ia conhecer seu super-herói pela primeira vez. Era isso ou um cachorro com um succulento pedaço de carne que ele estava preocupado que ia ser roubado por um bem maior cachorro a qualquer momento. Infelizmente, aquilo fazia de Sid a carne. E ela não era o jantar de ninguém, não ainda pelo menos. Ela conseguiu evitar que Travis realmente bebesse dela, embora ela estivesse disposta a ir tão longe, se necessário. E ela tinha um pressentimento que a próxima vez que ela o encontrasse, Trav iria estar pedindo o pagamento por conseguir coloca-la aqui esta noite, mas por agora, pelo menos, ela estava fora do menu.

— Muito, — Sid disse, dando um pequeno passo para longe do toque nervoso de Trav. — Alguma ideia de quem vai ganhar essa coisa?

— Com certeza, sem dúvida. Vê aquele cara grande ali?

— Eu vejo um monte de caras grandes, Trav. Apenas o aponte para mim.

— Uau, grande ideia! Esses caras estão liberando adrenalina como lutadores ganhadores usando cocaína, mas eu vou esticar meu dedo para o pior cara na sala por você. Você pode recolher minhas cinzas depois.

— Não seja dramático. Você pode pelo menos me dar uma dica?

— Ele é o que está parado sozinho ali, sem bebida na sua mão.

Sid procurou pela multidão na direção que Travis indicou e procurou por ar inesperadamente. Maldição, a maioria dos vampiros aqui estava sozinho. De acordo com Travis em seus menos dramáticos momentos, hoje era sobre os participantes mostrarem seu poder, meio que como animais demonstrando feromônios de agressão durante a batalha ou algo assim. Ela pensava que não demoraria muito até um desses caras abrisse o zíper e coloca-se o pênis para fora e começasse a mijar em tudo que vissem. A imagem mental a levou a começar a rir, mas a risada morreu em sua garganta quando seu olhar caiu sobre ele.

Oh sim. Trav estava certo. Ele estava sozinho. Mas sua solidão era mais do que uma separação física, era uma parede invisível que impedia qualquer pessoa de chegar muito perto, um campo de força para ficar longe dele.

— Qual é o nome dele? — Ela sussurrou, com medo que ele pudesse ouvi-la de alguma maneira do outro lado da sala.

— Aden, — Travis informou, e sua voz estava quieta e encharcada em reverência... e algo mais. Admiração?

— Você o conhece?

Ele confirmou. — É. Eu quero dizer, nós não somos amigos ou algo assim, mas... ele é o cara.

— Eu quero conhece-lo.

Travis riu. — Certo.

— Eu falo sério, — ela disse, tocando sua mão. — Me apresenta.

Ele negou com a cabeça. — Se apresente, baby. Apenas tenha certeza do que está fazendo.

Sid apertou sua mão em torno dos dedos de Travis, agora se era para impedi-la de se mover ou se para arrasta-lo com ela, ela não podia dizer. De qualquer jeito, não importava, porque Trav tinha mente própria, e era um vampiro. Ele não ia a lugar algum que não quisesse. Ele soltou seus dedos.

— Você está por sua conta com este, — ele disse, — mas se quiser um conselho de alguém que sabe... seja educada.

Ela resmungou. — Eu sempre sou educada.

— Sid, o que sua intuição está te dizendo agora? Seja honesta.

Ela olhou para ele, surpresa. Isto era o mais sério que ela tinha visto Travis ser, e a fez engolir a resposta engraçada que tinha na língua e ir com a verdade. — Minha intuição está com medo dele.

— Você tem uma boa intuição. Fale com ele se quiser, mas escute seu instinto e veja o que fala.

Sid prensou os lábios irritada, então rapidamente os soltou, não querendo arruinar seu batom. Ela odiava usar sua aparência ao invés de seu cérebro, mas primeiras impressões importavam, e ela usava toda arma que tinha. Ela se pegou considerando uma passada rápido no banheiro para um rápido retoque na maquiagem e descartou a ideia, vendo pelo ato de covardia que era. Isto era o que ela estava esperando, o que ela gastou os últimos meses trabalhando, uma chance para conhecer alguém que poderia fazer a diferença. E se este Aden realmente iria ser o próximo lorde vampiro, ela não podia arruinar a chance.

Ela puxou ar e começou a andar para o outro lado da sala. Ela pegou um caminho tortuoso, se movendo de aglomerado em aglomerado de frequentadores de gala, ambos humanos e vampiros, parando por poucos minutos e fingindo entrar na conversa, então indo em frente. E todo o tempo ela estava com olhos no alvo, o estudando.

Como ela disse para Trav, tinham grandes caras na sala. E não tão grandes, mas com certeza sobrenaturalmente bonitos. Professora Dresner tinha oferecido uma teoria a qual chamava simbiótica vampírica – a coisa que tornava o humano comum em vampiro – trabalhava em grandes mudanças fisiológicas em seus hospedeiros para sua própria sobrevivência. As mudanças mais óbvias eram a necessidade do vampiro novo por sangue e a aversão à luz do sol. Mas tinham as adicionais, mais sutis, mudanças que aconteciam pelo tempo, coisas que faziam os vampiros melhores caçadores, os faziam mais atrativos para suas

presas humanas. A professora sugeriu que vamps eventualmente ficavam mais bonitos, porque quanto mais eles eram vampiros, mais tempo a simbiose teve tempo para trabalhar neles.

Sid não sabia se era verdade ou não, mas ela sabia que tinha um inferno de homens gatos aqui. Muitos para ser aleatório.

Mas mesmo em uma sala cheia de homens lindos, Aden se sobressaía. Ele era lindo e selvagem, uma besta indomada que domou um paletó pela noite. Era um traço fino de civilidade, e um que dificilmente conseguia conter a sua selvageria enquanto ele olhava ao redor com seu olhar de predador, uma simples respiração para que ele arrancasse a garganta de alguém.

Ela olhou pra longe, e de volta, e o pegou olhando para ela. Ela virou o olhar rapidamente, mas não antes de ver que ele não se incomodou de fazer o mesmo. Ele a encarou sem vergonha, seus olhos tão escuros que primeiramente ela pensou que eles fossem pretos. Mas então a luz bateu neles, e ela percebeu que eles eram do mais escuro azul, com grossos, cílios negros que combinavam com sua estrutura óssea em cada preguiçosa piscada. Seu cabelo solto era de um preto que nem seus cílios, um pouco compridos e curvados acima do colarinho em sua camisa formal. Ele tinha uma boca sexy, cheia e macia, mas salva por uma sensualidade pura por um toque de crueldade que formavam em seus lábios um pequeno sorriso enquanto ele observava a investida dela.

Sid deu os últimos passos entre eles e parou, chocada, agora que ela estava mais próxima dele, e o quão grande ele realmente era. Não apenas alto, embora ele fosse maior que dois metros, mas seus ombros largos e seu forte abdômen que parecia ter muita massa muscular por baixo de seu paletó feito por encomenda.

Ela respirou e foi em frente. — Lorde Aden, — ela o cumprimentou, usando uma amigável mas respeitosa abordagem.

Ele levantou uma sobrancelha em resposta. Ela tinha esperado que ele fizesse mais, que ele dissesse algo, qualquer coisa. Que perguntasse como ela sabia seu nome, pelo menos. Mas a sobrancelha foi a única reação que ela teve.

Sid deu um leve encolher de ombros. — Eu faço minha pesquisa como qualquer repórter, — ela disse, fingindo que ele realmente tinha feito a pergunta. — Eu perguntei aos meus contatos qual vampiro era o mais provável de ganhar isto... o que quer que seja chamado isso, — ela disse, gesticulando a reunião de vampiros. — E seu nome foi o único que apareceu.

Ele a olhou por um momento maior antes de seu olhar descer em uma resposta típica masculina e fazer uma checagem rápida nela, começando com seu Louboutin dedilhado – muito frios para o inverno de Chicago – subindo para suas pernas bronzeadas de seda, olhando seu pequeno vestido de seda, com seus ombros e braços nus, e terminando com um rápido olhar no colar mandarin, que era tão alto que quase chegava em seu queixo.

— O que posso fazer por você, Srta. Reid? — Ele perguntou, sua voz um som profundo que fez o coração dela pular antes mesmo dela processar o que ele falou.

Os olhos dela pularam para o rosto dele. — Como você sabia...

Ele riu, e não era um som feliz. — Você jogou com Travis por três semanas para conseguir entrar nessa festa. Eu o criei três décadas antes de você nascer. Você realmente acha que ele traria uma humana sem a minha permissão? Eu também faço minha pesquisa, querida.

— Eu não sabia que ele era...

— Isso era obvio. Então, por que você está aqui? Não pela festa, eu imagino, — ele acrescentou, olhando para a não sutil escolha de colar.

— Não, — ela disse rapidamente. — Eu não – Ela ia dizer para ele que ela não brincava em círculos de vampiros, que ela não era a comida de ninguém, mas algo em seus olhos a fez parar. Ela congelou diante aquele olhar, abruptamente consciente de cada respiração se movendo para dentro e para fora de seus pulmões, de seu coração pulsando em seu peito até que ela podia ter certeza que ele conseguia ver pulsando por baixo de sua segunda pele neste vestido apertado. Ela mordeu o lábio nervosamente, e o olhar pesado de Aden ficou mais intenso. Deus, ele era lindo. Ela ponderou por um momento como

seria ir para cama com alguém como ele. Um vampiro poderoso. Sexy, selvagem, incontrolável. Uma imagem apareceu em seu cérebro de um Aden pelado deitado embaixo dela, seus músculos flexionando, mãos fortes presas em seus quadris, batendo forte entre suas coxas com cada avanço mais constante enquanto ela se despedaçava perdidamente em cima dele.

E ela percebeu que seu corpo já estava respondendo à visão. Calor estava se formando em suas coxas, bem onde ela tinha imaginado ele entrando nela, e ela estava com medo de olhar para baixo e encontrar seus bicos visivelmente inchados e demandando atenção.

Ela deu uma olhada nervosa para Aden e viu uma curva de sua sensual boca devagarinho subindo, como se ele soubesse o que ela estava pensando, soubesse o que o corpo dela estava sentindo. Ela tirou aqueles pensamentos à força de sua cabeça. Ela não tinha nenhuma intenção de cair no feitiço de um vampiro, muito menos um tão poderoso quanto Aden.

— Você estava dizendo? — Ele a estimulou presunçosamente.

Ela desejou vigorosamente por uma boa e afiada estaca.

- Se você é o próximo lorde vampiro, — ela disse intencionalmente, — então eu gostaria de me encontrar com você. Tem coisas acontecendo nessa cidade, crimes contra humanidade que você pode não estar sabendo.

Ele enrugou a testa. — Como?

— Este não é o lugar, Lorde Aden. Mas saiba isto: eles escravizaram e mataram uma amiga minha, e eu pretendo expor cada um.

Seu olhar endureceu, cada parte de sedução desaparecendo em um instante. — Você virá ao meu escritório amanhã à noite. Ele alcançou uma carteira e entregou um fino branco cartão de negócios, passando por seus dedos enquanto ele a entregava.

Sid não recebia bem ordens, especialmente não de rude, mas sexy, vampiros. A reação da sua intuição era para dizer para ele engolir, mas aquilo seria estúpido. E estupidez não era uma de suas grandes falhas. Isso era o que

ela queria – um encontro privado com o próximo Lorde Vampiro de Meio Oeste – e ele estava oferecendo isso a ela. Tudo bem, então ele basicamente a tinha ordenado a aparecer, mas ela não ia discutir por semântica quando a entrada que ela precisava estava sendo oferecida em uma bandeja. Ou, nesse caso, em um cartão de negócios.

Ela pegou o cartão. Tinha um endereço e um número de telefone, mais nada.

— Não tem nome aqui. Como eu vou saber que escritório é esse?

Ele lhe deu a sobancelha levantada de novo. — Porque eu acabei de lhe entregar o cartão, — ele disse devagar, como se estivesse falando com uma imbecil. — Esteja lá duas horas depois do pôr-do-sol amanhã à noite.

— E se eu não souber quando o pôr-do-sol é? — Ela perguntou, apenas para ser desagradável. Ela sabia exatamente quando o pôr-do-sol era. Ela estava chegando diariamente pelos últimos meses, desde quando ela decidiu tentar entrar na sociedade vampírica.

— Então cheque no jornal do seu pai, — ele disse impacientemente, provando que ele sabia muito mais sobre ela do que ela sabia sobre ele.

Ela estava tentando pensar em uma volta apropriada quando ele abruptamente mudou seu olhar para cima da cabeça dela e deu a alguém um curto aceno. Sid virou, mas quem quer que fosse que ele estava sinalizando estava muito longe para ela identificar. Ela começou a se virar de volta e quase esbarrou em Aden. Ele avançou para mais perto dela, curvando seus dedos de uma grande mão no quadril dela.

Tirando vantagem, ele se inclinou e colocou seus lábios perto do ouvido dela. — Vista algo mais adequado amanhã à noite, srta. Reid. Eu gosto de ruivas.

Sid engasgou em seu avanço, mas ele já tinha ido, andando calmamente pela multidão da sala, um caminho se abrindo para ele como mágica. Ela o observou ir, seu peso e tamanho fazendo ele fácil de seguir até que ele se juntou a

um pequeno grupo de homens e mulheres que se prevaleciam do restante. Ela encarou até Travis deslizar para perto dela de novo.

— Eu estava certo? — Ele perguntou.

— Certo sobre o quê? — Ela perguntou distraidamente.

— Sobre Aden. Ele vai ganhar, não acha?

Ela abriu a boca para dizer a ele que ela não tinha ideia, nenhuma base para julgar algo como aquilo. Mas então ela franziu a testa. — Eu não sei, — ela disse honestamente. — Mas eu acho que você pode estar certo.

Travis sorriu com orgulho. — Você vê aqueles caras ali? — Ele perguntou, acenando para o pequeno grupo que incluía agora Aden. — Aquele nos fundos, que parece com um executivo da Wall Street? Aquele é Raphael, provavelmente o mais poderoso vampiro no planeta. Os dois próximos a ele são Lucas e Duncan, mas todos ali são lordes vampiros, Sidonie. A coisa real.

— E as mulheres? — Ela perguntou, notando em particular a alta, com cabelos pretos que apreciava uma modelo com um longo Stella McCartney que cobria tudo, mas ainda conseguia parecer provocante como o inferno. Ela estava cumprimentando Aden com um grande sorriso, e Sid sentiu um não bem-vindo sentimento de pura inveja. Ela se abismou com a própria reação. Por que ela se importava se Aden se empurrava em alguma outra mulher? Ela não tinha acabado de se persuadir de que não estava interessada nele ou em qualquer outro vampiro?

— A baixa e com curvas, de cabelo preto é Sophia. Ela é a lorde dos territórios canadenses e a única fêmea no Conselho. O restante das mulheres são humanas. A que está falando com Aden agora é Cynthia Leighton, a parceira de Raphael. Não sei os nomes das outras, mas elas são todas parceiras dos lordes. Então não se preocupe, elas estão fora dos limites para Aden.

Sid olhou para ele com surpresa. — Eu não me importo sobre isso, — ela disse, voltando a olhar enquanto Aden falava com Leighton. — Isto são apenas negócios para mim.

— Uh huh. Bem, que tal você e eu fazermos um pouco de negócios então?

Ela olhou duas vezes para ele quando ela viu as presas dele para fora.

— Não é para mim, Trav. Eu lhe disse.

— Ei, não critique até...

— Olha, eu aprecio você me trazer até aqui e tudo, mas não vai acontecer.

— Tudo bem, — ele disse aceitando. Aceitando tão rápido que ela suspeitou que ele estivesse agindo a mandado de Aden esse tempo todo e que ele nunca realmente esperou que ela fizesse. O pensamento fez ela enrugar a testa.

— Não culpe o cara por tentar, — Trav estava dizendo. — Mas eu vou enturmar agora. Muita pele querendo aqui hoje. Vejo você por aí, baby.

Ela lhe deu um pequeno aceno, feliz que ele estava deixando-a fácil, mesmo que ela suspeitasse que ela tinha sido manipulada. Ela olhou uma última vez pelo salão, mas Aden e os outros tinham ido. Ela suspirou e olhou para o cartão de negócios em sua mão. Ela tinha que ser cuidadosa com este. Aden não era Travis, e ela tinha um pressentimento que ele não ia deixar fácil para ela.



ADEN DEU à Raphael uma respeitosa reverência, então se virou e deliberadamente desapareceu na multidão. Não teve nada importante sobre sua interação com Raphael hoje à noite, nada para indicar que ele ou qualquer um dos lordes favoreciam Aden sobre os demais candidatos. Mas então, nada era o que parecia com os vampiros, e ele sabia que o rumor já estaria rolando sobre os rumorosos encontros secretos com os lordes vampiros. Ele sabia, porque ele havia começado os rumores. Aden não tinha dúvidas que poderia ganhar de seus oponentes por si só, mas nunca fazia mal ter as chances em seu favor fazendo seus inimigos se preocuparem sobre seus poderosos amigos.

Ele desapareceu nas sombras para melhor observar a multidão. Ele estava ciente de seu efeito nas pessoas, mesmo nos vampiros. Seu tamanho e sua atitude eram intimidantes mesmo sem a aura de poder que sua natureza

vampírica lhe concedia. Era algo que ele usava diversas vezes para aumentar o seu efeito, mas às vezes ele precisava desaparecer. E sua natureza vampírica tinha lhe dado isso também: o poder de se envolver na escuridão e se esconder nas sombras.

Ele observou o flash do cabelo colorido e assistiu com olhos aguçados enquanto Sidonie Reid passava pela sala tumultuada. Seu vestido estava mais apertado do que ela provavelmente estava acostumada o que a fez inconscientemente sedutora, dando ênfase nas suas coxas, o balanço de seus quadris sobre suas pernas bem torneadas. Mais de uma cabeça virou para segui-la, narinas de vampiros aumentando enquanto ela passava, sentindo o buquê de seu sangue por baixo de sua pele delicada. Ela tinha uma beleza marcante, não clássica, mas única, com olhos azuis cristais e cabelos volumosos vermelhos que moviam em suas costas. Ela tinha crescido com dinheiro e privilégio, o que mostrava em sua arrogante suposição que estava segura em uma sala cheia de predadores.

A verdade era que o seu sangue já teria sido provado muito tempo atrás se ele não tivesse ordenado que não fosse. Ela foi sortuda que tivesse sido Travis que ela se aproximou buscando informações naquele bar. Trav podia fingir estupidez com muitos, mas tinha uma mente calculista atrás daquele revoltado exterior loiro. Assim que Trav descobriu quem ela era, ele ligou para Aden, e o destino de Sidonie Reid tinha sido feito.

Ela caminhou para a saída, ignorante do efeito de sua passagem. Olhos cobiçantes a perseguiram, mas desviaram quando Aden surgiu das sombras para proclamar. Sidonie tinha vindo aqui hoje à noite para seduzi-lo, pensando que lhe daria poder. Mas ela tinha muito a aprender. Ele sorriu privadamente, antecipando o encontro com ela na próxima noite.

Ele realmente amava ruivas. A pele pálida marcada tão bem embaixo do chicote.

CAPITULO DOIS

ADEN caminhou rapidamente através dos corredores do hotel. Seu trabalho hoje a noite estava finalizado. De agora em diante, a competição seria principalmente emboscadas no estilo de guerrilhas e ataques, embora alguns podiam fazer como na velha guarda e emitir desafios formais. Havia realmente apenas uma regra, e era nenhuma audiência ou vítimas humanas. Desde que nenhum corpo fosse deixado para os humanos encontrarem, havia uma chance pequena de acidentalmente descobrirem, e no caso de humanos arriscarem estar durante um confronto, os participantes eram responsáveis por limpar as memórias deles. Qualquer um que falhasse nessa responsabilidade iria encarar a cólera do Conselho, o que era de longe um destino muito pior que qualquer adversário poderia representar.

O tenente de Aden, Sebastien, surgiu de um dos corredores laterais, acompanhando seus passos enquanto eles se dirigiam para a saída. Bastien era quase tão alto quanto Aden e tão obscuro quanto. Ele tinha ossos e sangue de guerreiro, era um antigo oficial da Legião Estrangeira Francesa que ainda usava as granadas dela e suas cores numa tatuagem em seu antebraço esquerdo.

Aden tinha quatro vampiros que o chamavam de Sire, mas Bastien havia sido o primeiro, transformado até mesmo antes de Aden deixar a Europa. A senhora de Aden, a mulher que fez dele um Vampiro, havia liberado ele de seus serviços décadas mais cedo, mas quando ele chegou na América e conheceu Lucas, ele sabia que este era um mestre que ele poderia servir de bom grado. Então, Aden fez o juramento a Lucas, e Lucas não apenas permitiu que Bastien permanecesse vinculado a Aden, como também deu um passo adiante e encorajou Aden a fazer suas próprias crianças. Esse foi um presente que Aden nunca iria esquecer, um presente que havia demonstrado a confiança de Lucas em Aden— ele era leal e não apresentava nenhuma ameaça a seu mestre. Mas

isso também foi uma prova sólida da crença de Lucas que Aden estava predestinado a coisas maiores. Pois com o propósito de atingir a sublime posição de Lorde vampiro, crianças próprias eram necessárias para mostrar lealdade e força bruta. E se isso chegasse a um duelo entre vampiros poderosos, a força dos filhos de um deles poderia, algumas vezes, fazer toda a diferença do mundo.

— Alguma novidade? — Aden perguntou a Sebastien.

— 'Os rumores usuais, Sire. Muitas fofocas circulando sobre Magda e como ela morreu, embora ninguém pareça tê-la considerado uma concorrente séria. Meu rumor favorito é de que Lucas matou-a para favorecer o seu caso.

— Como se ela tivesse estado em meu caminho.

— Exatamente. Estimo que metade daqueles espalhando essa fantasia em particular terão ido pela manhã.

— Por escolha?

— Alguns. Mas outros irão sofrer uma partida mais permanente. Os competidores mais fracos estão tentando reforçar a confiança matando uns aos outros.

— Fascinante. Alguém com quem eu deva me preocupar?

— Não a esse nível. Um momento, Sire. — Bastien caminhou na frente dele e abriu a pesada porta que conduz às plataformas de carregamento, onde a limusine deles estaria aguardando.

Alguns dos outros competidores foram pelo glamour, chegando e partindo pela entrada do hotel como um tipo de estrela do rock. Havia descoberto— mais como algum idiota havia intencionalmente feito com que descobrissem—que ali no hotel havia uma grande reunião de vampiros e tinham paparazzis de verdade esperando na entrada. Aden balançou a cabeça. A última coisa que ele queria era sua foto estampada numa revista de fofoca.

— Estamos prontos, Majestade, — Bastien disse e manteve a porta aberta.

Aden prosseguiu através da plataforma de carregamento sem parar, acolhendo a explosão de ar gelado após o calor abafado dos corredores do hotel. O lugar estava vazio àquela hora da noite, ou melhor, da manhã. Eram quase 3:00 da manhã, meio-dia para os vampiros, mas o fim da noite para a maioria dos humanos. Em poucas horas a plataforma estaria movimentada, mas por agora estava calma e, mais importante, privada.

Uma das outras crianças de Aden, Freddy, estava dirigindo a limusine essa noite. Ele tinha acabado de sair do veículo e tinha aberto a porta traseira dos passageiros quando duas SUVs vieram rugindo ao virar a esquina.

— Sire? — Bastien disse, sua voz urgente, mas controlada enquanto as SUVs se moviam para cerca-los.

— Nós lutamos, — Aden disse calmamente, já examinando os vampiros que chegaram, considerando suas forças contra a dele... e descobrindo-os inofensivos.

— Não há nenhum que possa nos ferir.

Bastien lançou a ele um largo e cruel sorriso, em parte porque ele havia detectado desapontamento na voz de seu Sire no que estava prestes a ser uma vitória fácil. Mas a outra parte de seu sorriso era por ele ser um guerreiro sanguinário que amava uma boa luta. Ou qualquer luta, na verdade.

Freddy chegou na limusine e jogou para Bastien uma semimetrallhadora Heckler & Koch MP5² com uma mão, enquanto ele se aproximava atirando com a outra, sua MP5 cuspidando morte e destruição antes que os vampiros atacantes tivessem conseguido fazer mais que erguer suas armas. Ele rolou por sobre o capô da limo para chegar ao lado de Aden, mantendo-se numa posição em frente

² *(É a submetralhadora padrão das principais unidades de operações especiais do mundo, como SWAT, BOPE...)

ao seu Sire enquanto ele apressava-o a entrar na segurança de sua limusine blindada.

— Eu não posso acreditar que eles estão com armas, meu Lorde, — Freddy chamou, sua risada alegre perfurando o som dos tiros, soando como a gargalhada de um maluco. Aden teve um momento para refletir sobre o fato de que seus dois assessores mais próximos fossem ambos o que chamariam de Bersekers³ no velho país, mas então as armas foram silenciadas, e a porta de uma SUV abriu-se para revelar uma figura familiar.

— Stig Lakanen, — Aden disse, identificando o mais poderoso de seu novo lote de inimigos, apesar disso não dizer muito. A presença de Stig explicava a escolha de armas. A maioria dos vampiros evitavam o uso de armas. Elas eram barulhentas e chamavam a atenção de autoridades humanas. É claro, a presença de Stig também explicava o súbito fim do tiroteio. Ele não iria arriscar ser morto por uma bala perdida de um dos seus. Ele havia provavelmente esperado pegar Aden de surpresa ao vir com armas em punhos, na esperança de enfraquecer Aden por matar suas crianças num primeiro ataque surpresa.

Uma pena que não havia funcionado para ele.

— Isso não vai demorar muito, — Aden disse a seus vampiros, nunca tirando seus olhos de Stig. — Lidem com esses outros da maneira que acharem melhor, mas façam rápido. Eu tenho coisas mais importantes para fazer essa noite.

Duplos sorrisos receberam sua decisão enquanto Freddy e Bastien engajavam-se em seus inimigos com alegre entusiasmo, indo com facas e punhos, sangue voando. Aden ignorou a batalha deles, confiante nas habilidades dos seus para fazer esse serviço. Ao invés, ele se focou no líder dessa emboscada mal sucedida que estava se escondendo atrás de uma das SUVs e parecendo cada vez mais preocupado. Stig Lakanen era uma das crianças de Lucas. Seu refúgio habitual era Minneapolis, onde ele era um guerreiro razoável, na melhor das

³ *(Berserkers foram guerreiros nórdicos ferozes que haviam jurado fidelidade ao deus viking Odin. Eles despertavam em uma fúria incontrolável antes de qualquer batalha.)

hipóteses. Ele não tinha nenhuma chance do inferno contra Aden numa luta cara-a-cara, e sua postura cautelosa indicava que ele sabia disso. Infelizmente, uma vez que se emite um desafio, ele não pode ser retirado.

Aden caminhou para confrontar seu adversário, mais interessado em acabar com isso do que em perder tempo ouvindo besteira. Os dois se enfrentaram, ambos parecendo alheios ao derramamento de sangue atrás deles.

— Que diabos, Stig? — Aden perguntou, olhando para o cabelo longo e gorduroso do vampiro. — Não poderia ao menos tomar um banho para a grande noite de gala?

— Foda-se, — rosnou o vampire loiro. — Lute ou cale-se.

— Você está ansioso para morrer?

— Foda-se de novo.

— Você realmente não é meu tipo, e eu tenho lugares para estar. — Aden atacou sem aviso, usando uma bofetada de seu poder para fixar Stig na SUV, deixando um sorriso cru de satisfação inclinar seus lábios quando os olhos de Stig se ampliaram em surpresa.

— Eu não sei quem te colocou nisso, Stiggy,— ele disse, usando o apelido que o outro vampiro odiava. — Mas eu vou descobrir. Diga-me quem foi, e eu vou fazer isso ser fácil.

— Fo...

Aden o atingiu com um segundo soco de poder, batendo em seu peito com força suficiente para esmagar a sua caixa torácica. Stig engasgou enquanto se esforçava para tomar fôlego com pulmões que já não funcionavam. Aden podia senti-lo lutando para juntar seu poder, para brigar de volta.

— Mais uma chance, Stig. Poupe-me algum tempo, diga-me quem te colocou nessa, e eu vou facilitar.

Os olhos de Stig estavam arregalados de incredulidade, vermelhos com suas veias capilares estouradas enquanto ele lentamente sufocava. Ele encarou Aden, e Aden viu o primeiro olhar de súplica atingir sua expressão. Mas Aden não tinha pena. Stig sabia como era o jogo antes de se entrar nele.

Ou, ele deveria saber.

— O nome, Stig.

A boca do outro vampiro abriu, seus lábios se moveram enquanto ele tentava formar a palavra. Falar era difícil com nenhum fôlego saindo, mas seus dentes finalmente se cerraram ao redor de um silvo de ar que era o nome. — Silas.

Aden acenou, sem se surpreender. Stig apertou seu punho ao redor da manga de Aden num último pedido de misericórdia, mas Aden não tinha nenhuma para dar. Ele havia prometido que facilitaria. Ele faria isso e não mais. Estendendo sua mão direita, ele deslizou seu punho diretamente dentro do peito de Stig e agarrou seu coração. O órgão pulsou uma vez contra sua palma, e Aden sorriu distraidamente pela sensação antes de fechar seu punho e apertar até que músculos e sangue deslizaram por entre seus dedos.

O último choro de Stig cantou em suas orelhas enquanto ele focava seu poder mais uma vez, e o coração explodiu em chamas, tornando-se nada mais que cinzas nevando para se unirem à pilha de roupas e sujeira que havia sido Stig Lakanen.

Aden esfregou as mãos juntas e balançou sua cabeça em desgosto. Que desperdício. Stig não foi a faca mais afiada da gaveta, mas ele fora um guerreiro perfeitamente bom. Silas o havia ferido e colocado ele no caminho de Aden sabendo muito bem que Stig morreria. Talvez esperando ao menos causar algum dano. Mas Silas realmente pensou que Stig Lakanen seria capaz de enfraquecer Aden de forma significativa?

— Sire?

Ele voltou-se ao som da voz de Bastien, tornando-se consciente do silêncio a sua volta. Levantando seu olhar ele rapidamente localizou Freddy, que deu-lhe uma saudação animada apesar da abundante quantidade de sangue manchando seu smoking.

— Freddy? — Aden disse, vendo o sangue.

— A maior parte disso pertence a seus inimigos, Majestade. Eu estarei curado até o momento em que chegarmos ao escritório.

Aden assentiu. — Ligue para alguém se livrar desses carros, — ele disse, indicando as duas SUVs dos atacantes.

— Feito,— Bastien disse por trás dele. — Devíamos partir agora, meu Lorde, só para garantir.

Aden sabia o que ele quis dizer. Stig havia sido usado por Silas como um cordeiro de sacrifício, muito possivelmente, para enfraquecer Aden antes de um ataque real, que poderia vir a qualquer momento.

Todos eles entraram na limusine para a curta viagem até ao edifício de seis andares onde Aden havia estabelecido seu quartel-general, há dois meses. Era uma elegante estrutura de vários usos, com muitos de seus colegas residentes usando o espaço para Home Offices. Também tinha uma segurança excelente, embora Aden tenha aumentado a segurança de seus dois últimos andares com as suas próprias medidas, especialmente desde que ele e seus vampiros passavam suas horas da luz do dia em aposentos adjacentes aos escritórios.

O mais importante, a cobertura no sexto andar não podia ser acessada diretamente pela recepção. Primeiro tomava-se um elevador até o quinto andar e de lá um elevador particular. Nenhum dos escritórios e aposentos de Aden era no quinto andar. Estava ocupado unicamente por seu contingente de guardas para a luz do dia, muitos dos quais viviam lá.

A limousine de Aden estava a caminho de seu escritório quando o celular sinalizou uma chamada recebida.

— Meu lorde, — Aden perguntou, reconhecendo o número de Lucas.

— Não por muito tempo, meu amigo, — Lucas disse, fazendo uma sutil referência ao desafio. — Então... — ele continuou. — Stig?

— Sim. Sinto muito.

Lucas suspirou audivelmente. — Eu escolhi ele por suas habilidades num campo de batalha, não por seu QI. Eu não poderia ter previsto que ele iria atrás do território, apesar de tudo.

— Alguém lhe ordenou e mandou-o para morrer.

— Silas?

— Muito provavelmente. Ele admitiu isso antes de morrer. Pode ter sido parte de uma simulação, suponho, mais eu não daria a Silas crédito por tanta influência assim.

— Stig estava sempre disposto a obedecer a ordens. É parte do que o fazia ser um bom guerreiro.

— No entanto, porque jogar com Silas?

— Silas era seu comandante antigamente. Bom com uma lâmina.

— Silas ou Stig?

— Na verdade ambos, mas eu estava pensando em Stig.

— Talvez ele deveria ter aparecido com seu ponto forte então. Seu pessoal apareceu atirando com MP5s.

— Estúpido. Oh bem, adiante. Continue vivo, meu amigo. A verdadeira batalha está vindo.

— Eu espero por isso, meu Lorde.

Aden colocou o telefone de volta no bolso, pensativo. — Bastien, eu gostaria de confirmação quanto ao envolvimento de Silas nisso o mais cedo possível. Eu preciso saber se há algum outro jogador lá fora. Se alguém tem astúcia suficiente para usar Stig contra nós, preciso saber quem é antes que terminemos tão mortos quanto Stig.

CAPÍTULO TRÊS

— VISTA ALGO mais adequado, Stra. Reid, — Sidonie disse, zombando das palavras de despedida de Aden. Ela baixou sua voz para reproduzir melhor a voz baixa e estrondosa do vampiro. — Eu gosto de ruivas. — Ela franziu as sobrancelhas, se perguntando o que diabos ele quis dizer com essa última observação, sua natureza desconfiada não a deixando acreditar que ele simplesmente admirasse sua cor.

Sua carranca se aprofundou enquanto ela encarava o espelho de corpo inteiro. Ou não tanto o espelho, que era antigo e bonito, mas a seu próprio reflexo que era... não era. Seu cabelo não estava num bom dia, esvoaçado para todos os lados, e ela tinha círculos escuros abaixo de seus olhos graças a várias semanas de noites em claro com os vampiros. Normalmente ela não era exatamente uma pessoa diurna, mais como uma pessoa do meio-dia, preferindo ficar acordada até tarde e dormir tarde. Mas havia uma grande diferença entre ficar acordada até tarde e ficar acordada por toda a maldita noite.

Não que ela se importasse com sua aparência com carência de sono, não exageradamente, de qualquer forma. Seu sangue teria o mesmo gosto quer ela esteja cansada ou não. Sua carranca visava o decote escavado do suéter que ela tinha escolhido para a noite. Ela queria seduzir Aden, o idiota arrogante, mas ela não queria liberar um sinal de tudo-o-que-você-consiga-comer. Ainda assim, ela havia escolhido o suéter com sedução em mente, e esse encaixou-se perfeitamente. Ele acentuava a figura que ela trabalhara tão arduamente para manter, e a cor de ouro queimado chamava o cobre das mechas em seu cabelo. Além de que, sendo caxemira não ficaria caído sobre sua calça preta de lã. Era apenas o decote.

Seu celular tocou, e ela girou para longe do espelho, pegando-o e checando o identificador de chamadas, franzindo a testa quando não era a ligação pela qual ela aguardava. De qualquer forma, atendeu.

— Oi, Will, — ela disse.

— Hey, Sid. Vamos jantar amanhã?

— Você estará na cidade? — ela perguntou, ignorando a obviedade disso, ele estaria na cidade, por que mais ele estaria chamando-a para jantar?

— Dirijo para aí pela manhã, fico até o sábado, — Will disse alegremente.

Ele nem mesmo ligou para a sua pergunta estúpida, mas então, ele não iria. William W. Englehart era um cara genuinamente legal. O cara cujos pais assumiram que seria seu esposo um dia. Certa vez Sid pensara também. Ele era bonito e charmoso e tinha excelentes perspectivas de carreira. Ele era um amante atencioso e uma companhia excelente num jantar. Todas as marcas de "check" estavam na coluna certa da lista de namorado perfeito. Apenas uma coisa faltava. Paixão. Sid não o amava. Ao menos não dessa forma.

— Não tenho muita certeza sobre jantar, — ela disse para ele agora. — Estou fazendo muitos trabalhos durante a noite. Que tal almoço quarta-feira ao invés?

— Ainda escrevendo a grande história? — Para qualquer outra pessoa, a pergunta teria soando zombeteira, mas não vinda de Will.

— 'Sim. Estou progredindo.'

— Que bom para você. É um encontro. Almoço quarta-feira, e talvez eu vá falar com você num jantar mais tarde.

Havia uma outra coisa sobre Will. Ele também não a amava desse jeito, mas ele estava mais que disposto a casar com ela, porque ele concordava com seus pais. Eles formariam um excelente casal, e ele comprou toda a ideia de casamento dinástico. Nos momentos mais depressivos dela, ela às vezes vislumbrava o futuro deles juntos, em que cada um discretamente encontrava a paixão que eles desejaram fora do casamento, e nenhum se importando com isso desde que as únicas crianças — e, é claro, haveriam crianças — fossem, sem dúvida, provenientes do leito conjugal.

Sid suspirou. — Ligue-me quarta-feira pela manhã. Nós iremos combinar um lugar e uma hora, — ela falou para ele.

Seu celular bipou com uma nova ligação. Ela checkou o identificador de chamadas. Ao menos, pensou para si mesma, ela conseguiu manter o alívio fora de sua voz quando falou para Will,

— Eu preciso atender essa. A gente se vê, ok?

— Certo. A gente se vê.

Empurrando de lado todos os pensamentos sobre Will e os planos de casamento de seus pais, ela clicou na ligação recebida da Professora Dresner. Ela havia telefonado para a professora horas atrás, esperando conseguir dicas sobre qual a melhor forma para conseguir o que ela queria de Aden essa noite. Ela já havia desistido da ideia de receber sua ligação em tempo para o encontro dela com o grande vampiro.

— Professora Dresner, — ela atendeu o telefone. — Obrigada por ligar de volta.

— Sinto muito, Sidonie. Eu estava num casamento. Eles realmente fizeram um anúncio antes da cerimônia, pedindo para todos desligarem os celulares. Assim como fazem nos filmes, embora o casamento, infelizmente, fosse bem menos divertido. Mas o que posso fazer por você?

— Eu encontrei Aden noite passada, — ela disse animadamente. — Ele é um daqueles que você me falou sobre, certo? Um dos que você pensa que é mais prováveis de ganhar toda a competição?

— Aden, sim. Ele é um dos seis, mas certamente na corrida. Então você conheceu ele?

Sid balançou a cabeça em entusiasmo. — Nós não tivemos tempo de fazer mais que trocar telefones, mas ele me convidou para encontrar-me com ele em seu escritório hoje a noite. E é por isso que eu te liguei. Preciso saber a melhor forma de me aproximar. Eu seduzo ele? Ou vou numa aproximação de negócios? E sobre as roupas? Tenho medo de que se eu mostrar muita pele ele não vai me levar a sério. Mas se...

— Sid, Sid, — Dresner disse, rindo. — Você pensou demais nisso. Primeiro eu preciso saber o quão séria você é. O quão longe você está disposta a ir?

— Farei o que for preciso, — Sid falou determinada.

— Tudo bem, então. Você precisa ir com tudo e se vestir para seduzir. Você precisa entender que a única coisa que a maioria dos vampiros querem ou precisam dos humanos é sangue. E isso é duplamente verdadeiro para os mais poderosos, muitos dos quais são tão distanciado de suas raízes humanas que mal nos veem como seres sensíveis.

Sid gemeu.

— Eu avisei a você sobre o que poderia ser necessário quando você quis ir por esse caminho.

— Eu sei, — Sid suspirou. — E não se preocupe. Eu vou fazer o que for necessário. Eu posso odiar isso, mas farei.

— Esse é o espírito. Sinto muito Sid, mas se não há nada mais, meus pés estão me matando e há um banho quente chamando meu nome.

— Oh, é claro. Muito obrigada por me ligar de volta e pelo conselho. Eu realmente agradeço pelo seu tempo.

— Eu não me incomodo de forma alguma. Essa é uma das coisas mais interessantes que tenho feito ultimamente. Acadêmicos não são todos emoção e aventura, você sabe.

Sid riu por educação, embora ela não tivesse ideia do que a mulher quis dizer com isso. Ela estava sugerindo que acadêmicos às vezes eram divertidos?

Não parecia provável, especialmente em sociologia, mas isso envolvia todos os tipos, ela supôs.

— Okay, — Sid disse, evitando toda a questão sobre divertimento. — Aproveite seu banho, e eu vou te deixar saber o que aconteceu.

Ela jogou o telefone em cima da cama, depois virou-se para ver a realidade encarando-a de volta do espelho. Sua roupa era sexy o suficiente? Droga. Ela tirou seus saltos e sua calça de lã, e depois entrou no closet, a todo momento pensando que ela devia ser declarada como insana. Estava fodidamente congelando lá fora, e aqui estava ela saindo de sua calça justa e de lã para meias de seda e uma saia.

Ela xingou enquanto alisava a saia apertada sobre seus quadris, desejando que seu alvo fosse qualquer um que não um vampiro. Embora ela tivesse que admitir que a saia ficava melhor. E, em qualquer outro contexto, o suéter teria sido considerado modesto. Não havia nenhum decote realmente. Era apenas o pescoço dela que estava em plena exibição. Mas então ela estava seduzindo um vampiro, e se ela queria a cooperação de Aden, ela teria que jogar o jogo dele. Ela não havia acabado de dizer para Dresner que faria qualquer coisa que fosse preciso para vingar a morte de Janey? O ‘O que fosse preciso’ acabara de se tornar a necessidade de deixar alguma pele aparecendo.

E se isso também significasse deixar Aden dar uma mordida, uma vez que quase certamente o faria?

Ela ignorou a emoção excitante que esse pensamento gerou, dizendo a si mesma que seus mamilos endureceram por que havia uma corrente gelada no quarto. Essa era Chicago, apesar de tudo, e o vento dava constantes pancadas contra as janelas.

— Tudo bem, é isso aí, — ela disse para o seu reflexo. — Anime-se, Sid.

Mas ela se sentiu ainda melhor quando colocou o casaco de lã longo juntamente com um caloroso cachecol. Talvez fosse estar frio no escritório de Aden. Talvez ela fosse ter uma desculpa para mantê-lo.

— SIDONIE REID está aqui, meu Senhor.

Aden girou sua cadeira de sua contemplação do horizonte de Chicago e encontrou a expressão divertida de Bastien.

— Ela está usando um cachecol, — Bastien explicou.

— Conduza-a para dentro, — Aden disse. — E Bastien, — ele adicionou antes que seu tenente pudesse abrir a porta. — Aumente o fogo.

Ele sorriu. — Imediatamente, meu senhor.

Aden se inclinou para trás, sem se incomodar em levantar quando Sidonie marchou para dentro do seu escritório. E foi isso o que ela fez. Ela marchou, determinação franzindo suas sobranceiras e apertando seus lábios carnudos num beicinho. Será que ela percebia que resistir a sua sedução apenas a fazia muito mais irresistível? Que sua própria provocação era um desafio ao seu domínio como um predador? Ele sorriu reservadamente, pensando nas muitas formas com que ele poderia lidar com sua deliberada provocação. Mas isso não significava que ele não pudesse brincar com ela primeiro.

— Srta. Reid, — ele disse preguiçosamente, — Você está atrasada.

Ela piscou em surpresa, e ele se perguntou se ela estava esperando que saltasse nela no momento em que passasse pela porta.

— É que... Eu não consegui um taxi, e estava frio demais para andar. Eu tive que esperar.

— Você deveria ter me ligado. Eu teria enviado o meu carro.

Seus lábios carnudos abertos em um silencioso ‘oh’ antes dela visivelmente reunir sua inteligência e vir para mais perto da mesa. Ela o surpreendeu ao desenrolar seu cachecol e colocar seus ombros para fora de seu casaco de inverno. Então ele a surpreendeu de volta, usando sua velocidade de vampiro para estar atrás dela e brincar de cavalheiro ajudando-a a tirar seu casaco, e depois jogando-o sobre o sofá contra a parede mais distante.

Ela engasgou em sobressalto, dando-lhe um olhar surpreso por sobre seu ombro. Um olhar que rapidamente reverteu-se para irritação quando ela viu o sorriso satisfeito de Aden. Mas o sorriso dele só cresceu quando ele viu a linha elegante de sua pele pálida a mostra pelo decote de seu suéter.

Boa jogada, Srta. Reid, ele pensou para si mesmo. *De fato, boa jogada.*

— Esse é um suéter adorável, — Ele comentou, apreciando o rubor que o elogio trouxe as suas bochechas. Com uma pele como aquela, ela estaria com dificuldades para esconder suas emoções. Não que ele precisasse de uma prova visível delas. Seu vibrante pulso e seu coração batendo, seu perfume delicioso, diziam a ele muito mais que o seu corar. Mas ele apreciou a beleza disso da mesma forma.

— Obrigada, — ela disse, mostrando o primeiro sinal de nervos reais desde que ela entrou na sala. Ela olhou para as cadeiras em frente a escrivaninha, mas claramente não sabia se ela deveria simplesmente sentar-se ou perguntar se ele se importaria, primeiro. Não querendo a mesa entre eles, Aden contornou-a e fez um gesto para a plana extensão da janela em que o horizonte de Chicago estava agora decorado por alguns flocos de neve intermitentes sendo atirados violentamente através do vento sempre presente.

— Você vive em Chicago, Srta. Reid? — Ele sabia que ela estava ficando lá, mas não sabia se ela considerava como ‘casa’, e ele queria ouvir o que ela diria.

— Chame-me de Sidonie, — ela respondeu educadamente, indo ficar próxima a ele na janela. — A casa da minha família fica no subúrbio distante. Tão distantes, que quase não se qualifica como tal, mas eu tenho vivido na cidade por quase um ano, enquanto eu pesquiso minha mais recente história. Mas você provavelmente já sabe tudo isso. — Aden baixou a cabeça em reconhecimento. —

Verdade, mas você é uma repórter, então entende a fictícia educação de fingir que ainda não investigou sobre alguém que você está encontrando pela primeira vez.

Ela olhou e lhe deu um meio sorriso. O primeiro sorriso de verdade que ele tinha conseguido dela.

— Touché, — ela disse. — Mas você sabe de longe mais sobre mim do que eu sei sobre você. Você é um homem difícil de investigar, Lorde Aden.

— Não um lorde ainda, Sidonie.

— Não?

Ele se virou e deu a ela um olhar paciente. — Eu mencionei que Travis pertence a mim? Estou bem certo de que ele explicou o processo para você. Porque eu disse a ele para fazer.

Seus olhos azuis se arregalaram. — Você sempre soube quem eu era?

— Travis suspeitou que algo estava acontecendo. Você não é exatamente o tipo de grupos de sangue, e ele é de longe mais esperto do que as vezes escolhe parecer.

— Então por que o deixou me convidar para a grande festa de gala ?

Aden encolheu os ombros. — Você estava muito determinada, e eu estava curioso. O que é isso que você realmente quer, Sidonie?

Ele estendeu a mão para traçar um dedo ao longo da curva delicada de sua clavícula, inclinando-se perto o suficiente para sentir o buquê doce de seu sangue. Ela estremeceu, e ele cheirou o seu medo. Ela estava excitada também, por ele, ou talvez pelo simples pensamento de ter um vampiro bebendo dela. Mas havia medo ali. E isso era muito mais excitante para ele que qualquer curiosidade sexual. Ainda assim, isso não seria o suficiente para brincar com os desejos dela. Isso não era um bar de sangue, e ele não era um idiota orientado pelo embriagado desejo de sangue.

Ele arrastou o dedo para o lado, como se ele estivesse prestes puxar seu suéter e desnudar seu ombro, mas então ele tirou a mão e deu um passo deliberado para longe dela. Ela sugou um fôlego, seu rosto registrando seu obvio desânimo pela partida abrupta dele.

— Você ainda não me disse o porquê de estar aqui, — ele disse distraidamente, andando pela sala para sentar-se atrás de sua escrivaninha. Ele cruzou a perna preguiçosamente e deu-lhe um olhar inquisidor.

Ela continuava junto das janelas, seu coração palpitando, sua respiração rápida, enquanto ela encarava-o. Uma faísca de algo subitamente brilhou em seus olhos—embaraço talvez, ou até mesmo raiva por ele tê-la deixado em pé enquanto ele estava sentado.

Ela piscou várias vezes, depois pressionou uma mão sobre sua garganta e disse, — Eu acho— Ela tossiu secamente, e ele fez um gesto para o bar do outro lado da sala.

— Há garrafas de água no bar.

Ela lhe deu um olhar de descrença. Um homem educado teria pego a garrafa de água para ela, a teria conduzido a uma cadeira como se ela não fosse plenamente capaz de se colocar ali. Mas então, ele não era nem educado, nem um homem. Além de que, ele não confiava em si mesmo sobre não a provar...e mais... se ele tocasse nela novamente... então era melhor manter sua distância. Ele tinha outras coisas em mente essa noite. No entanto, o amanhã era uma questão inteiramente diferente.

Ele assistiu-a andar para o bar, quadris balançando em sua saia apertada. Ela se inclinou sobre a pequena geladeira, exibindo uma ótima bunda em forma de coração. Ah, sim. Como Travis teria dito, ele definitivamente iria explorar isso antes que tudo acabasse.

Ela se virou, garrafa em mãos, e ele deixou-a pegá-lo olhando. Seu coração acelerou novamente, e ele sorriu preguiçosamente, o que só fez o coração bater ainda mais rápido.

Um rubor cobriu suas bochechas, e ele imaginou o mesmo fluxo de sangue colorindo a marca de sua mão enquanto ela estivesse inclinada sobre a mesa, pedindo-lhe encantadoramente pela liberação.

— Lorde Aden, — ela repreendeu sem fôlego, como se ela soubesse o que ele estava pensando. Ela tomou um gole da água, e depois pressionou a garrafa gelada contra seu rosto superaquecido.

Ele deu-lhe um olhar presunçoso e fez um gesto para as duas cadeiras em frente a sua escrivaninha.

— Sente-se, Sidonie. Você parece cansada.

Seus suaves lábios se apertaram em irritação, mas apenas brevemente. O que quer que ela quisesse dele, era importante para ela. Importante o suficiente para ela ter procurado-o, o suficiente para ela estar disposta a permanecer mesmo com ele brincando com ela. E ainda que ela não houvesse dito nada para Travis, claramente não estava disposta a desistir de seu propósito até que tivesse a plateia certa.

Interessante.

Ela sentou, cruzando suas longas pernas com um deslizar de meias de seda. Aden deu-lhe uma olhada mais uma vez, começando com suas pernas, passando por seus peitos, e , finalmente, a sua expressão muito irritada.

— Nós temos negócios em comum, — ela disse afetadamente.

— E que negócios seriam esses? — ele disse, deixando sua dúvida e sua diversão aparecerem.

— O antigo e deplorável Klemens era um narcotraficante, e...

— Estou ciente.

— Mas esse era o mínimo

O celular de Aden soou, interrompendo o discurso da mulher sobre os vários caminhos imorais de Klemens.

Ele estava aliviado e desapontado ao mesmo tempo. Aliviado pois ele não estava afim de uma palestra sobre o mal das drogas na cultura moderna, e desapontado, porque esperava mais de Sidonie Reid. Ela passou por toda essa dificuldade apenas para contar para ele algo que ele já sabia? Que Klemens conseguiu a maior parte da sua renda através de várias atividades ilegais, incluindo drogas? Quão ordinário.

Ele pegou o celular. — Bastien, o que há? — perguntou, esperando que fosse algo que valesse a pena.

— Encontramos Silas, meu Lorde.

— Diga aos outros. Partimos imediatamente.

Ele havia esperado desapontamento, mas o olhar de Sidonie estava mais para incrédula que qualquer outra coisa. — Você está partindo? — ela perguntou.

— O dever chama, — ele disse abruptamente, não sentindo nenhuma necessidade em particular de explicar-se. — Eu pegarei meu carro—

— Não, — ela disse rapidamente. — Pegarei um taxi. É o desafio?

Aden estava na metade do caminho para a porta, mas sua pergunta o fez parar e virar-se para encará-la.

— Por que você perguntaria isso?

— Curiosidade, — ela admitiu, dando de ombros. — É um processo bastante único. E nós sabemos pouco sobre ele. E não é exatamente uma notícia para a primeira página.

— Não, não é. — Aden disse sem rodeios. — E pretendemos manter dessa forma.

Ela rolou os olhos. — Eu não tenho interesse algum em escrever um artigo sobre o funcionamento interno da política vampírica. Não é por isso que estou aqui.

— Por que você está aqui?

— Porque os negócios sujos de Klemens resultaram na morte de uma amiga minha.

— Vingança? Klemens já está morto. Não há muito mais o que você fazer para ele.

— Mas os outros não estão, aqueles que trabalharam para ele. Eu quero vê-los destruídos também. Eles e toda a sua rede.

Aden assentiu, escutando em parte. Seus pensamentos já estavam na luta que viria. Silas era muito provavelmente o oponente mais forte que ele tinha nesse desafio, e Aden não podia ter o luxo de se distrair.

— Esteja aqui amanhã a noite, — ele falou para ela, não por que se importava com sua guerra pessoal contra as drogas, mas porque ele a queria. E ele sempre conseguia o que queria.

— Mesma hora, — ele adicionou, não se incomodando em perguntar se a data e a hora eram convenientes a ela.

Ele começou a se virar, mas olhou para trás e passou lentamente seu olhar por sobre a pele nua de seu pescoço, o confortável suéter, o encaixe perfeito de sua saia e os saltos altos. Ele mostrou seus dentes no que alguns chamariam de um sorriso.

— Eu realmente gosto desse suéter, — ele disse, e depois dirigiu-se para fora do escritório sem nenhuma outra palavra.

— O mais arrogante, despótico, rude, homem que eu já... — Sid pausou seu murmurar de xingamentos o suficiente para ver o sorriso tranquilizador do porteiro do prédio e pedir, educadamente, para ele chamar um taxi. Ela estivera inicialmente surpresa que o escritório de Aden fosse no Chicago's Loop District. Era um prédio antigo, embora completamente renovado, e a vizinhança era bem cara para um escritório supostamente temporário, especialmente quando tomou inteiramente os dois últimos andares. Não que ela tenha visto muito do quinto andar. Parecia ser mais um ponto de transferência para o elevador particular.

Ela deu ao porteiro um outro sorriso e uma gorjeta generosa, e então entrou no banco traseiro do taxi e imediatamente pegou seu celular.

— Sidonie, — Professora Dresner respondeu, sua voz atada com surpresa. — Eu não esperava uma ligação sua essa noite. Aden cancelou o compromisso?

— Não, eu suponho que você pode chamar o que nós tivemos de encontro, mas um encontro muito insatisfatório. Eu nunca havia lidado com tal arroganci—

Dresner interrompeu-a com uma risada. — Oh, minha querida. Eles são todos assim, quanto mais poderoso o vampiro, mais arrogante ele será. E sim, eles podem parecer rudes, embora eu não tenha certeza se eles veem dessa forma. Eu acho que eles simplesmente não têm tempo para os processos lentos de pensamento de uma espécie inferior.

— Inferior...você que dizer nós?

— Humanos, sim. Você já deve ter juntado os pontos e percebido que eles não se consideram mais humanos, mas algo superior, mais evoluído.

— E ainda assim ele precisam de nosso tipo inferior para sobreviver.

— Assim como nós precisamos de vacas e galinhas, minha querida.

Sid fez uma careta. Ela não tinha pensado nisso exatamente dessa forma e particularmente não se interessou em fazer.

— Serviria direitinho para ele se eu escrevesse um artigo sobre ele ao invés de escrever sobre Klemens e sua rede criminal ...

A resposta da Dresner foi instantânea e surpreendentemente afetada. — Eu não acho.

— Não se preocupe. Eu já tive essa palestra do Aden. Sem escrever histórias sobre coisas secretas de vampiros, ao menos não do desafio, que é a única coisa que eu sei sobre ele.

— Não, — Dresner disse, ainda soando um pouco rígida, mas claramente tentando não soar assim. — Eu imaginaria que ele não iria gostar disso. Vampiros são bastantes discretos quanto a sua sociedade. Por isso eu estive tão surpresa de você ter conseguido um convite para a festa de gala do desafio. Embora, como eu disse antes, há sempre um certo número de humanos atrativos sendo convidados para essas coisas por motivos óbvios.

— Sim, havia um monte desses motivos acontecendo nos cantos quando deixei a festa na noite passada.

O humor de Dresner oscilou para uma risada encantada tão rapidamente, que fez a cabeça de Sid girar.

— Eu posso imaginar, — ela riu, soando muita mais feminina que ela soou alguma vez. Essa era uma coisa que Sid achava bastante desconfortável sobre a boa professora. Ela não apenas estudava vampiros, ela parecia apaixonada por eles. E embora Dresner não tenha dito tanto, Sid estava convicta de que sua expert em vampiros já havia ‘doado’ sangue em mais de uma ocasião.

Sid estremeceu enquanto a risada da professora finalmente sumia. — Bem, — ela disse, sentindo-se desconfortável. — De qualquer forma, como eu estava dizendo, eu mal havia começado a dizer a Aden o porquê de eu estar lá, quando ele recebeu um telefonema de alguém chamado Bastien. Eu acho que deve ser seu assistente, o cara que me encontrou no elevador.

— Seu tenente, você quer dizer, e ele é muito mais importante do que você deve pensar. Seu nome completo é Sebastien Dufort. Seus amigos o chamam de Bastien.

— Tenente, certo. Eu não sei o que ele disse, mas Aden disse para ele que eles estavam partindo imediatamente, e então me apressou a sair dali.

A professora Dresner fez um som que soou suspeitosamente como desapontamento. Ela estivera esperando por histórias sobre as aventuras de Sid na depravação vampírica? Mas quando a professora falou, foi para perguntar algo inteiramente diferente. — Ele falou para onde estava indo?

— Não, — Sid falou secamente. — Ele mal se despediu. Mas eu ouvi um de seus homens no telefone enquanto eu saía. Talvez Bastien, eu não sei, mas estava falando algo sobre Silas. Seja lá o que isso for.

— Não o que, mas quem, — Dresner falou distraidamente. Houve uma pausa em que Sid podia ouvir ela mexendo em algo do outro lado da linha, e então disse, — Sinto muito querida, eu acabo ode receber uma mensagem, e eu tenho que respondê-la. Fuso horário diferente, você compreende.

— Oh, é claro. Eu não quis interromper. A propósito, Aden pediu que eu voltasse amanhã a noite—na verdade, me ordenou isso—devo ligar para você?

— Por favor faça. Eu odeio a pressa, mas eu realmente preciso ir.

—Tudo bem, eu vou falar— Mas ela já havia desligado. Sid franziu a testa para o telephone, e então deu de ombros filosoficamente. Dresner era um pato estranho, mas um pato útil. Sid afastou seu telefone e se perguntou quem era Silas para Aden que saiu tão apressadamente. E quanto mais ela pensava sobre isso, ela perguntou por que Dresner havia mudado quando ela mencionou o nome Silas. A professora sabia mais sobre vampiros locais do que estava disposta a contar, quase como se ela se preocupasse que Sid pegaria sua grande história. De fato, a única forma que Sid havia conseguido informações dela foi por um *quid pro quo** (*Um favor em troca de outro) .Sid contaria a ela tudo o que acontecesse, tudo o que ela descobrisse, uma vez que ela conseguisse conhecer o vampiro certo, e em troca, Dresner diria a ela como fazer esse encontro possível. Sid ponderou as possibilidades. Talvez Dresner sabia onde esse Silas estava. Talvez Silas fosse um outro oponente, e Dresner estava correndo para estar lá para o grande confronto entre os dois poderosos vampiros.

Por todo um minuto, Sid considerou ligar para Dresner e pedir para ir junto. Mas o minuto foi tudo o que foi. A professor poderia se encantar com a natureza bruta dos vampiros, mas Sid era mais cautelosa. O pouco que ela havia aprendido sobre vampiros disse a ela que um confronto desse nível seria sangrento.

E Sid estava mais preocupada em ter certeza de que nenhum desse sangue de hoje a noite pertencesse a ela, do que estava interessada em assistir a um grande e sangrento confronto vampírico.

CAPÍTULO QUATRO

ADEN transferiu-se do elevador privado para o elevador principal juntamente com seus vampiros. Esses quatro eram seus próprios vampiros, suas crianças. Uma vez que ele se torna-se um Lorde vampiro, ele formariam o núcleo de sua estrutura de comando. Ele confiava neles com sua vida e literalmente continha suas vidas em suas mãos. Ele também os amava de uma forma que era difícil de admitir, até mesmo para si próprio. Fazia tanto tempo desde que ele havia prometido cuidar de qualquer um, que ele pensou que havia esquecido como era o sentimento de fazê-lo. A coisa mais chocante para ele, quando ele criou Sebastien há mais de cem anos atrás, foi a poderosa ligação que ele sentiu com o novo vampiro. Mesmo assim, ele assumiu que era assim apenas por que Bastien fora seu primeiro. Mas com cada nova criança que ele trazia para o mundo Vampírico, os vínculos tornam-se mais fortes para todos eles.

Essa realidade quase o dissuadiu de tornar-se um Lorde vampiro, a ideia de todos esses vampiros, centenas, talvez milhares, procurando-o para proteger suas próprias vidas. Corações batendo no ritmo de seu próprio coração, tantos laços ligando-se a ele cada vez mais apertadamente.

Mas estava em sua natureza buscar pelo poder. O que quer que tivesse o tornado um vampiro o havia presenteado com o poder de um Lorde vampiro, e ele não podia resistir mais à luxúria desse poder mais do que ele poderia resistir a sua sede por sangue. E nesta noite, ele iria dar mais um passo em direção a esse objetivo.

Silas era uma criança de Klemens, um dos favoritos do Senhor morto. Muitos dos vampiros sobreviventes de Klemens—ignorando o fato de que eles continuaram a viver apenas por que Lucas havia oferecido proteção após a morte do Pai deles— agora olhavam para Silas como seu próximo senhor. Isso fazia o

desafio de Aden ainda maior, e significava que ele teria de matar muitos mais além de Silas antes de sua lei valer.

Mas Aden nunca recuou da morte. Algumas pessoas mereciam morrer. E outras, como Silas, escolhiam seu próprio caminho, colocando a si próprios no caminho da morte. Ou no caminho de Aden, o que geralmente era a mesma coisa.

— Bastien, temos a confirmação do paradeiro de Silas?

— Sim, majestade. Nossa fonte ligou uma segunda vez confirmando que Silas está na casa de sangue de West Loop.

Aden franziu o cenho. — Esse é um clube público, não é? Com quanto humanos iremos ter que lidar?

— O clube tem um quarto privado, meu Lorde, — Travis informou. — É onde iremos encontrar Silas e quaisquer humanos que foram escolhidos para a noite. Não deve ser mais que alguns uma vez que passarmos pela sala principal.

— Você conhece o layout do clube?

— Sim, meu Lorde. Há um rascunho no seu celular.

Aden tirou seu celular e checkou o diagrama. O clube era num antigo armazém, e o layout era bastante simples.

— Certo, nós iremos entrar pela frente e iremos diretamente para o quarto dos fundos. Silas deve ter um vigia, mas isso não irá importar. De qualquer forma, não é como se pudéssemos esconder nossa entrada. Uma vez dentro, não tomaremos prisioneiros. É seguro assumir que Silas terá mais lutadores que nós cinco, mas poder e habilidade importam mais que números. Não mostraremos misericórdia, cavalheiros. Nenhuma das pessoas de Silas deixará o quarto com vida. Eu mesmo lidarei com Silas.

Um coro de assentimentos murmurados foram de encontro com suas ordens, e então o elevador chegou no térreo, e eles fluíram através do lobby e para fora, para as ruas de Chicago. Era uma noite fria, e alguns pedestres que

estavam passando se encolheram quando os cinco homens determinados puxaram as portas de vidro e entraram na SUV que estava esperando na calçada.

Aden tomou nota de cada pessoa de sua vizinhança, categorizando e descartando-os como ele foi. Ele nascera um escravo, mas o sangue de guerreiro de seus ancestrais Escoceses fluía em suas veias. Esses privilégios genéticos haviam sido polidos a perfeição por conta de sua Senhora vampira, até que ele havia se tornado um grande lutador e um brilhante estrategista, a arma mais letal do arsenal dela. E agora essas habilidades, essa letalidade, estavam prestes a torná-lo o próximo Lorde vampiro da América do Norte.

A viagem para o West Loop e para o armazém restaurado foi curta. Klemens havia estabelecido o armazém como casa de sangue muito antes de sua morte pelas mãos de Lucas. Aden tinha que admirar a força e a disciplina que devem ter sido necessárias para Lucas manter o controle não só de seu próprio território, mas também de todo o antigo território de Klemens. Especialmente quando alguns dos vampiros não o receberam como seu novo Lorde. Felizmente, seu amigo não iria ter que carregar esse fardo por muito mais tempo.

Aden e sua equipe estacionaram a poucos blocos de distância da entrada do armazém. Eles eram grandes demais e muito notáveis para se aproximarem despercebidamente, seja caminhando ou dirigindo, então Travis pegou o estacionamento mais perto que pudesse aguentar a grande SUV.

Havia uma fila de clientes esperando na frente do clube, cada um deles ansiosos para doar sangue para qualquer vampiro que curvasse o dedo. Aden já fora a muitas casas de sangue ao passar dos anos. Ele e Lucas haviam fechado algumas naquele tempo. Mas essa não era sua escolha para uma doação. Ele preferia muito mais uma festa privada para dois com alguém como Sidonie Reid. De fato, em pouco tempo, ele e a adorável Sidonie teriam essa festa. Mas primeiro... havia Silas.

O clube estava lotado. Sendo um armazém, tinha tetos altos, paredes de tijolos ásperos, e um chão que era concreto gelado abaixo de suas botas. Mas não tinha mais que 2.000 metros quadrados, de forma retangular, e com um bar bem iluminado em quase toda a extensão da parede do fundo.

Aden e os outros cortaram caminho através da multidão, ignorando gritos encantados dos fanáticos por sangue e as ocasionais apalpadas. Alguns vampiros se opuseram em alto som pela sua súbita entrada, e rapidamente recuaram quando deram um bom olhar para quem os recém-chegados eram. Um caminho se abriu diante deles rapidamente, enquanto os vampiros desapareciam na multidão levando consigo suas companhias humanas.

— O quarto privado, Sire, — Bastien falou em sua orelha, acenando para a grande porta de metal de um lado do longo bar. Estava pintado num vermelho inimaginavelmente brilhante, ao menos a cor tornou fácil de encontrar na luz tremeluzente do armazém escuro. Trav chegou na porta primeiro. Havia uma maçaneta normal de metal, a qual ele torceu experimentalmente, encontrando-a destrancada. Ele compartilhou um olhar cético com Aden. Onde estava a segurança desse quarto supostamente privado?

— Há uma ante-sala dentro? Uma segunda porta? — ele perguntou a Travis, precisando gritar para ser ouvido sob todo o barulho, mesmo com sua audição melhorada.

— Não que eu tenha visto, Majestade, — Trav gritou de volta.

Bastien foi para o outro lado de Aden. — Algo não está certo aqui, — Aden falou para ele. — Eles estavam nos aguardando.

Bastien olhou para cima e encontrou seus olhos.

— Você acha que nossa fonte está jogando dos dois lados?

— Talvez. Mas é tarde demais agora. Isso não muda nada, exceto que agora sabemos que eles estão esperando por nós. Estúpido da parte deles. Eles deveriam ter deixado um guarda na porta. Prontos, cavalheiros?

Sua pergunta foi respondida com sorrisos cruéis e assentimentos. — Vamos fazer isso.

Travis abriu a porta em seu sinal.

Eles estavam em menor número de quatro para um. Não, Aden corrigiu, 5-1. E Silas não estava em nenhum local para ser encontrado. Típico. Primeiro o covarde manda um time de incompetentes para emboscá-lo fora do hotel, e agora

isso. Silas não podia desenterrar coragem o suficiente para encarar Aden num mano-a-mano, mas queria ser o próximo Lorde do Centro-oeste.

Não iria acontecer, mas esse confronto ocorreria mais tarde. Agora, Aden tinha que lidar com a ameaça do momento, tinha que manter o seu próprio povo vivo. Pois com Silas ou sem Silas, ali havia muitos inimigos, todos tentando matar a ele e aos seus.

Aden vagou para dentro da multidão de vampiros hostis, seu poder chicoteando da esquerda para a direita, estrondosamente batendo nas paredes do pequeno quarto. Havia um pequeno bar contra uma das paredes, e o fedor do álcool permeou o ar rapidamente enquanto garrafa por garrafa era destruída. Copos quebravam e caíam das prateleiras, enquanto as luzes industriais sobre a cabeça de todos balançavam assustadoramente em seus cabos sem adornos. Gradualmente, o ar era preenchido por uma fina poeira cinza enquanto vampiro após vampiro caía, após o poder de Aden. Das profundezas de seu poder, uma força sombria elevou sua cabeça e pressentiu morte, ordenando ser libertada. Usufruindo de seus dois séculos de disciplina, Aden contornou sua vontade e forçou-a a recuar, não disposto a permitir que os espiões de Silas levassem palavras de suas verdadeiras habilidades para seu mestre.

Mas um vislumbre dessa crueldade escura deve ter aparecido em seu olhar, no brilho da meia noite de seus olhos, porque os seguidores de Silas deram uma olhada para Aden de pé, coberto de sangue e viram suas mortes. Eles correram para a saída, mas Bastien e os outros os pegaram primeiro. Sem misericórdia, Aden havia dito ao seu pessoal, e nenhuma misericórdia foi concedida. Finalmente, Aden permaneceu no meio do quarto, cheirando a poeira e o sangue que eram os resquícios inevitáveis de um campo de batalha de vampiros, procurando por um inimigo entre os restos das cadeiras e mesas, a pilhas de vidro e madeira que uma vez foram a frente de um antigo bar.

Ninguém se elevou dos escombros para o desafiar.

Sem pulsação entre os 20 por 20 do quarto privado, além da pulsação daqueles quatro que estavam sobre o cuidado de Aden. E do próprio Aden. Ele sabia o que ele parecia. Conhecia o brilho frio de seus olhos, a curvatura de seus dedos em garras, e o vislumbre de suas presas gotejando sangue. Até mesmo suas próprias crianças hesitaram em se aproximar dele com ecos de seu poder

saltando para fora das paredes. Apenas Sebastien sabia o que o trabalho dessa noite havia custado a ele, o esforço necessário para conter a única e macabra habilidade que havia se originado de seu sangue vampírico. Mas ele havia aprendido quando criança a necessidade de um controle rígido, uma lição nunca esquecida que havia mantido ele num lugar bom desde que se tornou Vampiro. Quando ele finalmente fizesse Silas aparecer e forçar uma luta entre eles, Aden não iria segurar nada, mas os vampiros menores que ele havia deixado para morrer nesta noite haviam sido mais de seus cordeiros de sacrifício.

O silêncio preencheu o quarto lentamente. A poeira se acalmou, e a última garrafa quebrada drenou tudo o que continha por sobre os destroços.

— Senhor. — Era Sebastien, é claro. De todos eles, era o seu mais velho que possuía menos medo dele, independente das circunstâncias.

— algum humano? — Aden rosnou, mal conseguindo formar as palavras do fundo de sua raiva.

— Não havia nenhum nesse quarto, majestade. Um pequeno favor, mas Silas deve tê-los mandado embora em antecipação a sua chegada.

Aden apertou a mandíbula em sua conclusão incontestável nessa pequena informação. Silas tinha o conhecimento de que ele estava vindo. Mas como?

— Eu quero falar diretamente com sua fonte amanhã, Bastien. Alguém avisou a Silas que estávamos vindo, e eu quero saber quem foi.

— Nossa ação não foi planejada, meu Lorde, — Bastien protestou. — Ninguém sabia, exceto...

Aden voltou-se bruscamente. — Exceto quem?

Seu tenente o olhou cautelosamente, então tomou um fôlego profundo e se aventurou.

— Srta. Reid, Senhor. Eu estava no celular quando ela passou por mim. Ela pode ter escutado.

Aden franziu o cenho. Era essa a verdadeira razão para Sidonie ter se aproximado dele?

Sua história sobre um amigo morto e drogas era apenas uma cobertura para coloca-la dentro de seu escritório como um cavalo de Tróia em seda? O pensamento o deixou tão raivoso, que quase se engasgou com ele. Ele queria ir

como uma tempestade para a casa dela e a confrontar, querendo rasgar a verdade da mente dela até que ela implorasse pela morte.

Mas estava tarde, e ele tinha outros para proteger.

— Sidonie estará se unindo conosco novamente amanhã, — ele disse friamente. — Se foi ela quem nos traiu, eu saberei antes da noite acabar.

CAPÍTULO CINCO

SID FICOU NA FRENTE do espelho, mais uma vez tentado decidir o que vestir num encontro com Aden. Ela continuava a lançar olhares ao relógio. Não queria se atrasar, e não queria dar a ele nenhuma razão para mandá-la embora. Ela estava determinada a não ser escanteada essa noite. Ela estava indo confrontar Aden com o que ela sabia sobre as empresas nojentas de Klemens e perguntar o que ele planejava fazer sobre isso. Ela também estava curiosa, após a conversa dela com Dresner noite passada, sobre o que aconteceu entre Aden e Silas. Até mesmo admitiu estar um pouco assustada com a ideia de Aden ter sido derrotado e não haver ninguém para recebê-la quando ela chegar em seu escritório. Ou até pior, que houvesse algum vampiro estranho em quem ela não pudesse confiar. Não que ela confiasse em Aden. Ela não era tão ingênua assim. Mas ele parecia, se não honesto, pelo menos eficiente. E talvez um pouco intrigado com ela sexualmente. E, ok, talvez ela estivesse intrigada sexualmente com ele também, o que a fez questionar sua própria sanidade. Mas ela não conseguia tirar a imagem da sua cabeça, a imagem da boca de Aden em seu pescoço, sua respiração quente enquanto suas presas emergem lentamente de sua gengiva, como elas perfuram sua veia...

Droga. Ela sacudiu-se mentalmente. Era esse o porquê de tantas mulheres, e homens também, formarem filas naquelas casas de sangue? Os vampiros exalavam algum tipo de feromônio que fazia humanos normais perderem cada um de seus instintos de sobrevivência?

— Sai dessa! — Sid disse bruscamente a si mesma, e então riu. Ela realmente estava enlouquecendo. Ela entrou no pequeno vestido tubinho verde que ela decidira usar essa noite, passando por sobre seus quadris e alcançando as costas para fechar o zíper antes de olhar criticamente para si mesma. Era um vestido bonito o suficiente, mas ela o escolheu pelo decote. A maioria de suas roupas de inverno tinha gola alta, porque eram roupas de inverno. Apesar de tudo, era Chicago. O suéter que ela vestiu noite passada e esse vestido eram provavelmente as únicas exceções em seu closet. Ela alisou a lã macia por sobre

seus quadris, lutando contra o instinto de encontrar um casaco para cobrir o adorável vestido, o qual não apenas mostrava seu pescoço, mas também tinha um grande decote. Com um suspiro profundo, ela colocou um par de sapatos pretos simples. Simples pois não tinha adornos, mas os saltos era altos e pontudos, e havia um pequeno arco na parte de trás que os transformava de negócios para sexy. Ou assim ela pensava. Esperançosamente, Aden também iria. Com outro longo e sofrido suspiro, ela colocou seu quente casaco e dirigiu-se de forma voluntária para a cova do leão mais uma vez.



ADEN PERMANECEU ATRÁS de sua escrivaninha enquanto Sidonie entrava em seu escritório. Não pela primeira vez, ele desejou que sua habilidade vampírica incluísse um componente telepático maior, especialmente quando se tratasse de humanos. Ele podia trabalhar sua vontade sobre eles com bastante facilidade. Se ele quisesse, poderia ter a Srta. Reid fazendo strip-tease e de joelhos na frente dele num instante. No entanto, ele raramente fazia tais coisas. Ele preferia a sedução, podia trabalhar sua vontade sobre eles com bastante facilidade. Pressionando suas vítimas até que elas implorassem pelo que ele queria delas todo tempo, mesmo quando o teriam negado apenas alguns momentos antes.

Alguns vampiros usavam suas habilidades de hipnotizar humanos para enriquecer a si mesmos. Mas nunca era dinheiro ou ouro que Aden queria. Ele tinha muito de ambos e podia sempre conseguir mais. Não, o que ele desejava era rendição sexual. E ele era um mestre em conseguir o que queria. Pegue Sidonie, por exemplo. Ela queria algo dele e estava disposta a usar sua sexualidade para isso. Ela provavelmente não tinha intenção de seguir com seus avanços de sedução. Sem dúvida ela estava acostumada a confundir homens para dar a ela o que ela quisesse e depois dançava para longe sem nem mesmo ter de terminar. Ela e Aden eram parecidos em seu uso da sedução, exceto que Aden sempre terminava. Afinal, essa era metade da diversão. Ela derrubou seu casaco sobre o sofá e girou com um sorriso educado. O vestido era de um verde escuro que

lisonjeava seus cabelos e acentuava a tonalidade rosa de sua pálida pele, especialmente, ao longo da curva de seus seios que estavam à mostra pelo decote.

Ela não estava muito confortável com o vestido. Ele podia dizer pela sua frequência cardíaca, e pelas tentativas dela de puxar mais para cima o decote. Ele sorriu com divertimento pela sua modéstia, especialmente quando contrastava com os saltos “foda-me” que ela usava. Ele não disse nada, apenas a assistiu e olhou, enquanto um corar embaraçado rastejava por seu pescoço e rosto.

— Há algo errado? — ela perguntou, conseguindo parar sua mão na metade do caminho de outro puxada em seu decote.

— Eu não sei, — ele disse persuasivamente. — Há?

Ela tentou encobrir sua irritação, mas duas pequenas linhas apareceram entre suas sobrancelhas.

— Para onde você foi noite passada, Sidonie? — ele perguntou. — Após você sair daqui.

As linhas de vinco aprofundaram em uma carranca. — Eu fui para casa. Por que, o que você fez? — Ela perguntou.

Os lábios de Aden se curvaram num leve sorriso enquanto ele caminhava para encará-la. Ela encarou-o de baixo com olhos arregalados e começou dar um passo para trás. Mas então ela endireitou os ombros e o encarou, seus lábios apertados desafiadoramente.

— Sidonie, — ele ronronou e alisou com as costas de seus dedos a sua bochecha sedosa. Ela piscou rapidamente, seus olhos azuis claros encontraram os deles, seu coração batendo tão alto em seus ouvidos que ela escutava os batimentos. Ela engoliu e sussurrou, — Sim?

— Oh, não diga sim tão rápido, docinho, — ele murmurou, deixando seus dedos continuarem a descer, por sobre a curva de seu elegante pescoço, e ainda mais para baixo até roçar a ondulação de seus seios. Ele se inclinou para frente até que seus lábios estavam quase tocando as orelhas dela.

— Eu gosto ainda mais do vestido do que do suéter. — Ele sussurrou.

Ela puxou uma respiração assustada, e ele estava tão perto que seus seios roçavam contra o peito dele. Mas ao invés de recuar, como um cavalheiro teria feito, ele deu um passo para mais perto e descansou uma mão em seu quadril.

— Você já foi mordida alguma vez, Sidonie? — ele perguntou, sua boca pairando acima da dela, enquanto ele deslizava suas mãos ao seu redor para acariciar suas costas, apenas acima da curva de sua bunda. Era um toque leve, mas o suficiente para mantê-la no lugar, o suficiente para deixá-la saber que ela estava sobre seu controle. Ela balançou a cabeça, seus olhos arregalados, pupilas dilatadas com desejo.

— Não.

— Você gostaria de ser? É por isso que você está aqui?

Ela pareceu ter um problema em achar uma resposta para isso. Pensava que podia mentir para ele? Impossível. Um vampiro com seu poder podia detectar todas as sutis mudanças que afetam os humanos quando eles mentiam. Mas talvez ela não soubesse disso. Sua língua saiu para umedecer os lábios.

— Isso não é— Ela respirou profundamente, seus seios mais uma vez roçando contra o peito dele. Ele a estava segurando tão perto que sentiu o roçar de seus mamilos eretos e ouvia a suave dificuldade em sua respiração que ela não tinha a intenção de deixá-lo ouvir.

Os lábios de Aden se curvaram em prazer. Ela queria sentir o beijo de suas presas, mas ela não queria querer isso. Era isso o que ele amava. Foi isso o que o deixou duro. Seu pau inchou, grosso e quente dentro da fina calça de lã, e ele se moveu levemente, deixando-a sentir.

Ela respirou fundo. Sua mão subiu para se pressionar contra o peito dele, seus dedos se curvaram levemente, como se ela não pudesse decidir entre pará-lo ou arrastá-lo para mais perto.

Aden baixou a cabeça e respirou o cheiro dela, sua excitação, o sangue dela tão perto da superfície, correndo através da grande veia debaixo da sua orelha, grossa e quente. Ele arrastou sua língua pelo caminho da jugular, então levantou sua cabeça e soprou suavemente a pele molhada.

Sidonie estremeceu e fez um pequeno som de prazer, e Aden sorriu.

— Para onde você foi noite passada? — ele sussurrou.

Ela enrijeceu. — O quê?



SID COLOCOU UMA MÃO no peito de Aden e suspirou de prazer. Ele era tão grande, os músculos embaixo de seus dedos eram como ferro. E ela estava prestes a fazer isso. Ele estava em cima dela quase desde o minuto em que ela passou pela porta, sussurrando nessa voz baixa e sexy, seus olhos escuros acariciando cada curva de seu corpo, cada respiração empurrava seus seios contra o decote. Talvez ele estivesse com fome, talvez o que quer que tenha acontecido noite passada tenha-o drenado, e ele precisasse de sangue. Talvez essa fosse a razão para ele estar queimando a largada e a provocando no processo.

A parte do cérebro dela que era uma escritora repreendeu-a pela mistura de metáforas, mas ela mandou essa parte se foder. Ela estremeceu enquanto Aden se inclinava para mais perto, sua língua úmida deslizava pela pele abaixo de sua orelha, sua respiração quente, da forma como ela imaginara que seria. Ela não pôde parar o pequeno som de prazer que escapou de seus lábios.

Ela já não sabia que isso aconteceria? Ela não havia se vestido dessa forma para seduzi-lo, para ter seus dentes em seu pescoço? E o quanto isso poderia doer? Afinal, era apenas um pouco de sangue.

— Aonde você foi noite passada? — ele sussurrou.

Sid piscou, a pergunta inesperada como uma tapa na cara. — O quê? — ela perguntou, e empurrou o peito dele sem causar nenhum efeito.

Aden se endireitou e a encarou de cima com cada polegada de sua frieza e arrogância; o amante sedutor, se fora. — Para quem você está trabalhando?

Ela empurrou mais forte e tropeçou suavemente em seus saltos pontudos quando ele abruptamente a soltou.

— Eu não estou trabalhando para ninguém, seu idiota, — ela falou bruscamente. — Eu tenho tentado durante dias contar a você o porquê, mas você tem estado tão ocupado sendo o Sr. Importante que não teve tempo para escutar.

Aden fechou o espaço entre eles novamente, pairando sobre ela, seu olhar de repente mais ameaçador que sexy. — O que você ouviu noite passada? E para quem você falou?

Sidonie crescera com dois irmãos mais velhos. Por toda a sua vida ela havia lidado com homens grandes. Ela bateu seu ombro contra o peito de Aden, tentando forçá-lo a se mover, mas ele apenas riu, e ela sentiu sua própria raiva

fervendo. A maioria das pessoas não percebia isso, mas ela tinha um temperamento. Ela não guardava rancor e ela não conseguia segurar a irritação por muito tempo, mas quando sua raiva finalmente borbulhava até a superfície, ela subia quente.

— Mova-se, — ela exigiu.

Ele a deu um sorriso triunfante e disse, — Não.

Com um guincho de raiva, Sidonie virou a mão para trás voltado para seu rosto presunçoso, da mesma forquice que faria com um de seus irmão. Mas Aden pegou sua mão e olhou para ela. — Você não quer fazer isso.

— Então me solte.

— Com quem você falou noite passada

— Ninguém, porra. Eu fui embora sozinha. Não havia ninguém... — Sua voz sumiu.

— O quê? — ele exigiu, interpretando corretamente a sua hesitação.

Os pensamentos de Sid estavam correndo. Professora Dresner. Tinha que ser. Ela lembrou da reação dela assim que tinha mencionado a partida de Aden, como ela havia apertado Sid por informações, depois quase imediatamente terminado a conversa.

— O que aconteceu ontem à noite? — ela sussurrou, olhando para cima, para ele. — Alguém morreu?

Ele franziu a testa, e ela pensou que ele não responderia, mas então ele disse, — Muitos vampiros morreram. Nenhum deles meus.

Sid quase engasgou com a culpa bloqueando sua garganta. Esses vampiros morreram por causa dela?

— E Silas? — Ela perguntou.

O olhar de Aden se estreitou perigosamente. — O que você sabe sobre Silas?

Ela balançou a cabeça. — Nada. Eu ouvi o nome quando estava partindo ontem. Bastien estava ao telefone.

— E você falou a alguém. Quem foi?

Sid não queria dizer. Certamente ela devia a Professora Dresner esse pouco. Elas não eram exatamente amigas, e isso soava como se ela tivesse traído

a confiança de Sid, mas elas eram ambas humanas. Isso não contava? Algum resquício de lealdade?

— Alguém alertou a Silas noite passada, — Aden rosnou. — Você quer saber quem é o real responsável por todos aqueles vampiros mortos? Olhe para seu amigo que avisou que estávamos chegando, para Silas fugir, sabendo o que eu faria com os vampiros deixados para trás.

Sid assentiu fracamente. De alguma forma tudo se revirou. Ela começara isso para salvar vidas, e ao invés disso parecia que ela iria custar-lhes. Ou Dresner iria. Mas ela também não era responsável?

— Eu tenho trabalhado com alguém, — ela sussurrou. A mão de Aden agarrou seu quadril mais uma vez, seus dedos apertados. — Ela é um tipo de especialista em comportamento de vampiros.

— Uma humana?

— Sim. Ela é uma professora da universidade. Foi ela quem me disse sobre aquele bar onde eu conheci Travis.'

— O nome dela?

Sid franziu a testa para ele preocupada. — O que você vai fazer se eu te contar?

— Eu vou falar com ela.

— Isso é tudo?

— Depende, não é? O que fariam seus humanos com alguém que organizou uma emboscada que resultou em várias mortes?

— Eu acho que ela iria para a cadeia por conspiração para assassinato ou algo assim.

Aden deu de ombros. — A justiça dos vampiros é um pouco menos ambígua.

— Eu lhe direi quem ela é, mas apenas se você me levar junto quando for falar com ela.

— Você dificilmente está em posição de exigir algo, — ele rosnou, puxando ela para mais perto até que ela estava ruborizando contra seu corpo duro. E ele estava duro...todo duro. Merda

— Essa é minha oferta, — ela disse teimosamente — É pegar ou largar.

Aden a considerou silenciosamente, e Sid o encarou enquanto os olhos dele pareciam brilhar, transformando-se numa coloração azulada profunda como a luz da lua numa noite nublada de inverno. O olhar dele analisou o rosto dela, foi até a curva de seus seios e voltou por todo caminho novamente.

— Oh, eu pretendo pegar, — ele sussurrou naquela voz profunda.

CAPÍTULO SEIS

SID ESTREMECEU. — Isso não é... — ela sussurrou, então tentou engolir com a garganta seca. — Não foi isso que eu quis dizer.

— Eu sei, — ele disse, satisfeito. — Eu só queria que as minhas intenções estivessem claras.

Ele deu um passo para trás, abruptamente, e a perda de seu calor, de sua força, foi intensa.

— Então onde nós estamos indo? — ele perguntou.

— Eu não tenho certeza de onde ela está. Mas ela sabia que eu iria me encontrar contigo essa noite, então ela estará esperando que eu ligue. Eu posso dizer a ela que eu preciso vê-la pessoalmente.

— Tudo bem. Mas veja o que você vai dizer, Sidonie, porque eu estarei ouvindo.

— Pare de me ameaçar, — ela exigiu. — Eu não gosto disso.

Aden riu novamente, mas foi com uma diversão genuína dessa vez, não como antes. — Apenas faça a ligação, — ele disse. — E nós veremos o que a sua amiga professora tem a dizer.

Enquanto Sid procurava seu telefone no bolso de seu casaco e pegou o número de Dresner, ela considerou a possibilidade de que a professora não iria querer falar com ela. Se Dresner tinha alertado Silas sobre Aden, e se ela soubesse que seu plano havia dado errado... no final das contas, Aden ainda estava vivo, o que claramente não havia sido o que Silas estava esperando... ela poderia querer distância de Sid, pelo menos por um tempo. Mas, aparentemente, Dresner não parecia nem um pouco perturbada. Ou ela estava segura em presumir que Sid não sabia de nada sobre o que estava acontecendo com os

vampiros, ou ela realmente não tinha sido quem havia alertado ao Silas sobre a vinda de Aden.

Sidonie estava disposta a considerar as duas possibilidades. Ao contrário de Aden, ela não estava preparada para pendurar uma placa de culpa na Dresner ainda.

— Sidonie, - ela disse, atendendo ao telefone. — Eu não estava esperando sua ligação até mais tarde. A sua reunião com o Aden foi cancelada novamente?

— Não, bem ao contrário, — Sid disse, deixando um toque de ansiedade dar um sabor as suas palavras. Ela não queria exagerar, mas tinha que haver uma razão para ela insistir uma reunião em pessoa. — Eu tenho algumas informações para você, mas é... é bem explosivo. Eu realmente gostaria de me encontrar contigo pessoalmente.

— Claro, mas você está bem? Você parece abalada.

— Eu acho... Eu não esperava que fosse assim.

— Onde você está? Você pode vir à minha casa?

— Eu não sei onde...

— Eu estou em Wrigleyville, em Lakeview. Eu te mandarei o endereço por mensagem. Em quanto tempo você poderá estar aqui?

Sid olhou para cima e encontrou o olhar escuro de Aiden. — Eu prefiro não pegar um taxi tão tarde. Tudo bem se um amigo me levar? Nós poderíamos estar aí em mais ou menos uma hora. — Os lábios sensuais de Aden curvaram-se levemente no que supostamente poderia ser chamado de sorriso, se não fosse pelo cálculo frio em seus olhos.

— Um amigo... — Dresner repetiu hesitantemente.

— Ele mora aqui em Chicago. Nós trabalhamos juntos.

— Ah. — Ela hesitou, e Sid pensou que talvez ela tenha exagerado, mas então Dresner continuou. — Eu suponho que esteja tudo bem. Não toque a

campainha, no entanto, apenas bata. Os vizinhos reclamam dos meus visitantes de fim de noite. — Ela desligou sem se despedir.

Aden pegou o telefone dos dedos inertes de Sid e pressionou o botão de desligar antes de dizer, — Muito bom, Sidonie. Mentir é uma das habilidades que você aprendeu como jornalista?

— Eu não menti.

Ele não disse nada a respeito disso, apenas levantou uma sobrancelha cética. — Você ainda está determinada a ir junto?

— Sim.

— Então pegue o seu casaco. Nós não queremos deixar a professora esperando.



DEMOROU AINDA MENOS tempo do que Sid havia esperado para chegar a casa de Dresner. O motorista de Aden parecia saber onde ele estava indo, e tão tarde da noite... era depois da meia noite no meio de uma semana de trabalho... havia poucos engarrafamentos. Ter um motorista a disposição ajudava também. Sem transporte público para o Aden. Sid não se preocupava com dinheiro, mas ela não tinha um motorista a disposição também.

— Todos os vampiros são ricos? — ela perguntou, sentando-se ao lado de Aden e tentando não pensar sobre o que iria acontecer quando eles confrontassem a Professora Dresner.

Sua pergunta pareceu diverti-lo. Ele esticou um poderoso braço sobre a parte de trás do assento atrás dela, usando um dedo para brincar com uma mecha de cabelo dela. — Uma pergunta interessante, — ele disse. — Todos os humanos são ricos?

— Não, claro que não.

— Então porque todos os vampiros seriam?

— Eu não sei, — ela disse, irritada. — Mas você tem esse grande carro...

— Um Chevy Suburban, dificilmente exótico.

— ... e um motorista particular, — ela persistiu, determinada a fazer seu ponto. — E seu supostamente escritório temporário ocupa dois andares inteiros dos metro quadrado mais caro de Chicago.

— Uma pessoa deve causar uma impressão.

— Somente se você consegue bancar isso.

O sorriso dele se alargou em algo quase genuíno, mas Sid se encontrou incomodada igual. Ela não queria que ele estivesse entretido. Ela precisava que ele a levasse a sério se ele fosse ajuda-la a destruir a rede de Klemens.

— Apenas responda a pergunta. Todos os vampiros são ricos?

Seu sorriso desapareceu, substituído por um olhar altivo. Essa não era uma palavra na qual ela pensava muito, mas Aden tinha um ótimo jeito arrogante. Talvez ele tivesse nascido com dinheiro quando ele era ainda humano. Talvez ele sempre fosse rico.

— Você era um príncipe ou algo assim antigamente? — ela perguntou e soube imediatamente que ela tinha cometido um erro. Seus dedos pararam de brincar com seu cabelo, e sua expressão se tornou fria e distante, o olhar em seus olhos tão distante que era como se repentinamente ele estivesse completamente sozinho no banco de trás.

Marrocos, 1756

ADEN CORREU através dos corredores do palácio, pés descalços batendo no mármore frio enquanto ele se esquivava de senhoras vestidas de seda e ignorava as caretas de cavalheiros superalimentados. As primeiras apenas beiraram o aborrecimento, mas os últimos teriam o golpeado até o chão se eles

ousassem. Seu pai era dono desse palácio em particular, embora Aden fosse um bastardo e nunca herdaria um único falus de cobre. Mesmo assim, sua mãe era uma favorita dentre as concubinas de seu pai, e ninguém tinha certeza em que pé o jovem Aden estava em qualquer dia.

Essa mesma incerteza deixava Aden cauteloso, no entanto, e ele fazia questão de evitar os corredores mais povoados sempre que possível. Nesse dia em particular, no entanto, ele havia sido convocado para ver sua mãe, o que era incomum o bastante que ele não quis perder nenhum tempo em chegar até ela. Não que ele não via sua mãe com frequência. Afinal de contas, ele ainda era criança e então vivia no harém. Mas o tempo dele com ela era fortemente dependente da presença de seu pai no palácio e a sua vontade por companhia feminina a qualquer hora. Sem mencionar o tempo considerável que a sua mãe passava no esforço de manter a sua beleza e boa forma a fim de manter uma aparência agradável.

A mãe de Aden era uma flor rara no harém. Ele tinha ouvido ser descrita dessa maneira pela matrona do harém, e não sem uma certa dose de amargura também. O que o fez pensar que era verdade.

Seu pai chamava sua mãe de Aini, o que significa flor em árabe, mas seu nome verdadeiro era Aileen, e ela era uma escrava. Uma mimada com certeza, mas mesmo assim, uma escrava. Ela havia contado à Aden a história de como ela veio morar nesse palácio, como ela terminou em um lugar onde um Aden de cinco anos de idade falava a língua nativa bem melhor do que ela jamaisalaria.

O pai dela, avô de Aden, cujo nome também era Aden, havia sido um comerciante marítimo em um lugar chamado Escócia, que era bem longe de seu palácio no Marrocos. Mas não era tão longe que os piratas não poderiam invadir, e eles faziam isso regularmente, procurando principalmente por escravos... marinheiros como seus tios e avô, e mulheres como sua mãe. Ela tinha tido sorte, ela havia contado ao Aden... embora ele não visse muita sorte em ser roubada de sua vida e ter sido feita escrava. Mas sua pele pálida e cabelo loiro, sem mencionar o fato de sua virgindade intacta, haviam chamado a atenção do mestre

de escravos que conhecia os gostos de seu próprio mestre muito bem. Ele havia feito uma oferta privada, poupando-lhe a indignidade de ser leiloada em um lote.

Aileen havia sido vendida para o harém do comerciante rico que a chamou de Aini, e alguns meses depois Aden havia sido o resultado. Ela aprendeu depois como usar ervas para evitar a gravidez, o que garantiu a sua preferência com seu mestre.

Quanto ao seu pai, Aden nunca o via, a não ser por acidente, e nunca havia dito duas palavras para o homem. Bastardos eram mal vistos por homens ricos e suas famílias.

Eles complicavam as linhas de sucessão e transformavam as esposas... especialmente esposas que haviam sido incapazes de produzir herdeiros homens... infelizes.

Aden passou pelos guardas do harém. Eles estavam acostumados com suas idas e vindas e mal registraram sua passagem. Uma vez lá dentro, ele deslizou ao longo dos corredores até ele alcançar os aposentos de sua mãe. Ele passou pela porta com cortinas.

— Mama, — ele sussurrou animadamente e correu até ela. Ela o segurou longe quando ele ia abraça-la, e ele engolia uma pequena pontada de dor. Algumas vezes ela já estava vestida e perfumada e não podia arriscar ter as mãozinhas sujas de um garotinho a sujando.

Ela sempre o beijava na bochecha logo depois de dizer tais coisas, então ele sabia que ela o amava.

— Sente-se, Aden, — ela disse, tocando sua bochecha e deixando para trás seu perfume florido.

Ele sentou-se obedientemente aos seus pés e ficou surpreso quando ela pegou uma de suas mãos morenas em seus dedos pálidos. Ele tinha o nome do seu avô escocês, mas a cor do seu pai marroquino. Parecia haver pouco do sangue escocês de sua mãe nele, exceto pelo seu tamanho, que já o deixava maior

do que qualquer outro garoto de sua idade, e diversos garotos mais velhos também.

— Aden, meu querido filho, você ama sua mãe, não ama?

— Mais do que qualquer coisa, mama, — Aden disse rapidamente, ignorando a pequena pontada de mal-estar que apertou o seu peito, apesar do uso dela de uma palavra de carinho. Ela nunca perguntava a ele se ele a amava. Presumia-se. Claro que ele a amava. Ela era o mundo dele.

— Você é jovem, — ela continuou com sua voz suave. — Provavelmente muito jovem para entender o que eu tenho que te dizer, mas eu preciso que você entenda.

Aden assentiu, mais alarmado do que nunca quando ele viu lágrimas borrando os olhos azuis de sua mãe.

— O seu pai... — Ela desviou o olhar, e então olhou para suas mãos unidas, moreno contra branco. — Ele me deu uma ordem. Você é grande para sua idade, muito maior do que os outros garotos. Algum dia você será um grande homem, como o meu pai e seus irmãos, e eu espero que o destino seja mais caridoso contigo do que ele foi com eles. Mas, Aden... — Ela suspirou, ainda se recusando a olhar diretamente para ele. — Eu devo escolher. Eu posso pegar você e deixar o harém... — o coração de Aden se encheu de emoção.

— ... e me tornar uma escrava comum em alguma outra casa, ou eu posso ficar aqui como a favorita do seu pai durante o tempo que a minha beleza durar... o que serão ainda muitos anos... e então talvez me torne matrona do harém e o sirva dessa maneira.

Aden franziu a testa em confusão. Certamente seria melhor que eles permanecessem aqui? Por que isso era uma questão?

— Mas se eu permanecer aqui, então você deve ir. — Ela, por fim, ergueu sua cabeça, e Aden viu sua decisão na tristeza de seus olhos. — Você vai embora essa noite para começar a servir o seu novo mestre.

Aden a olhou, sem entender o que ela estava dizendo a ele. Um novo mestre? Mas... — Quando eu vou te ver, mama?

— Você não verá, — ela disse, firmando seus lábios. — Não é diferente do incentivo que o meu povo costumava ter. Crianças frequentemente eram mandadas para viver com famílias distantes, nunca mais vendo os seus pais até que eles estivessem crescidos.

— Eu te verei quando eu for grande?

— Talvez.

Aden não era mais um bebê. Ele sabia o que talvez significava. Ele engoliu o nó em sua garganta e ficou de pé, tirando seus dedos do aperto suave de sua mãe. Aparentemente, ele havia ganhado mais do que o tamanho de seu avô escocês. Ele tinha o seu orgulho. Ela havia escolhido o seu mestre ao invés de seu próprio sangue. Que seja.

— Insha'Allah, nós nos encontraremos novamente, — ele disse simplesmente.

Sua mãe olhou para ele com surpresa. Mas se era devido ao envio de seu destino a Alá ao invés do Deus cristão de sua juventude, ou sua aceitação tranquila da sua decisão, ele não sabia. Ele não se importava. Tudo que importava agora era que ele havia sido vendido, que ele acordaria amanhã em uma casa diferente. Ele não seria mais o filho bastardo de ninguém, seja rico ou pobre. Ele seria apenas um garoto, um escravo sem amigos no mundo.

Aden se virou e foi embora pelo caminho que ele tinha vindo, pegando os corredores dos escravos, o que era apropriado, já que era só isso que ele era agora. Um escravo.

Chicago, IL, presente

— DEVO ENTRAR contigo, meu senhor?

A pergunta de Bastien trouxe Aden de volta ao presente com um choque. Ele nunca havia visto sua mãe novamente depois daquele dia. Ele nem tinha pensado nela há muito tempo, e não o agradava que ele estivesse pensando nela agora.

— Dresner não está esperando uma multidão, — ele disse ao Bastien. — E eu precisarei de um convite para a casa. Sidonie e eu iremos sozinhos.

— E se ela te reconhecer? — Sidonie perguntou, olhando nervosamente o arenito no qual eles haviam estacionado na frente. — Ela sabe quem você é.

— Eu ficarei nas sombras.

— Ela tem uma luz na varanda.

Aden lançou um olhar para ela. — Não se preocupe, - ele disse rispidamente. — Apenas nos faça passar pela porta.

— Tudo bem. Não precisa ficar rabugento por causa disso.

Aden lembrou a si mesmo que ele precisava dessa mulher para se aproximar da Dresner, que Dresner provavelmente era quem havia o traído para Silas. Ele também prometeu a si mesmo que em um futuro muito próximo, ele iria deitar Sidonie Reid em sua cama e deixar sua marca em cada centímetro de sua pele clara. Só isso fazia valer a pena aguentar o seu desrespeito.

A atitude era algo que ele vinha a esperar das mulheres modernas, algo que ele não considerava ser uma mudança para o melhor. Mas ele também se importava com a admoestação recente do Raphael, que algumas mulheres tinham habilidades para contribuir para uma investigação, ou, nesse caso, informação e contatos.

Então, ele não levou Sidonie ao seu colo, levantou sua saia, e avermelhou o seu traseiro como ele queria fazer. Pelo menos, não ainda.



SID SORRATEIRAMENTE lançou um olhar de soslaio para Aden enquanto eles faziam seu caminho pelo corredor. Onde quer que ele tenha ido durante os últimos quilômetros de sua viagem até aqui, ele estava totalmente com ela agora.

Ela podia o sentir prestando atenção aos seus arredores como uma carga elétrica fraca no ar frio da noite. Ele zumbia com energia enquanto eles subiam na varanda. Era como uma carga elétrica em um dia quente e seco. Ela estava esperando ver faíscas azuis saindo dele. Além disso, ela não sabia o que ela deveria fazer para evitar que Dresner o visse quando a luz da varanda fosse acesa. Não era como se ele pudesse se esconder atrás de um vaso de plantas, afinal de contas.

Ele era tão grande quanto a varanda toda.

Ok, isso era um exagero, mas saber disso não dava a ela uma melhor ideia de como esconder... oh.

Ela olhou para o local onde o Aden estava, vendo nada a não ser sombra, mesmo ela ainda sentindo a eletricidade estática de sua presença. Franzindo a testa, ela estendeu a mão e tocou um braço musculoso.

— Aden? — ela sussurrou, seus olhos esforçando-se para ver o que seus dedos diziam para ela que estava ali.

— Controle-se, Sidonie, — ele disse secamente. — A sua amiga está prestes a abrir a porta.

Sid afastou seus dedos. Ele era um idiota o tempo todo. Bem, talvez não o tempo todo. Ele pareceu quase humano por um tempo lá no escritório dele. Melhor que humano, na verdade. Ela nunca encontrou um homem humano que fosse tão sedutor quanto Aden, muito menos um cuja sedução ela de tão bom

grado havia sucumbido. Mas então ele desligava a sedução como um interruptor, o que fazia ela acreditar que era tudo uma pose, apenas um jogo que ele brincava para ver se ele conseguia se safar. Ela imaginou que ele deveria ter muitos nós em sua cabeceira. Talvez centenas se ele era tão velho quanto ela pensava que ele era.

A luz da varanda se acendeu, e a porta abriu, forçando a atenção de Sid de volta para o seu problema atual, que era a Dresner. A professora estava de pé em sua porta aberta, dando a Sid um olhar curioso.

Lembrando-se do ardil que ela havia usado para organizar essa visita tarde da noite, Sid pintou um sorriso nervoso no rosto e disse, — Professora, obrigando por nos deixar vir tão tarde.

— Você parecia chateada, — Dresner disse distraidamente. Ela inclinou a cabeça e se inclinou para o lado, tentando olhar através da porta de tela para o suposto amigo da Sid. Mas a sombra que o Aden havia envolvido em torno de si mesmo era muito grossa, ocultando-o enquanto parecendo ser nada mais do que a sombra natural lançada pela luz amarela da varanda.

— Nós podemos entrar? — Sid perguntou, cutucando Dresner com cautela.

— Claro, — a professora disse ao mesmo tempo. — Onde está a minha educação, deixando vocês no frio? Entrem, os dois.

— Obrigada, — Sid murmurou, tentando não mostrar as profundezas do alívio que ela estava sentindo. O que teria acontecido se Dresner tivesse se recusado? Ou se ela tivesse fraseado as suas boas vindas incluindo apenas Sidonie?

— Não procure por problemas, — Aden murmurou contra o seu ouvido. A escuridão que o escondia se dissipou como se nunca tivesse sido mais do que um truque de olho. Ele se aproximou ao seu lado, abriu a porta de tela, e fez um gesto para ela ir à frente dele, parecendo muito satisfeito consigo mesmo.

Sid fez uma careta por cima do ombro. Ele havia lido a mente dela? Ela sabia que alguns vampiros conseguiam fazer isso.

— Não, eu não li a sua mente. As suas preocupações estão escritas em todo o seu rosto.

— Pare com isso, — ela vociferou. O babaca apenas sorriu e entrou, fechando a porta atrás deles.

Dresner havia recuado alguns passos, abrindo um espaço por educação enquanto eles passavam pela porta. Mas quando ela deu uma boa olhada em Aden, ela se afastou o caminho inteiro até o arco que levava para sua sala, os nós de seus dedos ficando brancos enquanto ela agarrava a moldagem elegante.

— Nos apresente, Sidonie, — Aden falou devagar, seus olhos escuros com pálpebras pesadas enquanto ele observava a professora se encolher para longe dele, seus olhos arregalados.

— Professora Dresner, — Sid disse obedientemente. — Esse é o Lorde Aden.

— Eu sei quem você é, — Dresner disse, suas palavras de desafio, apesar de seu medo óbvio.

— Você acha que será o próximo Senhor do Meio- Oeste, - ela zombou.

— Eu não acho, - Aden respondeu com desdém. — Eu sei. Ninguém, nem mesmo o seu precioso Silas, podem me parar.

— Bastardo arrogante, - Dresner sibilou. — Você não está apto para lambar as botas do Lorde Klemens. Ele era é um gigante, um gênio. E não será alguém como você que vai tomar o lugar dele, um bastardo sem mestre de sabe Deus onde. Silas é cria dele e seu herdeiro justo.

— O mesmo Silas que correu duas vezes de uma luta direta? Que manda seus asseclas para me matar, enquanto ele aguarda em segurança? Esse Silas? Silas não está apto para gerenciar uma casa de sangue no cais, muito menos um território.

— Você acha que é muito esperto, — Dresner persistiu. — Mas você verá.

Aden deu um longo passo para frente, até que ele estava elevando-se sobre ela.

— Você está certa, — ele concordou. — Eu verei. Você vai mostrar para mim.

Ela olhou feio para ele. — Eu não te mostrarei nada. Eu não vou te dizer nada.

Os lábios sensuais de Aden se curvaram para cima em um sorriso confiante. — Errado, — ele disse baixinho. — Você me contará tudo.

Sid encarou a postura desafiadora de Dresner se suavizar em algo quase sonhador. Seu corpo inteiro relaxou, seus lábios inclinando-se em um sorriso pacífico. — Eu te contarei tudo, — ela concordou alegremente. — O que você quiser.

— Você avisou o Silas sobre eu ir ao clube na outra noite?

— Sim, — Dresner disse, assentindo ansiosamente. — Quando a Sidonie mencionou o nome do Silas, eu sabia que era para onde você estava indo, então eu liguei e os avisei.

— E por que o Silas não se encontra comigo pessoalmente?

— Você é muito forte, — ela murmurou. — Silas tem medo. Se o meu mestre Lorde Klemens ainda estivesse... — Ela cortou suas palavras com uma careta.

— Quem é o seu mestre, Claudia? — Aden exigiu. E Sid demorou um momento para se lembrar que o primeiro nome de Dresner era Claudia. Ela nunca chamava-a de nada a não ser Professora Dresner.

— Você é o meu mestre, Lorde Aden, — Dresner respondeu fervorosamente.

Sid ficou atenta as suas vozes enquanto Aden continuava sua interrogação. Ela estava mais do que um pouco assustada pelo que ele estava fazendo e pela maneira como Dresner estava agindo. Aden de alguma forma havia dominado a mente da Dresner e estava fazendo-a agir contra o que ela acreditava. Ele estava literalmente fazendo dela uma escrava de sua vontade. Ele faria isso com a Sid também, se ela discordasse com ele sobre algo? Era esse o vampiro que ela achou que a ajudaria acabar com a rede de escravos antiga do Klemens?

— Pare, — ela sussurrou, olhando horrorizada para o sorriso afetado de Dresner. Então mais forte, — Pare com isso.

Aden olhou para ela. — Parar com o quê? — ele perguntou distraidamente.

— Pare isso que você está fazendo com ela. Você... você está roubando a vontade dela, escravizando-a.

Aden ergueu uma mão, parando o fluxo de informação de Dresner. Ele deu um olhar afiado para Sid.

— O que você disse?

— Você está forçando-a a fazer coisas que ela não quer fazer, coisas que ela nunca faria por vontade própria. Isso é escravidão, e não foi por isso que eu te trouxe aqui, não é por isso que eu te procurei em primeiro lugar. Eu queria que você se livrasse da antiga rede de escravos do Klemens, não criar a sua própria.

Aden atravessou a sala em três passos duros, até que ele estava a apenas alguns centímetros de distância de Sid. Ele a encarou, e Sid teve que admitir que ele era bem intimidante com seu tamanho e sua aparência carrancuda. Mas Sid não era a patética Dresner, e ela não estava intimidada. Ela olhou em silêncio de volta para ele, encarando-o.

— O que você sabe sobre escravos? — ele exigiu distintamente.

— Eu pensei que você soubesse, — ela disse, seu olhar se tornando uma careta confusa.

— O quê. Você. Sabe? — ele grunhiu.

Sid recuou, percebendo abruptamente que ele estava mais do que bravo. Se ele era intimidante antes, ele estava realmente assustador agora. Ela não tinha chegado tão longe se assustando facilmente, mas um pouco de bom senso não faria mal, ou, então, ela responderia a pergunta dele e não lhe daria qualquer tipo de atitude.

— Klemens usava sua rede de distribuição de drogas para trazer escravos para o país, — ela disse calmamente.

— Chicago era o seu centro de distribuição.

— Claudia! — ele vociferou, sem desviar o olhar de Sid.

— Sim, meu senhor, — Dresner disse instantaneamente.

— Você não contará a ninguém sobre a nossa conversa. Você deixará de comunicar-se com Silas, ou qualquer outro vampiro, além de mim, está claro?

— Sim, meu senhor. Obrigada, meu senhor.

— Certo. Você, — ele disse, travando olhares com Sid, — Venha comigo.

Sid estreitou seus olhos, irritada, e não se mexeu. — Onde nós estamos indo?

Sua careta se intensificou. — O que importa? Você disse que quer fechar a rede de escravos de Klemens. Então você me contará o que você sabe.

— Não é assim que funciona. Eu vou expor toda a rede dele pelo que ela é, para que eles não possam simplesmente retomar os trabalhos em outro lugar. Seja lá o que você for fazer, eu quero saber.

— Não vai acontecer, querida. Eu farei o que precisar ser feito, e quando estiver acabado, eu te direi o que você precisa saber. Isso é negócio de vampiro, não seu.

— Não... — Sid não conseguia formar as palavras certas em volta da raiva que estava sufocando a sua garganta. — As mulheres que eles estão

sequestrando e vendendo são humanas, Lorde Maldito Aden. Isso torna meu negócio. E você não saberia de nada disso se eu não tivesse te contado sobre.

— Besteira. Eu tenho as minhas próprias fontes. Você só tornou tudo mais fácil. Agora, ou você me conta o que você sabe, ou vá brincar de jornalista em outro lugar.

Sid olhou para ele, incrédula. Que grande babaca. Ela não podia acreditar que ela estava pronta para deixa-lo... Merda. Ela nem podia pensar sobre o que ela quase o deixar fazer.

— Vamos fazer o seguinte, Aden, — ela disse amavelmente. — Vá para o inferno. — E com isso, ela girou nos calcanhares e saiu correndo da casa.

Bastien estava aguardando na varanda, provavelmente preocupado com o seu precioso babaca lorde vampiro. Ele olhou interrogativamente quando ela abriu com um barulho a porta de tela.

— Ele está bem. Eu te vejo depois, — ela vociferou, então quase grunhiu em voz alta quando ela pegou o olhar rápido de Bastien por cima de sua cabeça. Ele obviamente estava verificando com Aden para ver se ela tinha permissão para ir embora. Ela não esperou para descobrir. Ela não precisava da permissão de ninguém, não importa o quê esses vampiros pareciam pensar. Alcançando a rua, ela olhou para os dois lados, calculando sua melhor chance de pegar um táxi.

— Não seja uma idiota, Sidonie, — Aden disse logo atrás dela.

Ela se virou, lutando a vontade de pular, mas sabia que ela não teria sucesso quando ela viu um lado da boca dele se curvar com conhecimento.

— Eu te darei uma carona de volta para o seu apartamento, — ele disse a ela.

— Não, obrigada, — ela disse formalmente. Ela se afastou dele e começou a caminhar.

— Como quiser, — ele murmurou. — Mas não me culpe se o Silas te encontrar.

Isso a parou. Ela se virou para olhá-lo. — O quê?

Seus ombros grossos se moveram em um encolher despreocupado. — Dresner contou ao Silas que ela sabia que eu estava vindo. O seu nome surgiu.

Bem, isso não era ótimo? Sid tirou seu celular do bolso. — Eu chamarei um táxi.

Aden avançou até que ele estivesse bloqueando a luz da rua, e ela estivesse de pé em sua sombra. A sua voz profunda curvou-se ao redor dela. — Deixe-me te dar uma carona, Sidonie.

Sid oscilou, e então percebeu o que ele estava fazendo. — Não ouse fazer isso comigo! — ela engasgou. — Eu não sou uma tiete patética de vampiro que você pode hipnotizar e tornar sua escrava.

— Tenha cuidado, — ele a avisou. — Minha paciência não é ilimitada.

— A verdade dói, Lorde Aden. Adeus. — Sidonie virou as costas para ele e começou a caminhar em direção à Clark e Wrightwood. Havia alguns clubes em Lincoln Park que tinha música sete dias por semana. Ela seria capaz de encontrar um táxi lá, ou pelo menos, ela teria outras pessoas para ficar perto até que um chegasse.

Foi uma caminhada curta até a esquina, e ela sentiu Aden encarar suas costas a cada passo. Ela continuou esperando que sua voz harmônica soasse por cima de seu ombro, e que a sua grande mão se colocasse ao redor de sua cintura. Mas isso nunca aconteceu. Ele a deixou ir. Ela disse a si mesma que isso não importava. Que a dor de desapontamento que ela estava sentindo era apenas porque ela estava perdendo um poderoso aliado em seus esforços para fechar a rede antiga de Klemens. E ela quase acreditou nisso.



ADEN OBSERVOU Sidonie sair batendo o pé pela rua, como se ela estivesse no controle. Como se ela pudesse escapar dele. Ele a deixou ir... essa

noite. Faltavam apenas algumas horas até o nascer do sol, e ele tinha muito que fazer antes disso. Ele praticamente havia drenado de Dresner de todas as informações úteis, mas ele queria ir atrás das alegações de Sidonie sobre o Klemens. Suas fontes vampíricas haviam indicado a existência de um círculo de escravos aqui em Chicago, algo que ele achava profundamente perturbador. Ele não era totalmente inocente. Ele conhecia muitos vampiros que se entregavam às suas naturezas mais obscuras e ignoravam as leis humanas. Aden mesmo frequentemente ignorava o sistema jurídico humano, considerando-o irrelevante para a maioria dos assuntos vampíricos.

Mas escravidão era uma coisa que ele nunca permitiria em seu território. Ele sabia qual era a carga emocional de ser possuído, de ter a sua própria existência dependente do capricho de outro. Sidonie pensou que ele havia escravizado Dresner ao capturar sua mente e a hipnotizar fazendo-a contar o que ela sabia. Mas o que ele havia feito com a Dresner era temporário e inofensivo.

Ele não havia alterado as memórias dela, embora ele pudesse ter feito isso, e ele não havia deixado a mente dela vazia, embora ele pudesse ter feito isso também. Depois que ele tivesse lidado com o Silas permanentemente, Dresner poderia voltar a sua devoção triste ao morto Klemens, e Aden não teria mais nada a ver com ela.

Isso não era escravidão.

Sidonie Reid não tinha ideia do que realmente significava ser uma escrava.

Marrocos, 1763

ADEN ABRIU SEUS olhos e estremeceu na manhã fria. Estava chovendo. Seu mestre Hafiz estava de mau humor hoje novamente. Hafiz odiava a chuva. Ele alegava que ela baixava seus lucros, e Aden supunha que isso devia ser verdade, já que ele duvidava que as pessoas fossem querer ficar na chuva e dar

lances em escravos trêmulos e molhados. Mas o que Aden sabia com certeza era que se os negócios estavam lentos, seu mestre iria descontar sua infelicidade em seus próprios escravos, e isso incluía Aden. Especialmente Aden. Era como se Hafiz tivesse um prazer especial em espancar o filho bastardo de um dos comerciantes mais ricos da cidade. Mais do que uma vez, Aden havia se perguntado se o seu pai sabia o tipo de tratamento que ele receberia nas mãos de Hafiz, e se ele tinha escolhido o mestre de escravos por essa mesma razão. O seu pai queria puni-lo por ter nascido? Por ter roubado uma pequena parte do amor de sua mãe? Embora esse amor obviamente não tivesse significado nada para ela. Ela o mandou embora de bom grado.

Ele derramou água gelada do jarro rachado sobre a mesa de madeira ao lado de sua cama, enchendo a tigela de cerâmica crua. Ele nem mesmo pensava mais sobre os móveis elegantes que tinha deixado para trás na casa de seu pai, coisas como cerâmica lisa e sabonetes com cheiros refrescantes. Como filho bastardo, Aden havia se virado com o que tinha de menor qualidade disponível no palácio de seu pai, e mesmo assim, elas ainda eram mil vezes melhor do que o que ele tinha agora. Ele jogou água em seu rosto e lavou suas mãos com o sabão áspero. Ele machucava sua pele, mas ele o usava mesmo assim, sabendo que ele ganharia o chicote se ele falhava-se em apresentar uma aparência limpa. Não que ele não fosse ser chicoteado do mesmo jeito, mas ele descobriu que havia níveis de dor.

Não havia necessidade de trocar de roupas. Ele tinha apenas um conjunto, e havia feito muito frio ontem a noite para dormir nu. A camiseta estava sem costura e entrecortada, as calças rasgadas e muito curtas para suas pernas compridas, mas elas eram as únicas que ele possuía. E mesmo elas eram de seu mestre. Aden não tinha nada. Ele não era nada. Ele era uma coisa, uma possessão, facilmente descartado e de muito pouco valor.

— Aden!

Ele ouviu o grito de seu mestre e correu de seu quarto, secando suas mãos em suas calças enquanto ele ia.

Caindo de joelhos na porta aberta para a sala matinal de seu mestre, ele se inclinou quase pela metade, o rosto para o chão, e gritou, — Como esse inútil pode ter servir, mestre?

A risada de seu mestre saudou sua pergunta. — Eu não te contei? — Hafiz gargalhou. — Perfeitamente obediente.

— É o que você diz, — a voz rouca de uma mulher respondeu.

Aden não se mexeu de sua posição prostrada, mas ele estava intrigado. Seu mestre não entretinha muitas mulheres. Garotos eram bem mais o seu estilo, e apenas os menores e mais fracos. Era uma coisa que Aden era agradecido, que o seu sangue escocês havia o deixado muito grande para saciar o gosto sexual perverso de Hafiz. Mesmo com cinco anos, quando Hafiz o comprou de seu pai, Aden tinha sido muito forte, sua atitude muito arrogante. A arrogância tinha sido espancada para fora dele rapidamente, mas seu tamanho e força estavam ali para ficar.

— Entre aqui, verme, — a voz de ódio de Hafiz chamou.

Aden se ergueu do chão, e, mantendo sua cabeça inclinada, olhos para baixo, ele caminhou até a câmara de audiência de seu mestre, onde ele prontamente se prostrou mais uma vez.

— Mestre.

Ele sentiu a ponta afiada do bastão de Hafiz se afundar em seu ombro e ficou tenso, mas então a mulher interveio.

— Não, — ela disse bruscamente, e surpreendentemente, Hafiz parou de cutucar. — Fique de pé, garoto, — ela exigiu. — Deixe-me te ver.

Aden congelou incerto. A mulher havia dado a ele uma ordem, mas Hafiz não. Se ele ficasse de pé sem a permissão de seu mestre, ele seria espancado. Mas se ele ignorasse o comando da convidada de seu mestre, ele seria espancado também. Embora, talvez, não tão severamente. Então ele se manteve prostrado.

— Obedeça, imbecil.

Aden abafou um suspiro de alívio, saltando de pé com a ordem de seu mestre.

— Erga sua cabeça, — a mulher disse. Sua mente lhe disse que as palavras eram um comando, mas seu instinto o sentiu como se fosse um pedido. Ele escolheu não obedecer nem seu cérebro nem seu instinto, porque as palavras não tinham vindo na voz de seu mestre.

Hafiz suspirou profundamente. — Isso está se tornando cansativo. Faça o que ela dizer, verme.

Aden ergueu sua cabeça e tentou não encarar. Ele mal conseguiu não encontrar os olhos da mulher, o que deveria ter lhe valido muito mais do que um espancamento de punição.

— Você está certo. Ele é bem grande para sua idade, — a mulher observou, colocando-se de pé repentinamente e se aproximando de Aden. Ele lutou contra o arrepio que tentava percorrer ao longo de seus nervos com a proximidade dela. Nenhuma mulher havia ficado tão próximo assim dele desde que sua mãe tinha lhe dado adeus. Hafiz não possuía escravas, não tinha esposa, nem amantes. Toda sua equipe era composta de homens.

— Tire suas roupas, — ela disse baixinho, inclinando-se próximo o suficiente que ele sentiu o aroma de flores do perfume dela. Isso o confundiu por um momento, porque o lembrava novamente da última vez que ele tinha visto sua mãe.

— Tire suas roupas, garoto.

O comando duro da Hafiz rompeu sua confusão, e ele se apressou para obedecer. Escravos não tinham almas, mas Aden havia ganhado religião suficiente antes de ser vendido para saber que era imprópria para essa mulher vê-lo nu. Mas isso não o impediu. Modéstia de qualquer tipo era algo que ele havia perdido há muito tempo. Ele afrouxou o cinto de sua calça e a deixou cair no chão enquanto ele puxava o tecido grosseiro que era a sua camiseta por sobre a cabeça. Saindo da calça, ele dobrou as duas peças ordenadamente e as colocou de lado antes de ficar de pé mais uma vez, com os olhos para baixo.

O riso delicado da mulher apertou sua barriga com medo. Ela achava a sua nudez divertida? Havia algum defeito que o provava inaceitável e iria resultar em uma punição por envergonhar Hafiz?

— Ele certamente é arrumado, — ela disse por cima da risada. — E bem bonito também.

Aden se entregou ao arrepio que percorreu por ele enquanto sua mão suave acariciava sua pele, começando nas suas costas e acariciando suas nádegas, a trilha de seus dedos seguindo seus passos lentos em volta de seu peito. Ele lutou contra a reação instintiva de seu corpo, mas ele era um garoto de doze anos que nunca havia sido tocado por uma mulher dessa maneira. Seu abdômen ficou tenso com um tipo totalmente diferente de medo enquanto seus dedos finos deslizavam até a sua barriga e mais para baixo, finalmente agarrando seu pênis ereto com uma ousadia que o chocou. E o aterrorizou.

— Lindo, — ela comentou. — Embora você tenha marcado ele mais de uma vez, Hafiz.

— Meninos precisam de disciplina, — Hafiz disse casualmente, como se os espancamentos que ele submetia seus escravos fosse para o próprio bem deles e nada para se preocupar.

— Felizmente, — a mulher disse, — as marcas irão sumir com o tratamento adequado. É uma pena que você não aprecia a verdadeira beleza masculina. Ainda assim, a sua perda é o meu ganho. Eu o levarei.

— E o preço? — Hafiz perguntou com sua voz oleosa.

— Eu pagarei o teu preço, — ela disse de forma negligente. — Mas ele vai comigo esta manhã. Eu conheço você e sua disciplina. Eu não vou deixar você marca-lo só por birra. O último garoto que eu comprei de você não conseguiu trabalhar por quase duas semanas.

Aden ouviu essa troca e se perguntou o que isso significava. Claramente, seu mestre havia lhe vendido para essa mulher, e isso era uma coisa boa. Ou assim ele esperava. Aden era ignorante, mas não estúpido. Por mais que ele

desprezasse Hafiz, ele sabia que havia destinos muito piores que poderia ser dele. Parecia improvável, no entanto, que essa mulher possuísse um navio escravo, ou qualquer uma das outras posições detestáveis que ele poderia se encontrar, especialmente levando em conta a sua advertência para Hafiz sobre não o marcar. Ele tomou isso como um bom sinal, mas, na verdade, ele não tinha ideia do que significava.

Com a cabeça ainda abaixada, Aden viu do canto de seu olho enquanto a mulher pegava suas roupas e tocava nelas com desgosto.

— Coloque-as novamente por enquanto. A matrona irá te vestir mais adequadamente mais tarde. — Ela se virou com desdém enquanto ele começou a se vestir. — Nosso negócio está completo, Hafiz. Venha, garoto.

E assim facilmente, toda a existência de Aden havia mudado mais uma vez.

CAPÍTULO SETE

Chicago, IL, dias atuais

SID ACORDOU na manhã seguinte, sentindo-se frustrada e com raiva. Não era para ter sido desse jeito. Dresner havia assegurado a ela que os vampiros eram tarados, sempre procurando uma conquista fácil para conseguir tanto sexo como sangue. Infelizmente, ela agora foi forçada a questionar tudo que Dresner havia contado a ela, porque parecia que a professora esteve trabalhando o tempo todo com o Silas. Dresner havia praticamente admitido ter armado Sid como isca para o Aden, puramente para que ela pudesse ajudar Silas a ganhar controle sobre o território. E agora, porque Sid havia visitado o escritório de Aden uma ou duas vezes... com o encorajamento de Dresner... ela estava na mira desse Silas, um vampiro que ela nunca nem tinha ouvido falar antes de ontem à noite.

Sid nem se importava com quem ganharia o território. A única razão que para ela ter se aproximado de Aden em primeiro lugar foi porque Dresner havia dito que ele era o cara que provavelmente ganharia e, portanto, provavelmente o cara que poderia ajuda-la a cumprir sua cruzada e fechar o antigo negócio de Klemens de tráfico de escravos.

Claro, isso foi antes de ela conhecer realmente o Aden, o idiota arrogante. E agora que ela tinha conhecido, ela realmente não se importava com quem ganhasse. Ou, pelo menos era isso que ela estava dizendo a si mesma ao longo de sua caminhada no escuro ontem à noite, da casa da Dresner até um clube onde ela pegou um táxi. E desde que ela acordou essa manhã também. De alguma forma aquele pedaço de vampiro irritante, chauvinista⁴, arrogante, lindo, poderoso e intensamente masculino tinha afetado-a. Isso não era uma merda? Porque, enquanto ela estava listando as coisas que a frustrava, Aden tinha que

⁴ Que ou aquele que tem patriotismo exagerado e exclusivista. Pessoa machista.

estar bem no topo. Um minuto ele estava seduzindo-a, e no outro, como uma tomada sendo desligada, ele só falava de negócios, querendo que ela saísse do caminho dele, a pequena humana, o grande vampiro lidará com tudo.

— Foda-se isso, — ela murmurou e saiu de seu computador batendo o pé. Ela não estava trabalhando nessa história havia meses? Ela sabia mais sobre o Klemens e seus negócios desprezíveis do que o Aden sabia. Ele nem tinha certeza se havia uma rede de escravos até que ela contou para ele. Ele pareceu chateado quando ele descobriu, no entanto. Ela tinha que reconhecer isso. Claro, em seguida, ele imediatamente havia se tornado eu-Tarzan e expulsou a mocinha para a casa da árvore onde ela ficaria segura. Bem, foda-se duas vezes. Ela esteve trabalhando sozinha nessa história até agora, e ela continuaria fazendo isso. Ela não precisava da permissão do todo poderoso Aden para fazer o seu trabalho.

Verificando seu calendário, ela viu que era o dia onze do mês, e os escravos mantinham uma agenda surpreendentemente rigorosa, para os sanguessugas alimentadores inferiores. O último carregamento de garotas teria chegado na última noite. Elas estariam presas em uma das diversas casas de contenção, aguardando o próximo leilão virtual, que seria no dia treze. O número de mulheres que seriam leiloadas variava. Poderia ser poucas, como cinco ou muitas, até vinte. Dependia dos morcegos e quanta mercadoria eles poderiam acumular. O problema de Sid seria determinar em quais dessas casas as mulheres estariam presas. Se ela conseguisse descobrir isso, ela poderia fazer algum tipo de reconhecimento e talvez juntar provas suficientes para levar até a polícia. Se ela apenas pudesse persuadi-los a conduzir uma incursão enquanto as mulheres ainda estivessem como prisioneiras, eles não teriam escolha a não ser abrir uma investigação maior. Claro, ela havia levado provas à polícia antes, e eles nunca fizeram nada. Ela suspeitava que eles houvessem sido comprados, embora ela nunca tivesse sido capaz de comprovar isso. Mas ela continuava tentando, e talvez desta vez o seu relatório caísse em alguém que não estivesse na lista de pagamentos de um traficante de escravos, alguém que seguiria a sua informação.

E se isso fosse contra as preferências do Aden em manter as autoridades humanas fora do assunto, então, que pena. Se ele tivesse a escutado, não teria chegado nesse ponto.

Sid se acomodou para trabalhar. Porque os traficantes de escravos eram muito organizados em outras coisas, ela estava trabalhando em um sistema para descobrir qual casa eles estavam usando em cada mês. Não era perfeito, mas até agora, ela esteve certa sessenta por cento das vezes. Eventualmente, suas chances aumentariam, mas com sorte, eles seriam fechados antes que isso acontecesse.

Ela calculou o seu melhor palpite e estava juntando suas coisas para uma pequena viagem de campo quando o telefone tocou. Ela quase não atendeu, muito concentrada em seus planos para a tarde para ser interrompida, mas em seguida, ela viu o nome do Will no identificador de chamadas.

— Merda, — ela sussurrou. Já era quarta-feira? Ela brevemente considerou deixar a ligação ir para a caixa de mensagens, mas decidiu que isso era muito covarde, então ela pegou o telefone com um esbaforido, — Oi, Will.

— Oi, querida. Está tudo bem?

— Sim, claro, por quê?

— Você parece sem fôlego.

— Ah, isso. Eu derrubei um arquivo e estava me arrastando em volta da mesa, — ela explicou, horrorizada com a facilidade com a qual a mentira havia deslizado pela sua língua.

— Nós podemos almoçar mais cedo hoje? Eu tenho uma reunião.

Era a desculpa perfeita para cancelar, mas ela não conseguiu fazer isso. Ela não tinha muitos amigos desde que ela se mudou para Chicago. Ou melhor, ela tinha amigos, a maioria da faculdade, mas eles estavam espalhados por todo o globo. Will era um dos poucos que sempre fazia um esforço para permanecer em contato, algo que ela mesma estava sendo lamentavelmente negligente a respeito. Além disso, quem sabe? Talvez eles se casassem um dia.

Sid contemplou esse último pensamento e balançou a cabeça. Não. Ela não conseguia ver a si mesma se acomodando na rotina de sua mãe pelo resto de sua vida. E era assim que a vida com o Will seria. Não uma vida ruim, mas não uma que Sid queria também.

— Você está aí, Sid?

— Sim, desculpa. Meu cérebro viajou um pouco sem mim. Almoço mais cedo está tudo bem. Onde e quando?

— Eu reservei às 11:30 no Naha. Pode ser?

Sid verificou seu relógio no computador. Seria apertado, mas daria tempo. E ela teria tempo suficiente esta tarde para verificar as casas dos escravos.

— Pode ser sim. Te vejo lá.

— Estou ansioso para isso.

Ela desligou, sorrindo para o adeus de Will. Nada de macho alfa emburrado do Will. Ele era um beta completo. Ela já o tinha visto bravo? Ele ficava bravo? Ele deveria, certo? Todo mundo ficava de vez em quando. Ela suspirou e voltou se arrastando para o quarto para trocar de roupa. Calça jeans rasgada e tênis velhos não iriam servir para o Naha.



SID DEU UMA GRANDE mordida no ‘famoso’ hambúrguer de meio quilo do Naha e mordeu com grande prazer. Ela pegou o Will observando-a com um sorriso torto.

— O quê? — ela exigiu.

— Como uma coisinha como você consegue comer do que jeito que você come...

— Primeiro, eu não sou uma coisinha. Eu tenho quase 1.60, como você bem sabe. Segundo, nenhuma mulher quer que diga para ela o quanto ela come.

E quanto ao resto, não tem motivo para você não pedir um hambúrguer se você queria um, então pare de olhar para o meu almoço como um cachorro faminto, e coma o seu maldito alabote⁵.

— Irritadinha. Mas eu comi bife ontem, e eu estou tentando cortar um pouco a carne vermelha, agora que eu estou ficando mais velho.

— Ah, pelo amor de Deus, você vai fazer trinta, não sessenta. Desencane.

— Espere até chegar a tua vez. Falando em aniversários, eu presumo que você está indo para casa nesse final de semana para a festa de aniversário do seu pai?

Sid piscou por um momento. A festa de aniversário do seu pai era... ah, Deus, nesse final de semana?

Ela estava mortificada e sentindo-se mais do que um pouco culpada que ela havia se esquecido.

— Você esqueceu, não foi?

— Claro que não, — ela insistiu, pensando que ela e o Will se conhecem bem até demais. — Está no meu calendário.

— E você esqueceu mesmo assim.

— Eu teria lembrado amanhã. O meu alarme está programado para dois dias antes.

— Você já comprou um presente?

- Já comprei mês passado, Senhor Sabe Tudo, então pronto.

— Quer dirigir para lá comigo? Eu vou ficar nos meus pais até domingo.

Sid pensou sobre o significado dessa última parte. Não ocorreu para nenhum deles em ficar em um hotel juntos, porque não havia paixão. Will ficaria na casa de seus pais, e, se ela ficasse, seria em seu antigo quarto na casa dos seus pais.

⁵ Um tipo de peixe.

Ela achou esse lembrete depressivo.

— Claro, — ela disse ao seu convite. No mínimo, ele seria uma boa companhia para a viagem, e se no final das contas ela não quisesse ficar por lá, ela sempre poderia pegar o trem para voltar.

— Bom negócio. Eu te pego por volta das dez. Isso te dá tempo suficiente para ficar linda antes da festa.

— Humm, — Sid concordou, mas sua mente estava presa na injustiça disso tudo. Aquele vampiro presunçoso, bastardo chauvinista conseguia estremecer as suas estruturas, enquanto um cara ótimo como o Will era relegado para o departamento de amigos. O que isso dizia sobre ela? Nada bom, com certeza.

O celular de Will vibrou discretamente. Ele deu uma olhada nele e fez um sinal para o garçom pedindo a conta.

— Espero que você não se importe, Sid. Mas eu não posso me atrasar para essa reunião.

— Claro que não.

— O seu irmão disse oi por falar nisso.

— Diga oi de volta. — O seu irmão mais velho, Jameson Reid III, era o melhor amigo do Will e um sócio na mesma firma de advocacia. E era por isso que Will via o seu irmão com bem mais frequência do que Sid. Ela herdou sua ética profissional obsessiva naturalmente. Era de família. Dez minutos depois, Will deu nela um beijo fraternal de adeus e entrou em um táxi.

— Você tem certeza que não quer dividir? — ele perguntou, antes de fechar a porta.

Sid balançou a cabeça. — É na direção oposta, e eu não quero que você se atrase. Eu vou pegar o próximo.

— Te vejo sábado de manhã então.

Ela viu o táxi leva-lo para longe, observando o tráfego até que o porteiro a chamou com um educado, — Você gostaria de um táxi, senhorita?

Sid o observou fixamente, considerando. Ela estava com vontade de andar, mas já era tarde, e ela teria que pegar o trem para o seu destino depois. — Sim, por favor. Obrigada.

A corrida de táxi demorou mais do que ela esperava. Ela havia se esquecido como o tráfego da hora do almoço poderia ser e provavelmente ela poderia ter andado mais rápido. Mas era tarde demais para isso. Ela correu para dentro do elevador e depois por um corredor, tirando seus saltos enquanto ela entrava em seu apartamento, tirando o seu suéter preto de caxemira e sua saia social da cor de carvão e os jogou na cama. Ela não se apressou para tirar a maquiagem e colocar o seu cabelo em uma longa trança, mas antes de ela se vestir, ela acrescentou algo que apenas ela usava nesses reconhecimentos noturnos dela, e isso era um coldre de barriga juntamente com um Glock 9mm 26 Gen4 com capacidade para dez balas.

Sid não gostava muito de armas e nunca havia atirado com uma antes de se mudar para Chicago. Mas ela gostava de sua vida, e alguns desses lugares nos quais ela se aventurava em busca dessa história eram desagradáveis na melhor das hipóteses e na pior, totalmente perigosos. Ela nunca realmente havia levado o perigo a sério antes de Janey ser assassinada, mas depois disso, uma das primeiras coisas que ela fez foi comprar uma arma e aprender a usá-la. Ela agora praticava toda semana e gastava umas duzentas balas. Suas primeiras vezes haviam sido ridículas. Ela tinha se encolhido tanto, que ela mal atingiu o alvo. Mas ela havia permanecido, e agora, mesmo que ela nunca fosse a melhor das atiradoras, ela tinha confiança de que ela conseguiria pelo menos se virar para fugir. A menos que seu inimigo fosse um vampiro. Mas nesse caso, ela imaginou que nada poderia salvá-la mesmo.

Ela encaixou o pente, colocando uma bala na câmara em seguida, dando-lhe um total de onze rodadas. Ela travou a arma com uma bofetada dura, tal como ela tinha sido ensinada, depois encaixou no coldre. Uma vez que ela tinha tirado a roupa — um par de jeans rasgados, uma t-

shirt pesada de manga longa e um capuz de lã cinza escuro, juntamente com os tênis pretos que teve mais cedo — a pequena 9mm era indetectável se não fosse revistada.

Além da arma, ela não levava muito nessas incursões de reconhecimento. Um caderno e uma caneta, sua identidade e sua carteira de motorista, e dinheiro o suficiente para um táxi, só para garantir, além de uma pequena garrafa de água e barra energética. Experiência havia lhe ensinado que ela poderia ficar presa em algum lugar por um longo tempo, incapaz de se mexer sem entregar a sua posição. Ela enfiou tudo em uma pequena mochila, em seguida, verificou o horário novamente. Quase duas da tarde. Era mais tarde do que ela gostaria, mas havia bastante tempo ainda.

Ela havia descoberto cedo que suas melhores chances para entrar escondida nas casas de segurança eram durante o dia quando os vampiros estavam dormindo. Eles contratavam guardas humanos, mas os humanos tinham sido instruídos claramente que o trabalho deles era manter as mulheres para dentro ao invés de todo mundo para fora, então eles prestavam muito pouca atenção no que estava acontecendo em volta do perímetro.

Além disso, Sid havia se tornado bastante proficiente em seu misturar ao seu ambiente. Ela poderia colocar um vestido sexy e salto alto para seduzir o Aden, ou ela poderia colocar um jeans rasgado e uns tênis velhos para se tornar apenas outra adolescente caminhando pelo bairro violento. Ela pegou o trem, enfiando sua trança de cabelo ruivo na parte de trás de sua blusa, puxando o capuz, e acrescentando um boné para melhor se esconder antes de desembarcar. Ela já tinha sido incômodo suficiente para os traficantes de escravos que pelo menos alguns dele já a reconheceriam na hora.

A casa para onde ela estava seguindo em Woodlawn não era longe de Jackson Park, e apenas a uma curta distância de Lake Michigan. Ela, na verdade, sabia de pelo menos um carregamento de escravos que havia sido transportado através de barco. Ela não sabia para onde eles tinham ido depois disso, porque ela tinha tido pouca sorte em rastrear qualquer uma das mulheres

cativas além de Chicago. Ela apenas sabia com certeza que suas suposições sobre a rede estendida estavam corretas por causa da experiência pessoal de Janey.

Mantendo sua cabeça abaixada enquanto ela saía do trem, Sid fez seu caminho até a rua que ela precisava. Seu alvo era uma casa dos anos cinquenta, térrea, com uma ampla varanda coberta. Ela havia caminhado ali pela primeira vez sem parar, continuando por duas quadras inteiras, em seguida, cruzou a rua e fez uma segunda passagem do lado oposto da rua. A maioria das casas nessa vizinhança havia sido substituída por grandes prédios de apartamentos, o que tinha sido um pouco de sorte. Ela não poderia ficar ali por muito tempo sem que as pessoas erradas a notassem, mas havia bastante movimento dos inquilinos nos apartamentos em volta que isso oferecia a ela um pouco de cobertura.

Sua caminhada inicial lhe disse que a casa que ela queria estava sendo vigiada por dois caras com aparência de bandidos. Eles não faziam muita coisa, apenas ficavam sentados na varanda, com as cadeiras encostadas para trás, e observando a rua. Isso dizia algo sobre a vizinhança, que ninguém havia prestado atenção neles, mesmo eles estando obviamente armados e nem tentavam esconder. Segurando seu celular e fingindo estar em uma conversa, ela tirou diversas fotos dos guardas, incluindo algumas que mostravam suas armas, apenas para registro. Illinois possuía umas das leis mais severas sobre armas do país, mas isso não significava que ninguém nunca as quebrava. A polícia não ficaria mais interessada nas armas do que os vizinhos, o que significava nem um pouco.

Ela continuou caminhando. Essa era a parte mais difícil, quando suas costas estavam para os guardas. Pareceria muito suspeito se ela continuasse olhando por cima do ombro, mas ela sempre estava esperando o ataque chegar. Ou que uma mão áspera agarrasse seu ombro ou que um tiro zunisse.

Ela chegou ao final da quadra com um suspiro de alívio. Não havia muito tráfego, mas ela olhou para os dois lados, e enquanto ela fez isso, ela viu um terceiro guarda aparecer na parte de trás da casa. Ele caminhava pela calçada de concreto rachada, trocando algumas palavras com os caras que estavam

sentados na varanda, e em seguida, trocou de lugar com um deles, que então desapareceu para a parte traseira.

Um total de três guardas. Isso era possível, especialmente já que Sid não estava planejando em ser uma heroína. Não teria qualquer tipo de invasão, sem entrar de fininho para libertar as prisioneiras, e com certeza não teria nenhum tipo de tiroteio no meio do dia. Mas ela não iria se limitar a ficar do outro lado da rua também. A viagem de hoje tinha a ver com reconhecimento, o que significava que ela tinha que chegar perto o bastante para verificar que realmente as cativas estavam dentro da casa.

Ela tinha cometido esse erro bem no começo, correndo para reportar suas descobertas para a polícia, apenas para que eles encontrassem uma casa vazia e nenhum sinal de que alguém já tinha estado lá. Sid tinha tido certeza que era a casa certa, mas não tinha sido nada a não ser uma distração. Ela mais tarde havia descoberto que esse era o *modus operandi* dos traficantes de escravos. Mas esse incidente era parte da razão pela qual a polícia não dava mais muito crédito aos seus relatórios.

Para a próxima fase do reconhecimento, ela circulou a quadra e cortou por um complexo de apartamentos que estava atrás da pequena casa. Tão tarde assim no dia, a luz do sol mal penetrava o espaço estreito entre os diversos prédios. Com seu capuz cinza escuro, ela tinha bastante cobertura para ficar ali e observar o quintal traseiro dos traficantes de escravos. O terceiro guarda estava ali, sentando em uma cadeira de jardim de alumínio gasto e parecia totalmente entediado. Em um momento, ela tinha quase certeza que os olhos dele tinham se fechado, mas ela não fez movimento até ele se levantar e voltar para o lado esquerdo da casa para fazer a troca de turno com os seus colegas na varanda.

Movendo-se rapidamente, Sid deslizou sobre a cerca de arame antiga e meio capenga na fronteira com a propriedade, e apressou-se por grande parte do quintal sujo e subiu pelo lado direito da casa, que estava coberto por arbustos espinhentos e mal cuidados. Ela permaneceu parada até que o novo guarda estava acomodado na cadeira de jardim, forçando-se a esperar ainda mais, até que houvesse uma boa chance dele ter se tornado complacente e entediado. Em

seguida, se apoiando do lado direito da casa, tentando evitar que suas roupas ficassem presas nos arbustos moribundos de azevinho, ela se moveu de janela em janela. Ela sempre esperava por uma cortina rasgada na janela, ou uma lacuna na cortina, algo que desse a ela um vislumbre do lado de dentro, mas isso raramente acontecia. E hoje, como sempre, a casa estava totalmente fechada.

Ela nunca tinha estado dentro dessa casa, mas os sites imobiliários estavam cheios de informações, se a pessoa soubesse o que procurar. Ela sabia que a casa possuía três quartos, dois do lado onde ela estava agora, e um terceiro no final de um curto corredor. As janelas do outro quarto estavam de frente para o quintal traseiro o que tornava muito perigoso dar uma olhada nele. O guarda da cadeira de jardim estava ausente durante a troca, mas entrar na casa à vista de todos era muito risco para muito pouca recompensa. Sid não tinha dúvida do que eles fariam com ela se ela fosse pega. Estas eram as pessoas que mataram Janey, e embora o nome do seu pai a protegesse dos vampiros no topo, seus guardas bandidos de rua poderiam não verificar suas credenciais antes de matá-la.

Felizmente, ela encontraria o que ela estava procurando em um dos quartos acima dos arbustos. Ela parou embaixo da janela mais próxima da frente da casa. Ela não conseguia ver o que estava dentro, mas pessoas raramente eram silenciosas. Ela ouviu com atenção, mas não havia nada. Nem um arrastar de pé, nem um único gemido ou grito. Suspirando, ela se arrastou por entre os arbustos espinhosos até o segundo quarto e levantou-se apenas o suficiente para ver que essa janela também estava completamente fechada. Era como se eles não quisessem que nem um pouco de luz solar entrasse, como se... ela congelou quando um pensamento horrível lhe ocorreu. E se não houvesse escravos na casa? E se fossem apenas vampiros?

Seus batimentos cardíacos aceleraram e se transformaram em pânico enquanto ela verificava seu relógio. Quase quatro da tarde, e era dezembro. Os dias eram curtos, as noites longas. Ela tinha, na verdade, contado com a escuridão para ajuda-la a escapar depois de seu pequeno reconhecimento de área. Mas se esses vampiros estiveram ali, ela tinha que fazer como os pássaros e sair voando de lá imediatamente.

Sid se obrigou a mover-se com cuidado, ignorando o velho instinto de fuga-ou-luta que estava dizendo-lhe para Correr! Agora! Ela continuou dizendo a si mesma que ela tinha tempo. O por do sol demoraria mais meia hora para acontecer, e se os vampiros fossem um pouquinho como as pessoas, eles não acordariam prontos. Eles não tinham que urinar como todo mundo? Escovar os dentes ou algo assim? Ela revirou os olhos e concentrou-se nas coisas importantes, como se lembrar por quanto tempo ela esteve escondida nos arbustos, e quanto tempo os guardas demorariam a fazer sua última troca. Olhando na direção da frente da casa, ela considerou sair pela parte da frente do quintal. A varanda coberta onde os guardas estavam sentados possuía um corrimão antigo em torno dos lados abertos e mais dos arbustos. Era possível que ela conseguisse passar de fininho por eles e se misturar às sombras do grande edifício de apartamentos ao lado. Isso certamente era uma melhor alternativa do que se arriscar a correr pelo quintal inteiro a plena vista com o guarda sentado bem ali e nada se movendo a não ser ela.

O fraco sol de inverno estava desaparecendo rapidamente, as sombras ficando mais escuras. E quanto mais ela pensava sobre se esgueirar pelo jardim da frente, melhor soava.

Ela tirou o capuz, colocou o boné em sua mochila, em seguida, apertou as alças até que a mochila estava grudada em suas costas. Vestindo o capuz mais uma vez, ela puxou o zíper totalmente e colocou o capuz por cima do cabelo, com sua trança enfiada para dentro. Então ela se abaixou até o chão e se arrastou ao longo da base da casa até ela chegar à beira da varanda. Neste lado da casa havia uma treliça aberta ao longo da base da varanda que a deixava ver a parte inferior da varanda. Estava escuro lá, e cheirava a úmido e podre, não como algo recentemente morto, mas talvez morto há muito tempo e estava se demorando a se decompor completamente. Ela brevemente pensou sobre se esconder ali, mas percebeu o barulho que ela faria ao passar pela treliça e que iria alertar a todos sobre a sua presença. Ela estremeceu de alívio, então congelou quando ouviu os guardas falando.

— Que horas o sol se põe?

— Vai saber. Quando estiver escuro.

— Nós esperamos até que eles saiam? Eu não estou certo se eu quero esperar tanto tempo. E se eles acordarem com fome, cara?

O guarda bufou. — Você prefere que eles te cacem por não fazer o seu trabalho que eles te pagaram para fazer? Você não quer que esses putos venham atrás de você, mano. Além disso, eles gostam mais das mulheres.

— Sim, as mulheres. Acha que eles vão dividir?

— Você faz muitas perguntas. Melhor você se sentar e calar a boca.

Sid ouviu tudo isso com uma mistura de medo e triunfo. Ela estremeceu com a ideia de que alguns dos vampiros antigos de Klemens estavam dormindo a alguns metros de distância. Mas ao mesmo tempo, havia um zumbido de vingança que ela estava certa sobre os escravos estarem presos ali.

Agora, se ela apenas pudesse convencer a polícia a fazer algo antes que os vampiros e seus cativos tivessem ido embora. Ela suspirou em frustração, em seguida, ela teve um pensamento repentino.

Ela havia visto o lampejo de raiva brilhar nos olhos escuros de Aden quando ela contou a ele sobre o tráfico de escravos de Klemens. Ela não tinha imaginado isso. Ele pode não querer que ela se envolva, mas sua reação tinha sido real.

Por um capricho, ela pegou o telefone e digitou uma mensagem rápida para o Aden.

Ele provavelmente a ignoraria, mas, talvez ele se interessasse o bastante para verificar, ou pelo menos, fazer um dos seus rapazes dar uma olhada.

Ela enfiou o telefone de volta em seu bolso e olhou em volta. As sombras haviam se tornado bem mais escura em apenas alguns minutos desde que os guardas começaram a conversar. O apartamento ao lado se erguia em quatro andares sobre a pequena casa, lançando uma longa sombra nesse final de tarde. As luzes da rua haviam se acendido um momento mais cedo, mas elas eram

fracas, e provavelmente não era coincidência que a luz mais próxima da casa dos vampiros estava escura, a lente ostentando um buraco de bala em forma de estrela.

Era agora ou nunca.

Verificando seus equipamentos uma última vez, Sid desligou seu celular e o enfiou bem fundo no seu bolso. Ela respirou fundo, fechou seus olhos, e sussurrou uma oração para quaisquer forças universais que possam estar escutando, em seguida, ela se agachou e começou a correr.

Ela quase conseguiu. Alguns minutos mais cedo, e ela teria desaparecido nas sombras sem ninguém perceber.

Mas aqueles deuses para quem ela havia sussurrado obviamente tinham um senso de humor retorcido, porque logo que ela começou a correr para sua segurança, o terceiro guarda deu a volta pela parte de trás da casa e pegou seu movimento. Ele deu um grito sem palavras, alertando os outros dois guardas, e de repente ela tinha três bandidos armados, vindo atrás dela.

Ela tentou correr de qualquer maneira, mas o guarda mais próximo a sua posição, o falante que tinha feito todas as perguntas, pulou diretamente por cima do parapeito da varanda e caiu a poucos metros de distância dela. Sid foi rápida, mas ele tinha a vantagem do peso e a pegou em três passadas. Ele pegou a parte de trás de seu capuz e torceu, quase tirando seus pés do chão.

— Que você está fazendo, idiota? — ele grunhiu e a puxou contra o seu peito grosso. Seu capuz caiu para trás, revelando seu cabelo trançado, e o guarda resmungou. — Bem, foda-me, nós conseguimos para nós uma garota real e viva, — ele cantarolou e a arrastou chutando e lutando para onde seus colegas esperavam no pé da escada.

— Porra. — Sid reconheceu a voz do guarda, aquele que tinha sido a voz da razão.

— Isso não é bom. De onde ela veio?

— Lateral da casa, lá. Ela não viu nada. — Seu captor a sacudiu, sua grande mão agarrando seu capuz com tanta força que estava pegando o seu pescoço. — Você não viu nada, viu, puta?

— Eu tenho que contar ao chefe... — o razoável começou a dizer.

— Foda-se isso. Ela é nossa.

— Me solte, seu babaca, — Sid sibilou e chutou para trás, acertando-o na canela com força o bastante para ele uivar. Infelizmente, o uivo foi principalmente de raiva. Ele mudou o aperto em seu cabelo, agarrando sua trança como uma corda e puxando suas costas contra o seu peito.

— Você vai se arrepender por isso, cadela.

— O que é isso?

O bandido segurando-a virou-se bruscamente em direção à varanda, empurrando Sid com ele.

O que ela viu lá não a fez sentir-se muito melhor. Um homem estava de pé na entrada da porta aberta.

Ele tinha uma altura comum, magro, com cabelo escuro e... olhos que brilhavam vermelhos quando ele saiu da luz difusa da varanda. Ele era um vampiro, e seu olhar observou os três guardas antes de chegar nela e permanecer lá.

— Quem é essa?

— A peguei se esgueirando pela parte de trás, senhor, — o bandido mais razoável disse. — Nós cuidaremos...

Suas palavras terminaram em um guincho nada masculino de surpresa quando o vampiro apareceu repentinamente de pé na frente deles, sua mão se estendendo para Sid. Ele ergueu o queixo dela em direção à luz escassa e estudou o seu rosto.

— Largue-a, — ele ordenou em voz baixa.

— Ah, ela não é nada, mas...

Sid caiu de joelhos, o aperto de seu captor relaxando repentinamente enquanto o vampiro colocava os dedos longos em volta da garganta do homem e o levantava do chão.

— Isso não foi um pedido, humano, — o vampiro disse. Ele jogou o bandido ofegante por diversos metros até ele cair tossindo e engasgando no chão duro.

Ela olhou para cima enquanto uma mão aparecia na frente de seu rosto. — Venha, — ele disse, e consciente da reação dele a insolência do bandido, ela escolheu o caminho de menor resistência e pegou a mão dele.

Ele puxou-a facilmente de pé. — Jordan pagará vocês, — ele disse aos outros, então a empurrou para a calçada onde um Audi sedã mais antigo estava estacionado.

Uma vez no carro, ele deu ré em direção à rua com um cantar de pneus e então imediatamente pegou seu celular e discou um número.

— Eu tenho algo que pertence ao seu mestre, — ele disse a quem respondeu, em seguida, riu cinicamente. — É vermelho, e estava com ele na festa na outra noite. — Ele assentiu. — Dez minutos.

— Olha, — Sid começou, — Eu não sei para quem você acabou de ligar, mas...

— Poupe-me, — o vampiro disse laconicamente. — Basta ficar sentada aí e calar a boca. E seja grata por isso.

— Grata? — Sid deu-lhe um olhar incrédulo, por todo o bem que ele fez, o que era nada, porque ele nem mesmo olhou para ela, muito menos reconheceu sua presença.

Sid sentou-se em silêncio por alguns quarteirões, em seguida, lançou um olhar de soslaio para o seu companheiro vampiro. Agora que ele estava com ela, ele parecia estar ignorando-a. Aproveitando, ela deslizou seus dedos no bolso e

pegou seu celular. Ela não tinha certeza de para quem ela ligaria exatamente, mas...

— Seja lá o que você estiver fazendo, — o vampiro disse, quase cansado, — não se incomode. Não vai... — Ele olhou para ela e continuou o que ele estava prestes a dizer. — Um celular? Por favor. Para quem você vai ligar? Buffy?

Sid olhou para ele, recusando-se a admitir que ela não tinha planejado ligar para ninguém. Mas, tão logo ela teve o pensamento, o vampiro estava encostando-se à frente de um prédio familiar. Ela inclinou-se para frente para fazer uma careta através do para-brisa enquanto o carro parrava, mas antes que ela pudesse protestar, ela estava virando-se enquanto alguém abria a porta.

— Querida, — Trav disse, sorrindo enquanto ele pegava seu braço e meio que puxava, meio que a erguia para fora do carro. — Você foi uma garota muito má.

Sid tentou dar um tapa na mão dele. — Solte-me.

Ele a segurou enquanto ele se inclinou para trás para falar com outro vampiro. — Obrigado por isso, Elias. Mais alguma coisa?

Elias balançou a cabeça. — Eu tenho que voltar. Diga ao Lorde Aden que eu deverei saber mais essa noite.

— Falarei. Tenha cuidado, — Trav disse, em seguida, endireitou-se e bateu a porta do carro. Ele observou o Audi ir para longe, em seguida, deu um olhar de reprovação a Sid.

— Sid, Sid, — ele repreendeu. — O que você pensa que estava fazendo lá esta noite? — Ele teve cuidado para não machuca-la, mas ele não a soltou também.

— O que eu estava fazendo bem antes de te conhecer, — ela respondeu. — Além disso, — ela admitiu a contragosto, — Eu quis ter ido embora antes do escurecer, mas eu fiquei presa, e de repente era tarde demais.

— Bom planejamento. — Ele começou a caminhar para as portas da frente, levando-a consigo, mas ela bateu os pés. Trav tinha a força para obriga-la, mas não sem fazer cena, e ela contava com ele para não querer esse tipo de atenção.

— Eu não quero entrar aí, — ela insistiu.

— Querida, você enfiou o nariz onde não devia, e agora...

— O que quer dizer com não devia? Eu passei meses fazendo exatamente o que eu estava fazendo essa noite. Essa é minha investigação, não sua. E... Espere um minuto. Você já sabia sobre os escravos, não é?

Nesse momento ela percebeu o quanto ela tinha sido burra. Por que ela pensou que o Aden seria diferente do que o Klemens? Por que ela presumiu que ele estaria disposto em largar o negócio muito lucrativo de Klemens, independentemente se eles fossem imorais? Ou até mesmo legais?

— Solte-me, ou eu vou gritar, — ela começou baixinho.

Travis soltou o braço dela, mas não antes de dar-lhe um olhar verdadeiramente ofendido. — Jesus, Sid. Você realmente acha que nós temos algo a ver com a merda desta noite? Que eu teria?

— Eu não sei. Eu não conheço realmente nenhum de vocês, não é? Mas me diga, Trav, por que mais aquele vampiro sabia quem eu era, e por que ele me traria aqui? E por que o Aden me corta toda vez que eu quero falar sobre isso?

— Talvez por que não seja da sua maldita conta, — Travis rosnou, em seguida, olhou em volta.

— Nós não vamos discutir isso aqui. Se você quiser conversar, vamos subir.

Sid franziu a testa para ele, infeliz. Ela não queria subir, mas ela queria respostas.

— Tudo bem. Mas apenas o tempo suficiente...

Travis não esperou que ela terminasse, apenas pegou o braço dela novamente e começou a andar, sem dizer nada até que eles estivessem sozinhos no elevador. Ele soltou seu braço e disse, — Você é um pé no saco, Sid, mas Aden insistiu...

— Espera, o Aden está lá em cima? Deixe-me sair daqui. — Ela começou a apertar os botões de todos os andares. Trav pegou a mão dela.

— Pare com isso. Merda! O que há de errado contigo? — Ele a pegou novamente, colocando seu braços em volta dela e a prendendo contra o seu peito.

Sid se irritou, mas parou de lutar, sentindo-se um pouco estúpida quando ela viu a fileira de botões de cada andar iluminados. Felizmente, não era um prédio muito alto. O elevador parou no próximo andar, e um depois desse, as portas se abriram e fecharam sem ninguém entrar ou sair. Trav fez um barulho de nojo, mas Sid lutou contra um sorriso.

Quando eles passaram pelos guardas seguindo para o elevador particular no quinto andar, ela parou de sorrir. Ela estendeu a mão automaticamente até o seu cabelo e viu que sua trança estava começando a se desfazer. Com um olhar culpado para o Travis, ela puxou o elástico da ponta e passou seus dedos pela bagunça, tentando restaurar uma aparência de... bem, atratividade estava fora de questão, mas sanidade serviria.

Travis riu. — Não se preocupe. Você está bonita.

Sid segurou uma resposta, sabendo que o que ela dissesse apenas aumentaria sua diversão.

Achatando seus lábios, ela lembrou-se de que ela não estava usando nada de maquiagem. Ela estava tentando se parecer normal. Infelizmente, ela havia conseguido. Fuçando em sua pequena mochila que ela havia removido de sua blusa, ela encontrou uma amostra de um tubo de gloss labial rosa claro. Não era a sua melhor cor, mas era melhor do que nada. Nem mesmo tentando esconder suas ações de Trav, ela abriu a tampa do gloss e o passou em seus lábios secos. Trav fez um barulho grosseiro de qualquer maneira, mas ela o ignorou, muito ocupada deslizando sua língua sobre seus dentes e lembrando-se quantas horas

havam se passado desde que ela os escovou. Nota para si mesma: acrescentar um kit de emergência à mochila com todas as necessidades básicas. Necessidades básicas sendo definidas como coisas necessárias para ficar com uma boa aparência depois de duas horas à espreita nos arbustos e espionando criminosos.

O elevador apitou, e as portas se abriram na cobertura no sexto andar. Travis começou a pegar o seu braço, mas ela se afastou, sem querer ser arrastada para a grande presença de Aden.

O elevador se abriu para um pequeno hall de entrada, com um piso de mármore e uma linda mesa chippendale contra a parede oposta. Um corredor largo seguia para a direita, delineado apenas pela mudança de piso de mármore para carpete, e a porta para os escritórios era a uns cinco metros abaixo. No final do corredor além dos escritórios estavam um conjunto de portas duplas, vermelho escuro e altamente lacrado. Ela tinha as notado na sua última visita, principalmente porque ela tinha certeza absoluta de que elas não eram um padrão no prédio inteiro. Elas eram muito caras para isso, e, no seu modo de ver, isso dizia algo sobre o homem atrás daquelas portas, que ele não estaria disposto a usar o dinheiro e o esforço em um conjunto de portas que a maioria das pessoas nunca iria ver.

Enquanto ela e Trav se aproximavam da porta da suíte do escritório, Sid começou a se virar, esperando que ele a levasse para o escritório de Aden, como antes. Mas ele tocou seu braço de leve, conduzindo-a ao invés pelo corredor até as portas lacradas vermelhas que ela admirara. Tão próximo, ela conseguia ver que enquanto elas pareciam ser nada mais do que decorativas, elas eram na verdade algum tipo de portas de segurança. Havia um teclado, que Trav acessou, e quando as portas se fecharam atrás deles, foi com um ruído sólido, como o barulho de um grande refrigerador, ou talvez de um cofre de banco.

O que os saudou não era um cofre, no entanto. O corredor continuava, mas todo o resto estava diferente. O carpete era mais profundo, e as paredes eram pintadas com um bege quente arenoso. Não havia luzes fluorescentes fortes. As arandelas alinhavam o corredor, incandescentes e lindas, lançando uma luz

suave que iluminava sem ser espalhafatoso. Portas fechadas alinhavam as paredes, três para cada lado, e bem no final do corredor, uma última porta estava levemente aberta.

Travis a guiou até a porta aberta e pausou, dando aos seus tênis esportivos um olhar significativo. — Sem sapatos, Sid.

Ela o olhou surpresa, mas obedeceu prontamente. Sid era bem viajada para saber que não era incomum encontrar culturas, ou simplesmente preferências pessoais, onde era esperado que a pessoa deixasse os sapatos na porta. Ela se abaixou e desatou seus tênis antes de tirá-los, fazendo uma careta quando ela percebeu que havia perdido centímetros na altura. Nos seus encontros anteriores com Aden, ela havia usado salto alto. Com seus pés descalços, ele se elevaria sobre ela ainda mais do que normalmente ele fazia.

Ela pôs seus sapatos ordenadamente um ao lado do outro em um tapete pequeno e elegante ao lado da porta, o que, obviamente, havia sido colocado ali para esse mesmo propósito. Ela não conseguiu evitar e notar que os delas eram os únicos calçados ali, e que Travis não havia tirado seus sapatos.

Ela deu-lhe um olhar questionador, e ele sorriu. — É só você e o Lorde Aden, querida. Do jeito que você sempre quis.

Sem qualquer aviso, ele bateu de leve na porta. Ninguém respondeu, mas Trav fez um gesto amplo com a mão, indicando que ela deveria entrar. Sid franziu a testa, infeliz, mas, em seguida, deu um suspiro resignado e abriu a porta.

Ela deu dois passos para dentro e pausou, deixando seus olhos se ajustarem à luz fraca.

Não havia luzes no teto, nem arandelas na parede, nem mesmo aqueles elegantes que alinhavam o corredor. Enquanto seus olhos se ajustavam, ela percebeu que essa era provavelmente suíte pessoal de Aden. Ela era decorada com cores ricas, vermelho e dourada, com um toque ocasional de azul brilhante. Uma seda intrincada cobria uma parede inteira, chamando a atenção de Sid como a canção de uma sereia, oferecendo a ela um raro vislumbre de história antiga. Era incrivelmente bem preservada, os fios brilhando com cor, e aqueles

fios dourados eram de verdade. Sua cor era muito quente, muito profunda para ser qualquer outra coisa.

A mãe de Sid era uma tecelã. Suas peças eram bem menores que essa, mas eles colocavam em pequenas galerias e casas ricas por todo o nordeste. Como filha única, Sid havia sido arrastada a cada coleção de artes decorativas em museus por todo o mundo. Sid conhecia tecido e tecelagem. E isso aqui pendurado era tão bom quanto qualquer um que ela tinha visto. Até melhor.

Ela olhou para a magnífica obra de arte, completamente tomada pela cena decadente e sangrenta que ela representava. Senhores orientais... ela não conseguia dizer de que país, apenas que não era no hemisfério ocidental... cavalgavam para a batalha, cascos afiados e mortais de seus cavalos, seus dentes a mostra e olhos afiados, suas espadas pingando sangue. E na outra ponta, um palácio elegante onde senhoras em vestidos de cores impressionantes se reclinavam em um esplendor indulgente enquanto os servos curvavam-se e limpavam.

Sentindo-se suja depois de recentemente se arrastar por arbustos e terra, Sid enfiou suas mãos nos bolsos de seu moletom para resistir tocar na tapeçaria e desejou que ela pudesse aumentar um pouquinho mais a luz para ver melhor.

Ela estava tão absorta que ela não percebeu que mais alguém estava no cômodo até que uma voz profunda e suave falou arrastadamente, — Sidonie.

Ela se virou, decepcionada com sua própria grosseria, irritada que ele havia conseguido assustá-la. Ela olhou feio para ele como se fosse culpa dele.

Aden estava sentado em uma cadeira de espaldar alto do outro lado do cômodo. A cadeira era coberta por um veludo curto, sua cor vinho rica com o ouro em seus segmentos. Uma lâmpada estava logo acima de seu ombro esquerdo, lançando um círculo de luz quente sobre ele, lançando luzes vermelhas em seu cabelo negro e exaltando sua pele cor de oliva, enquanto deixando seus olhos escuros e brilhantes.

Apenas sentado lá, ele tirava seu fôlego. Ela tentou se concentrar em outra coisa, em qualquer coisa que não fosse a maneira que o seu corpo tolo

estava reagindo a simples visão dele, e seu olhar se focou no que ele estava segurando. Uma pilha de papéis estava na mesa à sua direita, e ele estava segurando um documento de várias páginas, o topo das páginas marcadas como se ela tivesse pegado ele no meio da leitura.

Aden fez um barulho como uma risada curta, e os olhos de Sid subiram para encontrar o seu olhar preguiçoso. Ele fez uma varredura rápida dos pés a cabeça antes de encontrar o seu olhar com um pequeno sorriso de divertimento. Ele apontou com uma mão para o sofá corresponde ao lado oposto de sua cadeira, e seu sorriso apenas ficou mais largo quando ela teimosamente permaneceu de pé.

— Sidonie, — ele repetiu, sua voz fluindo sobre a sua pele como a seda mais fina. — Eu nunca pensei que atividade criminosa era coisa sua.

— Muito engraçado, — ela disse, sentindo-se corar até as raízes do seu cabelo bagunçado. — Mas, já que nós estamos falando de criminosos, eu não teria pensado que escravidão fosse coisa sua.

Algo mudou em seus olhos. Cada pinga de humor foi embora em um instante, substituído por algo muito mais frio e raivoso. Ele derrubou os papéis na mesa e ficou de pé, elevando-se sobre ela bem do jeito que ela imaginou que ele faria apesar do fato de que seus pés também estavam descalços.

Ele estendeu a mão e torceu uma mecha de seu cabelo em torno de um longo dedo e, em seguida, inclinou-se, como se fosse compartilhar um segredo.

— Você não me conhece, Sidonie Reid, — ele ronronou. — Então eu te perdorei dessa vez. Mas nunca mais me acuse de tolerar escravidão. Eu não perdorei uma segunda vez. — Ele puxou o cabelo dela até que a mecha deslizou pelos seus dedos, e começou a se virar. Mas, em seguida, ele parou. Como se tivesse pensado melhor... embora ela duvidasse que Aden fizesse qualquer coisa sem pensar primeiro... ele disse, — E para sua informação, eu não preciso de você ou qualquer outra pessoa para me dizer o que está acontecendo em minha cidade.

— Sua cidade? — ela conseguiu dizer.

Os lábios de Aden se curvaram em um sorriso torto. — Minha cidade. Meu território. É apenas questão de tempo. E não muito mais que isso.

Sid pensou consigo mesma que a arrogância dele não tinha limites, mas ela guardou isso para si, dizendo ao invés, — Então, aquele vampiro Elias, aquele que me trouxe aqui, ele é um dos seus?

Adeu a observou com ceticismo, claramente decidindo se responderia ou não à pergunta dela.

— Elias pertencia a Klemens, — ele disse, ainda estudando-a como se estivesse tentando descobrir o ângulo que ela estava trabalhando. — O pessoal do Klemens agora pertence a ninguém, fora a Lucas que é dono da vida deles até que um novo lorde clame o território. Elias sabe quem irá ganhar essa batalha e está sendo útil na esperança de ganhar um favor. Eventualmente, ele será meu.

— Você já sabia sobre os escravos quando eu conversei contigo na outra noite, não é?

— Eu suspeitava, e é por isso que o Elias estava lá essa noite. Felizmente para você.

— Por que você não disse nada? Você sabe o quão importante isso é para mim.

— Eu sei? — ele disse maliciosamente.

Ela de repente sentiu-se tola por ter presumido que ele teria descoberto sobre a Janey, e que ele saberia o que ela esteve fazendo desde a morte de sua amiga e o motivo. — Eu passei os últimos meses tentando...

— Eu sei o que você esteve fazendo.

Ela o olhou com raiva. Por que ele não podia ser sincero com ela? Por que ele sempre estava jogando jogos? — Você é um babaca, você sabia disso?

Aden deu-lhe um sorriso devastador. — Isso pode ser, — ele disse, fechando os dedos de uma mão sobre o quadril dela e a trazendo para mais perto. — Mas você me quer. — Ele olhou por cima da cabeça dela, e ela começou a se

virar, pensando que alguém estava lá, mas, em seguida, ela ouviu a porta se fechar com um leve ruído seco. Ela olhou para cima e encontrou seus olhos, surpresa.

— Mágica, — ele sussurrou contra seu ouvido, sua respiração quente contra sua pele.

— Eu não te quero, — ela insistiu. — Eu apenas...

— Você sabia, — ele começou, depositando uma fileira de beijos suaves ao longo de sua sobrancelha e suas bochechas, — que quando você mente, seu coração bate mais rápido?

O coração de Sid começou a tamborilar contra suas costelas.

— O seu pulso se acelera.

O pulso dela pulsava como se uma pequena criatura estivesse presa dentro de sua artéria.

— A sua respiração fica fraca.

Ela iria desmaiar se ela não conseguisse puxar mais oxigênio logo.

— E você sua. — O olhar de Sid subiu para encontrar o dele. — Apenas um pouquinho, — ele emendou, e sua língua saiu para provar sua pele.

— Ao todo... — Ele beijou cada canto de sua boca, em seguida, tocou seus lábios aos dela. — Isso me diz que você acabou de mentir quando você disse que não me quer.

Sid engoliu com dificuldade. — Ok, — ela disse, ainda lutando para respirar, — você é atraente, talvez incomumente atraente, mas eu não te quero, e isso significa...

Seu braço deslizou em volta da cintura dela, puxando-a rente ao seu corpo duro. E, ah Deus, era tão duro. Em todo lugar. Suas mãos doíam para tocar, para acariciar com seus dedos os cumes de músculo que ela podia sentir pressionando contra o seu estômago, de apertar as almofadas grossas de seus

peitos e ombros onde a camiseta de algodão preta de manga longa que ele estava usando se esticava. Ela mordeu o lábio inferior, seus olhos se fechando por vontade própria enquanto ela imaginava sua mão embaixo do zíper de seu jeans de cós baixo, seus dedos envolvendo o comprimento sólido dele, imaginando o deslizamento de veludo enquanto ela bombeava...

— Algumas mulheres, — ele murmurou, sua voz obscura uma rebarba de som que esfregava ao longo de cada nervo, — querem o que não é bom para elas.

— Eu não...

— Sidonie, — ele grunhiu em aviso.

Ela olhou para ele e encontrou seus olhos quase negros delineados com um azul profundo, a cor mais uma luz do que uma tonalidade. Eles eram tão bonitos, e seu rosto tão lindo, que ela estendeu a mão sem pensar e tocou sua bochecha. Era mais macio do que ela esperava. Áspero onde sua barba já estava crescendo, mas macio acima disso. Ele piscou lentamente, cílios longos e negros descendo para sombrear os olhos.

— Por que eu? — ela sussurrou. — Você poderia ter qualquer mulher na cidade. Por que eu?

Seus olhos se encheram de calor e algo mais... vitória. — Eu gosto de ruivas.

Sidonie começou a se afastar, irritada que sua única atração para ele era algo tão superficial. Ele riu dos esforços dela, segurando-a rapidamente e não a deixando ir.

— Você não gosta disso? — ele perguntou. — Então responda a mesma pergunta. Por que eu?

Sid olhou para ele, surpresa. Essa criatura arrogante, poderosa, confiante... e ele precisava perguntar isso a ela? Ela olhou para o seu rosto perfeito com sua boca sensual e bochechas esculpidas. Seus olhos extraordinários.

— Você é lindo, — ela disse honestamente.

— E você também, — ele sussurrou, e então ele estava beijando-a. Não havia mais o provocante roçar de lábios. Sua boca veio com força, esmagando seus lábios contra os dele. Era apaixonado e sensual, uma demanda e uma reivindicação de uma só vez. Sid se perdeu por um momento na força do beijo. Ela se agarrou a ele, seus dedos apertados no tecido de sua camisa, e ela sentiu... coisas. Emoções e desejos que ela nunca havia experimentado com qualquer outro homem. Coisas que ela havia lido a respeito, mas nunca pensou sentir.

Sua mão escorregou de sua cintura para apalpar a curva de seu traseiro, levantando-a até que a protuberância espessa de sua ereção estivesse acomodada na junção de suas coxas, provocando-a com sua presença tão próxima de onde ela o queria, onde ela precisava dele. Sid gemeu baixinho, esfregando a dor inusitada entre suas pernas contra a tentação do pênis.

Como se o seu gemido tivesse sido o gatilho pelo qual ele estava esperando, Aden a ergueu em seus braços, e, segurando-a com vontade, seus dedos se enredaram em seu cabelo e puxaram sua cabeça para trás para deixar sua boca disponível para o beijo dele, ele caminhou pelo cômodo até a porta fechada que ela não havia notado antes.

Ela sentiu a mágica desta vez... talvez porque ele estava segurando-a tão perto ao seu peito... mas ela sentiu o frisson de energia enquanto ele exercia sua vontade, enquanto a porta se abria ao seu comando. Ele caminhou por ela sem parar, a porta batendo atrás deles, selando-a para dentro com este perigoso vampiro sexy. Sid estremeceu em partes iguais de medo e excitação, seus olhos se arregalando quando Aden olhou para ela com suas presas à mostra pela primeira vez desde que ela o conheceu.

— Você está com medo de mim, Sidonie? — ele perguntou, embora ele não parecesse incomodado com a perspectiva.

Ela assentiu, sem admitir que o que ela sentia não era nada tão simples como medo.

— Excelente, — ele grunhiu. — Agora me conte o resto.

Sid fechou seus olhos, não querendo admitir que ela estava mais excitada do que ela jamais esteve em sua vida. Ele já era arrogante demais só pela metade. Ele não precisava mais de carinho ao seu ego. Mas então ele abaixou a cabeça e a beijou mais uma vez, sua língua explorando cada centímetro de sua boca. Ela não conseguiu segurar um gemido de desejo que começou em algum lugar em sua barriga e saiu pela sua garganta. Ela nunca quis alguém tanto quanto ela o queria.

— Me diga, — ele perguntou, mordiscando o seu lábio inferior com força o suficiente para ela ter certeza que ele havia tirado sangue. — Ou eu te levarei novamente lá fora e direi para o Trav te levar para casa.

Seus olhos se abriram. Ele não faria isso. Mas sua expressão dizia claramente que ele com certeza faria.

Sid envolveu seus dedos em volta do pescoço dele e puxou com força as pontas de seu cabelo, tentando ganhar um pouco de controle. Ele mostrou seus dentes para ela em um rosnado e começou a se virar em direção à porta da sala de estar.

— Eu te quero! — ela disse antes que ela pudesse evitar e sentiu seu corpo inteiro esquentar de vergonha. Pelo menos as partes que já não estavam queimando com luxúria. — eu quero...

Sid não sabia como dizer o que ela queria que ele fizesse com ela, ou não conseguia dizer em voz alta.

— Eu te quero, — ela repetiu.

Aden puxou a cabeça dela para trás, mostrando seu pescoço. Ele abaixou a cabeça, e seus lábios roçaram ao longo da curva de sua mandíbula e mais para baixo, até que ela sentiu o beijo de seus dentes em seu pescoço, sua respiração quente e úmida, sua voz um estrondo de som quando ele disse, — Eu vou te foder.

Sid sentiu-se caindo e então engasgou de surpresa quando ele a colocou na cama que ela não havia nem notado. Ela sentou-se, tentando absorver tudo,

quando Aden arrancou sua camiseta, e ela de repente não conseguia mais olhar para nada. Não havia nada nesse cômodo, nada em sua experiência de vida, que era mais lindo do que o homem magnífico que estava de pé de frente para ela e tirando suas roupas.

Ele jogou a camiseta para o lado, e Sid apenas conseguiu encarar os músculos lisos de seu peito, o poder de seus ombros e braços. Ela viu com alguma surpresa que ele possuía tatuagens idênticas nos dois braços, faixas escuras que circundavam os músculos espessos de seus bíceps. Ele começou a abrir os botões de sua calça, e seu olhar se abaixou, absorvendo o abdômen cortado e a barriga lisa, a linha de pelos sedosos que seguiam para... O sangue deixou seu cérebro quando ele abriu o último botão e enfiou sua calça para baixo de seus quadris estreitos. Sua imaginação não havia feito justiça a ele. Seu pênis era longo, grosso e duro, orgulhosamente se projetando para cima enquanto ele caminhava em direção à cama, seus olhos acessos novamente com aquele brilho azul da cor da lua, suas presas brancas e lustrosas.

Ela tentou se esquivar para trás, mas ele atacou com uma velocidade de serpente, pegando seu tornozelo e puxando-a de volta para mais perto e montando seu corpo ainda totalmente vestido. Ele não se incomodou em tirar o moletom dela; ele simplesmente rasgou-o no meio, quebrando o zíper, em seguida, pegou sua pesada camiseta em suas duas mãos e, com um poderoso flexionar de seus braços, arrancou-o no meio. Ele pausou brevemente então, sua olhar quente assimilando seu sutiã azul de cetim e a curva de seus seios saindo pelo topo. Um pequeno sorriso estranho cruzou seu rosto enquanto ele deslizava um dedo embaixo de uma das alças e puxava-a sobre um ombro, em seguida, empurrou o sutiã para baixo até que seu mamilo estava exposto, corado e duro. Seus olhos se ergueram para encontrar os dela, seu olhar ardente e com as pálpebras baixas pela evidência incontestável de sua excitação. Cílios pesados cobriam seus olhos enquanto ele se inclinava para frente e pegava um mamilo traidor na boca, girando sua língua em uma carícia molhada. O gemido de prazer de Sid se transformou em um suspiro de surpresa quando seus dentes se fecharam sobre um botão inchado, mordendo até que ela conseguiu sentir a ponta afiada de suas presas. Ela olhou para baixo, raspando as unhas pelo

cabelo dele, e o encontrou a observando sobre a curva de seu seio, seu olhar cheio de algo perverso, algo fora de controle que a atrevia a pará-lo.

Sid conseguia apenas gemer, muito oprimida pela sensação para pensar racionalmente. Ela queria agarrá-lo pelo cabelo e arrancá-lo para longe de seus seios, de colocar suas roupas e correr para salvar sua vida. Mas, mais do que isso, ela queria que ele sugasse seu outro seio em seu casulo solitário de cetim azul, queria saber como seria apenas dessa vez fazer amor com um homem, um vampiro, que podia fazê-la sentir tanto prazer com nada mais a não ser sua boca. Seu cérebro não podia começar a conjurar o que o resto dele poderia fazer com ela.

Com um giro final de sua língua, Aden soltou seu seio e sentou-se, estendendo a mão até o zíper de sua calça. Temendo de que ele fosse destruir sua calça, da mesma maneira que ele havia destruído sua camiseta, ela pegou o zíper ela mesma. Mas ele empurrou suas mãos para longe com uma risada maligna, e tomando um cuidado lento e exagerado... tão lento que ela começou a desejar que ele simplesmente arrancasse a calça... ele deslizou o zíper para baixo e tirou seu jeans, expondo sua calcinha de cetim que combinava com seu sutiã.

Aden observou o pequeno triângulo azul antes de prender seus dedos nas faixas estreitas em cada lado e arrebenhá-las como fio. O corpo inteiro de Sid corou quando ele agarrou a peça agora inútil de cetim azul e a jogou por cima do ombro antes de passar suas grandes mãos pela parte inferior de suas coxas e abrindo suas pernas, mostrando seu sexo dolorido para o seu olhar quente. Ela gemeu, desconfortável com esta exposição inusitada, e tentou fechar suas pernas. Aden deu um grunhido de aviso e dobrou seus joelhos em direção ao seu seio, empurrando suas coxas mais longe ainda uma da outra e abrindo-a ainda mais para o seu escrutínio.

Fixando-lhe um olhar ardente, ele mergulhou um dedo grosso entre os lábios inchados de seu sexo e encontrou-o liso com sua excitação. Seus lábios sensuais se curvaram com satisfação enquanto ele deslizava o dedo para cima e para baixo, espalhando sua umidade sobre e ao redor de seu clitóris,

atormetando-a com leves toques que a fizeram se empurrar contra seus dedos, suas mãos agarrando seus braços enquanto ela pedia mais.

E então, como se ele quisesse tortura-la, ele tirou sua mão de uma vez, e enquanto Sid ainda estava tremendo, enquanto seu clitóris ainda estava implorando pelo toque dele, ele trouxe o dedo até sua boca, e, mantendo-a cativa com seu olhar quente, ele provou a sua excitação, chupando seu dedo como se estivesse tentando chegar até a última gota.

Sid fechou os olhos com a visão, sua cabeça debatendo-se de um lado para o outro enquanto ela o xingava em frustração. Ele se moveu para mais perto mais uma vez, e ela sentiu o roçar duro de seu pênis sobre sua umidade. Seus olhos se abriram, suas coxas se fechando ao redor dos seus quadris enquanto ela tentava alcançá-lo, certa de que ele enfiam a foderia. Mas, ao invés disso, sem dizer uma palavra, e sem liberá-la de seu olhar, o bastardo sádico esticou a mão, pegou seu pênis, e começou a bombear lentamente.

Sid gemeu com a visão deste lindo homem, pele dourada esticada sobre músculos elegantes, cabelo escuro emaranhado e bagunçado, seus olhos não mais da cor azul da lua à meia noite, mas o azul escaldante do relâmpago antes de cair. Lá estava ele sentado em suas coxas, acariciando-se, a própria imagem da perfeição masculina.

E ela o queria como ela nunca quis nada ou ninguém antes na sua vida.

— O que você quer, *habibi*? — ele sussurrou, enquanto Sid quase chorou de alívio com a pergunta.

— Você, — ela sussurrou.

A boca sexy do Aden se curvou em um sorriso satisfeito. — Diga.

— Eu quero você.

Ele inclinou sua cabeça curiosamente. — O que você quer que eu faça?

Sid resmungou um protesto sem palavras. Ele sabia o que ela queria, mas ele ainda estava esperando, observando-a com aquele olhar presunçoso em seu

rosto, enquanto seus dedos fortes acariciavam para cima e para baixo o seu eixo, os músculos em seus braços ficando tensos e soltando a tensão...

— Eu quero que você me foda, — ela murmurou, sabendo o que ele queria que ela dissesse, que ele não se contentaria com um eufemismo bonito.

— Hum, — Aden gemeu, olhos fechados, com a cabeça jogada para trás enquanto ele se bombeava.

— Maldição. Foda-me! — ela exigiu em voz alta, preocupada que ele fosse teimoso o bastante para gozar bem na frente dela, só para deixar claro o seu ponto. Mas ela não precisava se preocupar.

Ele chegou nela antes que ela terminasse de falar, pressionando-a contra a cama, seus quadris abrindo suas coxas bem afastadas, e seu pênis mergulhando até as bolas em seu sexo liso. Ele a fodeu com força e rapidamente, sem dar a ela tempo para se acostumar ao seu tamanho, sem um acúmulo lento para a esmagadora emoção de seu grosso eixo preenchendo-a além do que ela pensava ser possível. Ele bombeava para dentro e para fora, forçando os tecidos trêmulos de suas paredes internas a acomodá-lo, tomando-a até o ponto de desconforto antes de puxar para fora e começar tudo de novo. E durante esse tempo, seus olhos estavam presos nos dela, mantendo-se apoiado, seus braços esticados, músculos tensos e lindos enquanto seus quadris bombeavam entre suas coxas.

Sid agarrou seus braços, segurando com toda a sua força, inundada por tamanho desejo, tamanha vontade, que ela sabia ia se afogar em um turbilhão de emoções selvagens se ela não o soltasse. Cada terminação nervosa estava disparando ao mesmo tempo, sua pele tão sensível que ela temia que fosse gozar se ele apenas beijasse o seu ombro, seu braço, qualquer parte dela. Seus seios estavam inchados e doloridos, o tecido macio de seu sutiã era como uma carga elétrica esfregando nela toda, ao invés do cetim sedoso que era.

E Aden apenas continuou fodendo-a, até que ela estava tão molhada que suas coxas estavam lisas e grudentas, até que a fricção de seu pênis macio

entrando e saindo era tão quente que era uma marca, marcando-a como se ela pertencesse a ele e a ninguém mais.

Ela sentiu o orgasmo começar em sua barriga, um espasmo de prazer, uma sensação que causava tremores que se espalhavam em todas as direções, até que ela sentiu em seus dedos da mão e dos pé, seus seios, até mesmo seus mamilos que ansiavam por sentir a boca dele novamente. A onda de prazer passou através dela, crescendo com mais força e mais quente, até ela ficar sem respiração debaixo de seu coração acelerado, até que seu clitóris se transformou em uma protuberância de calor carnal.

— Aden, — ela resfolegou e flexionou os quadris para cima para encontrar suas estocadas, esfregando-se contra ele, desesperada para aliviar a terrível dor de necessidade, de liberar o orgasmo que ele estava negando a ela.

— Sidonie, — ele grunhiu, e ela olhou para cima para ver suas presas pressionando contra a plenitude de seu lábio inferior.

Os olhos de Sid se arregalaram enquanto ela lutava para pensar. Sexo era igual a sangue para um vampiro. Quantas vezes ela tinha sido avisada sobre isso? Sua respiração se tornou entrecortada, seu pulso dançando em contraponto ao seu clitóris. Ela pensou sobre aquelas presas afiadas cortando sua pele e sua veia, o seu sangue correndo pela garganta de Aden, a coluna forte de seu pescoço enquanto ele engolia, sua cabeça jogada para trás, olhos fechados em êxtase. E ela quase gozou só de pensar nisso.

Uma pequena parte de seu cérebro tentou dizer que havia algo de errado com ela. Que Aden estava certo, e ela era uma daquelas mulheres que queriam o que fazia mal para elas. Mas bom ou ruim, ela o queria. E ela o queria... agora. Ela já havia esperado o suficiente.

Sid colocou seus braços em volta de seus ombros poderosos e enfiou seus dedos no músculo.

— Me beija, — ela exigiu.

Aden lhe deu um olhar com os olhos semiabertos, como se ele fosse dizer que a beijaria quando ele estivesse pronto. Mas, em seguida, ele se abaixou lentamente, seu peso esmagando-a contra o colchão, seu calor a envolvendo. Ele beijou a boca dela, seu queixo, e a pele macia na frente de sua orelha. Suas presas deslizavam afiadas, e delicadamente enquanto ele as arrastava por cima do inchaço de sua jugular. Seus lábios se abriram, e ela se preparou para sua mordida, mas, ao invés disso, ele sugou a pele de seu pescoço, sua boca quente e molhada. Sid gemeu baixinho, seus dedos se enroscando no cabelo dele enquanto ela o puxava para mais perto, enquanto o arrepio de sensação erótica crescia. Ela gemeu com a primeira picada de suas presas, gritou enquanto ele cortava sua veia. E, então, a euforia contida na sua mordida a sacudiu como um choque elétrico, escaldante ao longo de cada nervo e fibra, curvando suas costas enquanto seu ventre se contraía e sua vagina se apertava em torno do seu pênis.

As presas dele ainda estavam enterradas em sua veia quando seus músculos internos começaram uma onda feroz ao longo de seu pênis. Aden gemeu, e o som vibrou em seus ossos enquanto ele lutava para continuar bombeando para dentro e para fora do sexo aquecido dela, batendo seu pênis profundamente dentro dela, seus corpos golpeando-se umidamente um contra o outro. Ele ergueu a cabeça para encará-la, o sangue dela pingando de suas presas, o pescoço dele se mexendo enquanto ele engolia. Ele segurou o olhar dela enquanto ele lambia seus lábios, deixando-a observar enquanto ele degustava de cada gota. E, então, ele abaixou a cabeça e a beijou, e ela sentiu o gosto de seu próprio sangue em sua língua enquanto ele começou a estocar com mais força, e mais rapidamente, até que, finalmente, ele afastou a boca da dela, jogou a cabeça para trás, e gozou com um rosnado triunfante de um predador que havia reivindicado sua presa.



ADEN VIROU DE costas, saboreando as últimas gotas do sangue de Sidonie enquanto elas deslizavam por sua garganta. O efeito energizante do que ele havia tirado dela era como um líquido quente em suas veias, aquecendo seus

músculos e provocando um fogo em seus nervos. Ele esticou os braços acima de sua cabeça, saboreando a sensação de queimação. Sidonie tomou isso como um convite e se enroscou ao lado dele, sua cabeça no ombro dele, um braço esguio jogado por cima do peito dele.

Aden franziu a testa e moveu apenas seus olhos para olhar para ela curiosamente. Ele podia ver os cachos no alto de sua cabeça e a faixa pálida de seu braço contra a sua pele muito mais escura. Ele não gostava de ficar abraçado depois do sexo. Mulheres eram uma fonte de sexo e sangue, obtido através de um processo que era agradável para todos.

Por outro lado, ele descobriu, para sua surpresa, que ele queria mais de Sidonie Reid. Essa noite havia sido como um aperitivo antes da refeição, e ele tinha toda a intenção de saborear o prato principal. Provavelmente mais do que uma vez.

Ele deixou cair um braço pesado sobre as costas dela, puxando-a para mais perto e a sentiu relaxar infinitamente. Pela aparência de tranquilidade quando ela se aconchegou ao lado dele, ela tinha estado tensa, esperando para ver o que ele faria. Ela não era uma mulher que fodia casualmente. Que ele tenha conseguido atrair-la tão facilmente era parcialmente atribuído a sua habilidade na arte da sedução, mas essa não a história toda. Ela estava curiosa sobre ele e o que ele representava. Sidonie queria saber como era andar no lado selvagem. Ela tinha sido uma boa garota sua vida inteira, e ele era o fruto proibido.

Aden a abraçou com um sorriso privado. Ele estava mais do que pronto para apresentar a Sidonie os tipos de coisas que eram feitas no escuro da noite. Ele apenas esperava que ela estivesse pronta para quão escuro poderia ficar.

CAPÍTULO OITO

SID abriu os olhos sem se mexer. Ela sabia onde estava, mas não tinha certeza de nada a mais. Ok, isso não era inteiramente verdade. Ela também sabia que tivera o melhor sexo e cometeu o maior erro de sua vida ao mesmo tempo. Ela fodeu um vampiro.

O que era ainda pior, ela fodeu um lorde vampiro e deixou-o tomar seu sangue. Ela gemeu alto, e congelou, esperando que ele não estivesse perto suficiente para ouvi-la. Se bem que, dado a inclinação dele para jogos, ele provavelmente a foderia de novo só pra provar que ela queria isso. O que ela queria, porque, dã, foi o melhor maldito sexo de toda sua vida.

Não que ela tivesse um monte de experiência para comparar. Ela só perdeu sua virgindade na faculdade, e sempre namorou jovens cavalheiros provenientes de boas famílias. O tipo que ela poderia trazer para casa para apresentar aos pais. O tipo que sabia qual garfo usar em todos aqueles eventos de caridade. Eles eram legais, atenciosos, e eles sempre a faziam chegar ao orgasmo durante o sexo.

Aden? Bem, um de três não era mau, certo? Quem ela queria enganar? Ela estava condenada.

Ela se sentou lentamente, se ele não reagiu ao seu gemido, provavelmente não estaria no quarto. Ela olhou ao redor, notando todos os detalhes que passaram despercebidos pois na noite anterior estivera sobrecarregada para notar. A cama era de dossel king-size, ou melhor, enorme com cortinas de seda de damasco da cor de um rubi cabernet. Rica, mas escura. Parecida com o próprio Aden. Lindo e liso por fora, mas com a alma tão negra quanto um carvão. O que a fez imaginar a história dele, da onde ele veio, e o que o fez ser do jeito que ele era. Apenas pensar a respeito a fez se sentir triste e ela se deu uma sacudida mental. Ela não estava aqui para analisar psicologicamente Aden ou para acalmar sua alma torturada. Eles tiveram sexo, ótimo sexo, mas seria um erro romantizar sobre isso. Aden era um amante consumado, mas ela tinha o pressentimento de que seria um namorado exigente.

E por falar em Aden, onde estaria ele? Ela escutou atentamente, mas só ouviu sua própria respiração. Sem chuveiradas, sem vozes. Pensar em chuveirada, a fez perceber que precisava de uma. Houve um barulho de porta se abrindo ao lado oposto por onde ela tinha entrado. Ela de alguma maneira se preocupou.

Lançando-se pra fora da cama, ela reuniu suas roupas — o que sobrou delas. Sua blusa estava praticamente inútil, mas era a única coisa que ela tinha, então ela a pegou junto com suas roupas íntimas, que estavam... droga, arruinadas também. Ela lembrava dele rasgando os lados de sua calcinha, da forma como os músculos dos braços dele tinham se amontoado. . . e, de repente, se pegou ficando molhada ao pensar nisso.

"Gah!" Ela considerou deixar sua calcinha destruída para o grande e mau vampiro catar — afinal, ele foi o único que a destruiu. Talvez ela pudesse ser salva. Reunindo as roupas que ainda tinha, localizou o banheiro e se limpou. O que realmente queria era uma chuveirada, mas não queria estar nua e molhada quando Aden aparecesse. Ela se entreteve com a fantasia dele se despindo e se juntando a ela na água quente. Ela podia sentir o deslizar de sua pele molhada contra a dela, imaginar seus músculos enquanto ele a levantava contra parede...

"Pare com isso!" Ela se repreendeu. Isso não era ela. Não lamentava sobre os homens, e certamente, não entreteria fantasias privadas enquanto estava no banheiro de um estranho.

Quem sabe Aden tenha feito algo com seu cérebro, colocado pensamentos em sua mente que não deveriam estar lá.

Essa era a explicação mais fácil, mas ela não se deixaria fora do gancho assim tão fácil. Ela sabia que Aden a seduzira, e ela queria o que ele ofereceu. Ela não o poderia culpar agora por ter mais do que podia lidar.

Colocou o sutiã, se dando conta um pouco tarde demais que teria que ir sem calcinhas ao usar o jeans. Não seria confortável, mas pelo menos tinha suas calças e meias para vestir.

Franziu o cenho em desânimo ao olhar o zíper quebrado de seu capuz, mas fez o melhor que pode com o que tinha, colocando sua blusa ao contrário e o capuz por cima. E então se olhou no espelho e caiu ainda mais em desânimo.

Sim, ela tinha o maior de todos os chupões, apesar de que, pelo que se lembrava de sua pele e da mordida dele, estava surpresa que não fora pior. Ela sabia que vampiros selavam as feridas com uma lambida após morder alguém. Talvez a mesma química da saliva curasse feridas rapidamente também.

Bom, pelo menos era inverno e ela poderia usar cachecóis sem que ninguém estranhasse.

Uma vez que se vestiu como pode, Sid saiu para a sala de estar com sua linda decoração de seda. Ela procurou pela sua mochila, mas não estava lá. O que não a agradou porque a chave de seu apartamento estava lá, junto com sua identidade, celular e anotações.

Ela se aproximou e abriu a porta para o corredor. Seus sapatos estavam no pequeno tapete onde as deixou, então sentou-se e puxou-os de volta. Sentindo-se mais ou menos preparada, seguiu pelo corredor em direção às portas vermelhas, pensando que iria encontrar Aden em seu escritório. Ou, se não, pelo menos, encontrar sua mochila, para que pudesse ir pra casa.

No entanto, não teve que sair a procura, assim que abriu a porta para o corredor com o elevador, Travis saiu da entrada do escritório.

— Sid, — disse ele alegremente, embora sem qualquer tom de paquera que fora a sua habitual atitude. — Lorde Aden está aqui.

Ela sorriu, sentindo-se um pouco embaraçada. Estava segurando seu capuz com os braços sobre o peito, mas deveria ser óbvio o que tinha acontecido no quarto de Aden.

— Eu só preciso pegar minhas coisas, — disse ela.

— Certo, — Trav disse agradavelmente e repetiu — Lorde Aden está aqui.

Sabendo que ela não ia conseguir nada dele, era óbvio que Aden tinha dado ordens de algum tipo, ela o seguiu de volta para o escritório onde queria ir de qualquer maneira.

Aden estava no telefone quando entrou, mas seus olhos brilhavam quando ele deu a ela um olhar longo e lento da cabeça aos pés, o tipo que dizia *eu sei como você se parece sem aquelas roupas*. Sid piscou, lembrando-se de um Aden nu olhando para ela, seu sexo totalmente exposto, suas coxas espalhadas desenfreadamente, e um arrepio de excitação patinando ao longo de todo o seu

corpo. Seus seios incharam, e um calor doloroso começou a construir entre as pernas.

Aden deu-lhe uma piscadela conhecedora.

Seu rosto ruborizou de vergonha, Sid se ocupou com uma avaliação rápida do escritório, procurando por sua mochila. Se ela a encontrasse, poderia ir embora. Em seguida, pelo menos, ela poderia desfrutar de suas fantasias em privado.

— Continue procurando, — disse Aden. Sid olhou para ele surpresa, percebendo que ele não estava falando com ela, mas com alguém do outro lado da linha. Ele desligou sem dizer adeus, e Sid pensou que era bom saber que ele era rude com todos, não apenas para ela.

— Como está se sentindo? — Ele perguntou, sua voz um estrondo sexy.

— Ótima, — ela disse, ouvindo a si mesma e sabendo que soava demasiado alegre.

— Venha aqui.

— Oh, eu não acho que isso é...

— Vem cá, Sidonie, — ele rosnou, dando-lhe um olhar sombrio debaixo daqueles exuberantes cílios.

Sid sabia que ela deveria manda-lo se foder, ela não curtia toda a coisa *eu Tarzan, você Jane*. Mas isso era seu cérebro falando. Seu corpo estava todo quente e derretido, seus mamilos duros como rochas, sua buceta, que sempre tinha sido tão bem-comportada, estava molhada e com fome, desejando ser preenchida. Seu corpo queria. E seu corpo ganhou.

Ela conseguiu andar devagar, tentando parecer relutante, mas o final foi o mesmo. Ela contornou a mesa para resistir a ele, chegando perto o suficiente para que suas pernas estivessem se tocando.

Aden acariciou sua grande mão até a parte de trás da coxa e deixou-a lá.

— Esteja aqui às sete esta noite, e use um vestido. Eu gosto mais deles.

Sid franziu o cenho. — Você disse que Elias trabalha para você. Você não vai acompanhar a história de escravidão? Se os guardas seguirem o padrão, essas mulheres terão desaparecido até amanhã noite, e nós nunca mais vamos encontra-las.

— Eu vou cuidar disso. Você só vai se machucar.

Sua dispensa cortou a neblina de luxúria ao redor de seus sentidos. — Foda-se, — ela retrucou. — Eu os tenho seguido por meses. Eu sei as rotas, as casas titulares, sei as pessoas envolvidas. Sei muito mais do que você sobre isso.

— Este é um negócio vampiro, Sidonie. Eu não quero você envolvida.

— Já estou envolvida, e não me importo sobre o seu negócio super-secreto de vampiros. Ou me leve com você, ou eu vou segui-lo até lá. Na verdade esquece, vou chegar lá antes de você.

Aden soltou as pernas dela e levantou-se abruptamente, fazendo a coisa de pairar sobre ela que ele fazia tão bem. Ela tinha certeza de que ele iria rosnar pra ela e proibi-la de ir atrás dos traficantes de escravos. Por todo o bem que isso lhe faria.

Mas ele surpreendeu-a, dizendo: — Tudo bem. Você quer ver como o jogo é jogado, pode vir junto. Basta lembrar, habibi, a lei humana não se aplica aqui. Não haverá avisos sobre seus direitos legais, sem se preocupar com os direitos civis. A única lei que importa é minha.

— Eu não sou uma flor delicada pra ter medo de um pouco de sangue, Aden. E eu não dou a mínima para o que acontece com os animais.

Ela não chegou a confiar no sorriso que ele lhe deu, mas ele balançou a cabeça e disse: — Então, esteja aqui uma hora depois do pôr do sol. Você pode usar roupas semelhantes, — acrescentou, olhando para a calça jeans com desdém. — Mas traga um vestido para mais tarde.

— Não sei por que eu preciso trazer-

— Porque eu gosto de saias. Elas são mais acessíveis.

— Mais acessíveis? — ela repetiu, franzindo a testa. — O que isso quer — Oh, — disse ela, de repente entendendo o que ele quis dizer. Uma saia tornaria mais fácil para ele a foder. Parte dela estava indignada com a própria ideia dele dizer algo assim. Mas, então, de repente, uma imagem vívida atravessou seu cérebro, uma foto dele dobrando-a sobre a mesa, sua grande mão empurrando-lhe a saia... Luxúria foi como um soco no peito, e ela estremeceu incontrolavelmente. Claramente, seu cérebro concordava com seu corpo nesse assunto.

A mão de Aden em seu quadril assustou-a de volta à consciência. Seus dedos apertados, ele puxou-a nivelando-a contra seu corpo. — Você deveria dormir hoje, — ele sussurrou. — Porque você não vai dormir muito esta noite.

A boca de Sid ficou seca. — Você quer dizer, porque nós vamos estar explorando a casa segura esta noite?

— É claro, — disse ele, com um sorriso brincando nos lábios. — Você pensou que eu quis dizer algo mais?

A mão dele deslizou até a curva de seu traseiro antes que ele abaixasse a cabeça beijando-a, um emaranhado sensual de língua e lábios, lento e sedutor. Sid suspirou em sua boca, relutante em deixar o beijo final.

— Hoje à noite, habibi,— disse ele contra seus lábios.

E Sid não sabia se era uma promessa ou uma ameaça.

CAPÍTULO NOVE

SID finalmente soube o que significava quando as pessoas diziam que eles eram como agulha e linha. Isso é o que ela sentia, como se cada centímetro de sua pele estivesse sendo espetada por pequenas agulhas... por dentro. Ela sentou com Aden no banco de trás de seu SUV. Bastien estava no banco do passageiro na frente, e Travis dirigia correndo pelas ruas de Chicago, que poderia ser considerada velocidade ilegal e definitivamente imprudente. Esta não era uma estrada aberta. Esta era Chicago. Mesmo à meia-noite em um dia de semana havia tráfego. Mas Travis tinha reflexos dignos da Indy 500, e, aparentemente, sem medo da morte ou desmembramento. Ela só queria poder dizer o mesmo. Hoje à noite ia testar cada centímetro de sua determinação, cada grama de coragem. Ela nunca enfrentou os traficantes de pessoas diretamente antes, sempre escolhia fazer um reconhecimento, coleta de informações. Essa era a coisa mais sensata. Ela era uma jornalista, afinal, não um soldado ou um policial.

Mas esta noite era o show de Aden. Ele e seus vampiros estavam prontos para a luta. Se ela sobrevivesse à viagem para a casa onde os escravos estavam presos, haveria um confronto entre Aden e seus rapazes, e quem estivesse no comando na casa. E ela duvidava que eles se renderiam facilmente.

Ainda mais com a violência iminente. No entanto, ela estava preocupada que os escravos já estivessem sido transferido. Que os vampiros, de alguma forma, soubessem que eles estavam indo e desaparecessem com as mulheres. Mas o homem de Aden que estava lá dentro, Elias, informou que esta noite era a noite.

Apesar de seu medo, e da violência inevitável e de tudo que poderia dar errado, Sid estava pulando de empolgação, ansiosa com a perspectiva de finalmente fazer algo real para deter os traficantes de escravos e vingar a morte de Janey.

E se isso não fosse o suficiente para deixá-la esticada como uma corda de arco, tinha um vampiro sentado ao lado dela. O vampiro que apenas algumas horas atrás estivera com suas bolas enterradas dentro dela. Toda vez que ele se movia, cada vez que falava, ela se lembrava da sensação de fazer amor com ele, murmurando o nome dela enquanto empurrava entre suas coxas. Ela estava quase com vergonha de parecer suspirando de forma sonhadora, imaginando quanto tempo levaria até que fizessem de novo.

— Pensamentos pesados, Sidonie? — A voz noturna de Aden deu calafrios que patinaram sobre sua pele. As palavras eram como mel quente deslizando em seu ouvido passando por sua garganta até a barriga.

Ela balançou a cabeça bruscamente. — Só... que eu trabalhei tanto nisso e agora... tudo pode acabar.

Ele riu e deixou o braço, que estava estendido no banco atrás dela, cair pesadamente sobre seus ombros. Sua mão caiu para o peito dela, onde seus dedos bobos começaram a brincar com seu seio inchado. Sid quis revirar os olhos de sua própria resposta patética a ele, com o coração acelerado, sua pele aquecia com o toque dele. Aden inclinou-se e pressionou os lábios no seu rosto. Ela sentiu o toque molhado de sua língua enquanto saboreava sua pele. Era um lembrete não muito sutil que ele podia sentir suas reações a ele.

Ela nem sequer teve que olhar para saber que ele tinha uma expressão satisfeita no rosto. E ela teria amado dar um tapa para fazê-lo desviar o olhar. Mas, primeiro, ela já sabia que ela não era qualificada para bater em qualquer pessoa, muito menos em um lorde vampiro. Segundo, ele iria pará-la antes que ela sequer chegasse perto. E então ela pagaria ou ele acharia a coisa toda muito divertida. Nenhuma das opções a atraía.

— Qual é o plano? — Ela perguntou, tentando pensar em algo que não fosse sexo.

— O plano é simples. Iremos em dois grupos: um pela frente e outro por trás. Mataremos cada vampiro que estiver lá.

— E as mulheres?

— A van irá transportá-las para um local seguro. — Disse ele, referindo-se ao segundo veículo, atrás deles. Ela se surpreendeu quando eles começaram a sair para ver a planície, uma van de passageiros de tamanho grande em seu mini-comboio. — As lesões das mulheres serão tratadas — continuou Aden — e elas terão a opção de voltar para suas casas, ou se instalar neste país. De qualquer maneira, elas serão bem tratadas.

Sid piscou surpresa. Ela não esperava isso. Na verdade, ela estava preparada para lutar para exigir algo próximo a isso mesmo.

— Você parece surpresa. — Aden falou baixo.

— Não. É só que...

Ele lambeu o rosto dela novamente. Não foi uma lambida delicada. Foi uma lambida de cachorro descarada.

— Está certo. — Ela admitiu, esfregando sua bochecha molhada. — Estou surpresa.

— Eu não tolero escravidão.

— Eu percebi. — E ela realmente percebeu. Foi a segunda vez que ele falou sobre isso. E a fez se perguntar novamente sobre o seu passado. Ela assumiu que ele tivesse nascido rico, simplesmente porque ele era rico. Ela falou isso a ele. Mas e se ele não tivesse sido? De acordo com Dresner, assumindo que a cadela falasse a verdade, os vampiros poderosos eram todos extraordinariamente velhos para os padrões humanos. Não porque a idade significasse poder. Mas porque aqueles que ganharam poder como resultado de sua transição para vampiro venceram todos os desafios enquanto eles aprendiam a usar seu novo poder. Então, Aden poderia ser velho. Velho o suficiente para que ele tivesse nascido em uma época em que a escravidão era comum.

Lembrou-se da parede de seda fantástica em sua sala de estar. Sua mãe saberia na hora de onde e quando era. Mas Sid só podia chutar. Talvez ela conseguisse tirar uma foto para a mãe, na próxima vez que ela estivesse no quarto de Aden. Ela sorriu com tristeza. Poderia muito bem falar o que era: na

próxima vez em que fizessem sexo. E, por favor, deixe que haja uma próxima vez. Seu corpo estava implorando silenciosamente.

— É isso, meu senhor. — Bastien disse do banco da frente. — Casa branca, quarta à direita descendo a rua, com a lâmpada do poste quebrada luz de rua.

Sid foi arrancada de seus pensamentos cheios de luxúria com o anúncio dele. Ela olhou em volta e se viu de novo no mesmo bairro Woodlawn onde esteve rondando... Foi mesmo na noite anterior? Tanta coisa aconteceu, parecia a muito mais tempo.

— Há um prédio de apartamentos na parte de trás. — Ela disse a eles. — Você pode entrar sem se percebido por...

— Não haverá entrada furtiva. — Disse Aden, cortando-a. — Trav, Bastien... — Ele continuou — Nós vamos tomar a frente.

Eles estacionaram duas casas de distância. Sid saiu depois de Aden, ouvindo enquanto ele se reunia com Freddy e Kage, os dois últimos membros de seu círculo íntimo que tinham viajado na van, dizendo-lhes para entrar pela parte de trás. Ela os observou sumir pelas sombras, pensando em sua própria espionagem desajeitada, e desejou que ela pudesse se mover, pelo menos com uma fração da descrição deles. Bastien e Trav já havia iniciado a caminhada. Ela se afastou do caminhão com a intenção de segui-los, mas Aden segurou seu braço, parando-a.

— Sidonie, isso não vai ser civilizado para seus padrões. Você pode querer esperar...

— Eu vou com você. — Ela insistiu teimosamente.

Ele a olhou firme e ela pensou ter visto um lampejo de aprovação em seus olhos escuros, antes que ele assentisse com a cabeça bruscamente e dissesse: — Como você quiser. Mas você vai por último e permanecerá na porta. Eu não quero matá-la por acidente.

Sid fez uma careta, quase certa que ele estava brincando sobre matá-la. Mas ela ficou para trás quando os vampiros subiram as escadas, não querendo arriscar. Seu principal objetivo hoje era estar lá para cuidar das prisioneiras depois.

Bastien chegou à porta primeiro e Sid esperou para ver se eles iriam bater e depois correr para a entrada ou...

Um chute, e a porta voou para dentro.

Ok, bem, isso funcionou também.



ADEN entraria primeiro, mas Bastien entrou na sua frente em direção a porta. Isso ia contra a natureza de Aden, deixar alguém assumir um risco por ele, mas ele foi gradualmente aceitando de acordo com a necessidade. Se ele governaria um território, ele teria de render-se aos requisitos de segurança. Não para seu próprio bem, mas para o bem daqueles cujas vidas ele iria ter em suas mãos.

Uma vez lá dentro, no entanto, todas as barganhas acabavam. Havia meia dúzia de vampiros na sala de estar quando eles entraram pela porta. E mais correndo de outros quartos em resposta ao barulho. Seu informante de dentro falou para esperar dez ou mais lutadores, todos vampiros. Os traficantes de escravos estavam se movimentando seus prisioneiros nesta noite. E isso significava que toda a equipe estaria presente. O que fazia esta noite perfeita. Aden poderia acabar com toda a operação suja de uma só vez.

Seu poder atacou, cortando vampiros como um chicote farpado, saturando o ar e pulverizando as paredes com sangue. Vampiros gritaram e morreram, e a poeira se juntou ao fedor de sangue deixando o quarto miserável. Alguns dos traficantes de escravos pareceram reconhecê-lo ou, pelo menos, reconheceram a natureza brutal de sua capacidade e a força por trás disso. Mas mesmo aqui ele não liberou toda a profundidade de seu poder. Ele não precisava

dele para vermes como estes. E como vermes, eles correram para a parte de trás da casa, pensando em fugir, mas Freddy e Kage vieram rugindo pela porta da cozinha e a luta foi tudo, mas acabou. Os traficantes de escravos foram derrotados com facilidade decepcionante. Isso não era igual as batalhas desafiadoras que Aden lutaria nos próximos dias, incluindo o confronto inevitável com Silas. O encontro de hoje tinha sido um banho de sangue. Nenhum desses vampiros tinham o suco para oferecer-lhe a aparência de um desafio. Eles eram vampiros de final de linha que não estariam vivos se não fosse pela vontade de Lucas de assumir e manter seus corações batendo após a morte de Klemens.

Um traficante correu para o corredor onde os prisioneiros eram mantidos, com a intenção seja de fuga ou o caos. Aden estava do outro lado da sala e em cima do covarde antes que ele percorresse um metro corredor adentro. Agarrando o vampiro pelo pescoço, levantou-o do chão, olhando friamente para o rosto primeiro corado com sangue que começou a ficar roxo com falta de ar.

— Misericórdia, meu senhor. — Ele conseguiu dizer.

Aden mostrou suas presas. — Quer que eu mostre a mesma misericórdia que você teve com essas mulheres? Eu sei de mestres que vão pagar para possuir um vampiro castrado. Aquele cuja vontade foi arrancada, mas que ainda anda e fala. É essa a misericórdia que você quer de mim?

Os olhos do vampiro se arregalaram em choque e medo, e ele se esforçou para balançar a cabeça em negação. — Por favor. — Ele grunhiu.

Aden estudou o vampiro, sem se preocupar em esconder o seu desgosto. — Eu acho que não. — Com uma rápida torção, ele quebrou o pescoço do vampiro e o largou no chão. Em seguida, empunhando seu poder com um controle fino, ele enfiou a mão no peito do vampiro e destruiu seu coração.

— Aden, o que... — A voz de Sidonie parou no meio da frase. Ele podia senti-la atrás dele, mas a explosão de violência em suas veias era tão grande que ele não se atreveu a virar para encará-la.

— Eu disse pra você esperar. — Ele reclamou.

— Eu esperei. — Ela retrucou ou, pelo menos, tentou. Sua arrogância falhou na última palavra, mostrando o medo que ele conseguia sentir fazendo o coração dela pular, o medo que ele cheirou como se fosse o ar mais doce. Isso fez suas presas emergirem. Isso fez o seu pau ficar duro. Ele queria tomá-la ali mesmo. Colocá-la contra a parede e a entrar nela com o sangue e as cinzas de seus inimigos ainda frescos em volta dele.

— Aden? — Perguntou ela, com a voz ainda um pouco insegura.

Era demais. Ele se virou e a agarrou pela cintura, batendo contra a parede e a segurando lá com todo seu comprimento e peso de seu corpo. Seu pênis era uma dura protuberância em sua barriga, e ele viu suas pupilas incendiarem no momento que ela o sentiu.

— Eu disse para esperar. — Ele murmurou, seus lábios contra a orelha direita dela. Colocando sua bunda em uma das mãos, ele a levantou o suficiente para que seu pênis se encachasse perfeitamente onde pertencia.

— É isso que... — Ela engoliu antes de continuar — ...é isso que acontece quando você luta com alguém?

Ele sorriu, deixando-a ver suas longas presas. — Só quando eu os mato, habibi. Só quando eu dreno o sangue deles.

— Oh. — Sua língua saiu nervosamente, e Aden a pegou e cobriu sua boca com a dele, chupando sua língua e fechando os dentes sobre seu lábio macio.

— Senhor, ouço sirenes.

Aden continuou olhando para o rosto corado de Sidonie. — Avise aos outros pra colocar as mulheres nas vans. Eu quero todo mundo fora daqui em cinco minutos.

— Sim, meu Senhor.

— Me deixe ajudar. — Sidonie disse firme enquanto olhava pra ele. — Por favor. Pelo menos me deixe falar com as mulheres e dizer a elas o que vai acontecer depois. Provavelmente elas não falam inglês, mas eu sei espanhol.

Aden analisou em silêncio, em seguida, concordou com a cabeça uma vez, deixando-a deslizar para baixo na parede até que ela ficasse em pé sozinha. — Você tem os mesmos cinco minutos, e depois você virá comigo.

Ficando na ponta dos pés com um pequeno sorriso, ela levantou a boca o beijou. — Obrigada. — Ela sussurrou, então fugiu para o corredor. Ela foi diretamente para o segundo quarto e abriu a porta. Um coro de gritos histéricos a recebeu e ele a ouviu acalmando as mulheres em espanhol, dizendo-lhes que estava tudo bem, que elas estavam seguras. Freddy e Kage passaram correndo e Sidonie as tranquilizou novamente. Abraçou uma menina muito jovem, dizendo-lhe para não ter medo, segurou a mão de outra mulher enquanto repetia que estes homens estavam aqui para ajudar, que eles as levariam para um lugar seguro.

Aden a encarou, sentindo alguma coisa naquele momento que ele não sentia por uma mulher a... Ele lutou para se lembrar quanto tempo tinha. Séculos. Não, desde que sua mãe havia preferido seus luxos a sua vida com seu único filho. Nem mesmo quando ele conheceu sua Senhora Vampira, a mulher que mudou sua vida para sempre.

CAPÍTULO DEZ

Marrocos, 1778

ADEN deitou na cama coberta de travesseiros e observou Lady Na'ima acabar de se vestir. Ele não deveria saber o nome dela, não deveria saber que era casada com o segundo homem mais rico na província. Mas a dona de Aden, Zaahira, era uma mulher inteligente, e este era o seu bordel. Prostíbulos eram uma das poucas empresas que era permitido uma mulher possuir pura e simplesmente, e eles foram autorizados só porque ninguém iria sujar-se com o fornecimento de um serviço como esse. Isso não impediu que esses mesmos homens *usassem* o serviço. Embora se soubessem quantas de suas *esposas* faziam uso dele, se algum deles soubessem que Aden era muito mais do que o guarda-costas que pensavam que fosse, esses cavalheiros poderiam ter estado muito mais motivados a encerrar a operação de Zaahira.

Como era, no entanto, muito lucrativo o conjunto de habilidades de Aden para Zaahira, ela o treinou pessoalmente, a partir do dia em que o comprou de Hafiz. Durante três anos, ela o manteve como seu brinquedo pessoal, ensinando-lhe todas as maneiras de agradar uma mulher. Até o momento que ele completou quinze anos, os clientes do sexo feminino de Zaahira tinham começado a perguntar sobre ele, e sua amante não era nada se não uma empresária. Ela apresentou a ideia a Aden com melosas promessas de dinheiro e presentes, mas eles dois sabiam que se ele se recusasse, ela teria simplesmente o ordenado a foder quem ela queria, e ele não tinha outra opção. Ele era um escravo. Um escravo pessoal de Zaahira, talvez até mesmo o seu favorito, mas ainda assim um escravo. As bandas tatuadas em ambos os braços anunciavam seu status para o mundo, incluindo as senhoras com vestidos caros que apareciam durante as tardes procurando o tipo de atenção que elas nunca iriam receber de seus maridos.

Zaahira sabia a verdadeira identidade de todas as suas cuidadosamente veladas clientes femininas. Ela fazia questão antes que ela permitisse que fossem pra cama de Aden. Não porque ela se importava tanto com Aden, mas porque ela se importava muito sobre o seu negócio. Chantagem é o melhor tipo de seguro para uma mulher como ela ter.

Aden não precisava dos arquivos de Zaahira para saber quem as mulheres eram, ou até mesmo por que elas vinham para sua cama. Metade do seu tempo com ele era gasto reclamando das muitas infidelidades de seus maridos com homens e mulheres.

Zaahira nunca tinha oferecido Aden aos seus clientes do sexo masculino. Era, principalmente, porque ele era muito grande, sua aparência muito masculina, mesmo quando era mais jovem. Clientes que vinham em busca desse entretenimento especial geralmente preferiam rapazes lindos, delicados, que não poderiam lutar. Mas também era verdade que Zaahira viu a apreciação feminina da beleza de Aden - ou assim ela sempre dizia - e não queria vê-lo arruinado pelo tipo de brutalidade desses homens favorecidos.

Além disso, desde o início, ele tinha estado mais do que ocupado o suficiente com suas ricas senhoras.. como a linda Lady Na'ima. De pele macia e olhos de corça, ela tinha casado aos catorze anos, e agora, com quase 19 anos de idade, já tinha sido demitida da cama de seu marido.

Na'ima terminou de se vestir, puxando um pesado véu sobre o rosto antes de virar para ele com um sorriso em seus olhos, a única parte do seu rosto que ele podia ver. Parecia um conceito ridículo, desde que ele tinha estado enterrado entre suas firmes coxas pouco tempo antes, mas se suas damas queriam acreditar que nesta sala à luz de velas estava escuro demais para ele distinguir seus rostos, quem era ele para privá-las disso?

Por sua vez, Aden não fez nenhum esforço para cobrir sua nudez, ou para esconder sua excitação. Lady Na'ima abaixou a cabeça de vergonha, o que só o fez mais duro. Ele amava o poder que tinha sobre suas mulheres, adorava que ele, um humilde escravo, poderia reduzir essas finas senhoras a implorar por seu toque.

Ele deu Lady Na'ima um amplo e convidativo sorriso, e ele quase podia sentir o calor de seu rubor em toda a sala. Ela era a mais jovem de suas clientes, doce e ansiosa, e tão complacente. Rasgando seu olhar para longe de seu corpo, ela puxou o véu ainda mais e abriu a porta lentamente, verificando o corredor antes de correr para fora, deixando a porta aberta.

Aden levou o seu tempo para levantar, sem se importar com a porta aberta. Viver em um bordel fez dele muito casual sobre sua nudez. Ele vestiu um par de calças de linho, amarrando as livremente e deixando cair para baixo em seus quadris. Na'ima era a sua última cliente do dia. As tardes eram quando trabalhava, as noites ficavam quase sempre livres. As prostitutas femininas – o que era o que todos eles eram, o que *ele* era, um escravo e um prostituto – tinham a maioria de seus negócios à noite, quando os cavalheiros tinham terminado com o trabalho e a família. Eles vinham para o bordel procurando entreter-se com as mulheres que não podiam dizer não, especialmente se o seu desejo era o de explorar as práticas mais perversas. Zaahira dava a seus clientes um amplo espaço quando se tratava de tais perversões. Enquanto a prostituta não ficasse muito marcada ou danificada demais para trabalhar, era permitido... por uma taxa adequada, é claro.

Aden mudou de ideia de repente e tirou as calças de linho. Ele precisava sair do bordel por algumas horas, precisava se sentir como um homem em vez de um prostituto. Por lei, ele era obrigado a manter os braços nus, suas bandas de escravos ficando em vista o tempo todo. Mas ele era filho de um homem livre, o neto de dois homens livres. E de vez em quando, ele escolhia viver como um homem livre. Mesmo que apenas por algumas horas.

Ele vestiu sua roupa mais fina, que era muito boa na verdade. No topo de tudo o que pagou Zaahira, suas damas sempre deixavam uma oferta generosa, e esse dinheiro era seu para fazer o que escolhesse. Era o único dinheiro que era seu, já que ele não recebia nenhuma compensação de Zaahira. Ele pertencia a ela; seu trabalho pertencia a ela.

Vestido para a noite, Aden fechou a porta de seu quarto e foi em direção as escadas. Ele estava quase na porta, tinha de fato levantado o pé para dar o

último passo para baixo, quando ouviu um grito. Ele costumava pensar que momentos depois em sua longa vida ele iria contemplar o que poderia ter acontecido se tivesse saído alguns minutos mais cedo. Mas, ele ouviu o grito aterrorizado de uma mulher e soube imediatamente quem era.

Ele girou sobre os calcanhares e correu de volta até as escadas e pelo corredor, passando os rostos assustados de prostitutas e clientes espreitando curiosamente pelas portas entreabertas. No entanto, a porta para a pequena sala no final permanecia fechada. O quarto de Sana. Sana tinha sido vendida a Zaahira como uma criança pequena e praticamente havia crescido no bordel. Ela tinha sido uma menina agradável com todos, mas não havia espaço para sentimento no mundo de Zaahira. Quando a criança tinha se tornado uma mulher, ela se tornou uma comodidade. Treze anos e nem mesmo um mês após seu primeiro sangramento, a virgindade tinha sido um prêmio raro e trouxe um alto preço para Zaahira. Mas Aden sabia que a taxa de Sana se manteve elevada. Ela era muito bonita, pequena, delicada e em construção. Ela apelava para os homens que estavam à procura de alguém mais fraco, alguém para dominar e, por vezes, para destruir.

Aden abriu a porta. Ele encontrou Sana rápido o suficiente. Ela estava enrolada em um canto, chorando e nua, com as costas machucadas e feridas, pequenas gotas de sangue visível nos vergões.

— Você, — uma voz de homem gritou. — Saia daqui. Ela está tomada.

A cabeça de Aden se virou lentamente. Um homem gordo estava do outro lado da cama. Ele estava completamente nu, e em sua mão estava um chicote fino de cauda, manchado de escuro com sangue.

Aden viu o chicote, e com a névoa vermelha do sangue de Sana obscureceu sua visão. Ele saltou sobre a cama e agarrou o homem gordo, torcendo o chicote de sua mão e empurrando-o para o chão. Levantando o chicote, ele o trouxe para baixo com intenção brutal, com a intenção de fazer a este monstro muito pior do que o que ele ousou fazer a Sana. O homem gordo gritou, mas não era o seu grito que parou Aden. Foi a voz de Zaahira, seu

comando transportando cada grama de sua autoridade como a dona do bordel, como seu amante e amigo... como seu proprietário.

— Pare!

Aden conseguiu deter o seu balanço para baixo antes que pousasse no pacote inútil de carne encolhido no chão diante dele. Um chicote fino tocou a coxa rechonchuda do homem, fazendo-o gritar como se tivesse perdido a perna em seu lugar.

— Fora, — Zaahira estalou. Aden encontrou seu olhar com raiva, e por alguns breves segundos, ele não tinha certeza que ia obedecer. Mas então, Sana choramingou e ele correu para buscá-la em vez disso, arrastando o lençol da cama e a cobrindo antes de sair para o corredor, onde todos os olhares curiosos esperavam. Ele a levou para baixo nas escadas para Isabel, uma escrava mais velha que trabalhava como governanta e cozinheira de Zaahira.

E foi ali que Zaahira o encontrou, ajudando Isabel a aplicar um bálsamo nas pobres costas de Sana, segurando a mão da garota contra a dor.

— Aden. — Zaahira falou da porta, como se tivesse medo que ela fosse pegar alguma coisa, se ela viesse muito perto. Ele não deveria ter ficado surpreso, mas ele estava. Ele pensou que se a dona do bordel tivesse sentimentos por alguém, seria por Sana, uma criança criada em sua própria casa. Mas em vez disso, ela olhou para a cena com desgosto, como se calculando quanto dinheiro ela ia perder com o tempo que Sana ia estar se curando.

— Deixe isso, — disse sua amante bruscamente quando ele continuou a ajudar Isabel. — Vem.

Sua raiva era tão grande que ameaçava queimá-lo vivo. Isabel deve ter percebido sua rebelião, porque ela estendeu a mão e a colocou sobre a dele, puxando os olhos para encontrar os dela.

- Vá, — disse ela, seu olhar cheio de advertência. — Eu vou cuidar dela.

Com sua mandíbula apertada, ele deu um breve aceno de cabeça e se levantou, sua altura considerável levando a uma pequena satisfação pelo rápido flash de medo no rosto de Zaahira.

— Meu escritório, — ela ordenou, então, marchou pelo corredor, supondo que ele iria seguir. O que ele fez. A raiva ainda fervia no fundo de seu intestino, mas ele tinha vivido com o fogo particular por tanto tempo, que ele há muito aprendeu a engolir e assumir uma máscara adequada de cumprimento.

Zaahira invadiu seu escritório com um redemoinho de seda e perfume. Tinha havido um tempo que Aden tinha vivido e respirado pelo privilégio de desfrutar aquele cheiro. Um tempo em que agradar Zaahira tinha sido sua única razão para acordar todas as manhãs. Mas qualquer que seja o encanto que ela uma vez tinha realizado por ele, tinha sido perdido no dia em que tinha escolhido alugar seu corpo para os outros por dinheiro. Aden havia estado devastado, assim como ele tinha desprezado a si mesmo como um tolo por acreditar no carinho e na honra de mais uma mulher.

Afinal, se não podia contar com a própria mãe, por que confiar nas boas intenções de uma devassa, não importava o quão lindamente ela se envolvia?

Zaahira serviu-se de uma xícara de chá de hortelã, em seguida, sentou-se e tomou um gole febrilmente, como se ela precisasse do efeito calmante da bebida. Desde que ela o estava ignorando, ele andou a passos largos e caiu na cadeira em sua frente sem ser convidado. Ela lançou-lhe um olhar de raiva, mas não disse nada, simplesmente continuou seu consumo zeloso de chá até que o copo estivesse vazio.

— Você me coloca em uma posição ruim, — ela disse firmemente, colocando o copo vazio em uma mesa próxima. — Rasim Ahmad está exigindo compensação pelo dano que você causou a ele.

— Lesão, — Aden zombou. — Foi um arranhão. Você viu as costas de Sana? Ele deveria-

— Você esquece o seu lugar, escravo, — disse ela. Sua voz era fria, seus olhos duros e inflexíveis, e Aden foi lembrado que esta mulher não era sua amante, não era sua amiga. Ele era uma peça útil de carne para ela, nada mais.

— Considere-se afortunado, — ela continuou. — Ele poderia ter exigido a sua vida, mas eu o convenci que você tinha outro... uso.

Aden congelou. Zaahira nunca ordenou-lhe para atender um homem. Ele honestamente não sabia o que ele faria se ela o ordenasse agora. Sua vida era tão inútil que preferia renunciar a ela do que se permitir a ser usado dessa maneira?

— Rasim Ahmad está esperando por você na sala negra, — Zaahira disse-lhe com um gesto de desprezo.

E Aden esqueceu como respirar.

Chicago, IL, hoje

SIDONIE ficou olhando as luzes traseiras do furgão vermelho desaparecem enquanto ela corria para o limite do Suburban em marcha lenta no meio-fio. Aden já estava no banco de trás, a porta aberta em convite. Ou comando. Pode-se lê-lo de qualquer maneira.

Seus passos abrandaram enquanto ela se aproximava. Em face disso, este momento não parecia muito, mas era um ponto de não retorno para ela. Ela tinha visto o que Aden podia fazer, visto a alegria em seu rosto quando ele matou outros vampiros. Não que ela ficasse triste porque eles estavam mortos. Eram os mais baixo dos baixos, vendendo seres humanos com fins lucrativos.

Mas uma vozinha dentro de sua cabeça ficava dizendo que ela deveria estar horrorizada com a violência que ela tinha testemunhado dentro daquela casa. E ela estava em primeiro lugar. Talvez se os vampiros sendo tão brutalmente massacrados não fossem os mercadores da miséria em que tinham estado, se não tivessem sido responsáveis pelo sequestro e venda de mulheres

humanas e meninas. E quem ia dizer que era só as mulheres que vendiam humanos? Talvez eles jogassem uma vampira ou duas na mistura, vampiras muito fracas para se defender.

Mas quando ela ficou olhando com fascinação horrorizada como Aden e sua equipe aniquilavam sistematicamente os traficantes de escravos que passaram meses tentando fazer alguém prestar atenção, a emoção primordial tinha sido uma das vinganças cumprida. E ele se sentia bem.

Além disso, não teria sido mais do que a violência lá hoje à noite. Aden e seus vampiros tinham tratados as mulheres libertadas com bondade e infinita paciência. Não tinham sido: cinco grandes aterrorizantes guerreiros, eles se importavam com aquelas mulheres assustadas, como se fossem as próprias irmãs e primas. Isso tinha forçado Sid a ver Aden em uma luz diferente. Não como um criminoso violento, mas como um protetor. Um homem poderoso que procurava vingança contra aqueles que escravizavam os outros.

Mesmo tendo esse pensamento, ela sabia que estava mais uma vez romantizando a situação. Afinal, os concorrentes de Aden pelo território provavelmente não eram pessoas más, nem todos eles de qualquer maneira, e ele tinha acabado de felizmente destruí-los, também. Ele era um cara assustador, um macho alfa total que não pediu a aprovação de ninguém para fazer o que ele fez. Ele não era nada além de problemas, e um tipo muito especial de problemas, um vampiro. E ela ia, provavelmente, acabar morta se ela ficasse em torno dele por muito tempo.

Mas isso não impediu seu coração de correr com a lembrança de sua beleza nua, ou com a fome que torceu seu intestino cada vez que ela olhava para ele. Ela disse a si mesma que seria apenas mais uma noite. Que ela estava cansada de ser uma boa menina, e que queria mais uma noite na cama de Aden. Ela o queria fresco da luta sangrenta e vitoriosa. Ela queria mais.

Ela deu um passo para dentro do Suburban sem uma palavra. Os dedos de Aden fecharam brevemente em torno de sua coxa, apoiando-a enquanto ela cruzava a sua frente para sentar atrás do motorista. Seus dedos mergulhados em sua coxa quando ela sentou, deslizando para cima até que ela tinha certeza que

ele podia sentir o calor crescente entre suas pernas. Ela encontrou-se esperando que ele a tocasse, que fosse aliviar um pouco a dor. Mas seus dedos pararam um fio de cabelo de tocar sua fenda, que estava tensa sob o escudo apertado de seus jeans.

Com uma risada suave, Aden se inclinou e beijou sua testa, e ela sentiu o toque molhado de sua língua. O desgraçado estava brincando com ela novamente. Sid endureceu em aborrecimento e teria colocado a curta distância disponível entre eles. Mas Aden rosnou um aviso quando ela começou a se mover, levantando o braço e puxando-a com força contra o seu lado.

— Seja boazinha, Sidonie, — ele murmurou.

Seus lábios se apertaram, mas ela não conseguia segurar a irritação. Um sorriso satisfeito a limpou, deixando nada além da antecipação para trás. Ela queria um macho alfa, e era isso que ela conseguiu. Ela só esperava que sobrevivesse a noite.

CAPÍTULO ONZE

ADEN estava correndo em pura adrenalina. O sangue de seus inimigos estava imerso no campo de batalha, enquanto ele e seu povo saíram ilesos. Não importava que o campo de batalha era uma casa caindo aos pedaços em um bairro de Chicago crivado de crime. Este era o tempo em que vivia; estes eram os inimigos que enfrentava. E derrotava. E isso foi só o começo.

Ele olhou para Sidonie sentada ao lado dele. Ele sentiu o calor entre as coxas dela, o jeito que ela levantou os dedos provavelmente mesmo sem saber o que estava fazendo. Sua boa menina queria ser muito má esta noite, e ele estava indo tornar seu desejo realidade.

Ele estendeu a mão e puxou o elástico do cabelo dela, pegando suas ondas quando caíam sobre sua mão. Agarrando um punhado, ele puxou sua cabeça para trás e tomou sua boca em um beijo duro, com fome. Ela endureceu de surpresa, mas, em seguida, abriu a boca avidamente, sua língua se defrontando com a dele até que ela agarrou em uma das suas presas emergentes. Uma gota de sangue inchou a partir da pequena picada, e Aden chupou, puxando-a ainda mais firmemente contra ele. Ele foi consumido pelo seu sabor, pelo calor de sua boca e a paixão de sua resposta. Ele teria esquecido de si mesmo e transado com ela ali mesmo no banco de trás se não tivessem chegado a seu prédio naquele momento.

Ele segurou a mão dela em frente ao lobby e dentro do elevador, por meio da transferência para o elevador privado, no final do corredor e em sua suíte pessoal. Mas, uma vez que a porta estava fechada e eles estavam sozinhos, ele agarrou a frente de sua jaqueta e a puxou para ele, esmagando sua boca contra seus lábios macios em um fervor de dentes e línguas. Envolvendo um braço ao redor da cintura dela, a girou em torno e apertou-a contra a parede. Rasgando sua calça jeans, ele enfiou os dedos entre suas coxas, encontrando-a quente e molhada, xingando quando as calças apertadas o impediam de ficar com ela.

— Eu lhe disse para vestir uma saia, porra, — ele rosnou.

— Eu não posso usar uma saia para uma luta, — disse ela, ofegante, lutando para colocar as mãos sob a camiseta.

— Foda-se isso. — Ele virou-a em seus braços, atravessou a sala de estar, e empurrou a porta do quarto aberta com um soco de poder.



SID queria rir de alegria quando Aden a deixou cair na cama e tirou a roupa. Não houve striptease sexy, nenhuma casca lenta longe de camadas. Suas roupas estavam no caminho, e ele se livrou delas. Mas se ela achava que isso era um indicador de suas intenções pelo resto da noite, se achava que ele estaria nela tão rapidamente quanto ela esperava... estava enganada.

Ele arrastou fora suas próprias roupas e rondava em cima da cama, com o corpo em um estudo de graça letal, músculos juntando e liberando em uma dança de elegante perfeição. Seu pênis pendurado entre as pernas, duro e grosso, arrastando ao longo de suas coxas e barriga em um rastro de calor de veludo quando ele fazia o seu caminho até o seu corpo, até suas coxas poderosas prendendo os quadris no colchão, seu pênis tão perto de seu anseio, mas muito longe. Ele se inclinou e apertou-lhe os pulsos com uma mão enorme, esticando os braços acima da cabeça e mantendo os lá quando ele a beijou.

Sid tinha pensado que ela estava pronta para isso, pronta para o que Aden faria esta noite. Ela esperava que ele a levasse duro e rápido, instigado pela adrenalina orientada pela batalha, esperava que seus beijos fossem ser uma exigência de rendição. Mas o que ele fez foi muito mais diabólico. Seu beijo era uma sedução sussurrada, uma pitada de coisas futuras que a deixou fraca querendo. Seus lábios acariciavam, sua língua dançava, acariciando seus dentes e gengivas até que cada centímetro de sua boca estava marcado pelo seu toque.

E isso foi só o começo. Ele mudou-se para as bochechas, testa, cada centímetro de sua pele, degustando e beijando o seu caminho até o pescoço,

demorando-se em sua jugular tensa, até que ela estava tremendo de antecipação, dolorida pela doce libertação de sua mordida. Mas em vez de mordê-la, ele levantou a cabeça e sorriu. Pelo menos, ela supôs que se poderia chamar de sorriso. Ele era mau e charmoso, uma advertência e um convite. E antes que Sid conseguisse descobrir o que ele pretendia, ele capturou seus pulsos em algo macio e amarrou-a na cabeceira da cama.

Os olhos dela se arregalaram. Ela virou-se, olhando acima de sua cabeça para ver que o algo macio era um lenço de seda brilhante. Vampiro esperto. Isso devia ter estado lá o tempo todo. Ela puxou o cachecol e percebeu duas coisas: a ligação estava solta o suficiente para que pudesse escapar da ligação se quisesse, mas ela realmente não queria. Abaixou a cabeça e encontrou o olhar quente de Aden, e ela sabia que isso era um teste. Ela poderia fugir, mas estaria deixando para trás muito mais do que a ligação de seda. Ela estaria deixando Aden.

Seus olhos nos dela, fazendo a pergunta silenciosa. O pulso de Sid estava pulsando no tempo do seu coração acelerado. Estava com medo. Do que ele havia planejado, sim, mas também do que isso dizia sobre ela, que nunca esteve tão excitada em sua vida, e que queria ficar. Ela lambeu os lábios nervosamente, e seus olhos correram para sua língua antes de voltar a encontrar o seu com o mesmo olhar desafiador.

Caramba. Com um suspiro, ela se rendeu. Conscientemente relaxou seu corpo, ficou mole por baixo dele, deixando-o sentir sua submissão.

Os olhos de Aden iluminaram tão brilhantemente que ela podia ver a sombra azul sobre seus seios, seus mamilos salientes. Com um grunhido, ele abaixou a boca para seu pescoço mais uma vez, e Sid sentiu um zunido de luxúria que desceu de seus seios para o ventre e mais abaixo. Uma onda de calor úmido a fez gemer em voz alta, e ela lutou contra as coxas presas, precisando abrir as pernas, abrir-se para o pau que estava em sua barriga, provocando-a com a sua presença pesada.

Ela flexionou os quadris na demanda em silêncio, e Aden rosnou um aviso, um farfalhar de som ao longo da pele superaquecida de seu pescoço. As costas contundentes de suas presas deslizaram sob o queixo, e ela arfava

ansiosamente, esperando a dor da sua mordida. Mas ele continuou indo para baixo, provocando-a com beijos em seus ombros, no peito, e finalmente, mordendo-a, fechando os dentes sobre o tendão tenso entre o pescoço e o ombro. Mas foi só os dentes, e não suas presas, e ela gemeu um protesto, com os olhos fechados, a cabeça para trás e para a frente quando ela puxou as ligações de seda, querendo enterrar os dedos em seus cabelos e forçar suas presas de volta para o pescoço dela.

Aden ignorou seus apelos silenciosos enquanto sua boca se fechava sobre um mamilo. Ele chupou e atormentou, sua língua raspando ao redor e ao redor até que seu mamilo estava duro e inchado. E então ele se mudou para o outro seio, vibrando o mamilo abandonado entre o indicador e o polegar, enquanto sua boca chupava e brincava novamente até que ambos os mamilos estavam doloridos e inchados. Sid gemeu, a corrida da sensação de seus seios acrescentando à sua excitação crescente até que ela pensou que viria ali mesmo, só a partir de sua língua.

Ele levou sua boca longe, e ela quase chorou, pensando que ele estava deixando-a na borda novamente. Mas então ela sentiu o raspar de suas presas ao longo do inchado suave de seu peito, e ela prendeu a respiração, esperando a emoção de sua mordida, engolindo o choro de necessidade que queria escapar de sua garganta. Ela olhou para baixo e viu duas linhas de gotículas de sangue seguindo o caminho de seus dentes ao longo da curva de seu seio. E ela viu algo mais. As costas de Aden eram tatuadas, algo grande que fluía de suas costas largas e se estendia até os ombros. Ela levantou a cabeça do travesseiro, esforçando-se para ver o que era, mas Aden ergueu o olhar naquele momento, com os olhos brilhando um azul meia-noite como quando eles se conheceram e segurou seu olhar.

Sid congelou, hipnotizado pela visão erótica de Aden em toda a sua magnificência, coxas encostando em seus quadris, músculos como o ferro em faixas quando ele se mantinha acima dela, seus olhos nunca deixando os dela enquanto sua língua acariciava lentamente seu peito, lambendo as gotas minúsculas e vermelhas de sangue, deixando-a ver como ele saboreava o gosto dela, enquanto rolava a pequena quantidade de sangue sobre sua língua,

puxando cada nuance, cada sabor sutil, como um homem degustando um bom vinho. Seu olhar era cru com desejo, e ela tinha certeza de que ele finalmente ia dar o que ela queria. Ele havia tomado seu sangue, e ele estava descaradamente, gloriosamente pronto, seu pênis escovando contra as coxas quando ele se movia, pele lisa quente sobre o aço tenso do seu eixo.

Mas ele ainda não tinha terminado com sua tortura erótica. O ar frio atingiu seus mamilos, deixando-os a desejar o calor de sua boca, quando ele abandonou seus picos apertados para beijar e lambe o seu caminho para baixo, sua língua provando seu abdômen e barriga, demorando-se no triângulo puro de cachos vermelhos em seu túmulo. Sem levantar a cabeça, ele dobrou os joelhos para cima, em seguida, espalhou suas coxas com dedos fortes, e deslizou seus polegares na fenda entre os lábios inchados, desnudando-a completamente para o seu olhar ardente. Ele estava tão perto de sua buceta que ela podia sentir o calor de sua respiração em sua carne excitada. Ela se encolheu de vergonha, então empurrou em surpresa quando Aden rosnou e deu-lhe um tapa na bunda acentuada de aviso, rapidamente seguido por uma carícia suave de sua grande mão.

Sid piscou em confusão, mas não porque ele a espancou - e o que mais ela poderia chamar o que ele fez? Foi pouco mais de uma picada da palma da mão em sua nádega, apenas o suficiente para picar sua pele clara. Mas o que a confundiu foi o zunido de prazer que sentiu quando ele fez isso. Como se a leve picada da palmada tornara-se imediatamente um choque de prazer requintado, que ela sentiu ao longo de todo o seu corpo, um arrepio de sensação que parecia patinar ao longo de seus nervos até que concentravam diretamente em seu clitóris. Ela gemeu quase sem querer, lutando através de uma névoa de excitação ao descobrir o que aquilo significava.

Mas então Aden colocou a boca em sua buceta, e todo o pensamento racional fugiu, inundado por uma onda de sensação erótica que literalmente roubou sua visão, uma cortina de luz branca de repente enchendo sua visão como se cada sinapse em seu cérebro houvesse disparado ao mesmo tempo.

Ela resistiu contra a boca de Aden, seu orgasmo crescendo, subindo às alturas imparável, como músculos contraídos apertados, a pele tão perfeitamente sensível que cada toque sentia-se como uma carícia diretamente em seu clitóris. A língua de Aden raspava sobre o nó inchado, e ela gritou, com as mãos em punhos ao redor do cachecol que ainda segurava, as coxas em espasmos espremendo os ombros largos de Aden.

E então ele parou.

Sid estava ofegante, desorientada pela mudança abrupta, piscando em descrença. Seu clímax, que vinha crescendo de forma tão doce assim, certamente, recuou e corria, e ela queria gritar. Ela olhou para baixo entre as coxas e encontrou Aden olhando para ela, um sorriso brincando em torno de sua boca sensual enquanto lambia os lábios lentamente, lascivamente, provando sua umidade em sua boca, saboreando-a como fizera com seu sangue apenas momentos antes.

Ela gritou em seguida, um grito mudo de raiva e frustração.

E Aden riu. Ele riu! E então ele baixou a cabeça e mordeu delicadamente a parte interna da coxa antes de cobrir seu corpo com o dele, deslizando-se centímetro por centímetro, deixando-a sentir o deslizamento firme de todos os músculos, os dedos dançando sobre sua pele, massageando seus seios e rolando os mamilos, até que sua boca estava sobre a dela, e ela estava se provando em seus lábios.

Sid gemeu em seu beijo pedindo desesperada pela liberação que tinha sido roubada dela, mas oprimida pela pura sensualidade de seu beijo.

— Por favor, — ela sussurrou. — Por favor, deixe-me—

Ele não a deixou terminar, silenciando-a antes, cobrindo a boca com a sua, engolindo as palavras enquanto suas mãos quentes varriam para baixo em seu corpo, os dedos mergulhando entre as coxas, deslizando sobre seu clitóris, sem nunca tocá-la, ignorando seu impulso ansioso contra sua mão quando ela tentou forçá-lo a dar o que ela precisava. Ele ignorou como todo o resto, e com a intenção de seu próprio tormento diabólico, ele deslizou primeiro um dedo, e

depois dois, na abertura de seu sexo liso, bombeando dentro e fora, transando com ela com os dedos, a adição de um terceiro, quando ela provou estar tão molhada, tão pronta para ele, que estava quase envergonhada com essa prova de sua devassidão.

Mas Aden não pareceu notar, ou não se importava. Talvez fosse o que ele queria o tempo todo, provar-lhe que ela tinha vergonha de seu desejo por ele. Sem aviso, seu polegar roçou seu clitóris inchado, e ela gritou com entusiasmo, suas costas se curvaram até que foi levantada quase fora da cama. Ela arfava seu nome, uma ladainha sem fôlego de oração, esperando que ele quisesse dizer isso desta vez, que tivesse acabado com sua provocação, que sua libertação estava próxima. Seus dedos continuaram a bombear dentro e fora, o polegar circulando pela raiz inchada de nervos, sem nunca tocá-lo.

Ele abaixou sua boca para seu pescoço. Ela sentiu a forte pressão de seus dentes e prendeu a respiração áspera. Seus quadris manobraram entre as coxas, espalhando-a, até que ela podia sentir o comprimento rígido de seu pênis deslizando para trás e para frente entre os lábios inchados de seu sexo, tomando banho em sua umidade. Sid enrolou as pernas em torno de sua volta, prendendo-o ali, querendo finalmente sentir sua ereção grossa mergulhando dentro dela, suas presas cortando sua veia.

Ele beijou seu pescoço, e sua língua raspou sobre sua jugular... mas ele não mordeu, e ele ainda não a comeu.

Lágrimas quentes encheram seus olhos. — Aden, — ela sussurrou.

— O que você quer, habibi? — Ele sussurrou, o comprimento de seu pênis ainda deslizando para cima e para baixo entre as escorregadias dobras de seu sexo.

— Eu quero, — ela suspirou, — Eu preciso de você dentro de mim. Eu preciso vir.

— Você é minha, então? — Ele sussurrou, soltando beijos de degustação em sua testa, bochechas, fechando os dentes no lábio inferior com uma mordida brincalhona que era causava pouco menos de dor.

Sid assentiu. — Sim. Sua, — disse ela, e teria concordado com qualquer coisa naquele momento, e Aden parecia saber disso.

Uma metade de sua boca se curvou em um leve sorriso enquanto ele estendeu a mão e puxou para longe o lenço de seda que prendia seus pulsos. Sid teve tempo para franzir a testa, preocupada se ele iria libertá-la sem jamais trazê-la ao orgasmo... mas então ele estava virando-a, puxando seus quadris para cima até que seus joelhos estavam apoiados sobre a cama, e sua bunda estava no ar.

Agarrando seu cabelo comprido, ele puxou-a para um lado, expondo suas costas enquanto seus dedos fortes cavaram, massageando o pescoço, acariciando ao longo da encosta delicada de sua coluna até chegar a bunda, onde foi pressionado contra sua virilha. Ele ergueu a mão e levou-a para baixo em um tapa forte contra sua nádega. Sidonie gritou, mas, mais uma vez, foi mais prazer do que dor quando a dor de sua mão enviou uma sacudida de prazer carnal diretamente ao seu sensibilizado clitóris, enviou facadas em seu ventre até que todo seu abdômen apertou com desejo. Ela se balançou contra seus quadris, sentindo o calor de veludo de sua ereção contra seu traseiro.

— Você quer isso, habibi? — Ele rosnou, agarrando seus quadris e moendo contra ela.

— Sim, — ela disse, mais uma demanda do que uma resposta.

Aden se inclinou sobre ela por trás e alcançou debaixo dela para acariciar seus seios, deslizando as mãos ao longo de seu torso até a barriga e enterrando os dedos em sua vagina. Sid gemeu sua felicidade, torcendo seus quadris de um lado para o outro e esfregando sua bunda contra ele. Ele bateu na outra nádega, então se inclinou e murmurou, — Eu gosto de um par combinando.

Sid jogou a cabeça para trás, sentindo o mesmo zing da sensação de seu tapa, oprimido por todas as coisas que ela estava sentindo - os dedos em sua vagina, seu comprimento duro na dobra de seu bumbum, o choque inexplicável de prazer sexual que tocava cada nervo de seu corpo quando ele a espancou. Seu polegar deslizou sobre seu clitóris, e ela prendeu a respiração, esperando por ele para roubar seu orgasmo, mais uma vez, esperando até que ela estivesse

implorando pela liberação, e depois a abandonando cruelmente. Mas, então, ele acariciou seu clitóris novamente, e ela não pôde evitar o grito que escapou de seus lábios enquanto ela se balançava contra ele, seu coração batendo, sua respiração áspera dentro e fora de seus pulmões.

— Diga-me o que você quer, Sidonie, — ele rosnou.

— Você, — ela quase chorou. — Eu quero você.

Ela sentiu uma garoa suave de líquido, sentiu o seu toque, uma vez que rolou entre suas nádegas para acariciar seu sexo superaquecido. Ela teve um piscar de olhos para perceber o que ele ia fazer, pensar que ela nunca tinha feito isso antes... e então ele estava beliscando seu clitóris, e ela estava chegando mais duro do que ela já tinha chegado em toda sua vida, e seu pênis estava empurrando na bunda dela, enchendo-a de uma maneira que nunca tinha conhecido, enchendo-a de uma forma tão completa... Ele puxou-a sobre seus joelhos, de costas para o peito, os dedos ainda em sua buceta, seu pau enterrado em sua bunda. Ele segurou seu queixo com a outra mão, virando a boca para o beijo antes de descobrir seu pescoço e abaixar a cabeça, seus lábios apenas escovando a pele abaixo da orelha antes de suas presas cortarem sua veia com uma picada de sensação, sua boca quente enquanto chupava o seu sangue, a euforia em sua mordida iluminando cada nervo de seu corpo com o mais requintado prazer inimaginável.

E foi demais. Sidonie gritou quando cada parte do seu corpo caiu imediatamente em orgasmo, os músculos apertando, nervos disparando em um êxtase que ela nunca tinha conhecido antes. Ela se debatia em seu aperto, seus dedos fortes segurando-a firme enquanto ele tomava seu sangue, seus quadris empurrando seu pau em sua bunda, seus dedos facilitando sua carícia em seu clitóris, como se soubesse que o nó inchado só pudesse levar tanto prazer intenso antes de cruzar para dor. Seu próprio clímax atingido enquanto ele a abraçava, suas presas ainda enterradas em seu pescoço, seu gemido rolando através de seu corpo enquanto ela sentia sua liberação quente enchendo-a, bombeamento profundo dentro dela até que ela estava mole, e a única coisa que a mantinha era Aden.



ADEN SE RETIROU da doce bunda de Sidonie. Ela era tão apertada, como ele sabia que ela seria, como uma luva de veludo quente em torno de seu pênis.

Segurando-a perto, ele aliviou tanto para baixo em cima da cama, embalando seu corpo mole na curva de sua maior força. Seus olhos estavam fechados, e ela parecia meio adormecida quando sorriu e se aconchegou mais perto dele. Aden olhou para ela, uma sensação estrangeira apertando seu coração. Ele cuidou dessa mulher. Ela era forte e apaixonada, inocente de uma forma que estava em desacordo completo com a sua persistência destemida na prossecução dos escravistas que tinham assassinado sua amiga.

E por alguma razão, ela parecia confiar nele.

Ele deixou-a dormir, à deriva em meio cochilo que deixou seus pensamentos seguirem seu próprio caminho. Vampiros não dormiam, não na forma como os seres humanos faziam. Seu sono durante o dia era muito mais profundo e reparador do que o sono humano e inevitável por causa de seu sangue de vampiro. Mas às vezes ele encontrava este meio tipo de sono útil, deixando sua mente vagar sobre problemas e soluções.

Como o que foi deixado para desafiá-lo, e quando eles iriam atacar? Silas era o candidato mais óbvio, a sua única concorrência real no campo. Mas havia outros que não podia ignorar. Oportunidade e sorte de seu oponente poderiam ser tão fatal como a força superior. Ele teria que se reunir com Bastien e com os outros, a primeira coisa a se fazer amanhã à noite. Talvez tivesse chegado a hora de atacar, ao invés de sentar e esperar.

— O que você está pensando? — A voz de Sidonie tinha um sotaque preguiçoso de uma mulher satisfeita, e ele não podia deixar seu próprio sorriso presunçoso.

— Eu não confio nesse sorriso, — ela murmurou, aconchegando-se mais perto.

Ele beijou sua testa. — Eu não estou autorizado a sorrir?

Ela fez um barulho desconsiderado, em seguida, beijou o lado do pescoço, uma liberdade que ele não permitiu a ninguém, mas que de alguma forma permitiu a ela.

— Então o que você estava pensando tão ferozmente? — Ela perguntou, puxando seus pensamentos longe de suas próprias emoções confusas.

Ele deu de ombros. — O desafio. O que aconteceu hoje à noite precisava ser feito, mas isso não muda nada. O desafio continua.

Sidonie acariciou a mão sobre o bíceps, os dedos parando para esfregar a linha de sua banda de escravos.

— O que é isso? — Ela perguntou. — E no outro braço também. É como se você cobrisse as tatuagens originais com algo diferente.

— Porque foi o que fiz.

— O que elas costumavam ser?

— Você é sempre tão tagarela depois de um orgasmo duro?

Ele sentiu o calor de corar antes de responder. — Eu não sei, — disse ela em voz baixa, sem olhar para ele. — Eu nunca gozei assim tão duro antes.

Aden sentiu uma onda de prazer concentrado em suas palavras. Era quase como a sensação conseguir derrotar um inimigo, a alta emocionante de vitória. Mas era uma experiência nova neste contexto. Ele sabia que era um amante hábil; teve centenas de anos para melhorar o que aprendeu sobre o corpo de uma mulher durante o seu tempo no bordel de Zaahira. Mas sempre teve a satisfação de seus amantes concedida. Ele sempre teve, mas isso não importava. Era simplesmente um subproduto de sua necessidade de sexo e sangue.

Mas não com Sidonie. Por alguma razão, ela importava. Ela era sua. Ele não sabia quanto tempo esta nova sensação duraria, mas sabia que mataria qualquer um que chegasse perto dela. Ele piscou, surpreso com a intensidade do pensamento. Huh.

— Elas são bandas de escravos, — ele disse de forma abrupta, sem querer prosseguir a sua linha anterior de pensamento, e certamente não com ela.

Sua testa enrugada. — Bandas de escravos, — repetiu claramente incomodada com o conceito.

— Sim, — disse ele, antes que ela pudesse fazer a pergunta. — Eu era um escravo muito tempo atrás.

Sidonie se levantou para que ela pudesse encontrar seus olhos. — Você nasceu assim? — Ela perguntou, com os olhos cheio de uma compaixão que ele não queria.

— Não, — ele disse simplesmente, observando a reação dela. — Eu fui vendido quando eu tinha cinco anos.

— Vendido. Como pode... por quem?

Ele olhou para ela, tentando decidir se ele respondia a verdade ou não. — Meu pai, — ele disse simplesmente.

— Oh, Aden, — ela respirou e abraçou-o com força, seus seios macios esmagados contra seu peito.

— Foi há muito tempo, habibi, — disse ele, acariciando sua mão pelas costas, sentindo a necessidade de confortá-la, apesar do fato de que era a sua história.

— Mas ainda assim... E a sua mãe? Onde ela estava?

—Você tem um monte de perguntas.

— E você está evitando a resposta, — disse ela, mas depois recuperou o fôlego. — Não importa. Sinto muito. Estou curiosa. É um mau hábito. Vem com o território... repórter investigativo e tudo. Eu vou ficar quieta agora.

Aden continuou a esfregar sua mão preguiçosamente para cima e para baixo na curva elegante de sua coluna vertebral. O que ela pensaria se ele lhe contasse sobre sua mãe? Que ela o tinha dado, porque a prostituta o preferiu

jogar para seu pai sobre cuidar de seu próprio filho. Será que Sidonie odiaria sua mãe por ele? Será que ele queria que ela odiasse?

Parecendo sentir a sua relutância, ou talvez a sua indecisão, ela se arrastou para cima de seu peito e apoiou o queixo nas mãos, para que ela pudesse sorrir em seus olhos. — E sobre a tatuagem em suas costas? — Ela perguntou, mudando de assunto por ele.

Ele deslizou a mão para baixo para tocar seu bunda deliciosa, sorrindo ao vê-la estremecer na expectativa de outra surra, pegando o alívio em seu rosto quando ele apenas esfregou um pouco a nádega com carinho.

— A tatuagem das costas é minha. É uma Phoenix e tudo o que ela representa.

— Por que fazer isso nas suas costas? Isso é importante?

— Eu ofendi um homem rico uma vez, quando eu ainda era um escravo. Aquele homem particularmente gostava de infligir dor a quem não podia revidar. Suas vítimas preferidas eram mulheres muito jovens. Eu objetei... vigorosamente a sua tortura de alguém. Ele exigiu satisfação, e minha patroa me deu a ele como recompensa. Ele não tinha interesse em me foder, ele não poderia sequer ter uma ereção, o que eu tenho certeza que o decepcionou. Mas há outras maneiras de humilhar um homem, e havia sempre o chicote.

— Ele tinha o uso gratuito de mim por três dias e noites. Eu não recebi nenhuma assistência médica e somente pão e água o suficiente para me manter vivo e ser capaz de sentir dor. Minha patroa não iria deixá-lo manchar meu rosto ou genitais, mas minhas costas ficaram tão danificadas que levou semanas para se recuperar. E mesmo assim, as cicatrizes eram tão numerosas e tão espessas que eu estava com dor constante, mesmo depois de ter me curado.

Lágrimas brilhavam em seus olhos, mas ela engoliu seco e disse: — Mas... não existem cicatrizes agora. — Ela tocou os dedos na parte de trás de seu ombro onde ele sabia que a ponta de uma asa poderia ser vista.

— Quando eu me tornei vampiro, as cicatrizes começaram a curar. Levou tempo, mas eventualmente elas desapareceram completamente. Algum tempo depois, eu comecei a tatuagem para fazer um ponto. Meu corpo é meu e de mais ninguém.

— Aquela cadela, — ela murmurou, presumivelmente sobre Zaahira. — Espero que ela tenha morrido velha e feia.

Aden sorriu de saudade da morte de Zaahira. Mas isso era uma história para outra altura. — Eu acredito que Zaahira – que era minha amante-prostituta, eventualmente, lamentou as chicotadas. Não porque ela se preocupava comigo, você entende, mas porque eu era incapaz de transar com suas outras clientes, enquanto eu me recuperava, e mesmo assim... nunca fui o mesmo. Qualquer prazer que eu tinha tomado na sedução de mulheres ricas tinha ido embora. Eu nunca mais esqueci que eu era apenas um escravo, não importa quem eu comia.

Ela franziu a testa em concentração. — Espere. Você disse que você era incapaz de transar com clientes, que meios—

— Isso significa que eu era um escravo sexual, — disse ele asperamente, observando a reação dela. — Uma prostituta, assim como minha mãe. — Ele empurrou as palavras, tentando esconder a raiva que se escorreu, desafiando-a a julgá-lo por seu passado. Mas, é claro, ela não fez. Sidonie não julgava as pessoas sobre as ações dos outros. Ela os salvava.

— É por isso que caçavam os traficantes de escravos, esta noite, por que era importante o suficiente para você que teve tempo de ver o desafio ser feito.

Ele acenou com a cabeça ligeiramente.

Ela passou um dedo macio para baixo por cima do ombro, no braço, e ao longo da linha preta de sua banda de escravos. — Eu não sabia que vampiros podiam ser tatuados. Eu pensei que seus corpos reparavam tudo.

— Isso funciona, desde que nós misturemos o nosso próprio sangue com a tinta. É preciso muita habilidade e paciência consideráveis. Kage é o meu tatuador.

— Kage é aquele com o corte de zumbido, certo? Com todos os piercings?

Ela indicou a sobrancelha esquerda, onde Kage usava uma barra de titânio. Ele também tinha um piercing na língua, embora Sid não tinha nenhuma maneira de saber isso.

Aden assentiu em resposta à sua pergunta. — Kage é o mais novo dos meus vampiros, embora não jovem pelos padrões humanos. Ele tinha sido o go-to guy⁶ por algum tempo para todos os vampiros no território de Lucas que queriam tatuagens, mas ele é meu, então ele vai para onde eu vou. Lucas só vai ter que encontrar o seu próprio artista agora.

— Eu sempre quis uma tatuagem, mas eu nunca tive coragem.

— Eu gosto da sua pele do jeito que está. Deixe-a.

— Diz o cara que cobriu suas costas para provar que era dele.

— Diz o cara que vai espancar esse cu doce se você for contra mim sobre isso, — ele rosnou, colocando a mão em sua nádega.

Ela estremeceu, mas não era medo em seus olhos, ela foi lembrada do prazer, e ele sorriu.

— Não é como se eu estivesse pensando em fazer isso, — ela resmungou.

Aden riu e rolou debaixo dela. — Como é que é lisa sua buceta, Sidonie? — Ele murmurou, esfregando seu pênis endurecido contra sua barriga.

Seus olhos se arregalaram em surpresa, mas então ela enrolou as pernas em torno de seus quadris, apertando seu abraço possessivo. — Você vai me provocar de novo? — Perguntou ela com gravidade simulada.

— Não, — ele disse, pensativo. — Eu só vou te foder até você gritar.



⁶ Alguém que resolve o problema de outra pessoa com facilidade.

SIDONIE se enrolou preguiçosamente no peito de Aden, exausta, esgotada, completamente desbotada. Aden tinha sido fiel à sua palavra... várias vezes. Ela achou interessante que o vírus vampiro, ou o que fosse, deixava um homem capaz de obter ereção uma e outra vez, e ainda era incapaz de realmente produzir descendentes. Foi uma torção evolutiva interessante, mas sua mente estava muito exausta para refletir em demasia naquele momento. Por enquanto, ela simplesmente contava suas bênçãos que ela não só tinha um amante vampiro, mas um que tinha, aparentemente, aprendido a arte de fazer amor com o melhor... mesmo que a cadela houvesse lhe escravizado para fazê-lo. Ela franziu a testa, não gostando dessa parte.

— Por que você está de cara feia? — O peito de Aden retumbou abaixo da orelha, fazendo-a sorrir.

— Eu amo o seu peito, — disse ela, quebrando um enorme bocejo. — É muito ressonante.

— Ressonante, — ele repetiu secamente.

— É grande e profundo e muito forte, oh! maravilhoso.

Apertou-lhe a nádega em advertência.

— Você é inteiramente demasiado obcecado com a minha bunda.

— Eu amo o seu rabo, — disse ele, batendo-o levemente. — É muito ressonante.

Sid riu, sentando-se para olhar para ele com surpresa. — Você fez uma piada.

— Chame a imprensa. Oh, espere. Você é a imprensa.

— Vai ser notícia de primeira página, — disse ela, bocejando novamente e esticando os braços sobre a cabeça e rachando o pescoço de lado a lado. — Que horas são? — Ela perguntou, olhando em torno por um relógio.

— Quase madrugada.

— Que horas são... Oh. Preciso sair daqui?

Ele hesitou, depois assentiu. — O conjunto irá bloquear, assim como a entrada do elevador. Ninguém entra ou sai até anoitecer. E não vou ser exatamente um bom conversador nesse mesmo período.

— Oh, — ela repetiu estupidamente. Ela devia ter pensado nisso. Aden e todos os seus caras estariam dormindo, impotentes, enquanto ela... ela provavelmente poderia fazer o que quisesse. Ela poderia matar todos eles, e eles nunca saberiam. Ela olhou para Aden em alarme súbito. Se ela pudesse chegar a eles, talvez alguém poderia, também. — Você tem segurança? Como guardas ou algo para se certificar de que ninguém foge daqui?

— Nós temos guardas, — garantiu ele, alcançando-a para escovar os cachos emaranhados longe de seu rosto. — E os nossos quartos de dormir são muito seguros. Estamos fazendo isto há um século ou dois.

Ela assentiu com a cabeça, a garganta subitamente muito obstruída com emoção para permitir palavras. Ela foi superada pela imagem brutal de Aden deitado impotente dormindo, seu corpo musculoso estendido nu, um braço sobre o rosto em completo abandono, enquanto um formulário sem rosto, escuro e malévolo, rastejava através das sombras e...

Ela balançou a cabeça para limpar a imagem horrível e sentiu as lágrimas ameaçando. Ela se virou para que Aden não visse e foi atingida por um outro pensamento terrível. Oh, não. Não, não, não. Ela não podia estar caindo por ele. Ela não era tão estúpida, era? Esta era para ser uma aventura bad boy, não um caso quase garantido de quebra de coração.

Ela desceu da cama grande e começou a recolher suas roupas.

— Sidonie?

— Eu vou sair daqui em um minuto, — disse ela, sem olhar para ele. — Não vai demorar muito tempo para me vestir. Posso tomar banho?— Ela guinchou de surpresa quando ele de repente estava ali na frente dela, forçando-a

a olhar para ele. Ele era tão bonito. A evolução tinha começado muito bem, pelo menos. Bela e mortal, a combinação perfeita para um predador.

Aden estava estudando-a com curiosidade. Ele passou o polegar sob seu olho, pegando uma lágrima solitária com uma gentileza que era surpreendente para uma criatura capaz do tipo de violência que ela tinha testemunhado antes.

— Você vai voltar mais tarde, — ele disse a ela. Não havia nem mesmo uma sugestão de pergunta lá. Ou ele estava completamente seguro de si, ou simplesmente mandão. Infelizmente, de qualquer forma ela não tinha força para acabar com isso. Ainda não. Ela queria ficar com o bad boy um pouco mais.

— Eu vou, — ela concordou. — Alguma hora específica?

— A habitual.

Ela olhou para cima, de onde estava sentada amarrando os sapatos e se distraiu por um momento com a vista de um Aden muito nu a partir dessa perspectiva. Levou um momento para lembrar o que ela queria dizer.

— Temos um costume? — Ela conseguiu, então riu de sua aparência plana de desaprovação. Ela se levantou, indo para cima na ponta dos pés para beijar o rosto carrancudo, seus braços rodeando o pescoço. — Não é sem sentido Aden, eu estou acostumada. Eu vou estar aqui.

— Vejo que você é, — disse ele, caminhando até a porta. E depois deu a ela um beijo de despedida. Um beijo de corpo inteiro, profundo e lento, prometendo todos os tipos de prazeres eróticos, escuros.

Quando ele finalmente a soltou, teve que se pendurar nele um pouco, suas pernas estavam tão bambas. Sim, ela definitivamente precisava de mais antes de desistir de sua aventura com o bad boy.

Ele acenou enquanto ela caminhava pelo corredor, ouvindo sua porta se fechar atrás dela com um baque muito sólido. As portas vermelhas eram igualmente importantes, e quando ela se virou para se certificar de que tinha fechado completamente, achou já fechado atrás dela. No final do corredor, o elevador estava aberto e esperando. Ela levou-o até o quinto andar e estava

balançando a cabeça um Olá um pouco embaraçado para os guardas, quando um dos homens se aproximou como se ele estivesse esperando por ela. Ele era um pouco mais velho, talvez quarenta e poucos anos e tinha um ar de autoridade.

— Senhorita Reid?

— Sim? — Ela respondeu, perguntando se ela tinha desencadeado algum tipo de alarme, descendo do elevador como ela fez.

— Earl Hamilton é o meu nome. Eu sou o chefe da equipe de segurança a luz do dia do Senhor Aden. O senhor Aden disse que eu deveria me apresentar.

Sid sorriu. Bad boy. Como você pode não amar um cara que pensa em você assim?

— Obrigado, senhor Hamilton.

— Oh, me chame de Earl. Todo mundo chama.

— Earl. É um prazer, obrigada. Vou só— Um pensamento lhe ocorreu. — Deixe-me dar-lhe o número do meu celular, Earl, apenas no caso de que eu possa sempre ajudar.

Números trocados, ela conseguiu o número de Earl, também, Sid fez o seu caminho para a rua e entrou no táxi que Earl tinha chamado para ela. O passeio foi felizmente curto. Em seu próprio prédio, ela andou até seu apartamento, entrou diretamente para o chuveiro, e depois para cama. Estava quase dormindo antes que percebesse que tinha havido algo... ou melhor, alguém muito importante tinha estado ausente no banho de sangue da noite na casa onde os traficantes de escravos estavam.

Ela pegou o celular e ligou automaticamente para Aden, não se lembrando até que ela conseguiu seu correio de voz que ele não iria pegar a mensagem até mais tarde, e ela simplesmente poderia ter esperado até que o visse. Mas, enquanto ela o tinha, ou pelo menos a sua tão abrupta-quase-rude resposta de correio de voz, ela deixou uma mensagem.

"Ei, sou eu. Nós iremos conversar mais tarde, e você provavelmente sabe disso, mas... é que não obtemos todos naquela casa esta noite. Você sabe disso, né?"

Ela mal conseguiu desligar antes que estivesse dormindo.

CAPÍTULO DOZE

— O que você quer dizer com nós não pegamos todos eles?

— E boa noite pra você também, meu Senhor, — Sid disse. Ela largou sua mochila e foi em direção a Aden, sorrindo com esperança.

Ele a encarou, seus olhos soltando faíscas azuis e prometendo todos os tipos de retribuição, mas ele pegou a jaqueta dela com sua grande mão, puxou pra perto, e então a beijou, forte e duro, mas rapidamente se tornando sedutor e terminando com um toque sensual da sua língua que a deixou sem folego.

— Continuaremos isso mais tarde, — ele falou baixinho em seu ouvido, e ela deu uma risadinha feliz.

— Agora, o que você quis dizer com sua mensagem? — ele exigiu.

Sid pressionou a mão no peito, ainda tentando recuperar o folego. Ela olhou pra ele pra mostrar que estava prestes a responder e o achou com um sorriso arrogante, o qual dizia que ele sabia exatamente sua dificuldade de recuperar o folego. Ela revirou os olhos, mas ele somente piscou pra ela.

— Ok, — ela disse, respirando fundo. — Eu não vi todo mundo que você matou ontem a noite, porque...

— Porque alguns deles morreram antes de você chegar a porta, — Aden interrompeu impaciente. — Qual o seu ponto?

— Estou chegando lá, — ela repreendeu ele. — Eu acho que você deixou um de fora. O negócio de escravos era uma operação de Klemens, mas ele não fazia o trabalho pesado. Tinha um outro vampiro que comandava a coisa toda, drogas e escravos. Eu tive a impressão que ele fazia outras coisas também, porque ele não estava muito por perto, mas ele estava definitivamente no comando. Seu nome era Carl Pinto.

Aden olhou por cima dela, e ela se virou pra ver Bastien entrando no escritório. Bastien era o vampiro mais reservado sob o comando de Aden, sempre em preto, cabelo cortado ao estilo militar. Ele se moveu com uma economia de movimento que fez Sid pensar que ele tinha treinamento militar, talvez Forças Especiais ou algo assim.

— Pinto, — Bastien repetiu, então compartilhou um olhar com Aden antes de perguntar a Sid, — Quando foi a última vez que você o viu?

Ela pegou o notebook da mochila e digitou o nome Pinto. — Logo antes da festa de gala, — ela disse, meio que pra si mesma, então achou o que estava procurando. — Sim. Oito dias, pra ser precisa. Ele estava em seu lugar em Fuller Park. É meio que uma casa de troca de drogas pra eles.

Ambos os vampiros a estavam encarando com um olhar estranho.

— O que? — ela perguntou.

— Eu não quero mais você se esgueirando por pontos de drogas, — Aden disse terminantemente. — Especialmente não em Fuller Park.

Ela deu de ombros. — Sou cuidadosa. E é lá que eles fecham seus negócios. É difícil manter um olho neles se não for onde eles forem. Duh.

— Sidonie.

Pela primeira vez, ela notou o quão sério ele estava. Quão bravo. Com ela? Por que ele estaria bravo com ela?

— O que? — ela perguntou, confusa e um pouco irritada que ele estava cheio de atitude em relação ao trabalho dela.

— Entendo sua necessidade de vingança pela morte da sua amiga, — Aden disse, claramente tentando não ser paternalista e falhando miseravelmente. — Mas isso tem que acabar. Se Pinto ainda estiver vivo...

— Ele está.

—nós cuidaremos disso. Essas pessoas são perigosas demais pra você continuar a vigilância por si só. Foi pura sorte que você ainda não se machucou.

Ele apenas disse pura sorte?

— Se não fosse por mim, — ela ressaltou com admirável paciência. — você ainda acharia que Pinto tinha morrido. Acredito que o que eu faço tenha algo a mais do que pura sorte.

— Estamos saindo do ponto, — ele disse, cortando o assunto. — Bastien, se Pinto estiver vivo— e parece que ele está, — ele acrescentou, antes que Sid pudesse abrir a boca pra protestar.

— O encontrem. Ponha Elias nisso imediatamente.

Bastien assentiu, se virou e partiu do escritório, deixando Sid sozinha com Aden.

— Você, — ele rosnou, fechando os dedos na jaqueta dela novamente, puxando seu corpo mais perto, e a segurando enquanto abaixava sua boca na dela. Mas Sid não estava pronta pra beijar e fazer as pazes. Ela mordeu os lábios dele com raiva e quebrou o beijo.

— Olha, — ela disse, tentando empurrá-lo sem sucesso. — Entendo a coisa toda de macho alfa, Senhor-vampiro-todo-poderoso, ok? Eu até que gosto disso no quarto. Mas no mundo real, você não é o meu chefe. Não penhorei o meu cérebro só porque transamos. E farei o que for necessário pra obter minha história. E não é como se a maioria das coisas que faço sejam perigosas. Não quero ser Woodward e Bernstein⁷. Mas também não sou estúpida. Não me arriscarei desnecessariamente, sou cuidadosa com os riscos que tomo.

Aden a olhava quase sem expressão, o que tornava difícil de dizer como ele estava aceitando seu discurso de mulher liberal do século 21. Qualquer que fosse sua reação, no entanto, não se estendia ao seu corpo, o qual estava preparado pra foder, sem dúvida nenhuma.

— Até que gosto? — ele finalmente perguntou, um lado de seus lábios inclinando com divertimento enquanto ele focava na parte do discurso que ela pensou que ele não teria problemas sobre. — Acredito que posso fazer melhor que isso.

O primeiro pensamento de Sid foi que ela não sobreviveria se o sexo entre eles ficasse melhor do que o que foi ontem a noite. Mas ela não disse isso a ele.

— Estou falando sério, — ela insistiu, se impedindo de rir com ele.

— Eu também, — ele insistiu.

— Aden— ela começou, mas Bastien escolheu aquele momento pra retornar.

— Meu Senhor, — ele disse. — Elias esta aqui.

Aden olhou pra ela, mas antecipando seu discurso-vampiro, ela disse, — Eu vou sentar na área de recepção. Quero checar algumas coisas de qualquer maneira, e tenho o meu computador comigo. Vocês tem Wi-Fi?

— Claro, — Bastien afirmou. — A senha está sobre a mesa de telefone.

⁷ (Jornalistas ganhadores do Pulitzer que desvendaram o escândalo de Watergate).

— Bom o suficiente, — ela disse. Jogou a mochila nas costas, então pausou, encenando como o pensamento tivesse apenas acabado de lhe ocorrer, e disse, — Não se esqueçam de colocar o tampão de ouvido.

Aden revirou os olhos, mas ainda conseguiu dar um tapa firme na traseira dela enquanto ela saía do escritório. Qual era o problema dele com sua bunda?

Ela sentou-se na mesa, pegou o computador, e foi trabalhar enquanto Bastien e Elias desapareciam atrás das portas fechadas do escritório de Aden. O que ela disse a Aden sobre avistar Carl Pinto estava certo, mas suas notas, desde o início da sua investigação estavam todas em seu computador.

Ela tinha um sistema que permitia rastrear um jogador individual, caso necessário. Assim como ela conseguiria prever qual casa de escravos seria utilizada para transferência esse mês, ela seria capaz de usar o padrão para localizar os movimentos de Pinto e ajudar Aden rastrear o vampiro acabando com essa coisa toda de uma vez por todas.

Ela ainda estava concentrada em suas anotações quando a porta do escritório se abriu e Elias saiu algum tempo depois. Ela acenou pra ele e aguardou pra ver se Aden a chamaria.

Quando ele não chamou, ela não ficou particularmente preocupada. Ele devia ainda estar conspirando com Bastien, ela flexionou os dedos, pronta pra voltar ao trabalho, então se deu conta que Elias deixou a porta entreaberta, e ela poderia ouvir a conversa de Aden e Bastien.

Sem vergonha de escutar atrás da porta — ela era uma repórter, afinal de contas— ela parou de trabalhar e se inclinou em direção a porta, ouvindo.

— ...uma preocupação, meu Senhor. — Ela pegou o final da frase de Bastien.

Aden riu como se não fosse importante. — Você me conhece melhor que isso, Bastien. Quando eu deixei uma mulher entrar no meu caminho?

Os dois machos riram, e Bastien disse algo que ela não escutou, mas ela ouviu a resposta de Aden.

— É tudo uma questão de sangue, meu amigo, — ele grunhiu. — Mas não se preocupe. Ela não estará por perto por muito mais tempo.

Sid piscou, surpresa quão quanto as palavras doeram. Ela nem tinha certeza que eles falavam sobre ela, mas ela não conseguia afastar o

pressentimento que eles estavam. Que Bastien estivesse preocupado que ela fosse ficar no caminho deles ao lutar pelo território, e que o sangue dela era aquele que Aden tão facilmente desprezou.

Não deveria tê-la incomodado. Afinal, era tudo o que ela mesma se dizia, que essa coisa entre eles era temporária. Seu caso com um garoto mau. Então porque machucava tanto ouvi-lo falar isso?

Ela levantou-se, pegando suas coisas. Não havia mais razão para que ela permanecesse. Aden não necessitava dela— ele fez aquele ponto perfeitamente claro— e a razão para que ela estivesse aqui pra começar estava acabada. Ela queria justiça pra Janey, e ela conseguiu isso. Ou próximo o bastante. Carl Pinto ainda estava lá for em algum lugar, mas ela tinha as ferramentas para achá-lo.

Melhores ferramentas que Aden. Afinal de contas, foi ela quem achou a casa de escravos na noite passada.

Ela acharia Pinto, e, apesar do que Aden parecia pensar, ela não faria nada estúpido. Ela o acharia e passaria a informação para Aden por telefone. Deixaria uma mensagem de voz. E seria isso no que concernia a Aden. Não tinha porque se humilhar ainda mais, porque fingir que tinham algo a mais que sexo entre eles. Porque ele claramente não sentia nada.

Era tempo de abrir mão do garoto mau e voltar a vida real.

O telefone tocou enquanto ela guardava as coisas na mochila. Alguém atendeu antes que tocasse uma segunda vez. Não que ela fosse atender de qualquer maneira.

Ela não queria ter mais nada a ver com negócios vampiros. Ela já estava mais envolvida do que pretendia.

Ao entrar no escritório, viu Aden e Bastien em uma conversa profunda. O que quer que estivessem conversando agora, tinham voltado para a voz secreta de vampiro. Talvez algo relacionado ao telefonema. Não que ela se importasse, ela se lembrou.

Aden a viu no momento em que apareceu na porta. Alguns minutos atrás, ela interpretaria aquilo como se eles tivessem alguma conexão. Agora, ela achava que ele só queria garantir que ela não ouvisse o que ele e Bastien tramavam.

— Posso ver que vocês, rapazes, estão ocupados, — ela disse, com falsa alegria. — E se vou terminar isso, vou precisar das minhas anotações que estão nos cadernos de casa. Vou pra lá agora, e se achar algo a mais, ligo pra vocês.

Bastien sorriu, mas ela odiava dizer pelo rápido olhar que ele deu a Aden, que esperava seu chefe reagir antes de dizer alguma coisa.

Aden a estudou silenciosamente, como se esperando que ela fosse dizer mais. Mas nada mais foi dito. Ela estava indo para casa.



ADEN assistiu Sidonie parada lá, derramando um monte de desculpas por carias que aparentemente ela esperava que ele comprasse.

— Eu te ligo, — ela disse, e se virou sem nem um tchau.

Ele encarou a porta vazia até ouvir o barulho do elevador, seguido pelo barulho de portas fechando. Então olhou pra Bastien. — Coloque Kage com ela. E diga a Hamilton que a quero vigiada durante o dia.

Algo estava torcendo suas entranhas. Ele não sabia o que era, mas iria descobrir. Se ela pensava que poderia o despachar e ir embora, ela tinha muito o que aprender. E ele iria apreciar ensiná-la.

Mas não esta noite. Aquela ligação tinha sido para um desafio oficial. Não de Silas, o que seria de se esperar, mas de um vampiro chamado Ramiro Salvador.

Aden não sabia muito sobre Salvador. Ele era do México, o que fazia ele um dos vampiros do Lorde Enrique, e ele estava no baile de gala no domingo, quando havia oficialmente sido lançado o desafio. Oficialmente sendo a palavra-chave, desde que manobras e assassinatos, tinham começado dias antes... assim Aden acreditava.

Além desses dois pedaços de informação, Salvador estava ligado a Aden, o que não era uma boa coisa ao se lançar um desafio. Bastien estava trabalhando seus contatos no Meio-oeste e em quaisquer outros lugares que ele poderia achar algo, mas eles tinham quase nada. O desafio seria em uma hora no Parque Washington. Não o bairro, mas no parque mesmo. Era um grande espaço público no lado Sul de Chicago, que consistia em centenas de quilômetros quadrados, a

maioria de árvores e grama, e quase deserto a essa hora da noite. Um parque público não era um local que Aden teria escolhido para um desafio, mas ele tinha propriedades particulares na cidade que poderia usar.

Ele estava construindo sua rede de poder por algum tempo, bem antes de Lucas acabar com Klemens. Lucas tinha posto Aden no comando da operação na Cidade do Kansas uma década atrás, o que o colocava a um voo de distância de Chicago.

Por outro lado, esta provavelmente seria a primeira vez que Salvador visitava a cidade. Sem mencionar o significativo mercado de drogas que Klemens tinha no México, não tinha muito no caminho da fronteira ao traficar drogas entre territórios vampiro. Raphael estava tentando mudar isso, tentando abrir comunicação entre os territórios norte-americanos para que pudessem combater um inimigo em comum.

Mas isso era futuro. Essa noite, significava que Salvador não teria oportunidade de checar o campo de batalha, ou avançar com seus exércitos.

Mesmo que Klemens tivesse permitido uma visita ao vampiro estrangeiro, Enrique provavelmente não teria permitido. O Lorde do México era velha guarda e via a rivalidade entre vampiros como uma coisa boa.

Tudo o qual indicava que a escolha de Salvador quanto ao Parque Washington foi inteligente.

— Senhor, — Bastien disse, interrompendo sua contemplação do oponente. — Conversei com o tenente do Lorde Raphael, Jared. Nós fizemos alguns negócios ano passado, antes de sua promoção, quando ele ainda estava resolvendo alguns problemas para Lorde Raphael.

Aden assentiu em entendimento. A longa explicação não era realmente necessária, mas a cautela de Bastien era compreensível. Vampiros eram extremamente territoriais, e um Mestre diferente se perguntaria porque seu tenente tinha uma relação com um vampiro de alto ranking de outro território. Mas Aden não era tão inseguro, nem via Raphael como um inimigo. Especialmente não com o que ele aprendeu sobre a ameaça vinda da Europa.

— Jared me colocou em contato com uma vampira chamada Jaclyn que é a representante de Raphael no território Sudoeste. Ela tem auxiliado Lorde Anthony a governar o Sul...

— Mais como governando o Sul ela mesma, — Aden observou. — Mas eu vou jogar junto. O que Jaclyn tem a dizer sobre Salvador?

Bastien lançou a Aden um rápido olhar. Todos sabiam que Anthony não poderia controlar o Sul sem o apoio de Raphael. Mas então, baseado no que Aden recentemente descobriu que quem realmente matou Jabril, o antigo Lorde do Sul, foi a companheira de Raphael quem realmente tinha uma melhor reivindicação do território, não importando quem ocupasse o assento.

— Jaclyn conhece Ramiro Salvador razoavelmente bem, — Bastien continuou. — Com toda violência do cartel no México recentemente, tem havido diversos problemas relacionados a segurança do território, e ela o encontrou diversas vezes. Na opinião dela, Salvador é forte o suficiente para segurar o território, apesar de que ela desconhecasse quaisquer desejos dele de lutar pelo Meio Oeste. Ela nunca o conheceu, meu Senhor, por isso não tem base de comparação, mas ela disse que Salvador era par a par com Jared. E Jared é mais que comumente poderoso.

— Ele não seria um membro do círculo interno de Raphael se ele não fosse. Salvador lutou em algum outro desafio ou pulou diretamente para o topo?

— Uns poucos combates durante a festa de gala, escolhendo alvos fáceis. Sem lutas até a morte.

— Acredito que serei seu primeiro então. Vamos nessa. Não quero fazê-lo esperar por seu próprio funeral.

CAPÍTULO TREZE

ADEN e sua equipe estacionaram muito perto da casa onde tinham dizimado o comércio de escravos do Klemens na noite anterior. Ou assim pensava. Se Sidonie estava certa, ainda havia pelo menos um outro lugar para acabarem.

O bairro que cruzavam não era ruim, especialmente em comparação com Fuller Park, onde Sidonie havia demarcado a casa de drogas de Carl Pinto. Mas não estava em algum lugar que Aden já estivesse cruzado, também. Ele deixou para trás esse tipo de pobreza a muito tempo atrás. Ao contrário das suposições de Sidonie, nem todos os vampiros eram ricos, mas a maioria deles era, pelo menos financeiramente seguro. Quando se vive durante séculos, tinha-se uma visão diferente da vida e necessidade. E o que os vampiros não poderiam ganhar para si mesmos, eles convenciam os outros a dar-lhes. Houve uma época em que eles haviam tomado simplesmente o que eles precisavam e matavam qualquer um em seu caminho. A vida moderna exigiu maior sutileza, mas ainda havia formas de adquirir o que se precisava ou queria. E o tempo de vida de um vampiro colocava tudo como uma rodada de investimento de longo prazo.

Freddy e Travis vagavam pela frente enquanto atravessavam para o parque e entravam nas sombras sob as árvores, enquanto Bastien caminhava ao lado de Aden. Kage provavelmente estaria chateado por perder a luta, mas ele estava de olho em Sidonie, que, por todos os relatórios, tinha ido pra casa e ficado lá. Mas as preocupações sobre Sidonie eram uma distração que Aden não podia ter agora, não se Salvador era tão poderoso como relatado, então ele a colocou para fora de seus pensamentos. Ele não tinha chegado tão longe para ser distraído por uma mulher, nem mesmo por uma que ele realmente gostava. Ele teria tempo para Sidonie amanhã. Hoje à noite, ele tinha um desafio para sobreviver.

Ramiro Salvador tinha sido um pouco vago, quando ele ligou mais cedo, sobre as especificidades de onde eles se encontrariam dentro do parque. Aden assumiu que o vampiro mexicano devia ter observado a área antes e que terreno

escolhido lhe favoreceria, mas eles caminharam quase todo o caminho para o lado do Hyde Park, antes que ele finalmente sentisse as primeiras pontadas da presença do desafiante.

Aden puxou Freddy e Travis de volta, querendo todos os seus três vampiros por perto antes do início dos combates. Era uma tática comum apanhar os vampiros do adversário em um esforço para enfraquecê-lo antes da batalha. Aden não queria a distração, mas ele também não queria perder nenhum de seus vampiros. Ele os amava, se não como filhos, como irmãos. Nunca tinha tido um ou outro, não podia dizer o que era, mas sabia que suas mortes doeriam muito.

— Apertem seus escudos, — alertou todos eles.

— Sire. — Três vozes responderam como uma só.

O aviso em voz baixa de Bastien pressagiava que Salvador estava perto na escuridão. Não que Aden precisasse do aviso. Para sua visão vampírica, o vampiro mexicano brilhava como um farol, o seu poder tão forte quanto relatado. Talvez mais forte.

— Ramiro Salvador, eu presumo, — ele gritou.

— E você é o grande Aden, — Salvador respondeu com um sorriso de escárnio. — Seu nome estava em todos os lugares no salão de baile neste domingo. Os tolos estavam todos dizendo que você vai ser o próximo Senhor do Centro-Oeste.

Aden baixou a cabeça em reconhecimento, já entediado com o teatro.

— Eu mesmo vi você beijando a bunda de Raphael, sendo agradável com a sua mulher, por todo o bem que você vai fazer. Não é Raphael quem vai decidir isso.

— Talvez não, — Aden admitiu, despreocupado. — Mas você é um idiota se você acha que ele não pode afetar o resultado.

Salvador se irritou com o insulto, assim como Aden tinha pretendido. Os mexicanos estavam espalhados através da clareira em ondas grandes, não fazendo nada para tentar esconder sua ira. Era como se eles esperassem que transmitir sua agressão iria dissuadir Aden do desafio completamente.

Ou talvez ele era mais inteligente do que isso. Talvez, ele pensou que fazendo-se parecer indisciplinado e incapaz de controlar seu próprio vazamento de energia, Aden assumiria que ele era mais fraco do que ele realmente era.

Mas Salvador mal subestimou Aden, se ele achava que iria enganá-lo tão facilmente.

Por sua vez, Aden manteve seu poder sob rédea curta, como sempre. Mesmo sabendo que Salvador podia estar apenas fazendo papel de bobo, era simplesmente má forma permitir que seu poder atingisse todo o potencial assim. Além disso, seria muito mais divertido ver o choque no seu rosto do adversário quando ele percebesse contra quem, e o que, ele realmente estava.

Salvador saiu de debaixo das árvores para o luar. Ele era maior que a altura média, com uma compilação forte, e sua postura era rígida com hostilidade. Suas mãos estavam cerradas ao lado do corpo, com o corpo inclinado para a frente, empinando sua mandíbula.

Aden o assistiu entrar na luz, em seguida, colocou uma mão reconfortante no ombro de Bastien e entrou na luz. Ele deixou uma deriva sorriso zombeteiro no rosto e disse: — Última chance, Salvador. Você ainda pode ir para casa vivo.

— Você deve prestar atenção a sua própria advertência, cabron⁸. Apenas um de nós vai sair andando daqui hoje à noite.

A diversão nos olhos de Aden fugiu. Ele gostava de pensar que, depois de mais de 250 anos, ele havia aceitado o fato de seu nascimento ilegítimo. Mas isso não queria dizer que ele tinha que aceitar o insulto de Ramiro Salvador.

Ele afrouxou o controle sobre seu poder um pouco, deixando-o flutuar ao redor da clareira como uma brisa suave, ainda só o menor indício de sua verdadeira força.

Salvador sorriu, colocando suas presas em plena exibição. — Isso é tudo que você tem? Mais uma chance, grande homem. Saia daqui.

Aden arreganhou os próprios dentes em um desafio flagrante. — Tarde demais.

Ele lançou seu poder em uma inundação, os olhos encapuzados com satisfação quando ele viu os olhos arregalados no rosto de Salvador. Bem dentro de Aden, a parte do seu dom vampiro, que raramente era aproveitado e que muito poucos sabiam que existia, veio vivo. Ele estendeu a mão, rolando o cheiro do medo do mexicano, como um cão em algo morto, bebendo, desenhando da força dele. A parte mais racional do cérebro de Aden esperou para ver se Salvador iria

⁸ Uma das traduções no espanhol é filho da puta.

se render, meio esperando que ele o fizesse. Mas essa parte profunda dele, a parte que estava rindo de prazer com o medo de seu inimigo, essa parte esperava que Salvador ficasse e lutasse... E morresse.

E foi isso que ele fez.

Uma vez que Salvador tinha pisado na clareira, havia pouca chance de qualquer coisa outra coisa. Se ele tivesse feito o desafio e, em seguida, se rendido sem luta, ele nunca teria sido capaz de voltar para casa, nunca teria sido capaz de enfrentar o seu senhor. Por tudo que Aden sabia, Enrique era o tipo de Sire que iria executar seu próprio filho por envergonhá-lo.

Mas, depois do choque inicial, Salvador se manteve firme. Ele parou de jogar e imediatamente apertou seu poder em torno de si, criando um escudo quase impenetrável.

Aden tinha lutado com muitos desafiantes ao longo dos anos, tinha visto o poder dos seus adversários assumir a forma de uma variedade de escudos e armas. Mas o de Salvador era algo novo.

A maioria dos escudos ou estavam constantemente em movimento, ou solidamente imóvel. Salvador era como uma série de sobreposição de placas que estavam constantemente mudando, mudando de posição, congelando imóveis, em seguida, mudando novamente. Era um escudo particularmente difícil de ultrapassar. Ele tinha que descobrir quando o escudo era mais fraco, quando ele estava se movendo ou quando ficava sólido, ou então no tempo das mudanças, a fim de antecipar uma vulnerabilidade. Mas, a sua própria complexidade fez Aden se perguntar por que o vampiro mexicano lutou e ganhou duelos suficientes para fazer um nome para si mesmo. Tinha que haver uma fraqueza, uma falha fatal.

Aden não teve tempo para considerar isso, pois Salvador lançou o primeiro tiro, claramente tinha decidido que sua melhor aposta era um golpe duro e rápido. Aden absorveu o ataque inicial com escudos bem apertados ao redor de seu corpo, fixo e seguro, nem mesmo tentando desviar.

Ele queria sentir o peso do poder de Salvador, sentir seu calor através de seus escudos. Ele ainda estava estudando o seu adversário, ainda reunindo informações.

O que Salvador sentiu, porém, foi o ligeiro escudo de Aden sob seu ataque.

Não compreendendo a causa disso, o vampiro mexicano sorriu maldosamente.

Aden sorriu de volta, e o prazer do mexicano vacilou.

Enquanto Salvador ainda estava tentando descobrir o que tinha acontecido, Aden atacou, o seu poder sacando em uma curva longa e flexível de energia, envolvendo em torno de Salvador e apertando como um laço, mas uma corda feita de aço afiado em vez de corda. O escudo de Salvador deslizou, tentando escapar das garras de Aden, tentando cortar o chicote-fino de energia. Aden sentiu a pressão e puxou o poder de volta, mais uma vez deixando o Vampiro mexicano sorrir na vitória. Mas desta vez, Aden manteve sua expressão cuidadosamente em branco. O sorriso do mexicano só alargou.

Aden agora sabia, pelo menos, um dos pontos fracos - a arrogância de seu adversário, que alguns confundiam com confiança. A confiança era boa. Arrogância o faria morrer.

Salvador atacou novamente, e a luta começou de fato. Poder lançado pra frente e para trás sem parar, chamuscando as árvores em cima, começando pequenas fogueiras que eram rapidamente apagadas quando a próxima explosão de energia sugava todo o oxigênio do ar. Aden desencadeou todo o peso de seu poder, jogando-o para fora em uma onda que derrubou Salvador e enviou uma das crias do mexicano batendo em uma árvore. O vampiro gritou de dor, e Salvador pulou de volta para a briga, com os punhos levantados, em seguida, bateu em si, criando um rolo vibratório de energia que bombardeava os escudos de Aden com som e fúria, batendo contra seus tímpanos e criando uma cacofonia em sua cabeça que foi desorientador. Aden foi forçado a recuar dentro de seus próprios escudos, usando seu poder para empurrar para trás, interrompendo as ondas de energia, e parar o barulho.

Salvador estava claramente esperando essa reação. Ele atacou de novo, um pontinho de poder neste momento. Ele perfurou o escudo de Aden, cavando em seu braço, queimando através da carne e ao osso.

Foi uma dor agonizante. Mas Aden tinha aprendido em uma idade muito tenra a anular a pior dor imaginável, de continuar a trabalhar, independentemente de sangue ou de tormento. Ele flexionou os músculos de seu braço ferido, forçando sua própria dor, usando a agonia para alimentar sua raiva,

canalizando essa raiva em um turbilhão de navalhas de ponta, martelando e cortando os escudos de Salvador, cortando desde o rosto dele, até o corpo inteiro.

O sangue corria livremente de cada centímetro de pele exposta de Salvador, a partir dos rasgos em sua roupa. Mas ainda assim ele lutou, usando o ataque de Aden contra ele, aproveitando-se de sua distração para atacar as pernas, feixes estreitos de corte de energia por meio de sua carne como pequenos lasers.

Aden quase cambaleou, mas não iria conceder a si mesmo que fraqueza. Com um grunhido de pura fúria, ele dobrou o seu ataque, atacando como se fosse tiras do mais fino chicotes, o tipo de chicote que poderiam fatiar um homem tão bem quanto um peixe, poderia cortar a carne de seus ossos tão rapidamente que ele nem saberia até que ele tivesse caído, que ele estivesse morto.

Salvador uivou mais raiva do que a dor, com a cabeça jogada para trás, a suas roupas todas rasgadas. Tiras sangrentas de carne penduradas em cada centímetro de seu corpo, fraturas de ossos expostos, seu rosto pouco mais que o crânio. Seus dentes estavam à mostra, os olhos selvagens e brilhantes como ouro tingido de rubi que ele fixou Aden com um olhar furioso e lançou uma salva final.

E Aden viu. A fraqueza nos escudos dos mexicanos. No tempo de um longo suspiro, as placas em constante mudança do escudo de Salvador congelaram completamente quando ele puxou cada grama de sua força restante, drenando o poder do escudo.

Aden atacou. Canalizando seu próprio poder em uma única onda de energia, ele cortou, envolvendo o feixe fino no pescoço do mexicano, deixando o chicote enrolar em volta como uma cobra, e em seguida, dando um único puxão.

Os olhos de Ramiro Salvador reconheceram Aden em um instante de descrença, e nesse momento, algo se passou entre eles, um entendimento, um reconhecimento de mútuo respeito. E, em seguida, com a cabeça separada do corpo, ele morreu.

Aden caiu de joelhos, com a cabeça jogada para trás quando seu poder veio rugindo à tona. Ele bebeu da energia da morte de Salvador, como se ao morrer ele lançasse seu poder para Aden. Distante, Aden ouviu os gritos das crianças de Salvador quando eles seguiram o seu senhor na morte, e Aden também bebia de suas mortes. Ele não gostava deste seu dom vampiro, mas ele

usava. Era um poder mórbido e escuro, mas também era uma tremenda arma secreta. E ele era um guerreiro. Um guerreiro que usava qualquer arma que estivesse disponível. A capacidade de Aden para tirar força da morte de outros vampiros tornou possível para ele se recarregar no meio de uma luta. E isso significava que quando a batalha acabava, ele não estava tão enfraquecido pela perda de sangue na qual ele era vulnerável.

Aden tornou-se ciente de Bastien ao seu lado. Ele se virou e viu a sombra de preocupação no rosto de seu tenente. Ele estendeu a mão mentalmente para Bastien e os outros e sentiu a lealdade tingida com medo genuíno por sua segurança, porque eles... o amavam. Sua respiração ficou presa em sua garganta. Teria alguém o amado antes? Não assim.

Ele agarrou o braço de Bastien em agradecimento e empurrou para trás, parando seus filhos vampiros de oferecer o seu próprio poder para ajudar sua cura. Ele não precisava disso, e eles não estavam em casa livre deste desafio ainda. E se Silas tinha assistido o desafio e estava esperando para o vencedor emergir, pensando que ele estaria enfraquecido e vulnerável?

— Nós temos que ir, meu senhor, — Bastien disse a ele. — Freddy foi buscar o carro.

Aden balançou a cabeça e levantou-se, sentindo uma dor na perna direita, que ele estava bastante certo tinha sido quebrada há pouco, cortando o osso no último ataque de Salvador.

— O mexicano foi um adversário digno, — disse ele.

— Não digno o suficiente, — respondeu Bastien lealmente.

Os lábios de Aden enrolaram em um meio sorriso, mas ele se perguntou reservadamente qual era a situação no México, que um vampiro poderoso como Ramiro Salvador havia chegado tão ao norte, em busca de território. Mas então, não era precisamente a situação que Raphael havia descrito como acontecendo na Europa? Vampiros mais jovens e poderosos obrigados a medidas extremas para encontrar territórios para governar?

Era algo a considerar, mas Aden colocou o pensamento de lado. Essa era uma batalha para outro dia, depois que ele fosse o Senhor do Centro-Oeste. Para esta noite, ele tinha que colocar a si mesmo e seus vampiros em casa com segurança. Ele considerou brevemente fazer uma visita a Sidonie. Ele sabia onde

ela vivia, é claro, e podia facilmente ultrapassar seu porteiro. E, enquanto a infusão de energia a partir de sua capacidade única era útil, não havia nada como o sangue, quente, doce e aveludado. Como o de Sidonie.

Infelizmente, ele não estava com disposição para lidar com o fato dela ter-lhe enviado um *“huff”* antes.

— Certifique-se de Hamilton sabe que eu quero um guarda da luz do dia em Sidonie amanhã, — disse Aden quando eles voltaram para suas SUVs. — E diga a Kage para assumir o posto.

Amanhã seria em breve o suficiente para descobrir o porque dela ter saído daquele jeito. Ele teria suas respostas primeiro.

E então ele pegaria seu sangue.

CAPÍTULO QUATORZE

SID pairou perto da borda da multidão, bebida na mão, fingindo que ela estava tendo um grande momento na festa de aniversário de seu pai. Todo mundo estava. Mas ela estava apenas... triste. Não chorosa, coloque-uma-canção-de-amor triste, era mais de um olhar-fora-de-orbita triste. Ela sabia onde a culpa pertencia a essa tristeza particular, apesar de tudo. Ele era alto, moreno e bonito, e ele chupava sangue. Embora se ela estivesse sendo perfeitamente honesta, não era culpa de Aden, também. A culpa era da suposição ingênua de que ela jamais poderia ser qualquer coisa dele, além de uma bebida rápida e um caso. Dresner tinha advertido sobre vampiros, sobre sua preferência por conexões de curto prazo e não se comprometer.

Sangue e sexo. Não era isso o que ela disse? E Sidonie tinha certeza que ela estava preparada, que seus objetivos eram claros, e ela não iria querer ou precisava de mais nada.

— Ei, Sid.

Ela virou-se com um sorriso para Will Englehart. Eles haviam viajado juntos, e ela tinha sido uma terrível companheira, em silêncio e olhando pela janela. Ele estava muito bonito em seu smoking, e ela estava a ponto de dizer isso a ele quando percebeu a mulher segurando a sua mão. Ela era loira, pequena, e cheia de curvas, e o olhar que ela estava dando a Sid mostrava apenas uma sugestão de desafio.

— Sid, este é Jennifer Lascher. Jenny, Sidonie Reid.

Sid apertou a mão da mulher, tentando manter a curiosidade de sua voz e expressão, e estabeleceu-se para o sempre confiável, — Prazer em conhecê-la.

Jenny murmurou algo educado, mas não se preocupou em esconder ou a sua própria curiosidade ou o pouco de hostilidade que persistiu em seus olhos.

Depois das obrigações feitas, Sid deu Will um olhar que dizia: "E agora?"

Will sorriu de volta para ela, mas quando ele falou, foi para Jenny. Envolvendo um braço ao redor os ombros, ele a puxou para perto e deu um beijo em sua testa. — Dê-nos um minuto, ok? Eu vou encontrá-la de volta à mesa.

Sid estudou Will enquanto ele olhava enquanto Jenny se afastava. Ele se virou e pegou observando-a.

— Nova namorada? — Brincou ela, sabendo muito bem que era mais do que isso. Ela podia não querer se casar com Will, mas ela o conhecia toda a sua vida.

Ele sorriu de volta para ela, e Sid sabia que ela estava certa. — Vamos conversar, — disse ele.

— Eu acho que precisamos de privacidade, — Sid comentou, deslizando a mão pelo seu braço.

—O pátio está vazio.

A explosão de ar frio quando eles abriram as portas francesas disse a eles exatamente porque o pátio estava vazio, mas seus pais - ou seu planejador - tinham colocado aquecedores para as poucas almas resistentes que estavam dispostas a enfrentar o frio, a fim de pegar uma pausa rápida cigarro.

Não havia ninguém ali agora, no entanto, Sid e Will tinham o pátio para si.

— É sério? — Ela perguntou a ele, feliz que ela tinha usado uma blusa por cima do vestido. Os aquecedores não podia fazer muito.

— Você poderia dizer isso, — disse ele, olhando para o quintal inclinado. — Estamos noivos.

Sid recuou, surpresa rapidamente disfarçada, grata que Will estava admirando o paisagismo perfeito de seus pais, em vez de olhar para ela.

— Mas,...

— Eu sei. Eu deveria ter dito a você, mas... não é como você e eu fôssemos realmente casar, Sid. — Ele olhou para ela, seus olhos castanhos muito solenes e sinceros.

Ela sorriu para ele saber que estava tudo bem. — Will, — ela disse suavemente, — Eu não estou chateada. Eu estou apenas surpresa que você não disse nada antes disso. Como você pode estar noivo quando eu nem sabia que você estava namorando alguém?

— Aconteceu do nada. Nós trabalhamos juntos em um caso há alguns meses atrás, um de múltiplas ofertas de acusação. De qualquer forma, nós

apenas... encaixamos. Ela me ama, Sid. É como... Eu entro na sala, e todo o seu rosto se ilumina. Como se eu importasse.

Sid deu um tapa no braço de brincadeira. — Claro, você é importante, seu idiota. Você sempre foi. Você a ama?

— Mais do que eu jamais imaginei ser possível, — disse ele com um suspiro sonhador que teria feito uma adolescente orgulhoso.

— Bem, eu estou feliz por você. Por vocês dois. Seus pais sabem?

— Vamos dizer a eles neste fim de semana. Amanhã, na verdade, o brunch no clube, ambas as famílias ao mesmo tempo.

— Homem corajoso.

Ele riu. — Nah, meus pais vão amá-la, ainda mais depois que conhecerem uns aos outros, uma vez que os pais dela são membros, também. Mas, Sid, — acrescentou, sério. — Eu queria dizer-lhe em primeiro lugar.

Ela subiu na ponta dos pés e beijou sua bochecha. — Isso é doce, muito obrigada. Mas eu não estou chateada, então não se preocupe. Será que vou ser convidada para o casamento?

— Claro! Não vai ser por um tempo ainda. Pelo menos um ano. Jenny quer tudo, e me disseram essas coisas levam tempo para planejar.

— Então, eu soube, — Sid murmurou. Ela não lhe disse que ela ouviu de sua própria mãe pelo menos uma vez por ano durante os últimos anos, e sempre em referência a seu próprio casamento... com Will. — Você deve encontrar Jenny agora, — disse ela, empurrando-o para a porta. — Ela deve estar se perguntando o que estamos fazendo aqui.

— Certo. Obrigado, Sid. Eu ainda te amo, você sabe.

— E eu te amo, apenas...

— Não dessa maneira, — ele disse junto com ela, rindo. — Você vai voltar para dentro?

— Eu acho que vou ficar por aqui um pouco mais. Está um pouco abafado lá.

— Não fique muito tempo, no entanto, está bem? Você não está vestida para este tempo.

— Entendi, — disse ela, lutando contra um sorriso. Ela viu quando ele abriu as portas do pátio e foi rapidamente perdido na multidão de pessoas, em

seguida, assistiu um pouco mais. Todas aquelas pessoas, rindo e conversando. Havia até mesmo alguns casais dançando agora, incluindo seus pais.

Eles eram um casal atraente. Sua mãe era bonita, apesar de seus três filhos, dois dos quais – os irmãos de Sid – tinham sido enormes de bebês. E depois havia o pai. Alto, esbelto e bonito de um modo todo-americano clássico, o cabelo vermelho-ouro que ele tinha passado para sua única filha, agora com grisalho.

Sid sabia que todas as crianças queriam acreditar que seus pais eram apaixonados, mas ela tinha certeza que seus pais realmente eram. E era isso que ela queria. Ela não queria um casamento de conveniência ou dinastia. Ela queria paixão. Ela queria... Foda-se. Ela queria Aden.

Estúpida, estúpida Sidonie.

Um grito repentino a puxou de volta para dentro quando viu seus pais fazendo seu caminho para frente da sala onde o DJ estava. Seus irmãos já estavam lá, e seu pai estava à sua procura, olhando para ela. Seu rosto se iluminou num sorriso quando ele a encontrou, e Sid correu para se juntar a eles, sabendo que iriam manter tudo esperando por ela.

— Um brinde, — seu irmão mais velho, Jamie, gritou, jogando um braço sobre os ombros do pai. — Para o nosso pai em seu—

— Agora, agora, — seu pai gritou, parando Jamie antes que pudesse dizer o número. — Ninguém precisa saber disso.

— Aniversário, — concluiu Jamie, rindo. — Feliz aniversário, pai. Nós te amamos.

A multidão aplaudiu, e todos beberam. Mais brindes foram feitos pelos amigos, e toda a gente bebeu um pouco mais... e assim foi, até que seus pais saíram da sala, desaparecendo em um corredor, onde suas malas estavam todas prontas para ir, com o carro preparado na garagem.

Eles não se demoraram depois disso. Beijos rápidos a todo, advertências para cuidarem enquanto eles estavam fora em um longo mês de férias na Europa, e eles se foram. Mas a festa estava apenas começando.

Sid disse a seus irmãos que queria trocar de roupa e subiu as escadas para o mesmo quarto onde ela dormia desde a escola primária. Felizmente, sua mãe tinha atualizado a decoração ao longo dos anos. Sid não queria pensar em

dormir sob a imagem de Eminem que havia ficado colada em seu teto na escola, embora ela pensasse que era melhor do que o cartaz do Backstreet Boys que ela tinha escondido na parte de trás de sua porta do armário.

Ela abriu seu notebook, em seguida, levantou-se e trocou de roupa, enquanto ele encontrava a rede Wi-Fi de seus pais e se conectava. Ela pendurou o vestido no armário e vestiu a camisa de gola alta e jeans que estava antes da festa. Ainda com os pés descalços, ela sentou na frente do notebook e procurou a programação do trem de volta para Chicago. Havia mais uma partida hoje à noite, ela verificou o tempo, e ela só poderia pegá-lo, se ela se apressasse.

Ela colocou suas meias e botas, em seguida, digitou um breve e-mail para seus irmãos. Ela chamou um táxi usando o celular, então desligou. Felizmente, os irmãos dela estaria muito ocupados para ler seu e-mail antes da manhã, mas apenas no caso, ela não queria que eles a chateassem sobre sua saída abrupta. Ela tinha feito o seu dever; ela veio para a grande festa e se misturou. Mas agora ela estava indo para casa, o que de alguma forma se tornou Chicago em vez deste subúrbio bonito. Ela sempre dizia a si mesma que ela voltaria aqui quando a história estivesse terminada, e talvez ela realmente tinha planejado fazer isso quando ela se mudou.

Mas não mais. Sua casa estava em Chicago, e assim, infelizmente, o seu coração.

Não havia necessidade de fazer as malas. Suas roupas de festa podiam ficar. Tudo o que ela realmente precisava era seu notebook, sua bolsa e seu casaco.

Pegando todos os três, ela desceu as escadas de volta e fez sua fuga da mesma forma que seus pais tinham. Meia hora depois, ela estava correndo através da estação de trem. Meia hora depois disso, ela estava sentada em um trem, rumo a Chicago, e contemplando o triste estado de sua vida amorosa.

Ela não estava feliz com a maneira como ela terminou as coisas com Aden. Não era para parecer que ela escapuliu. Se ele era um idiota, então ela precisava dizer isso a ele. E se não, podiam pelo menos dizer um adeus civilizado de “foi bom fazer sexo com você”, e seguir a vida.

— Você vai para a cidade?

Sid virou em surpresa. Ela estava tão presa no planejamento do que ela faria quando visse Aden novamente que ela não tinha percebido que alguém tinha se sentado em frente a poltrona dela. Ela tinha reservado um assento na classe executiva e tinha encontrado o vagão quase vazio quando chegou. Ela olhou para cima e para baixo no corredor e viu que esse era ainda o caso. Havia um casal do outro lado do carro, e havia o seu novo e indesejado amigo.

— Eu vou, — disse ela agradavelmente, em seguida, puxou imediatamente seu livro e fingiu ler.

— Eu também. Tive uma daquelas coisas de família esta noite. Aniversário dos avós. Seu quinquagésimo, então eu tinha que estar lá.

Sid mal olhou por cima e fez um barulho evasivo, esperando que ele entendesse a dica. Não teve tal sorte.

— Pela manhã também teria um brunch, mas você sabe como é. Eu não queria ficar mais,

Senhor Chatty Cathy⁹ continuou.

Ela sorriu educadamente e continuou lendo.

— Então... Você é daqui?

Ela colocou o livro de lado, deixando-o ver um pouco de irritação educada. Talvez se ela o deixasse falar um minuto ou dois, ele iria tirá-lo do seu sistema.

— O que você faz na cidade? — ela perguntou. Recusando-se a dar-lhe qualquer pedacinho de informações sobre si mesma, ela jogou de volta as perguntas para ele.

— Comerciante, — disse ele com um sorriso malicioso, claramente esperando que ela ficasse impressionada.

— Deve ser interessante, — disse ela, pensando que não tinha interesse no que o sujeito fazia.

— Definitivamente, — ele se entusiasmou e começou a dizer-lhe em detalhe entorpecentes sobre cada barriga de porco e soja que ele já tinha vendido. Ela sabia que, em princípio, que estava envolvido em mercadorias, mas isso era muito mais do que ela queria saber.

Enquanto ele regalou-a com as maravilhas de seu trabalho, ela o estudou. Ele não era feio. Seu corpo era mediano, cabelo castanho escuro, com altura

⁹ Uma boneca que fala.

média, embora fosse difícil dizer essa última com ele sentado. Em outro dia em outro ano, ela poderia ter se interessado.

Talvez. Mas não esta noite.

— Eu sou Vasco, a proposito, — disse ele, estendendo a mão. — Richard Vasco.

— Sidonie, — disse ela, não desistindo de seu sobrenome.

— Você gostaria de um café, Sidonie? Ou talvez algo frio? — Ele ficou em pé quando ofereceu, e ela viu que ela estava certa sobre sua altura. Era um par de centímetros acima de seu próprio um metro e setenta.

— Não, obrigada, — disse ela amavelmente.

Ele lançou-lhe um rápido, “já volto”, e virou-se para o corredor.

Uma vez que ele se foi, Sid verificou as horas em seu telefone celular e percebeu que ela não tinha ligado de volta depois de deixar a casa de seus pais. Imaginando que ela estava bem longe de seus irmãos, que já estavam ou dormindo ou tão bêbados que tinham esquecido dela, ela ligou o telefone novamente. Então envolveu sua jaqueta sobre si mesma como um cobertor e fingiu adormecer. Foi covarde, e ela estava profundamente envergonhada... ok, então ela não tinha vergonha. Ela simplesmente queria um passeio tranquilo de volta para a cidade. Isso era pedir muito?

Ela ouviu Vasco retornando, o sentiu em pé no corredor estudando-a, talvez tentando descobrir se ela estava fingindo ou não. Mas Sid era feita de material mais duro. Ela manteve os olhos fechados e sua respiração constante e eventualmente cochilou de verdade.



ADEN AINDA ESTAVA ANALISANDO outro arquivo em seu computador, um relatório financeiro longo, que uma simples contabilidade de uma página teria feito o trabalho tão bem. Isso o fez querer uma outra luta sangrenta até a morte. Ele tinha estado em sua mesa por horas, mas o negócio não parava só porque o desafio estava em andamento. Lucas ainda era seu mestre, por enquanto.

Ele sabia que Aden estava em Chicago e por que, mas isso não significava que eles poderiam ignorar o que estava acontecendo em Kansas City. Relatórios

ainda entravam e assim os mil pedidos. Alguns vampiros não poderia tomar a decisão mais simples sem consultar ou ter permissão. Aden sabia que esses vampiros eram tão necessários para a corrida como ele era, mas, por vezes, a sua timidez o levava a distração. Eles eram vampiros, droga. Por que eles não poderiam agir como isso?

Ele suspirou, sabendo a resposta à sua própria pergunta. Se todos os vampiros fossem tão agressivos e orientados como ele era, eles teriam comandado há muito tempo.

Ele olhou para cima quando Bastien entrou no escritório, esperando uma distração. Mas um olhar para o rosto de seu tenente, e ele sabia que não era uma boa notícia.

Aden fez uma rápida verificação mental de seus filhos de vampiros, e os encontrou todos bem e vivos, ele fez a pergunta que ele não tinha certeza se queria respondida. — O que foi?

— Earl Hamilton ligou. Eles perderam Sidonie Reid.

Aden cresceu muito ainda. — Perdeu? O que significa isso?

— Ela deixou a cidade nesta manhã na companhia de — Bastien verificou algum papel rabiscado — William Englehart. Nós não sabemos muito sobre ele ainda, além de que é um advogado de sua cidade natal. Earl Hamilton disse—

— Ela deixou a cidade, — Aden repetiu categoricamente.

Bastien estudou cuidadosamente Aden. — Sim, meu senhor. Englehart a pegou esta manhã em seu veículo pessoal.

Aden bateu seu notebook fechando-o, lutando contra o desejo de fazer algo violento. Sidonie ousava continuar vendo um amante humano depois de estar com Aden? Ela era realmente tão estúpida?

— O que mais?

— O homem de Hamilton disse que eles pareciam amigáveis. — Bastien olhou para baixo, lendo as anotações. — Ela não tinha nenhuma mala além do seu notebook e um saco de roupa de bagagem, e eles— Ele interrompeu-se com um olhar inquieto de Aden, que estava sentada perfeitamente imóvel, com as mãos apoiados no a mesa.

— Continue, — disse ele.

— Eles se beijaram, quando ela entrou no carro.

A mandíbula de Aden estava tão apertada, que ele achava que os ossos se quebrariam. Ele ficou surpreso com a intensidade de sua própria reação, mas ela era sua. Talvez não para sempre. Ele não fazia o *para sempre*.

Mas durante o tempo que ele queria ele não compartilhava, porra.

— O que mais? — Ele exigiu.

— Eles dirigiram para a casa dos seus pais juntos, embora não seja claro se Englehart ficou na casa com ela, ou foram para outro lugar. Reid não deixou a casa o resto do dia. Houve uma festa, começando no final da tarde e foi até a noite. Parecia que a festa estava terminando quando Reid repente pulou em um táxi e desceu na estação de trem. No momento em que o nosso cara estacionou e entrou, ela se foi.

— Então, não sei onde ela está, — Aden observado friamente. — E quanto a Englehart? Onde ele está?

Bastien piscou e imediatamente pegou o telefone.

— E diga a Hamilton que quero esse cara demitido.

— Sim, meu senhor, — Bastien disse, então transmitiu as ordens para Hamilton com algumas concisas palavras antes de desconectar.

— Sidonie tem um telefone celular, — Aden rosnou. — Peça a alguém para segui-lo.

— Já foi feito, meu senhor. Está desligado no momento, mas no minuto em que ela liga-lo de volta, vamos pegar o ping e começar a rastreá-la.

O telefone de Sidonie estava desligado. Aden poderia pensar em muitas razões pelas quais uma mulher desligava seu telefone, e ele não gostava de nenhuma delas. Ele estava tentando pensar no que mais eles poderia fazer quando o telefone tocou. Bastien respondeu, sua postura irradiando tensão.

Intelectualmente, Aden sabia que nada disso era culpa de Bastien, mas ele não estava disposto a deixá-lo fora do gancho. Se Aden tinha de sofrer, Bastien poderia muito bem sofrer com ele.

— Senhor, — disse o tenente, desligando o telefone mais uma vez, mas mantendo-o em sua mão. — Englehart está na casa de seus pais.

— Mas Sidonie não está lá.

— Definitivamente, não, meu senhor.

— Então, onde diabos ela está?

O telefone tocou novamente. Bastien olhou para ele, mas Aden acenou com a mão, dizendo-lhe para responder a maldita coisa. Outra conversa concisa, e Aden viu toda a mudança de comportamento de Bastien, tornando-se, se não relaxado, então pelo menos, menos tenso.

— Senhor. O telefone de Reid está ligado, meu senhor. Ela está em um trem, — relatou Bastien, parecendo intrigado com estas últimas notícias. — Felizmente, a esta hora da noite, não há muitos trens movendo-se. Estamos bastante certos de que ela está em seu caminho de volta, até a Union Station.

— Ela vai para casa, — Aden interrompido. — Vamos saudá-la, não é?



SID ACORDOU quando o trem diminuiu para entrar na Union Station. Ela abriu um olho com cuidado. Não viu Vasco. Suspirando de alívio, ela reuniu suas coisas, pensando em tomar um táxi para casa.

Mas, quando ela fez seu caminho através da estação em direção à praça de táxis, Vasco apareceu ao seu lado.

— Eu tenho um carro da cidade, — disse ele, tomando-lhe o cotovelo. — Eu vou dar-lhe uma carona para casa.

Sid sentiu um fio de inquietação. Uma coisa era a flertar no trem, mas outra coisa inteiramente diferente era persegui-la através da estação e tocá-la sem ser convidado. Ela empurrou seu braço longe dele.

— Está tudo bem, — ela disse com firmeza: — Vou tomar um táxi.

— Não seja boba, — insistiu ele, com os olhos indo para onde seus dedos se fecharam em torno de seu braço.

— É tarde demais para isso.

Mal-estar virou um alarme genuíno, e Sid olhou ao redor, à procura de ajuda. A estação estava ocupada, mas ninguém estava prestando atenção a eles.

— Olhe, — disse ela, tentando manter a calma. — Eu agradeço a oferta, na verdade. Mas eu não conheço você, e eu realmente prefiro-

— Sid!

Sidonie olhou para o som de seu nome e viu Kage caminhando em sua direção, um grande sorriso no rosto e um braço levantado em saudação, como se

fossem amigos há muito perdidos. Próximo a ela, ela sentiu Vasco endurecer. Seu aperto apertado o suficiente para deixar hematomas, e ela pensou por um momento que ele ia arrastá-la com ele.

Mas, em seguida, Kage estava lá, piscando uma pitada de presas enquanto seus dedos agarravam o pulso de Vasco e o obrigava a liberar o braço de Sid. Kage passou um braço em torno de Sid, colocando-se entre ela e Vasco, que se afastou com uma maldição assobiou.

— Isso não acabou, vampiro.

Kage sorriu. — Pode vir, humano, — disse ele com desdém, então guiou Sid em direção ao saída.

— Obrigada, — ela disse sem fôlego, tentando manter-se com seus passos largos. — Aquele cara era um idiota.

— Ele era mais do que um idiota. Ele sabia quem você era.

Ela olhou para ele quando eles deixaram a estação e subiram no SUV que Kage tinha deixado estacionado ilegalmente.

— Ele sabia que você era um vampiro, — disse ela na compreensão súbita.

— Certo.

— Como ele sabe disso?

— Eu não posso adivinhar.

— Quer dizer que você não vai.

Seu olhar cortou até ela.

— É a mesma coisa.

— Na verdade não. Como sabia que eu estava no trem?

— Você deve perguntar ao Senhor Aden.

Sid rolou a cabeça para trás contra o assento. Ela poderia empurrar para respostas, mas não havia nenhum ponto. A única coisa que tinha aprendido sobre vampiros era que eles eram completamente leais a seus Sires. Essa lealdade podia ser comprometida, de acordo com Dresner, se um vampiro era forte o suficiente para romper. Mas a impressão que Sid tinha da relação de Aden e seu povo era algo mais próximo de uma parede de tijolos. Eles eram sólidos.

Se Aden não queria que Kage falasse com ela, ele não falaria.

Ela olhou com surpresa quando Kage puxou o SUV na frente de seu prédio e parou, esperando claramente para ela sair. Ela esperava que ele a

levasse para Aden e teve que abafar a surpreendentemente forte onda de decepção.

— Obrigada, — ela disse, forçando um sorriso. — Por me resgatar. — Embora ela ainda se perguntasse exatamente do que ela tinha sido resgatada.

— Não há problema, — disse ele, dando-lhe um sorriso de lado rapidamente. — Vejo você por aí, Sid.

Ela foi direto para o elevador, dando ao um porteiro um aceno enquanto ela passava. Ela estava além de cansada e imaginava a cama chamando-a com o seu edredom e lençóis macios. Seu corredor estava vazio quando ela destrancou a porta e entrou na escuridão tranquila de seu condomínio. Fechando a porta atrás dela, ela encostou-se nela com um suspiro de alívio, então se afastou e já estava tirando o casaco quando ela fez seu caminho até o pequeno corredor de sua sala de estar escassamente mobiliada. Seu quarto estava do outro lado desse espaço aberto, e ela podia ver o branco de seu cachecol brilhando ao luar de uma janela que ela raramente fechava. Esse era o seu único objetivo para hoje à noite. Cama.

Mas, em seguida, uma luz acendeu, e seu coração quase parou.

— Boa noite, Sidonie, — A voz profunda de Aden ronronou.

Sid apertou a mão ao coração, sentindo-o saltar com tanta força atrás de seu esterno que suas costelas agitaram.

— Aden, dane-se, — ela jurou, pendurado o casaco em um dos bancos altos alinhados no bar entre a cozinha e sala de estar. — Você me matou de susto. O que você está fazendo aqui? E como foi que você entrou?

Aden estava em sua altura máxima. Ele ainda permaneceu parado por um momento, como se convidando-a para admirá-lo, e dane-se, ela o fez. Ele parecia bom. Ele não estava vestindo uma jaqueta, só uma camiseta preta de mangas compridas e um par de jeans preto que mostrava o comprimento de suas pernas, os poderosos músculos de suas coxas, e segurava o resto dele com carinho. Sid piscou, honesta o suficiente para admitir que ela não se importaria de segurá-lo ela mesma. Ela levantou o olhar a sua face, e seu sorriso cúmplice lhe disse que estava ciente do efeito que tinha sobre ela.

Sid lhe deu um olhar estreito e abriu a boca para dizer-lhe para tomar o seu belo auto direito fora de sua casa, mas depois ele se mudou, e ela foi pega na pura e letal elegância dele. Ele andou graciosamente a passos largos

atravessando a sala, quadris soltos rolando como os de um gato grande, seus olhos escuros delineado em azul.

Ela olhou para ele, de repente, bem em cima dela.

— Onde você esteve, Sidonie? E mais ao ponto, com quem você estava?

Sid piscou, o encanto de sua beleza quebrado por sua súbita raiva. Que direito ele tinha que perguntar-lhe tais coisas?

— Nada que seja da sua conta, — ela retrucou e tentou empurrá-lo para trás. Era como tentar empurrar uma tonelada de tijolos.

— Você é da minha conta, — ele rosnou.

— É mesmo? Você não tem mais o que fazer? Vencer o desafio, dominar o mundo? Não me deixe entrar em seu caminho. Não é isso que você disse, que você nunca deixaria uma mulher, — ela acrescentou um sorriso de escárnio com a palavra, assim como ele tinha feito na outra noite — entrar em seu caminho? Bem, eu estou oficialmente saindo de seu maldito caminho. Assim, você pode sair agora.

Ela empurrou-o novamente sem sucesso, mas desta vez ele a segurou com suas grande mãos.

— Dominar o mundo? — Ele repetiu, sorrindo.

— Tanto faz.

— Onde você esteve, Sidonie? — Ele repetiu implacavelmente. Ele era como uma estátua de pedra, imóvel e insensível a tudo o que ela disse.

— Tudo bem. É o aniversário do meu pai. Tivemos uma festa para ele. Eu fui. Feliz agora?

— E quem é William Englehart?

A boca de Sid caiu aberta em surpresa. — Como você sabe sobre Will?

— Então é verdade, — ele rosnou, dando um passo ainda mais perto até que ela estava apoiada contra a bancada.

— O que é verdade? — ela perguntou, confuso. — E o que quer dizer de Will?

— O que ele é para você?

— Ele é um amigo.

— Você transou com ele?

— O quê? — Sid olhou ao redor. Ela não viu nenhum dos vampiros de Aden, mas não havia maneira que ele vir aqui sozinho.

— Estamos sozinhos, — disse Aden, lendo com precisão suas preocupações. — Bastien está no lobby por enquanto. Ele começou a descer quando você começou a subir.

— Como você fez... Kage, — ela percebeu. — Ele deve ter chamado você do carro.

— Deve ter, — disse ele. — Você transou Englehart?

Sid olhou para ele. — Você sabe o quê? Vá para o inferno. E como você entrou aqui? Eu pensei que vocês precisavam de um convite, como na casa da Dresner no outro dia.

— Seu porteiro me deixou entrar.

Sid fez uma careta. — Por que ele faria isso?

— Convenci-lhe que estavam lhe procurando. Ele estava muito preocupado e me convidou para procurar em sua casa.

— Eu pensei que você precisava da minha permissão.

— Na verdade, não. Apenas um convite de alguém com o direito de entrada. O porteiro tem isso.

— Não por muito tempo. E eu vou pendurar alho sobre o umbral.

Aden riu. — Isso não vai fazer nada, além de fazer sua casa cheirar, e eu não gosto do perfume. Não faça isso.

— Pare de me dar ordens.

— Então, me diga a verdade. Fodeu Will Englehart?

Sid estava à beira de dizer-lhe que fosse o inferno de novo, mas ela viu algo em sua olhos, um toque de vulnerabilidade que o rosto de outra forma controlava rigidamente. Muitas pessoas compravam a fachada bruta de Aden e nunca olhava para abaixo da superfície, provavelmente porque ele não deixava. Mas por alguma razão, depois de um longo tempo de vida protegendo a si mesmo, ele a deixou entrar. Ele confiava nela, e ela não podia imaginar o que deve ter custado para fazê-lo. Ela não iria trair isso.

— Não, — ela admitiu em voz baixa. — Will e eu namoramos, mas não temos sido amantes há anos. Nossas famílias são próximas, e ele é um velho

amigo, mas é isso. — Ela colocou a palma da mão contra seu peito, sentindo seus músculos sob seus dedos. — Eu não fodi ninguém além de você recentemente.

— Defina recentemente.

— Jesus, você é um pé no saco.

— Responda a pergunta.

— Não, você responda à pergunta. Quanto tempo se passou desde que você comeu alguém?

— Além de você?

Ela deu-lhe um olhar impaciente.

— Um par de semanas, — admitiu. — Não desde que eu vim para Chicago para o desafio.

A respiração de Sid saiu correndo em uma corrida. Um par de semanas?

— Elas não significavam nada, Sidonie, — ele murmurou, colocando-lhe a mão quente em seu rosto.

Vampiros não deveriam ser frio? Aden nunca foi. Espere. Elas?

— Elas, — ela disse em voz alta.

Ele deu de ombros descuidadamente. — Até você, eu nunca me preocupei em ficar com ninguém.

Bem, isso era doce em uma espécie de sacanagem-homem. — Mas você disse a Bastien— ela começou, mas não conseguiu terminar. Ela não queria soar como uma mulher carente pegajosa.

Seus olhos brilharam com a compreensão. — Então é isso que se trata. Você ouve uma conversa escondida, e como frequentemente é o caso quando se ouve uma conversa que não é nenhum de seu negócio, você entendeu mal.

— O que você disse foi muito claro, Aden, — disse ela, se perguntando se ele gostava de seu pequeno discurso, tanto quanto ela odiava.

— Tenho certeza de que era, mas ele não tinha absolutamente nada a ver com você.

— Se não eu, então quem? Quem é a mulher que está ficando no caminho de seus grandes planos?

Ele deu-lhe um olhar interrogativo, como se houvesse alguma verdade óbvia que ela não estava percebendo.

— Silas, é claro, — disse ele.

Sid olhou para ele. — Silas é uma mulher?

— Para ser exato, Silas é uma vampira.

— Eu apenas assumi—

— Você achava que ela era do sexo masculino, — ele estalou. —
Erroneamente julgado, Sidonie.

— Hey, a maioria de vocês são... bem, homens.

— Silas não é um cara, seguramente. Ela é muito bonita, se um se preocupa com o tipo.

— Que tipo? — Perguntou Sid, sentindo uma pontada de ciúme.

— O tipo que vai cortar suas bolas sem remorso se o humor dela estiver sombrio. E eu estou não falando no sentido figurado.

Sid olhou para ele. — Você quer dizer que ela realmente—

— Disseram-me que ela tem uma coleção.

Ela torceu o nariz. — Isso é nojento. Você deve definitivamente matá-la.

— Estou pensando nisso, mas não em busca de alguma justiça cósmica para os homens em toda parte. Ela está no meu caminho, então ela tem que ir.

Sua mão, que estava acariciando seu rosto, caiu para seu pescoço e pegou uma punhado de cabelos, puxando sua cabeça para trás de modo que ela tinha de olhar para ele.

— Por que você não me disse que estava saindo da cidade?

— Eu não achei que você se importaria. Além disso, você sabia de qualquer maneira. Sua cobertura foi praticamente a mostra quando Kage me resgatou na estação de trem. Obrigado por isso, por sinal.

A mão de Aden apertou quase dolorosamente em seu cabelo, seus olhos brilhando como se iluminado por trás. — Do que ele te salvou?

— Um cara, — Sid disse a ele. — Ele se sentou perto de mim no trem, mas eu ignorei. Eu pensei que era isso, mas, em seguida, na estação ele ficou muito insistente sobre me dar uma carona. Kage apareceu na hora certa.

— Como ele era? — Ele exigiu.

Mas antes que ela pudesse responder, houve uma batida na porta. Aden olhou para o corredor, e a próxima coisa que ela sabia era que sua fechadura da porta da frente estava abrindo, e Bastien estava de pé na entrada de sua sala de

estar, seu cabelo escuro penteado para trás e brilhando a luz da lua, os olhos fixos em Aden.

— Kage acaba de informar, — disse Bastien. — Sidonie foi abordada esta noite.

— Acabei de ouvir, — Aden concordou. — Será que Kage conhece?

— Não, meu senhor. Mas o assaltante definitivamente conhecia Kage.

Aden puxou Sid contra ele em um gesto de proteção, mesmo que não houvesse ninguém no quarto, exceto Bastien. Ele segurou seu queixo, inclinando a cabeça para trás até que ela estava olhando para ele.

— Como ele se parecia, Sidonie?

Ela pegou a mão dele e se virou em seus braços, inclinando-se contra o seu lado com o braço pesado sobre os ombros. — Nada sobre ele se destacou. Ele era um pouco mais alto do que eu, cabelos castanhos, olhos castanhos, em forma, mas um pouco magro. Ele disse que seu nome era Vasco.

Aden falou sobre sua cabeça, dirigindo-se a Bastien. — Isso soa familiar?

— Ele era humano? — Bastien perguntou.

— Eu acho que sim. Foi depois do anoitecer, quando cheguei no trem, mas ele teria que ser humano, não é? Quer dizer, eu não sairia da casa dos meus pais, até esta manhã, assim como poderia ter...

A voz dela sumiu, porque nenhum vampiro estava prestando atenção nela.

— Silas, você pensa, meu senhor? A descrição poderia caber Balderas.

— Quem é Balderas? — perguntou Sid.

— O chefe de segurança a luz do dia de Silas, — Aden rosnou. — Um dos dois.

— Ela tem dois chefes de segurança?

— A segurança a luz do dia. E Silas gosta de se cercar de homens, especialmente homens humanos. Eles são a sua fonte de alimento favorito. Infelizmente para eles, a sua ideia de pós-coito com demasiada frequência se assemelha ao de uma aranha viúva-negra. Balderas não deve ser seu tipo, porque ele tem estado em torno tempo suficiente para ser perceptível. O que ele disse para você?

Sid não tinha prestado muita atenção ao que ele havia dito. Seu foco estava em se livrar dele. — Se fosse Balderas, — ela qualificou, então parou

quando Bastien empurrou um telefone celular debaixo de seu nariz com uma imagem de... — Tudo bem, tudo bem. Isso é ele. Ele falou, principalmente, sobre ele próprio e sobre ser comerciante de mercadorias. Que tipo de chefe de segurança vira um comerciante?

— Aquele que era um comerciante, antes de ser condenado por fraude e fazer uma temporada na prisão Federal.

— Oh. Ele estava um pouco intenso.

Aden tomou-a pelos ombros e virou-a na direção de seu quarto. — Empacote algumas coisas. Você vai voltar para casa comigo.

Ela se virou de volta. — O quê? Por quê?

Ele deu-lhe um olhar divertido. — Você não quer ir para casa comigo?

O coração de Sid saltou sobre o olhar aquecido em seus olhos. Um olhar que dizia que ir para casa implicava muito mais do que dormir em um quarto de hóspedes.

— Tudo bem, — ela concordou e, ignorando o seu sorriso confiante, partiu para embalar.



ADEN ESTAVA ESPARRAMADO PREGUIÇOSAMENTE em sua cama, ainda completamente vestido, com as costas contra a cabeceira enquanto ele assistia Sidonie desempacotar as poucas coisas que ela trouxe com ela a contragosto. Não era muito. Ele não sabia se ela não queria se intrometer, ou, mais provavelmente, se ela não estava disposta a entregar sua independência suficiente para ficar com ele mais do que ela tinha que fazer. Mas o que era, ela estava aqui, e aqui ela estava hospedada. Ela só não sabia disso ainda.

— Você pode usar todas as gavetas da cômoda, — disse ele, apontando. — Está vazia.

— Você não a usa?

— Eu uso o armário. Essa é uma arte.

Ela passou a mão sobre a flor delicada de madrepérola na cômoda. — Isso é bonito. É um original?

— Isso é uma maneira delicada de perguntar se é uma antiguidade, algo do meu passado? Eu não estou preocupado com a minha idade, Sidonie. Mas, sim, isso é um original do século XV Otomano, e não, eu só comprei há alguns anos atrás.

— Tudo bem, — disse ela, virando-se para dar-lhe um olhar sério. — Então, quantos anos você tem?

Ele riu, algo que ele tinha feito com muito mais frequência desde que a conheceu. — Eu nasci em 1753. Este corpo, — ele colocou a mão em seu peito e notou com satisfação que o olhar dela seguiu o gesto apreciativo, — reflete mais ou menos a minha idade, quando minha senhora me adquiriu e fez-me vampiro. Eu estava perto de vinte e sete anos de idade na época, embora eu poderia estar fora por um ano ou dois. Eu era um bastardo e um escravo. Os registros existiam eram pouco precisos.

Sidonie tinha atravessado a sala, enquanto ele falava, e agora ela subiu na cama apoiando em suas coxas. Seus olhos eram suaves e tristes, e ele sabia que era por causa do que ele disse a ela sobre a sua vida mais cedo. Ela fingia ser dura, mas sua Sidonie era compassiva, a tenacidade apenas uma casca fina que a protegia do descuido de outros.

Whoa. Sua Sidonie? Ele fez uma dupla volta mental nesse pensamento. Quando ela tinha se tornado dele? E não como as antigas amantes que ele tinha apenas pego por um dia ou dois até que ele tivesse terminado com elas, e mesmo assim só porque ele não gostava de partilhar.

Sidonie era sua de uma forma que nunca tinha considerado antes, uma forma que duraria um inferno de muito mais do que um ou dois dias. De uma forma que dizia que não planejava compartilhar nunca mais.

Ela se inclinou para a frente, mãos suaves se colocaram suas bochechas, seus peitos cheios mal tocando seu peito quando ela deu-lhe um beijo na boca. Ele queria mais. Seus braços se enroscaram em torno de suas costas enquanto ele a rolava para debaixo dele e pegou o que precisava. Sua boca era dura em seus lábios macios, sua língua a penetrou quando ela se abriu para ele, seu gemido de fome dizendo que ele não era o único que precisava de mais.

Ele enfiou a mão sob sua blusa e apalpou seus seios através da renda de seu sutiã, sentindo o mamilo cutucar os dedos. Com um grunhido, ele puxou o

tecido delicado, rasgando-o e não se importando. Ele lhe compraria um novo sutiã. Ele lhe compraria uma centena. Mas agora, ele precisava dela nua, e o sutiã estava no caminho. Levantando um pouco, ele empurrou a blusa sobre os seios e lançou o fecho frontal do sutiã rasgado com um toque hábil de seus dedos. Seus seios derramaram pesados e cheios, os mamilos corados num rosa profundo contra sua pele pálida.

Incapaz de resistir a tentação, Aden pegou um dos pedaços roliços na sua boca, sugando até que o rosa tornou-se uma cereja succulenta, tão duro e cheio de sangue que ele podia sentir o cheiro, tão rico que fez suas presas alongarem com fome. Embaixo dele, Sidonie estava fazendo barulhos ansiosos, sua respiração entrecortada, seus dedos enroscados em seu cabelo, segurando-o contra o peito, quase implorando-lhe para morder, para provar seu sangue.

Mas ele não estava pronto para libertá-la a um orgasmo ainda. Ele a queria quente e implorando.

Ele mordeu até que ele sabia que ela podia sentir a dor de seus dentes, ouviu-a sugar uma respiração e segurou na expectativa de sua mordida, mas ele não deixou os dentes afundarem, ele não tirou o sangue. Levantando a boca de sua carne, ele mudou para o outro seio, sorrindo contra sua pele quente ao som de seu gemido, colocando a mão em suas costas, batendo uma vez em frustração.

Acariciando sua mão sobre seu quadril, ele segurou a curva de sua bunda, então deu um tapa, de forma inteligente. Ela pulou, mas só parecia aumentar sua excitação, como ele sabia que faria. Aden nunca iria bater em uma mulher, ele nunca forçaria quem era mais fraca do que ele era, mas ele era um mestre em entender o prazer sensual encontrado no tipo certo de dor.

Chupando o segundo peito em sua boca, ele fez como no primeiro, deslizando sua língua sobre o mamilo, sentindo o pulso do sangue, sugando mais duro até que toda a ponta de sua mama estava entre os dentes. Ele mordeu novamente, sabendo que haveria marcas em sua carne delicada amanhã e teve prazer ao pensar nisso. Ele marcaria cada centímetro dela antes que ele estivesse completamente satisfeito.

— Aden, — ela suspirou, sua respiração quente e úmida contra sua orelha.

— Ainda não, habibi. Não por muito tempo.

Ela rosnou com raiva, fazendo-o sorrir. Até que ela bateu nas suas costas novamente em sua raiva.

— Isso não é agradável, querida Sidonie. Você vai pagar por isso.

— Você fala demais, — ela murmurou, então gritou de surpresa quando ele chicoteou o suéter sobre sua cabeça e o usou para amarrar as mãos na cabeceira da cama. Ela puxou o material, mas ele prendeu rapidamente. Claro.

— Isto é o que acontece quando você me bate, — ele disse a ela solenemente, quebrando em um sorriso quando ela estreitou os olhos para ele, os lábios franzidos em aborrecimento.

Incapaz de resistir, ele se inclinou para a frente e tomou essa linda boca em um beijo, seus lábios amolecendo sob os seus ao mesmo tempo, sua língua torcendo mais e mais em torno de sua língua e os dentes, seu corpo esticando para cima, ondulando contra ele enquanto ela tentava se aproximar.

Mas Aden tinha outros planos. Ignorando seu protesto sem palavras, ele levantou a boca da dela e beijou o seu caminho ao longo de sua mandíbula, em seguida, até o pescoço, onde ele brincou com sua língua, descendo para seu ombro. Ele fechou os dentes sobre o osso delicado de sua clavícula, deixando-a sentir a borda de suas presas, antes de se mudar para o peito uma vez mais. Sidonie empurrou os seios para cima, e ele levou um momento para admirar sua exuberante beleza, os mamilos e aréolas de pelúcia cor de rosa, a marca vermelho brilhante de seus dentes.

— Aden. — Sidonie exigiu, contrariando, impaciente, obviamente querendo que ele fizesse mais que admirar.

Ele deu-lhe um olhar único de advertência. Ela bufou de frustração e o favoreceu com uma carranca, mas depois ficou em silêncio sob sua mão onde ela descansou contra seu abdômen.

Inclinando-se, ele deu um beijo sobre a pele suave de sua barriga, em seguida, começou a tirar o resto de suas roupas. Ele desabotoou a calça jeans e a arrastou para baixo suas pernas, enganchando os polegares nas bordas rendadas de sua calcinha e puxando-a também, até que ela estava completamente nua por baixo dele. Ele sentou-se e admirou o seu trabalho, sua adorável Sidonie.

— Como é que eu estou sempre nua e você não está? — ela perguntou de mau humor.

Aden passou a mão pela sua perna nua, a partir de sua coxa e continuando até o tornozelo atrás dele.

— Porque eu gosto de você assim. — Ele fechou os dedos ao redor de seu tornozelo e puxou a perna, dobrando o joelho e empurrando aberto até que ele podia ver à primeira vista a buceta rosada dela.

— Eu gosto de você nu, também, — disse ela, um pouco mais ofegante do que tinha sido.

— Mas esta é a minha cama, — disse ele pacientemente, deslizando os dedos sob sua outra coxa e dobrando a perna, até que ela estava completamente aberta para ele.

— Eu odeio quando você... oh, Deus, — ela engasgou quando ele deslizou um dedo no molhado calor entre suas dobras inchadas.

— O que você estava dizendo? — Ele perguntou suavemente, enquanto seu dedo tocava na umidade escorregadia que desmentia suas palavras.

— Não pare, — ela gemeu, os olhos fechados enquanto ela rebojava sob sua mão.

— Eu não acho que foi isso que você disse.

Seus olhos se abriram para encará-lo.

— Oh, bem, eu paro. — Ele limpou os dedos em sua coxa e ficou ao lado da cama, rindo quando ela rosnou um protesto furioso. Até que ele começou a tirar suas roupas.

Ela ficou em silêncio enquanto o observava se despir, seus olhos quentes e com fome, sua língua arremessando para fora para lambe os lábios quando ele puxou sua camiseta sobre a cabeça e jogou-a de lado.

Ela era uma erótica visão presa em sua cama, sua pele pálida corada e úmida com o brilho de suor, suas marcas de dentes em seus seios, coxas molhadas com sua própria excitação. Seu pênis esticava o tecido pesado de sua calça jeans, tão apertado que era quase doloroso. Deslizando os botões, um de cada vez, ele enfiou a mão dentro e agarrou seu pesado pênis, bombeando a mão lentamente para cima e para baixo enquanto comia a visão dela.

— Aden, — disse ela com urgência, sua respiração entrecortada, seu olhar fixo em seu pênis enquanto ele acariciava a si mesmo.

— Abra suas pernas para mim, Sidonie, — ele sussurrou.

Ela obedeceu prontamente, dobrando os joelhos ainda mais perto de seu peito e abrindo as pernas até que ele pudesse ver a abertura lisa para sua buceta, seus lábios vaginais molhados e inchados em convite.

Cativado pela visão, Aden soltou seu pau e subiu na cama para ajoelhar entre suas coxas.

— Você tem a mais bonita, buceta rosa, — ele murmurou, então se inclinou sobre ela, a sua língua mergulhando dentro dela, em seguida, de novo, girando sobre e em torno da pérola de seu clitóris. Ele levantou a cabeça o suficiente para satisfazer os olhos famintos. — Doce também.

Ela fez um barulho muito parecido com um soluço, ele viu seus músculos do estômago flexionando com o esforço, mas mesmo assim ela ainda permaneceu sob suas mãos. Tal disciplina merecia uma recompensa.

Inclinando a cabeça mais uma vez, ele inalou o aroma de sua excitação, levando-o a querer mais, seu pênis empurrando com a necessidade de enterrar-se dentro de seu pequeno corpo quente. Mas, primeiro, ele fechou os lábios sobre o pacote quente de nervos que era o clitóris, beijando e chupando, suas presas doendo com a necessidade de provar mais de sua umidade.

Ele raspou a borda de uma presa ao longo de seu clitóris, e depois o outro. Seu coração estava bombeando, seus músculos tensos enquanto ela se contorcia contra as amarras de suas mãos, quando ela se esforçou para manter as coxas abertas contra a necessidade de apertá-las em torno de sua cabeça.

Ele brincava com ela, erguendo os lábios para longe com um beijo suave, um toque suave na pele macia da parte interna da coxa. Ela quase chorou, a emoção do momento demais para ela para segurar, sua necessidade por ele em guerra com o seu desejo de ainda permanecer, para agradá-lo. Ele soprou suavemente sobre a carne úmida entre as coxas raspando a língua por toda a extensão de sua fenda, estimulando o clitóris até que estivesse duro com excitação.

E então ele realmente sentiu o gosto dela, provou o doce sangue do corpo que ela podia oferecer.

Seus dentes se fecharam sobre a pérola pulsante de seu clitóris, e Sidonie gritou, suas costas se curvaram quando o orgasmo varreu seu corpo, inundando

sua buceta com sulcos, pulsando com a fome quando ele procurou algo para preencher seu vazio.

Aden agarrou seus quadris, segurando-a na cama, mantendo as pernas abertas e sua buceta disponível para ele com a mistura do creme que escorria de sua buceta e o sangue. Ele tomou um gole e provou até que ela começou a se acalmar, até que a primeira onda de espasmos do orgasmo tinha passado e sua respiração estava começando a diminuir, o seu coração cessando sua corrida.

E então ele se levantou entre as coxas e, posicionando seu pênis para a abertura lisa e inchada, ele se inclinou sobre ela e empurrou seus quadris para a frente, batendo com o pênis profundamente em seu corpo apertado, sentindo a carne trêmula de sua vagina se espalhando para acomodar sua intrusão. Sidonie engasgou, então gemeu de prazer, quando as pernas fechadas sobre suas costas, tornozelos bloqueados para segurá-lo lá.

Aden riu da sua possessividade, amando o fecho de suas coxas em torno de seus quadris, do jeito que ela arqueava as costas para esfregar os mamilos sobre sua pele. Querendo sentir seus braços em torno dele, ele estendeu a mão e libertou as mãos. Ela respondeu imediatamente, enrolando os braços sobre suas costas, suas unhas arranhando ao longo de sua espinha duro o suficiente para que ele soubesse que ela tinha tirado sangue.

Ele rosnou sua satisfação enquanto ele bombeava dentro e fora do seu abraço quente, quando seus músculos interiores começaram a apertar em torno de seu pênis, sua respiração ofegante em seu ouvido, seu coração batendo contra seu peito. Ele esmagou sua boca contra a dela, deixando-a provar a si mesma em sua língua, seus dentes se chocando até que ambos estavam sangrando.

Aden ergueu a boca e gritou em triunfo quando Sidonie teve seu primeiro gosto de seu sangue, quando ela sacudiu com surpresa para o choque elétrico dele, estremecendo quando ele explodiu diretamente em seu cérebro como um tiro de luxúria líquida. Ela começou a levantar os quadris no tempo de seus impulsos, seus quadris batendo juntos, seus dentes fechando sobre a pele de seu pescoço como se procurasse por mais gosto dele.

Aden rosnou e baixou a boca para sua jugular. Ele podia ouvir o barulho de seu sangue em suas veias, as batidas de seu pulso. O cheiro dela era

esmagador. Suas gengivas doíam quando suas presas surgiram, enquanto Sidonie virava a cabeça, expondo o pescoço em convite.

Ela gritou quando ele a mordeu, quando a euforia em sua mordida correu através de sua corrente sanguínea já eletrificada, iluminando cada terminação nervosa, cada centro de prazer em seu corpo. Sua vagina apertou em torno dele como um punho, mesmo quando o sangue dela desceu em sua garganta, perfumado e rico, espesso e doce. E ele sentiu a construção de seu próprio orgasmo, sentiu a pele esticada em torno de suas bolas, até que com um grito de triunfo, o seu clímax rolou através dele, a sua libertação rugindo seu pênis e em seu corpo, enchendo-a com seu calor, marcando seu corpo e reivindicando sua alma.

Sidonie era dele. E ele mataria qualquer um, homem ou mulher, que a tocasse.

CAPÍTULO QUINZE

SIDONIE NÃO sabia se ela podia se mover. Ela deitou em cima de Aden, todos os ossos do seu corpo viraram gelatina, seus músculos um mingau. Ele tinha esse efeito sobre ela, e ela não achava que era apenas o seu sangue de vampiro. Embora esse material devesse ser engarrafado e vendido como um afrodisíaco. Foda-se pequenas pílulas azuis. Os vampiros poderiam fazer uma fortuna vendendo seu sangue. Deveria haver uma razão para que não o tivesse feito, ela meditou. Ela teria que perguntar a Aden sobre isso. Embora tenha havido um inferno de muito mais de sexo com Aden do que um gole de seu sangue. Ele tinha movimentos. As coisas que ele poderia fazer com sua língua... Uma deliciosa onda de memória rolou por seu corpo, seus dedos cavando em seu peito enquanto ela estremecia em um mini-orgasmo.

Aden deslizou o braço ao redor dela, sua grande mão descendo para o topo de sua bunda possessivamente. Ele não disse uma palavra, e ela não estava olhando para seu rosto. Mas ela sabia que teria aquele sorriso presunçoso acontecendo. Ela mal podia culpá-lo, mas não era como se ela fosse a única que tinha conseguido atingir o que queria. Prazer tinha rolado para ambos os lados, não?

Ela apoiou-se em seu peito largo. Ele olhou para ela, seus olhos quase ocultos por trás do véu de seus cílios.

— Talvez da próxima vez eu vá te amarrar, — ela murmurou, pensativa, nem tendo certeza se ela queria dizer para ele ouvir.

Mas ele a ouviu, e sua reação foi instantânea.

— Ninguém me amarra, Sidonie. — Sua voz era dura, a mão na bunda dela de repente inflexível. — Nunca.

Ele virou abruptamente, levantando-a do peito, como se ela não pesasse nada e saltando para fora da cama como um cabo flexível de músculo liso. Ele foi cuidadoso com ela, mas não se demorou. Sid sentou-se em uma posição de pernas cruzadas, observando como ele atravessava a sala e desaparecia no banheiro. Um minuto depois, o chuveiro ligou, e ela suspirou.

Ela tinha sido uma idiota. É claro que ele não gostaria de ser amarrado. Ele não tinha confiado a sua história a ela? Não devia ter sido fácil para um homem poderoso como Aden admitir a ela que tinha sido um escravo em sua vida anterior, que tinha sido forçado a submeter-se a pessoas muito mais fracas do que ele, - homens e mulheres - que o tinham comprado e vendido, usado como um pedaço de propriedade.

Idiota não era duro o suficiente. Ela era uma imbecil. Ela se arrastou para fora da grande cama determinada a corrigir isso de alguma forma. Era uma escritora, caramba. Palavras deveriam ser seu forte. Ela arrastou-se até a cômoda onde suas poucas roupas estavam escondidas e percebeu que tinha que tomar um banho primeiro. Ela estava pegajosa de suor e... outras coisas. O chuveiro ainda estava ligado, e seu cérebro não tinha nenhum problema evocando imagens do grande e poderoso corpo de Aden nu, com o box de vidro cheio de vapor, a água quente fluindo amorosamente sobre cada centímetro de músculo liso e pele...

Ela se sacudiu para fora da fantasia. Ele não a tinha convidado para se juntar a ele. Muito pelo contrário, na verdade. Ele até mesmo fechou a porta.

Imbecil, ela se amaldiçoou novamente.

Mas ela ainda não poderia colocar roupas limpas em cima do seu corpo fedido e pegajoso. Ela também não tinha vontade de ficar nua quando Aden finalmente saísse do banheiro. Claro, ele a tinha visto, e, provavelmente, lambido, cada centímetro dela, mas isso foi antes. Isto era agora, e se ele estava chateado com ela, ela não queria enfrentá-lo em seu estado mais vulnerável.

Ela olhou ao redor. Aden estava usando uma camiseta de manga comprida mais cedo. Ela conseguiria isso até... Ela franziu a testa, percebendo

que ele tinha pego todas as suas roupas em seu caminho para o chuveiro. Apenas a sua sorte. Ela tinha caído por uma aberração organizada. Procurando por uma solução, esperando o chuveiro se desligar a qualquer momento, seus olhos caíram sobre um armário antigo contra a parede oposta. Talvez houvesse alguma coisa lá dentro que ela poderia colocar, uma túnica ou uma outra camisa.

Ela andou até a peça do mobiliário que parecia uma cômoda. Era semelhante em design com a sua, com recortes de treliça em um motivo floral, mas os detalhes eram em de casca de tartaruga cortada tão fina que, quando ela abriu a porta, a luz brilhou em ouro rico e marrom chocolate. Ela acariciou os dedos sobre a obra bela enquanto ela empurrava a porta totalmente aberta... e então ela só podia olhar para o que tinha encontrado.

Não havia uma manta, não tinha uma camisa pendurada no interior. Mas o que encontrou tinha despertado tantos sentimentos diferentes que ela não poderia processar todos. Ela sabia que Aden era dominante e tinha suspeitado que seu domínio era mais do que simplesmente o de um macho alfa em personalidade, mas isto... estes chicotes e correntes, algemas e restrições de braço, colares e vendas de olhos, e outras coisas que ela só podia adivinhar.

Ela não ouviu a porta do banheiro abrir, não sabia que Aden estava lá até que sentiu o calor de seu corpo contra suas costas ainda nuas e sentiu o cheiro do sabão fresco de sua pele. Seu braço alcançou em torno dela e levantou um chicote de seu gancho. Era de couro, com uma camurça marrom claro que dava a suas múltiplas caudas uma aparência enganosamente suave.

Aden arrastou a camurça suave através de seu peito nu, e Sidonie sentia cada uma das múltiplas caudas quando elas deslizavam sobre o mamilo intumescido que até doía. Sua respiração ficou irregular, e seu coração estava indo a mil por hora. Mas ela não estava com medo. Ela foi primorosamente despertada com o calor úmido escorrendo entre suas coxas ainda pegajosas.

Aden baixou a boca para sua orelha. — Sabe o que eu pensei quando eu coloquei os olhos em você pela primeira vez, Sidonie?

Sid tentou pensar em algo inteligente, algo para quebrar a tensão erótica insuportável que estava congelando-a no lugar. Mas ela só conseguiu balançar a cabeça em silêncio.

— Eu pensei o quão bela a sua pele pálida ficaria sob o chicote, — ele ronronou, arrastando o chicote para baixo sobre a curva de seus seios para sua barriga. Ele permaneceu acima de seus lábios inchados, passando o chicote ao redor e acariciando o punho duro entre as coxas, serpenteando as múltiplas caudas sobre seu quadril e para a perna.

Sem aviso, ele agarrou o chicote no ar, deixando-a sentir o mais nu beijo de camurça contra sua coxa. Sid estremeceu, seus mamilos duros pontos de desejo, sua buceta encharcada de calor. Aden fechou a pequena distância entre eles até que seu corpo estava nivelado com a dela, o comprimento de seu pênis pesado contra a curva de seu bumbum. Ela fechou os olhos, deixando cair a cabeça no ombro dele.

Seus lábios se fecharam sobre seu pescoço, e ela estendeu a mão, curvando os dedos sobre a parte de trás de sua cabeça, acariciando-o, segurando-o contra ela.

— Quer que eu lhe mostre Sidonie? Gostaria de ver o quão bonita a sua pele ficaria?

Sid tremeu, com medo de admitir seus próprios desejos. — Eu quero que você me foda, — disse ela em um sussurro tão suave que ela não tinha certeza de que tinha ouvido até que seu braço veio ao redor de sua cintura e ela estava girando. Antes que ela pudesse respirar de surpresa, Sid encontrou-se curvada sobre a cama, com o rabo no ar, as pernas bem abertas, com Aden cutucando os pés afastados.

Seus dedos grossos mergulharam entre suas pernas, espalhando seus lábios, testando sua umidade e encontrando-a escorregadia com a excitação. — Você está toda molhada, habibi, — ele repreendeu. — Que menina malvada.

Sua mão acariciou o comprimento total de sua fenda, reunindo a umidade e arrastando-a sobre a pele de seu bumbum, como que para demonstrar o quanto ela estava molhada.

— Peça gentilmente, — ele murmurou, sua voz estrondosa. — E eu vou te dar o que você quer. O que você precisa.

— Aden, — ela sussurrou, as palavras raspando a garganta seca. — Vá se foder.

Sua risada em resposta estava muito feliz. Como se ele esperasse que ela o desafiasse.

— Menina má, — ele sussurrou diretamente em seu ouvido.

Ela ouviu o assobio do chicote antes de sentir a picada de seu beijo. Sua vagina se apertou, e ela só conseguia gemer, ela arqueou para trás enquanto se oferecia, seu corpo implorando pelo que o seu cérebro se recusava a admitir.

— Rosa e bonita, — Aden sussurrou, e então o chicote assobiou novamente, em sua outra face do bumbum. — Mmm, — disse ele com apreço. — Adorável.

— Aden, — disse ela, tentando não lamentar.

— Sim, Sidonie?

Sid engoliu o nó de desejo sufocando sua garganta, cada nervo de seu corpo esticado e fino, pendurado no precipício e gritando pela liberação. — Eu realmente preciso...

Ela não teve a chance de terminar a frase. Uma das mãos fortes de Aden segurou a parte inferior de suas costas, segurando-a no lugar, e, em seguida, seu pênis estava batendo nela, um golpe duro e muito mais profundo do que ela teria pensado possível. Sentiu-o todo o caminho até seu ventre, todo o caminho para o seu coração, quando ele empurrava para dentro e para fora em um ritmo constante, enquanto pressionava seu peito em cima da cama e arqueava as costas, convidando-o a ir mais fundo ainda.

Aden agarrou a mão em seu cabelo longo, o envolvendo em torno de seus dedos quando ele se abaixou sobre suas costas e puxou sua cabeça para trás, tendo seu pescoço.

— Minha, — ele rosnou contra sua pele quente. E esse foi todo o aviso que ela teve antes de seus dentes perfurarem sua veia, e seu corpo inteiro convulsionar em um orgasmo. Ela enterrou o seu grito na coberta da cama, seus quadris batendo contra ele enquanto seus dedos deslizavam sob seu corpo, indo profundamente entre suas coxas e mergulhando em sua umidade até que encontrou seu clitóris, em seguida, o acariciou e beliscou até que Sid pensou que iria morrer com onda após onda de sensação que rolava por seu corpo, queimando seus nervos, enrolando seus músculos com tanta força que ela não conseguia mais se mover, apenas sentir, enquanto o pau grosso de Aden continuava a bater nela, e quando seu grunhido de posse estremeceu contra sua pele.

Ele levantou a cabeça, suas presas deslizando livres de sua veia, seu hálito uma escova de seda sobre a pele avermelhada de seu pescoço.

— Diga, — ele exigiu, sua língua lambendo suas feridas mais ou menos fechadas.

Sid teve problemas para dar sentido as suas palavras, sua mente enevoada de felicidade, suas sinapses oprimidas com a sensação.

A mão de Aden desceu acentuadamente na bunda dela, e ela gemeu.

— Diga, — repetiu ele.

Ela achou difícil, mas então finalmente percebeu o que ele queria.

— Sua, — concordou ela, ofegante. — Eu sou sua.

O rugido de clímax de Aden soou como um grito de vitória, a sua libertação quente enchendo-a, dando início a um orgasmo final que a deixou ultrapassar por muitas emoções, muitos sentimentos, tudo se aglomerando, tudo exigindo que ela sentisse ao mesmo tempo.

Aden desabou sobre suas costas suadas, respirando profundamente enquanto ele chupava seu oxigênio, um braço apoiado ao seu lado, o outro acariciando seu rosto com ternura.

— Respire, habibi, — ele murmurou, sua língua roçando a bochecha dela, saboreando as lágrimas.

Sid balançou a cabeça e tentou se concentrar apenas nisso. Respirar. Inspire, expire. Devagar e sempre.

— O que significa isso? — Ela conseguiu perguntar, em seguida, buscou outra golfada de ar. — Essa palavra que você me chamou.

— Ela tem significados diferentes, mas para você, significa amor.

— Habibi, — ela repetiu, testando as sílabas.

— Hmm, — ele concordou. Deslizando um braço musculoso em torno de sua cintura, ele arrastou os dois mais para cima da cama, fixando-se contra os travesseiros com ela um peso mole contra o seu lado.

— Eu quero que você fique aqui hoje, — disse ele. — Não é seguro para você lá fora.

— Você quer dizer, porque Silas mandou o cara no trem, mas eu não entendo, — disse Sid aflita. — O que ela quer comigo?

— Eu nunca mantive uma mulher em torno antes. Talvez ela ache que eu gosto de você.

— Então, eu sou a única?

— Pare de pescar, Sidonie. O que você precisa saber?

Sid encontrou energia suficiente para levantar sobre seu peito, de modo que seus olhos estavam mais ou menos no mesmo nível, sua expressão cheia de um humor paciente que a fez querer morder alguma coisa. Ela piscou com o pensamento. Ela nunca tinha sido uma vigarista antes de conhecer Aden. Pensando bem, ela nunca tinha feito um monte de coisas antes de conhecer

Aden. Este menino mau estava se transformando em muito mais do que ela imaginava. As questões eram, o que Aden achava que isso era, e se Sidonie estava prestes a ter seu coração partido?

— Tudo bem, — disse ela, esperando que ela parecesse mais alerta do que sentia. — Eu gosto de você. Provavelmente mais do que eu deveria, dado a sua... profissão perigosa.

Aden riu alto. — É disso que estamos chamando? Minha profissão é perigosa?

Sid deu um tapa no peito. — Não faça gracinhas. Do que você gostaria que eu chamasse?

— Eu sou um vampiro, Sidonie. A violência é a minha natureza. Se isso me faz perigoso, mas que porra, bem não - Não peço desculpas.

— Eu não quero um pedido de desculpas. Eu gosto de você do jeito que você é.

— Você gosta da violência. Você é tão sanguinária quanto eu sou. É um bônus inesperado em uma menina tão saudável entre todos os americanos.

— A maioria das pessoas consideraria doente, não um bônus.

— Eu não sou a maioria das pessoas.

— Isso é certo. Então o que é isso, então? Eu sou a bola da vez?

— Oh, certamente mais do que isso. Pelo menos seis semanas.

— Aden, — ela protestou. — Eu estou falando sério aqui.

— Então você é. — Ele acariciou a mão sobre o rosto, levantando o peso de seu cabelo suado e escovando-o por cima do ombro. — Eu não acho que o termo seja sempre, habibi. Para sempre é um tempo muito longo para um vampiro. Mas eu me encontro extraordinariamente ligado a você. E quando eu penso sobre algum outro homem a tocando com sua mão, eu quero rasgar seu coração. Entendeu?

Sid sorriu, feliz, em seguida, estendeu-se para beijar sua boca. Ela pretendia que fosse rápido, mas como sempre Aden tinha seus próprios planos. Com uma mão na nuca dela, ele passou a outra em torno de sua volta e segurou-a no lugar, tomando o beijo mais profundo, sua língua girando em torno dela, saboreando cada centímetro de sua boca até que Sid sentiu o desejo impossivelmente poderoso subindo mais uma vez. Ela gemeu quando Aden fechou os dentes sobre o lábio inferior.

— É tarde, — ele murmurou. —O sol está quase nascendo.

Sid expressou um protesto mudo. Ela não queria desistir dele pelo sol ou qualquer outra coisa.

Aden a rolou para debaixo dele com um grunhido, seus dedos indo infalivelmente a sua buceta encharcada. Sid flexionou os quadris, empurrando contra a sua mão em uma demanda silenciosa, abrindo as pernas mais largas quando seus hábeis dedos mergulhavam em seu sexo, seu polegar circulando o botão apertado de seu clitóris. Ela começou a pegar sua mão, embora se era para esmagá-lo contra sua carne vulnerável ou para afastá-lo, ela não poderia ter dito. Não importava, porque Aden mordeu o lábio com um aviso rosnado.

Sid gritou em protesto, mas deslizou a mão ao longo de seu poderoso braço, acariciando o músculo liso até a espessura de seu ombro, antes de enfiar os dedos pelo cabelo. O beijo se tornou mais profundo, mais frenético, enquanto ele continuava a acariciá-la, quando sua buceta começou a apertar em torno de seus dedos. Seu clitóris estava insuportavelmente sensível, cada carícia de seu polegar enviava um novo choque de prazer, transformando seus mamilos em pérolas duras numa deliciosa sensação quando eles roçavam no cabelo áspero de seu peito.

O orgasmo rolou sobre ela como uma onda, imparável, mesmo se ela tivesse tentado. Os dedos de Aden continuaram a transar com ela, seu polegar uma pressão constante contra seu clitóris, até que a onda quebrou, e ela gritou em sua boca, costas curvando-se para fora da cama com a força de seu clímax, o seu peso, a única coisa impedindo-a de se debater para fora da cama.

Aden beijou-a, engolindo seus gritos, e quando seus gritos transformaram em lágrimas porque era muito - muita sensação, muito amor, droga, ele engoliu o choro dela, também, beijando as lágrimas quando ela se agarrava a ele, não querendo deixa-lo ir.

Ele segurou-a enquanto ela cochilava em seus braços, até que à distância, a partir do longo corredor, ouviu o trinado distintivo da campainha do elevador quando as portas se fecharam, e o carro caiu para o quinto andar.

Aden escovou a bagunça suada de seu cabelo longe de seu rosto. — Esta sala irá travar em breve, Sidonie.

Seus olhos se esforçaram para abrir. — Eu vou ficar presa aqui? — Ela murmurou, meio dormindo.

— Não, — ele disse, rindo um pouco. — Você pode ficar aqui o tempo que quiser. Você pode tomar banho...

Seus olhos se abriram para ver se ele estava sendo sarcástico com o comentário do chuveiro. Ele piscou para ela, o que poderia significar quase nada, mas ela estava muito cansada para descobrir isso e demasiado cansada para fazer qualquer coisa sobre isso de qualquer maneira.

— Leve o seu tempo, — continuou ele. — Mas uma vez que você sair da minha suíte, você não será capaz de voltar até anoitecer. Então, tenha certeza de que você tem tudo que você precisa.

— Mm okay, — ela murmurou, pronta para voltar a dormir.

— Sidonie, você está ouvindo? Abra os olhos.

Ela forçou as pálpebras e olhou para ele.

Ele nem sequer fingiu não rir dessa vez, o que disse a ela como ela deveria parecer. Ela fez uma careta para ele, e sua expressão tornou-se muito séria, mas ela não achava que tinha alguma coisa a ver com sua carranca.

— Isso é importante, — disse ele, segurando o queixo com os dedos e forçando-a a encontrar seus olhos. — Não deixe a suíte. Você pode usar os

computadores, os telefones, o que quer que você goste. Hamilton e sua equipe de segurança estarão ocupando o quinto andar, então você estará segura aqui. Você entende?

Ela assentiu com a cabeça.

— Diga isso.

— Eu entendo, — disse ela irritada, empurrando o queixo longe de seus dedos. — Você não fodeu completamente meus miolos, você sabe.

— Ainda não, — ele murmurou, sorrindo. — É hora, habibi. Me dê um beijo de boa noite.

Ela colocou os braços em volta de seu pescoço e o beijou, suave e sedutor, colocando tudo o que ela estava sentindo, tudo o que ela não podia dizer em voz alta com o beijo. — Boa noite, Aden, — ela sussurrou, em seguida, pulou em surpresa quando os escudos desceram sobre a porta na sala ao lado.

Ela riu nervosamente, sentindo-se tola para reagir, mas Aden apenas sorriu. Ele puxou as cobertas de debaixo deles, até que ambos estavam deitados sobre os lençóis limpos da cama, e então ele recostou-se nos travesseiros e fechou os olhos.

Entre uma respiração e outra, ela sabia que ele estava... sumido. Não morto. Só não estava mais lá.

Sid o observou por um longo tempo. Ele ainda estava respirando, embora não tão profundamente, nem com tanta frequência. Ela encostou o ouvido em seu peito e ouviu seu coração batendo muito lentamente, mas com um ritmo forte estável.

Em algum lugar lá fora, o sol estava brilhando, prendendo seus inimigos em suas tocas. Mas ela e Aden e os outros estavam aqui. E eles estavam a salvo, por mais um dia.

Ela acreditava nisso. Ela realmente fazia.

CAPÍTULO DEZESSEIS

SID DEITOU-SE no sofá de couro em frente à TV, notebook em sua frente, uma garrafa de água gelada e uma barra energética ao alcance da mão. Uma coisa que Aden não havia pensado, dizendo para ela que ela deveria ficar por um dia, era a seleção de comidas do escritório. Comida humana, ora essa.

Haviam muitas bebidas. Aparentemente vampiros bebiam como peixes bebem água. Quem poderia dizer?

Havia também uma prateleira cheia de garrafas de água na grande geladeira que pegava quase todo o espaço na pequena cozinha do escritório. O resto das prateleiras estavam estocadas com sacos de sangues, do tipo que você acha num banco de doações. Sid se perguntou qual era a cadeia de suprimentos deles. Dresner havia dito a ela que pessoas se voluntariavam nas — casas noturnas — de sangue, festejando com os vamps e deixando-os beber de suas veias. Mas de onde vem o resto? Ela imaginou uma sala especial em cada casa noturna que pertencia aos vampiros, com uma equipe treinada de flebotomistas¹⁰ de prontidão, apenas esperando pelas doações. Cookies e suco de laranja disponíveis.

Sid riu. Era meio engraçado, mas provavelmente não tão distante da realidade. Pensando a respeito, ela não se importaria de ter aquelas cookies e suco de laranja agora mesmo. Ela achou um saco solitário de batatas que deveria ter sido deixado para trás há meses atrás.

Graças a Deus ela tinha uma mochila suprida de barras de energias, mas no momento em que o sol se pôs, ela sairia e iria até o restaurante mais próximo comer comida de verdade.

Nesse meio tempo, ela estava se satisfazendo. Ela se banhou e se trocou, sentindo cada musculo tenso, cada pedaço da carne macia. Havia uma dor única no corpo de uma mulher depois do sexo, músculos usados, lugares secretos esfregados e invadidos. Sid não era inocente; ela tinha maior a experiência em

¹⁰ É um profissional que tem como função fazer uma incisão praticada na veia, com objetivos diversos

dor. Mas nunca como essa. Sexo com Aden não era parecido com nada que já experimentara, nada que ela imaginasse existir. E ela mal podia esperar em fazer tudo de novo.

Ela sorriu para si, desejando que pudesse estar lá quando Aden acordasse, imaginando seus olhos se abrindo, seu largo tórax se expandindo enquanto seu pulmão extraia o primeiro sopro da noite. E então ele rolaria e a colocaria em seus grandes braços, levando –a para debaixo de seu corpo, uma coxa por entre suas pernas, o peso do pênis dele contra sua coxa...

Ela tomou um grande fôlego. Ela se sentiu ficar molhada, sua vagina doendo enquanto ela se lembrava da sensação do eixo grosso de Aden penetrando para dentro e para fora.

— Jesus, Sid se controle, — ela murmurou e se forçou a voltar a atenção para a tela do computador e para o artigo que ela escrevia sobre escravidão ilegal na America. Isso foi um golpe de água fria em qualquer excitação que ela estava sentindo. Essa era a razão por ela estar aqui. Encontrando Aden foi um grande golpe de sorte, mas o propósito dela entra no mundo dos vampiros era para expor suas práticas ilícitas de negócios.

Essas eram palavras-chaves. Ela tinha intenção de despertar os camponeses com suas tochas e forquilhas, denunciando Klemens e deixando –o queimar. Mas agora havia Aden que ela podia expor, e isso não aconteceria. Qualquer pecado do qual ele era culpado, vender mulheres para serem escravas definitivamente não era uma delas. Ele havia sido impiedoso na noite passada, matando cada um dos escravistas, mas quando se tratou dos escravos, ele mostrou tremendo cuidado. Sabendo de seu passado, fez sentido para ela, mas não é qualquer um que sairia dessa terrível experiência sentindo compaixão pelos outros. Estudos haviam mostrados várias vezes de que os piores abusadores foram abusados. Foi a forte personalidade de Aden que o fez escolher proteger os mais fracos.

Mas a história de Sid ainda precise ser contada. Os americanos precisam saber o que está acontecendo debaixo de seus narizes. Talvez ela poderia ver pelo lado vampiro. O fato de o anel de escravidão ser controlado pelos vampiros não era tão importante no esquema total das coisas. Havia dezenas de humanos na cadeia alimentar também.

O telefone dela tocou, e ela deu uma olhada. Era seu irmão mais velho de novo. Ele estava ligando desde o começo da semana, querendo saber como ela estava, porque ela saiu não apenas da festa, mas da cidade inteira, de repente. Ela imaginou o que ele diria se ela contasse a verdade, que ela se tornou amiga de um vampiro, e não qualquer vampiro, mas o próximo Senhor de Midwest. Ele provavelmente mandaria homens com camisa de força atrás dela.

Sid tocou o lado de seu pescoço. Estava macio, e as marcas quase se foram. Se ela não fosse tão pálida, não haveria nenhuma marca, nenhuma evidência de mordida de vampiro.

O celular dela continuou tocando. Mais dois toques, e iria para a caixa de mensagens. Ela deveria mesmo atender dessa vez. Se o irmão dela, Jamie, ouvisse logo sua voz, ele mandaria alguém bater em sua porta. E quando ninguém atendesse a porta, ele se envolveria. Jamie tomou sua responsabilidade como a criança mais velha muito à sério. Principalmente quando se tratava de sua irmãzinha.

Ela exalou um longo e sofrido suspiro e atendeu a ligação.

— Hey, Jamie

— Já era tempo, — gritou ele. — Você desapareceu da festa e então nem se importou de atender o maldito telefone?

— Desculpe. Você não recebeu meu e-mail?

— Sério Sid? Eu venho te ligando há dois dias.

— Desculpe — repetiu ela. — Você sabe como eu fico quando estou terminando uma história.

Ele resmungou alto, mas disse, — Então a história sobre escravidão está quase pronta?

— Quase — concordou ela.

— Então você voltará para casa?

Este tinha sido o plano de Sid por um tempo. Sua mudança para Chicago era para ser temporária. Alguns meses para escrever uma história sobre drogas e violência, então voltar para os subúrbios de casa. Mas a história sobre drogas se tornou uma história de escravidão, e então Janey morreu, e a história de escravidão virou uma crusada para silenciar a coisa toda. E agora já se foram

dois anos desde que ela deixou o subúrbio aconchegante e seguro de seus pais pela selvageria da cidade grande.

Se Jamie fizesse a mesma pergunta há duas semanas atrás, ela teria lhe dito, sim, que ela estaria saindo de Chicago e voltando logo para casa. O contrato do apartamento estaria vencendo daqui um mês, e ela estava mais do que preparada para sair da cidade grande e voltar para o conforto silencioso dos pais no subúrbio. Não havia nada que a prendesse aqui.

Mas agora que ela havia conhecido Aden, a ideia de deixar Chicago fez seu peito doer, porque isso significava deixá-lo. E ela não sabia se podia fazer isso.

— Eu não sei. — Ela respondeu a pergunta de Jamie honestamente.

— Mamãe sente sua falta, você sabe. Assim como papai, mas mamãe especialmente.

— Eu seu, eu sinto muito. Mas... eu ainda não decidi.

— Humm eu ouvi que Will vai se casar, — ele arriscou cuidadosamente, como se estivesse testando.

— Essa não é a razão de eu estar em Chicago, Jamie. — Ela disse a ele pacientemente. — Will e eu não somos um casal faz tempo.

— Só queria checar. Eu odiaria quebrar os ossos do cara, mas você sabe que eu o faria se ele te machucasse.

— Will nunca me machucaria. — Ela não mencionou que isso era parte do problema, que Will simplesmente era legal demais, exatamente como qualquer outro homem, até agora. Ela não havia percebido isso até conhecer Aden. Aparentemente, ela precisava de um homem extremo.

— Ok, bem... Eu estarei na cidade na próxima semana, — Jamie lhe disse. — Podemos almoçar, ou jantar. Você pode cozinhar para mim.

Sid fez um som desconsiderando. — Yeah, certo. Você pode me levar para passear, que tal?

— Como é que você irá arranjar um marido se você nem cozinha, garotinha?

— Quem disse que estou procurando por um?

— Mamãe quer netos.

— Mamãe tem dois filhos perfeitos que podem visitá-la. — Ela pausou. — A não ser que você tenha algo a me dizer? Talvez as investidas não estão indo bem?

— Vá se fuder.

— Agora isso foi grosseiro.

— Jesus, Sid, que nojo. Você tem andado com o tipo de pessoal errado por tempo demais.

— Talvez.

— Olha, tenho que ir, mas definitivamente nos encontraremos semana que vem, ok?

— Claro. Me ligue quando chegar aqui, nós pensaremos em algo.

— Te amo.

— Te amo também. — Sid desligou, então pôs seu computador de lado e se sentou, de repente se sentindo inquieta. Talvez tenha sido a ligação de seu irmão, tentando trazê-la de volta para protegê-la. Se dependesse de sua família, Sid jamais deixaria os subúrbios. Ela se casaria e daria alguns netinhos para sua mãe mimar, se não fosse com Will, então com alguém adequado. Adequado significa alguém como eles – branco, educado, e rico. Ela não sabia quanto de educação Aden teve, mas ele claramente tinha muito dinheiro. Por outro lado, ela tinha certeza de que adequado não incluía um vampiro, não importa o quê.

Precisando alongar seus músculos machucados pós sexo, e desesperada em pensar em outra coisa além de seu futuro imediato, ela pegou uma garrafa de água e se dirigiu para o corredor. O escritório de Aden fazia parte de três cômodos conectados, com a área da recepcionista sendo a única com uma porta para o corredor. Os outros três cômodos se abriam para a área da recepção, sendo o escritório de Aden o maior e o único com janelas. A área de descanso, onde ela estava, era o outro cômodo, com uma área pequena para a cozinha e um ambiente meio — homem-das-cavernas

Andando até o corredor, Sid parou e olhou e ambas as direções. A suíte de Aden, e o que ela achou ser também os apartamentos de seus outros vampiros, estavam todos a sua direita, seguros atrás de portas pesadas. Do outro lado, a esquerda de Sid havia o elevador, e era isso. Enquanto ela parou lá, ela foi abruptamente atingida pelo silêncio total do lugar. Nenhum telefone tocando,

nenhuma música. Havia um soar de ar do sistema de aquecimento, mas nada mais.

Ela se sentiu de repente muito sozinha. E muito vulnerável. Não apenas para o seu próprio bem, mas por Aden e os outros vampiros. Havia uma guerra de algo nessa cidade. Chame de desafio ou competição, mas vampiros estavam morrendo por todos os lados. E se algum dos inimigos de Aden decidisse jogar sujo e atacasse durante o dia? A cultura vampírica tinha regras para esse tipo de coisa? Esta era o tipo de pergunta que ela deveria ter feito ao professor Dresner não muito tempo atrás. Mas por hora, ela teria que confiar em seu próprio julgamento, e sua cabeça estava dizendo que, de algum modo, qualquer inimigo pisar aqui, Aden não tinha ninguém, a não ser ela entre ele e o desastre.

Ela se virou e foi em direção a sua mochila, que ela havia deixado na área de descanso. Ela não havia contado a Aden sobre sua arma, achando que ele não aprovaria. Além do mais, ele insistiu que não precisava de sua proteção, porque seus métodos de segurança bastariam, pois Earl Hamilton vigiava o quinto andar e o elevador privado estava trancado. Mas impérios foram perdidos porque o perdedor se achava invulnerável, e Sid estudou o suficiente para saber que ninguém estava perfeitamente a salvo. Se os atacantes estavam dispostos a morrer, qualquer um poderia ser pego. E se Sid tinha aprendido algo sobre vampiros, era que seus seguidores fariam qualquer coisa pelo seu mestre vampiro... ou mestra.

Indo até sua mochila, ela tirou sua subcompacta Glock de 9mm. Não parecia nada comparada com as grandes Glocks, mas era o suficiente para um humano, e uma vez que o sol estava alto no céu, isso era tudo com que ela tinha que se preocupar. Depois de escurecer, Aden não precisaria de sua pequena arma de fogo. Ela era mais do que suficiente para cuidar de si mesmo.

Levantando sua camisa e abaixando seu jeans, ela passou o cinto por sua cintura, e colocou tudo de volta no lugar. Ela originalmente escolheu o cinto com um coldre porque ela não queria dar pinta de que estava armada. Com a parte mais baixa do cinto acima do cós de sua calça, e seu usual moletom de toca adicionando outra camada de cobertura, ninguém saberia que ela carregava a não ser que eles tivessem tempo de revista-la. E se alguém tivesse total controle sobre ela enquanto revistavam-na, a briga provavelmente já tinha acabado.

Checando as revistas, ela as juntou, então as deslizou, as fechando. Ficando quente era o que o instrutor dela chamava isso. Isso deu alguns minutos no primeiro round, e em alguns segundos, ela enfatizou, pode ser tudo que você tem.

Deslizando a Glock no cinto, e colocando sua revista no seu bolso especial, ela colocou sua longa camiseta por cima, mas deixou moletom aberto. Se sentindo um pouco preparada pronta para guerra, ela voltou para o corredor e foi até o elevador, onde ela passou algum tempo olhando para o chão, até acender o número 1 - começar a piscar. Ela piscou rapidamente e que isso não iria mudar. Ninguém estava fazendo uma tempestade de batalhas, pelo menos não enquanto ela ficou lá parada esperando. E além do mais, ela estava ficando com fome de novo, e ela deixou seu penoso loteamento de barras de energia na mesa do café na área de descanso.

Pegando uma garrafa nova de água da geladeira, ela se sentou no grande sofá de couro e se contorceu um pouco, antes de finalmente achar uma posição onde a arma não cutucava sua barriga ou arranhasse o osso de sua cintura. Ela abriu a primeira barra de energia, ligou a tv, e sentiu seus olhos começarem a se fechar quase que imediatamente. Ela dormiu menos do que uma hora na noite passada. Deixando de lado a barra de energia, ela se ajeitou nas almofadas grossas e deixou o sono a levar.

Sid despertou com um pulo, o coração dela batendo enquanto ela olhava para um quarto estranho, com uma tv enorme que atualmente mostrava um game show hiperativo com competidores celebrando no mudo. Escritório do Aden, ela se lembrou. Ela estava no escritório de Aden e algo a havia acordado. Ela se sentou e checkou a hora no celular. Era quase a tarde. Longas horas se esticavam diante dela, e ela começou a odiar o isolamento de estar presa aqui.

Ela estava pegando uma garrafa de água, seus dedos ainda não tocaram o plástico, e então ela ouviu o último som que ela esperava ouvir. O elevador apitou fracamente, como se estivesse subindo e ela ouvia o progresso da subida através dos andares inferiores. Era isso que a havia acordado? Estava tão quieto aqui que o menos ruído poderia parecer alto.

Ela parou, escutando. E ela ouviu novamente. Talvez o elevador apenas tivesse subindo e descendo entre os andares inferiores. Talvez ela não entendeu o

que Aden disse sobre o elevador estar trancado. Ou talvez Earl Hamilton estava subindo por alguma razão. Sim, era provavelmente isso. Talvez ele soubesse que ela estava aqui e veio ver como ela estava.

Abaixando sua camiseta e tateando para sentir a arma, ela andou devagar para a área da recepção e de volta para o corredor, onde ela parou. Colocando apenas a cabeça no corredor, ela olhou para o elevador e esperou.

Nada. Nem ao menos o som anterior que ela tinha ouvido. Isso era bom, não era?

Se sentindo um pouco covarde se voltasse para o escritório, ela se atreveu a sair no corredor. Andando perto da parede do elevador, uma mão alisando a parede, se aproximou do elevador cautelosamente. Ela podia ouvir o barulho do carro em movimento, o som dos grandes cabos deslizando.

Parada lá perto do elevador, ela se amaldiçoou por ser uma idiota. Ela deveria ter ligado para Hamilton do escritório. Ele provavelmente estava na discagem rápida, ou se não estivesse, ele estava registrado em seu celular por causa da manhã anterior.

Ela estava quase virando para voltar para o escritório quando a chegada do elevador a congelou. Ela se afastou, olhando, com medo de respirar enquanto ela assistia as portas do elevador abrirem quase que silenciosamente.

Homens saíram do elevador, seus rostos e roupas cheias de sangue, armas muito maiores que a dela já estavam em mãos. Ela gritou, sua arma indo em direção ao coldre com a arma, mas era tarde demais, tarde demais. Um deles balançou um punho fechado, atingindo forte o suficiente para ela rodar e dar de cara com a parede oposta a do elevador. Ela sentiu sangue na garganta e sentiu seu nariz inchar e se fechar por causa da força do impacto. Atrás dela, alguém a puxou pelos cabelos e gritou, torcendo seu pescoço enquanto a colocava de pé e a mantinha ali. Outro alguém amarrou suas mãos em suas costas e colocou uma fita de plástico em volta, apertando tão forte que o plástico cortou sua pele. Ela mal teve a chance de chorar antes que um pano molhado era pressionado contra sua boca. Incapaz de respirar pelo nariz inchado, Sid buscou por ar pela boca e quase engasgou com o forte e gosto acre, lutando para não vomitar. Instinto primitivo fez com que ela tomasse um segundo fôlego, e estrelas apareceram na parte de trás de seus olhos.

Seu último pensamento foi de que eles a queria viva, e isso era algo bom.
Mas ela não conseguia se lembrar do porquê.

CAPÍTULO DEZESETE

ADEN ACORDOU com uma fúria rara. Seus olhos se abriram, e ele saltou da cama, engolindo uivo de raiva enquanto ele escaneava o quarto vazio, procurando por qualquer perigo que tinha feito suas presas saírem de sua gengiva, seus dedos curvando-se em garras. Nada. O quarto estava escuro e silencioso. Procurando mais a fundo, ele procurou e achou todos os quartos de sua descendência, cada um começando a acordar enquanto o sol descia mais fundo através do horizonte.

Ele se endireitou de sua postura defensiva, as batidas de seu coração voltando ao normal e seu respirar saindo enquanto a adrenalina ia embora. Ele olhou para a cama vazia e pensou em Sidonie. Levantando-se novamente, ele concentrou seu poder para procurar pelos escritórios além dos quartos seguros, procurando pelo delicado bater do coração humano dela.

Ela não estava aqui. Ou ela não estava viva.

Pegando um moletom enquanto voava, ele correu para a porta e colocou o código para abri-la, colocando as calças enquanto a fechadura abria devagar, enquanto os parafusos deslizavam através da parede com um barulho de aço sólido. Ele não esperou, mas se esgueirou por entre as fechaduras se movendo, assim que os parafusos estavam recolhidos e a porta pudesse ser aberta.

O cheiro de sangue o atingiu como um porrete, fazendo-o retroceder um passo antes dele correr até o corredor e explodir por entre as portas de segurança, seguindo um cheiro que ele conhecia bem. Ele sentiu o sangue de Sidonie. Fluía pelas suas veias, e pulsava em seu coração. Seu cheiro o levou, não para o escritório como ele esperava, mas para o corredor, até as portas fechadas do elevador e a mancha de sangue dela na parede.

O telefone começou a tocar enquanto ele se agachava. O sangue de Sidonie estava também no carpete, e ele não estava sozinho. Havia outro sangue lá. Sangue humano, e mais de uma pessoa. Mas o cheiro era muito fraco para lhe dizer de quem ou até saber de quantos, como se eles tivessem carregando sangue em suas roupas e perdido apenas algum sangue enquanto lutavam... com Sidonie.

Ele fechou os olhos e tentou reconstruir o que aconteceu, usando apenas o que seu nariz poderia dizer a ele.

O telefone parou de tocar. Ele ouviu uma voz autoritária deixando uma mensagem, mas não se importou em ouvir as palavras. Perto, passos silenciosos e um conhecimento único de seus descendentes o informou de que Bastien estava acordado e funcional e agora estava parado na entrada do escritório, ouvindo a mensagem.

Aquele mesmo conhecimento lhe disse que em um momento depois seu tenente viria até o corredor e esperaria.

— O que é, Bastien? — Aden perguntou silenciosamente, enquanto mergulhava seu dedo no sangue de Sidonie.

— Era a polícia, Sire. Quem ligou não disse nada, mas o porteiro está morto. Eu ouvi alguém discutindo nos fundos. Eles estão entrevistando as pessoas e estão muito irritados por não poderem ter acesso a nossa cobertura de dois andares.

— Onde está Hamilton? — Kage perguntou, cruzando o corredor a tempo de ouvir o que Bastien dizia.

Essa era a questão, Aden pensou consigo. Onde estava o seu chefe de segurança da luz do dia e porque não foi ele quem ligou para notifica-los ao invés da polícia?

— Os invasores estiveram aqui, — Aden disse, levantando-se e olhando para o sangue espalhado em seus dedos. — Levaram Sidonie.

Ele se virou para encarar seu pessoal, todos os quatros estavam parados no corredor, observando-o com expressões idênticas - curiosidade e raiva, mas não medo, ele ficou orgulhoso de ver. Eles confiavam nele, na habilidade dele de protege-los e matar quem quer que tivesse orquestrado esse ataque descarado. Vampiros não mandavam criados para atacar a luz do dia. Era um de seus tabus. E fazer isso durante uma competição territorial era inédito.

— Nós precisamos checar Hamilton e os outros, — ele disse para eles.

— E a polícia? — Bastien perguntou.

— Pelo que eles sabem, nós ainda não nos levantamos. Deixe-os esperando. Vamos.

Eles pegaram as escadas até o único andar onde a segurança de dia de Aden se estabelecia quando estavam de serviço. Travis passou pela porta primeiro, abrindo-a com força o suficiente para cruzar o corredor e adentrou com velocidade vampiresca. A única coisa que era certa era que os invasores eram humanos. Se algum ainda estivesse a espreita, esperando para pegar Aden e seu pessoal despreparados, eles não seriam capazes de detectar o movimento de Travis.

Mas não havia ninguém ali. Aden soube assim que a porta se abriu. O cheiro de sangue cresceu a cada passo que ele dava. E agora, ele estava perto de expirar devido ao fedor. Era mais do que sangue. Era um cheiro que ele não experimentara em mais de cem anos, o fedor de um campo de batalha humano – sangue e suor, e acima de tudo o cheiro de entranhas desvisceradas ou o desprender da morte.

— Separem-se, — Aden ordenou. — Salvem quem vocês puderem, e não se esqueçam de limpar suas memórias depois. Gritem se precisarem de mim. E achem Hamilton.

Ele seguiu suas próprias ordens, indo de homem em homem, procurando ajuda, cortando seu pulso e pingando sangue em suas bocas para acelerar a cicatrização se possível.

— Meu Senhor! — Cage chamou. — Achei Hamilton.

Aden correu até o corredor da sala de controle, onde vídeos mostravam o lobby e cada porta do prédio. Earl Hamilton jazia no chão perto da parede mais alta. Kage parou, dando espaço para Aden até o lado do homem ferido. Era óbvio que Hamilton tomou a raiva dos atacantes. Ele era o único a ter acesso ao sexto andar durante a luz do dia- o elevador e as escadas eram separadas por códigos complexos- e os invasores o haviam torturado para conseguir os códigos. Cada dedo estava quebrado, as juntas esfoladas e ensanguentadas onde eles usaram uma espécie de martelo para quebra-las. O rosto de Hamilton estava severamente ferido, mal se reconhecia ele, e eles o esfaquearam diversas vezes, como se tivessem tentado mata-lo uma vez que obtiveram o que queriam.

— Earl, — Aden disse, colocando uma mão na testa do humano e usando seu poder sobre a mente dele para apaziguar a dor. Tomou consideravelmente o controle de Aden para se abaixar ali, mandando ondas de conforto e calma, enquanto parte dele continuava imaginando a pele pálida e os ossos delicados do adorável rosto de Sidonie. Continuava a imaginá-la nas mãos de homens que eram capazes de tamanha brutalidade.

Ele quis amaldiçoar os céus, e caçar quem quer que tenha planejado isso e fazer com eles cem vezes pior do que fizeram com Hamilton e os outros. E ele desesperadamente queria achar Sidonie e trazê-la em segurança.

Mas primeiro ele tinha um débito com Earl Hamilton. Usando suas presas, ele cortou seus pulsos e os colocou contra a boca de Hamilton, apressando para que o homem bebesse seu sangue.

— Meu Senhor, — Bastian alertou. — Deixe-me dar a ele meu sangue. Se Silas está por trás disso, ela poderá usar essa confusão para desafiar...

Aden lhe deu um olhar frio. — Cada um desses homens ofereceu sua vida para me defender. Se eu puder ajuda-los, meu sangue é deles.

— Claro, meu senhor.

— E aqueles que já estavam mortos?

Aden fechou os olhos contra a dor inesperada. Ele havia contratado guardas por décadas, mas ele sempre considerou os guardas de dia mais por aparência do que por necessidade. Ele confiou nas suas fechaduras eletrônicas e suas portas de caixa forte para mantê-lo a salvo. Ele nunca considerou a possibilidade de que qualquer um de seus guardas de dia precisassem morrer sobre sua proteção.

— Nós os trataremos com honra. Chame a casa funerária, você sabe qual. E avise as famílias deles. Cobriremos todos os custos.

— O contrato deles cobria isso, meu senhor, assim como uma compensação para suas famílias.

— Qualquer que seja o bem que fizer para eles, — Aden murmurou.

— Desculpe meu senhor, mas você tem que falar com a polícia.

Aden olhou para Hamilton. Os benefícios do sangue de Aden eram óbvios. Levaria dias para o homem se curar, mas ele estava respirando mais facilmente, e a cor dele estava melhorando. Se Aden lhe pudesse dar mais sangue, ele estaria curado em horas ao invés de dias. Mas Bastien estava certo. Quem quer que tenha feito isso, ainda não terminou. E se o autor fosse Silas, ela poderia planejar um desafio a ele enquanto estivesse fraco ou distraído.

Aden parou. Silas não o conhecia tão bem, se ela achasse que isso fosse o suficiente para enfraquecê-lo.

— Bastien, você vem comigo. Nós falaremos com a polícia. — Eles andaram até a sala principal. — O resto de vocês, limpem isso. Farei com que a

policia fique lá embaixo, — um outro jeito de dizer que ele cuidaria da mente dos investigadores humanos na direção certa, — mas eu quero esses caras fora daqui para se recuperarem. Os mortos podem ser colocados em um dos quartos por hora, até que a casa funerária os retire. E Tray, consiga a limpeza apropriada para cá. Tenha certeza de que eles cheguem depois dos policiais se forem. E alguém comece a checar as gravações do vídeo no lobby.

Ele olhou para baixo, para os moletons, que era tudo o que vestia. Ele estava coberto de sangue e completamente não – vestível.

— Eu preciso trocar de roupa. — Ele olhou para Bastien que estava vestido parecido. — Você também. Precisamos causar boa impressão. Nós os asseguraremos que nossa segurança jamais falhou, e que nós iremos, claro, cooperar.

Aden correu pelas escadas com Bastien, forçando-se a se focar nos detalhes que precisavam ser feitos agora em ordem de proteger ele e seus vampiros. Entrando em sua suíte, ele deixou para lá a raiva, que o comia vivo, ignorando as imagens da pele perfeita de Sidonie coberta com sangue, o rosto dela tomado de terror. Não faria nenhum bem a ela se ele estourasse por toda cidade numa busca infrutífera. Ele havia bebido o suficiente de seu sangue que se estivesse perto o suficiente, ele poderia localizá-la.

Mas Chicago era uma cidade grande, e seus raptos poderiam estar escondidos em qualquer lugar. Ela poderia nem estar mais na cidade. Ele não sabia quando o ataque ocorrera, não sabia quantas horas eles tiveram para sumir, para tortura-la...

Ele pegou uma escultura pesada e a jogou contra a parede com tanta força que aquilo ficou ali, emplastrada na parede. Ele olhou, sem ver, seus punhos fechados com a necessidade de bater em algo mais, em alguém. Quando ele achasse quem tivesse feito isso, suas vidas se tornariam nada mais do que dor. Eles viveriam muito, e cada momento seria passado aprendendo o que significava desafiar o mestre vampiro, aprender que tirar a única mulher por

quem ele se importou na sua longa vida. A única mulher que honestamente se importou com ele.

Virando de costas para a parede destruída, ele se vestiu rapidamente, pausando apenas para ver seu reflexo no espelho, para arrumar sua gravata e abotoar seu terno. A polícia estava esperando um vampiro, presas e tudo o mais. Ele lhes daria um cidadão sólido, um empresário que estava chocado com a invasão de violência em sua vida ordenada.

Se eles não acreditassem nisso, ele embaralharia suas mentes até que eles não pudessem lembrar o que eles tomaram no café da manhã. Ele não tinha tempo para essa merda. Alguém havia quebrado cada regra da sociedade vampírica, alguém havia levado sua Sidonie, e eles pagariam antes do sol se erguer de manhã.



SIDONIE SE CONTORCEU e se sacudiu nas tiras de plásticos que amarravam seu pulso até que sua pele estivesse melada de sangue, mas ela não conseguiu se livrar delas. Talvez se ela tivesse algo afiado para cortá-las, algum canto que ela pudesse usar, mas não havia nada. Eles a jogaram na parte de trás de um porta-malas, fechado a porta, e se mandado. O caminhão estava abafado e inundado de fumaça e alguma coisa morta. O cheiro era nauseante, e ela estava lutando uma constante batalha com a constante urgência de vomitar, o que poderia ser fatal, pois sua boca estava tapada, e ela viu shows de crimes o suficiente para saber que ela engasgaria até a morte.

Ela não sabia quanto tempo estava presa no maldito porta-malas. Ela desmaiou mais de uma vez, talvez por causa da fumaça, ou talvez pela tontura de quando eles a haviam pego primeiramente. Mas isso a deixou incerta de quanto tempo esteve viajando. Ela apenas sabia que era tempo o suficiente para ela

pensar o que havia errado, como é que ela se encontrava amarrada no porta – malas de um carro.

Ela suspirou. Seria fácil culpar Aden, mas não era culpa dele. Sua atual situação era o efeito multiplicado das escolhas que ela havia feito ao longo dos anos, começando com a decisão dela de renunciar as histórias usuais de cidades natais de café da manhã com panquecas e heróis do basquetebol, em favor de perseguir o que ela considerava jornalismo sério. Histórias que pudessem fazer diferença. Ela fez exatamente a diferença. Janey estava morta, e ela provavelmente iria se juntar a ela antes de a noite acabar.

E já era noite? Era meio-dia quando a pegaram. Ela teria saído fora disso se não fosse pelo o que quer que estivesse no trapo molhado que eles colocaram em seu rosto, era tudo que ela se lembrava. O sol ainda brilhava quando eles a trouxeram porta a fora e até o beco do prédio de Aden.

Seu coração palpitou com o repentino ar fresco. Aden. Ela precisava acreditar que ele estava bem, que os intrusos jamais teriam passado a última, e mais forte, camada de segurança. Ela achou que eles não tiveram tempo, e além do mais, porque leva-la se eles tinham Aden?

Mas o que ele pensaria quando acordasse e descobrisse que ela se fora? Acharia ele o sangue na parede onde ela bateu a cara? Ou teriam seus sequestradores limpado aquilo, deixando-o pensar o que acontecera? Teria pensado que ela havia fugido? Que ela o havia deixado? Lágrimas encheram seus olhos com aquele pensamento. Cada mulher em sua vida o havia traído. Mas Sid não. Ela não o faria. Teria ele entendido isso?

Sid engoliu suas lágrimas, forçando-se a pensar com seu cérebro ao invés de seu coração. Ela não achava que Aden tivesse pensado que ela havia fugido. E mesmo que tivesse pensado, ele a acharia. Aden não era o tipo de homem de quem uma mulher pudesse sair andando- ele era o tipo de homem que saia andando. Então ele a procuraria, mesmo se fosse apenas para dar o fora nela.

Um pensamento horrível veio até ela. E se fosse isso que seus sequestradores quisessem? E se ela fosse a isca de uma armadilha para pegar Aden? Ela não poderia deixar isso acontecer. Ela não deixaria isso acontecer.

Ela suspirou, ou ela tentou. Era difícil com uma fita na boca e um nariz que estava tão inchado que ela mal podia respirar. Ainda assim, grandes palavras para a pequena dama toda amarrada no porta-malas. Ela mudou de posição desconfortavelmente, mas não havia jeito confortável de deitar toda amassada nesse pequeno espaço com as mãos amarradas nas costas. Eles podiam ao menos ter pego um carro maior. Sua cabeça latejava, seus ombros doíam, e havia alguma coisa dura raspando em sua barriga. Ela tentou se mover novamente, mas coisa dura continuava raspando... Sid parou. A coisa dura era sua arma! Eles não a revistaram, ou pelo menos não tão bem. O conhecimento a fez mais determinada do que nunca em ter suas mãos livres, mas não estava fácil. Quanto mais ela lutava, mais o plástico parecia se enterrar na sua pele.

Ela fez um som de frustração por trás da grossa fita e então se forçou a se acalmar, a pensar racionalmente. Sua arma era inútil se ela não pudesse alcançá-la. Ela ainda precisava libertar suas mãos, mas não adiantaria em nada se punir por isso. Ela precisava ser esperta, e isso significava planejar. Eventualmente, eles teriam que abrir o porta-malas e tirá-la de lá. Mesmo que o plano fosse usá-la como isca, eles teriam que ter um lugar para atrair Aden, algum lugar melhor do que esse carro. Não havia maneira de saber onde seria. Então a única coisa que ela podia fazer por agora era estar pronta para tomar vantagem de qualquer oportunidade que se apresentasse. Tão impossível quanto parecia, o que ela precisava fazer agora, era descansar, apagar sua cabeça e dormir.

Boa sorte com isso, ela pensou. Mas ela fechou seus olhos e se focou em relaxar um músculo por vez, sentindo o resquício da droga ainda em seu organismo, deixando a exaustão a levar...

Ela levantou assustada quando alguém bateu a porta do porta-malas, surpresa por ela realmente ter dormindo. A batida veio novamente, simplesmente

para assustá-la, pensou, porque um minuto depois uma chave rodou na fechadura e a porta se abriu. Sua primeira reação foi de surpresa de tão escuro que estava lá fora tanto quanto estava no porta-malas. Ela deveria estar presa por horas. Mas sua próxima reação era de puro alívio enquanto frio, fresco ar soprou em sua face, e ela soltou um suspiro tenso que não era de fumo e morte.

Seu alívio durou pouco quando um dos dois homens olhou para baixo a pegando pelos braços e a arrastando fora do porta-malas, torcendo seu braço e batendo em seu calcanhar dolorosamente contra algum tipo de trailer atracado na parte de trás do carro. As pernas dela, apertadas num espaço pequeno por muito tempo, não a sustentavam quando ela tentou ficar de pé, mas seu sequestrador nem ao menos tentou pegá-la. Ele a deixou cair no meio do asfalto da rodovia, e seu cotovelo raspou na superfície dura. Seu choro de dor foi abafado pela fita ainda cobrindo sua boca, mas ao mesmo tempo ela registrou o fato de que a fita não estava mais tão apertada como estava antes. O calor e o stress de horas num espaço pequeno a deixara suada, seu rosto com caminhos de lágrimas, tudo isso combinado em afrouxar a fita um pouco. O conhecimento não fez muito para libertá-la, mas a fez se sentir melhor de algum jeito. Lhe deu esperança.

O homem pegou seu braço mais uma vez, e cada músculo se retraiu em protesto enquanto ela cambaleava para cima. Ela fechou os olhos, não querendo ver seus sequestradores, desejando que ela pudesse se livrar de toda a situação tão facilmente. Tudo doía, de seu nariz inchado até seu tornozelo direito e tudo que estava entre eles.

— Anda vadia. Eu não irei carrega-la.

Sid olhou para seu guarda pela primeira vez. Ela não podia ser positiva- tudo havia acontecido tão rápido- mas ela não achou que nenhum desses caras estivesse entre seus sequestradores essa manhã. Talvez fosse por isso que demorou tanto. Talvez eles tenham dado voltas até esses dois puderem pegá-la. Ou talvez eles estacionaram em algum lugar enquanto ela dormia. Ou, infernos, talvez ela tenha simplesmente se enganado em quem estivera no sequestro

original. De uma coisa ela tinha certeza... quem quer que estivesse por trás disso estava esperando por ela na pequena casa no final da rua.

Ela girou sua cabeça o tanto que podia. A vizinhança era familiar de algum modo que ela já tinha estado aqui antes, ou, igualmente possível, ela havia estado num lugar exatamente como esse. Casas mal conservadas ficavam apertadas em pequenos lotes e cercadas de apartamentos em estados piores. Carros estavam estacionados em ambos os lados da rua, alguns armazéns e todos velhos e mal conservados. A rua estava escura, iluminada apenas pela luz da meia lua, a luzes da rua, ou foram quebradas, ou queimaram. E algo a atingiu. Este era a mesma vizinhança onde ela vigiou alguns dos traficantes de Klemens. Não essa casa, mas era perto o suficiente para que isso a preocupasse.

Seu sequestrador a pegou dando uma olhada e a chacoalhou como se ela fosse uma boneca de pano.

— Não fique olhando para o meu bairro, vadia. Esse lugar não tem nada a ver com você.

Manchas negras nadaram em sua visão, mas Sid as espantou, determinada a ficar consciente. Ela precisava ver o tanto que podia no caso de planejar fugir. Algumas pessoas consideravam pensamentos de fugas ridículos na sua atual situação, mas isso não parou Sid. Situações podiam mudar. Pessoas poderiam ficar preguiçosas ou complacentes e lhe dariam abertura. Ela não precisaria de muito. Embora, ela pensou, franzindo a testa, ela precisava ter as mãos livres.

Aquele pensamento fez surtir um efeito, e pela primeira vez desde seu sequestro, ela sentiu o peso total de sua situação. Seus ombros caíram desanimados. Seu sequestrador viu e riu enquanto ela a arrastava porta a dentro até a casa.

A porta robusta e a elaborada fechadura confirmava que essa não era uma casa comum, ela era provavelmente usada por traficantes. Mas Sid não podia imaginar o que eles queriam com ela. Ela escreveu um artigo ou dois sobre a

cultura de droga em Chicago, mas isso havia sido a mais de um ano atrás, e as histórias não ganharam muita atenção para deixar alguém incomodado, ainda mais estrago real.

Enquanto a jogavam para uma cozinha imunda que cheirava óleo e lixo velho, entretanto, ela teve um segundo, pensamento desanimador. Aden havia quebrado uma operação de escravos, mas ele não pegou o único vampiro que Sid tinha certeza que comandava a coisa toda. Carl Pinto. E o tráfico de escravos de Klemens sempre teve a ver com os traficantes de drogas.

Ela sentiu um tremor que começou em seu estomago e irradiou para fora, fazendo tremer seu corpo inteiro antes que tudo terminasse. Ela queria atribuir a tremedeira as drogas que haviam dado a ela, ou pela descarga de adrenalina, mas era medo, puro e simples. Ela viu o que Pinto era capaz, sua crueldade e insensibilidade. As mulheres que ele traficava eram nada além de comida para ele. Objetos que eram comprados e vendidos, e se elas não fossem rentáveis, elas eram trituradas e jogadas fora.

— É isso aí, vadia, — seu sequestrador reagiu a sua tremedeira. — O homem a frente irá cuidar de você.

Sid não podia responder para a provocação mesmo que quisesse, não com a fita ainda presa em sua boca. Sendo assim, entretanto, ela estava ocupada demais tentando ficar de pé, tentando pensar em um cenário que não acabasse com ela morta ou despachada como escrava. Ela tinha certeza de que preferia estar morta.

— Sidonie Reid, — alguém resmungou, e ela olhou para cima para achar o vampiro que ela mais temia. Carl Pinto sentado em uma grande cadeira de couro, o único móvel no recinto que não estava se desfazendo.

Sid engoliu a seco, seu coração batendo tão violentamente que parecia que estava subindo pela sua garganta e teve que ser forçado a voltar para onde pertencia.

— Você me causou muitos problemas, garotinha. Muitos problemas, — ele repetiu pensativamente, quase como se estivesse falando com ele mesmo. — Mas não importa. Eu tenho você agora. — Ele assentiu para o guarda que a segurava pelo braço, e ela foi arrastada de joelhos, então ela teria que olhar para cima, para Pinto enquanto a fita era tirada de sua boca.

— Assim está melhor, — ele disse, olhando para ela com olhos frios. — É aí que você pertence, que todos vocês pertencem.

— Todos nós. — Sid resmungou, ignorando a voz dentro da cabeça dela que dizia para ela calar a boca. Ela sabia que seria mais esperto, mas se ela fosse morrer, ela morreria lutando, mesmo que se o que ela apenas tivesse para lutar seriam suas palavras. — Você quer dizer todos nós humanos, ou todas nós mulheres? Você tem problemas com mulheres Pinto?

Ela viu raiva encher seu rosto antes dele se abaixar e a estapeá-la forte o suficiente para ela rolar e cair no chão. Ele usou sua mão fechada, o que era o único motivo dela ainda estar viva. Ele era um vampiro. Ela tinha que se lembrar disso. Sua força era mil vezes maior do que a de um humano. Um tapa casual poderia quebrar sua mandíbula. E aquilo foi um tapa casual. Seus ouvidos ainda zuniam, e ela estava com dificuldades de enxergar direito.

— Olha a boca, puta, ou a colocarei para um uso melhor.

Sid deitou no chão, piscando, tentando levantar com a energia, com o desejo, com a força, para confrontar este monstro com qualquer dignidade que havia restado.

— Levante-se. — Pinto mandou.

Sid fez força, mas ela havia sido espancada duas vezes hoje, as duas vezes, forte o suficiente para fazê-la ver estrelas, e estava demorando mais para ela se recuperar. Isso e as suas mãos ainda estarem amarradas nas costas não facilitavam em nada. Ela fez um show tentado se levantar do chão e quase o fez antes de cair para o lado, incapaz de se segurar com as mãos presas.

— Eu gosto de te ver assim, — Pinto disse, rindo. — Vadia rica Sidonie Reid se arrastando no chão.

Sid sentiu o peso da bota dele contra o seu lado, pisando em suas costelas forte o suficiente para machucar enquanto ele a mexia para trás e para frente, quase ociosamente.

— Onde está o dinheiro de seu pai agora, vadia? Não foi a minha ideia te deixar viva, você sabe. Foi ideia do Klemens. Não queria fazer barulho na classe rica. Eles estão dispostos a não ver qualquer coisa contanto que nenhum de nós se machuque. Ele me deixou pegar aquela putinha, amiga sua. Qual era seu nome... — Sua voz falhou, como se ele tentasse se lembrar.

Sid sabia que ele estava planejando fazer com ela, mas ela não podia evitar. Ela não queria o nome de Janey nos lábios desse monstro. — Janey. — disse ela, chocada com o som cru de sua voz. — Seu nome era Janey, e você a matou.

— E isso não parou você, parou? Você continuou investigando e investigando, e ainda sim Klemens não me deixou matá-la.

Ela ouviu o som do couro enquanto ele levantava da cadeira, o roçar de suas botas no tapete áspero, e então o agachar perto dela, olhos cruéis olhando para ela através de um rosto que era bonito demais para ser malvado.

— Mas Klemens está morto agora, princesa. E você é minha.

Sid resmungou um protesto mudo, e ele riu.

— Vou te dizer. Eu vou lhe fazer um favor. Você se preocupa tanto com meus escravos, que você pode simplesmente se juntar a eles. Você é um pouco mais velha do que minha mercadoria usual, mas esse cabelo vermelho pode valer algo, e você é branca. É sempre um ponto positivo. Você vale um preço bom.

Sid viu o chute chegar, mas não havia nada que ela pudesse fazer para parar suas botas antes de esmagar suas costelas. Ela chupou um folego e soube que quebrara uma costela ou duas.

— Você, — ele disse por sobre a cabeça dela. — Cuide dela. Você sabe o que tem que fazer.

— Se levante, — O guarda ordenou. Ele pegou um de seus braços e a colocou de pé.

Sid quase gritou com a dor, mas mordeu sua língua para parar qualquer som que escapasse de sua boca. Ela não daria a satisfação para ele de que a havia machucado.

Enquanto o guarda a arrastava do cômodo, Pinto disse por trás dela. — Corte as fitas de suas mãos antes de você fechar a porta. Eu não quero estragar a mercadoria mais do que o necessário, mas tenha certeza de que ela permaneça estável.

O guarda resmungou alguma coisa enquanto ele tirava a maço de chaves de seu bolso e abriu uma das portas dos quartos. Várias mulheres já estavam dentro, e elas olharam para cima quando a porta se abriu, seus rostos vestindo expressões idênticas de medo. Sid teve tempo suficiente para registrar suas presenças antes de ser empurrada fortemente, apenas se equilibrando para não esmagar sua cara o chão enquanto caia. O guarda bufou uma risada enquanto se agachou perto dela, uma mão pesada pegando em sua coxa, beliscando-a, testando a maciez. Ela tentou rolar para longe dele, sentindo algo perto do horror com a ideia de que ele poderia estuprá-la, sabendo que ela lutaria com tudo que ela tivesse para pará-lo, sabendo que não seria o suficiente. O guarda sorriu, como se as suas tentativas pífias o entretessem. Virando-a sobre seu estomago, ela esfregou seu rosto no grosso carpete e a segurou lá com um joelho no meio de suas costas. Houve um puxão no nó de seus pulsos, e então, com um barulho de plástico rompido, suas mãos estavam, de repente, livres.

Sid não pode deixar de chorar de tristeza enquanto sangue escorriam de suas mãos e dedos, enquanto músculos lutavam em retornar as suas posições normais. Ela se deitou de lado, buscando por ar, suas mãos machucadas protetoramente sobre seu peito, seu corpo inteiro tremendo de dor. Mas apesar disso tudo, uma onda de adrenalina atingiu seu sistema, fazendo seu coração bater em triunfo.

Ela tinha sua arma. E suas mãos estavam finalmente livres. As coisas estavam se ajeitando.



ANTES DAS PORTAS DO ELEVADOR se abrirem no lobby, Aden cheirou mais sangue. Não era nada perto do abate que o atingiu nos andares superiores. Esse era de um homem. Ele soube antes da polícia se juntar perto do corpo do porteiro no seus blazers azuis escuro. Humanos encheram a cena, técnicos pegando cada pedaço de evidência que poderiam achar. Não faria a eles bem algum, Aden pensou. Qualquer vampiro que tivesse tramado isso fez questão de que não sobrasse ninguém para testemunhar o evento.

— Senhor Aden? — Um humano vestindo um terno que custou menos do que a camisa e gravata que Aden vestia se aproximou dele cautelosamente. Ele encontrou os olhos de Aden apenas brevemente e então rapidamente desviou o olhar. Muitos humanos acreditavam que vampiros poderiam apenas influenciar uma mente se eles encontrassem os olhos da pessoa. Isso poderia ser verdade sobre um vampiro inferior, um que precisasse de contato para reforçar seu controle. Mas não era verdade se tratando de um vampiro com o poder de Aden e sua habilidade. Ele não corrigiu o detetive, entretanto. Os erros da crença serviam os interesses vampíricos muito bem.

— “Eu sou Aden, — ele assentiu, olhando a cena. — Como ele morreu? — perguntou ele, mesmo já sabendo. Ele podia sentir o cheiro de pólvora.

O detective não respondeu sua pergunta, mas fez uma ele mesmo ao invés, pretendendo tomar conta da conversa. — Onde você estava entre Dez e meio-dia dessa manhã?

Aden deu ao homem um olhar paciente. — Eu sou um vampiro detetive...

— Trevisani, — o homem respondeu.

— Detetive Trevisani. Eu lhe asseguro de que eu e minha equipe estávamos incapazes de nos levantar de nossas camas quando isso aconteceu. — Ele sentiu Bastien ficando tenso, sua agressividade fervendo na superfície, esquentada pelo sangue aqui e de lá de cima, e pelo o que ele percebeu como uma ameaça a seu Sire. Ele era um bom tenente, disciplinado e altamente qualificado. Mas ter seu território Sire invadido enquanto dormia, sem saber a que distancia, e agora com esse policial acusando Aden do crime... era o suficiente para tencionar o fervor do mais contido dos vampiros.

Para seu crédito, Trevisani teve a graça de parecer embaraçado com sua gafe. Obviamente, um vampiro não havia matado o porteiro. O que não significava que um vampiro não estivesse por trás disso, entretanto, o bom detetive era esperto o suficiente para saber que isso era confidencial o suficiente para não ser intimidado no seu erro inicial.

— Certo. — Ele assentiu. — Mas você é dono dos dois últimos andares do prédio.

— Sou.

— E minhas fontes dizem que há uma grande convenção vampírica essa semana na cidade.

Bem, isso era interessante, Aden pensou. O conselho Vampírico não mantinha exatamente segredo de seus casos. Teria sido impossível dar o número exato de participantes que estavam na cidade, sem mencionar o baile, que havia pego certa atenção. Mas o comentário do detetive fez Aden suspeitar que era mais do que curiosidade, que a polícia de Chicago talvez espiasse a sociedade vampira

na cidade. Ele tinha que se lembrar disso quando virasse Senhor do Centro Oeste.

— É verdade, — Aden disse, concordando sem dar detalhes.

Trevisani grunhiu. — Estou achando que talvez esse ataque tenha algo a ver com você pessoalmente.

— Não foram vampiros que fizeram isso. — Disse Aden confiante. — Está claro que aconteceu em plena luz do dia—

— Poderia ser uma equipe de atiradores contratados por um vampiro, — Trevisani o interrompeu.

Aden sorriu pacientemente. — Como estava dizendo... vampiros não atacam uns aos outros na luz do dia. É proibido de costume, e a repercussão de qualquer vampiro que tentasse isso seria significativa.

— Então quem é que te odeia o suficiente para pagar o preço?

Aden bufou uma risada sem humor. — Eu tenho muitos inimigos, detetive, mas eu não acredito que isso foi armado para mim. Não teve atentado de quebrar a minha segurança.

— O elevador abriu quando chegamos aqui, e há sangue nele.

Aden nada disse sobre isso. Não havia nenhuma questão feita, e era sempre melhor, ao se lidar com autoridades de qualquer tipo, não dar informações voluntárias. Além do mais, o que ele poderia dizer? Que ele não precisava de ninguém para dizer que havia sangue, que ele poderia sentir ele mesmo? Ele duvidou de que o detetive achasse isso tranquilizador.

Trevisani esperou, estudando o rosto de Aden por qualquer indicação de culpa. Aden encarou de volta resolutamente. Ele já havia enfrentado oponentes mais perigosos do que esse detetive humano.

— Tudo bem. — Trevisani concedeu. — Estamos quase acabando aqui. — Ele apontou para os dois homens que posicionavam o corpo num saco preto com zipper. — Esse prédio é cooperativo, certo? Vocês irão querer uma equipe de limpeza para limpar tudo isso. Se vocês ligarem para o distrito, eles podem lhe dar uma referência. — Ele guardou um bloco de notas e uma caneta que ele havia usado para fazer anotações. — Nesse meio tempo, preciso de suas informações em caso de algo aparecer.

Aden abriu o bolso do terno e lhe entregou seu cartão de visitas.

O detetive leu atentamente, então assentiu, não sabendo que seus pensamentos não mais pertenciam a ele, que Aden havia lentamente, discretamente, trabalhando seu caminho até a mente do detetive.

— Eu lhe mando uma cópia da investigação de manhã. — Trevisani disse. — Mas preciso dizer, meus instintos estão me dizendo que este foi um crime de vingança. Você tem sorte deles não terem conseguido subir.

Aden segurou seu sorriso. O detective se provou ser bem intencionado, mas Aden achou que esse era o tipo de comportamento na sua função. O desafio, como sempre, era sair da mente do homem sem ele desconfiar da invasão. Ele poderia ter atingido o mesmo resultado mais rapidamente, se ele não se importasse em deixar a mente intacta.

Normalmente Aden apreciava o desafio de manipular um humano com essa força de vontade, mas esta noite havia tomado todo o seu auto-controle para segurar sua impaciência. Ele não queria estar aqui jogando conversa fora com um humano detetive. Ele queria estar lá fora caçando quem quer que tivesse sido tão descarado para atacar o covil em plena a luz do dia, e tão estúpido em ter deixado um corpo para que as autoridades humanas achassem. Não era apenas Aden que iria instigar isso, o conselho vampírico inteiro iria trucidá-lo.

— Nós conversaremos, Detetive Trevisani. — Aden disse, então o dispensou com sua mente enquanto o humano reunia o que sobrou de sua equipe e saía porta a fora. Aden deixou seu poder encher o lobby, incitando os

humanos a fazerem o que sua mente já estava dizendo a eles. Para sair o mais rápido possível.

— Tudo bem, — ele disse, vendo o último humano sair. — Bastien tranque essas portas até que consigamos um guarda para o lobby. Traga dois guardas, e tenha certeza de que eles estejam armados e protegidos. E ligue –

Ele parou quando o elevador abriu atrás dele, e o resto de seus vampiros fluíram para o lobby, tomando posições ao redor dele até que formassem um quadrado defensivo. Mesmo sabendo que Aden era bem mais poderoso que todos juntos, eles estavam preparados para defendê-lo. O laço entre um Sire e suas crianças não tinha nenhuma razão. Apenas instinto.

— Trav, a equipe de limpeza está a caminho?

— Sim, meu senhor. Eles estarão aqui em um minuto.

— E sobre o vídeo?

— Um humano atirou, o resto entrou depois. Todos estavam de máscara.

— Droga. Tudo bem. Bastien, nós precisamos— A atenção de Aden estava na porta da frente onde um vampiro de olhos arregalados estava segurando a maçaneta e franzindo a testa quando a porta não abriu. Ele levantou o olhar para achar Aden olhando para ele, e seu olhar cresceu mais ainda.

— Vocês conhecem ele? — Aden perguntou para ninguém em particular.

Bastien olhou para seu visitante. — Goodwin alguma coisa. É um de Silas.

— Goodwin Price, — Travis disse, ruidosamente se colocando entre Aden e a porta da frente. — Bem inferior na categoria de Silas e aparentemente, esta noite, o garoto das mensagens.

— Ou seu sacrificio. — Kage rugiu. — Dê a ordem, meu senhor e nós mandaremos a mensagem a ela do nosso jeito. Tem que ter sido Silas que levou Sid. Ela já tentou uma vez e falhou.

Aden tendeu a concordar, mas não adiantaria matar o mensageiro. — Deixe-o entrar.

Freddy e Kage se moveram para o lado da porta da frente. Freddy olhou de novo brevemente, então abriu a porta, puxando-a, imediatamente pegando Goodwin e o jogando de joelhos.

Aden estudou o jovem vampiro. E ele definitivamente era novo, não mais do que dez anos de que se transformou, se isso. Ou Silas realmente não se importava se ele retornasse dessa missão vivo, ou ela o escolhera precisamente porque ele era tão inofensivo que ninguém se importaria de mata-lo.

Uma coisa era certa, o vampiro não sabia para onde estava indo. Suas narinas estavam se abrindo com o cheiro de sangue, suas pupilas tão dilatadas de medo que seus olhos estavam quase que completamente pretos. Ele parecia nem saber que suas presas saltaram, um dispositivo agressivo que era quase uma garantia de morte na frente de um vampiro tão poderoso quanto Aden.

Aden saiu de trás de Travis e Bastien. A noite que ele precisasse ser protegido de Goodwin seria a noite em que ele mesmo se mataria.

— Quem te mandou? — ele ordenou.

Goodwin se contorceu, perdendo a pouca cor que tinha quando olhou para Aden. Ele abriu sua boca como se fosse falar, então se deu conta de que suas presas estavam para fora. Ele retraiu suas presas com uma careta de concentração e tentou de novo. — A Lady Silas me mandou, meu senhor. — Disse ele como se merecesse. — Ela queria que lhe desse isso.

Ele alcançou sua jaqueta e foi imediatamente detido por Freddy, quem o imobilizou antes dele alcançar qualquer coisa que pudesse. Freddy, que era duas vezes maior que Goodwin, o manteve preso num estrangulamento, enquanto Kage cuidadosamente levantou a jaqueta do mensageiro e tirou um pergaminho enrolado.

— É uma mensagem, meu senhor, — Goodwin engasgou. — Nada mais.

— Traga aqui e não o mate Freddy, — ele adicionou, divertido com a resignação no rosto de seu vampiro, apesar da situação sombria. — Vamos ver o que Silas tem a dizer sobre si mesma.

Aden pegou o rolo de Kage e teve que lutar com a urgência de tacá-lo por nojo. Seus lábios se curvaram, e ele se sentiu sujo no instante em que o tocou. Ele olhou e viu Kage o encarando.

— O que é isso meu senhor? Eu nunca senti nada como isso.

— Pele humana, — Aden rosnou, virando-se para olhar furiosamente Goodwin a quem apenas guinchou sua negação. Forçando a si mesmo a desenrolar a coisa, Aden viu isso como um desafio formal. Escrito com caligrafia antiga, usando sangue humano e pele para a mensagem.

— Mas que merda essa vadia está pensando? — disse rispidamente. — Ela não é velha o suficiente para saber que fazíamos esse tipo de coisa.

Goodwin permaneceu em silêncio frente ao surto de Aden sobre sua senhora, provando que ele era mais esperto do que a primeira vista.

— Silas está me desafiando para um duelo, — ele explicou a seus vampiros. — Não há surpresas. — adicionou, mas então franziu o cenho. O desafio era extremamente direto, apesar da entrega arcaica. Não havia menção a Sidonie, mas então, a jogada óbvia era aparecer com Sidonie como arma surpresa num momento oportuno, induzindo Aden a conceder o desafio para salvar a vida de sua amada.

Mas essa estratégia só funcionaria em deixar um Aden infeliz vivo ao desafiar Silas mais uma vez. Algo que apenas um tolo faria. E de todas as suas falhas, Silas não era tola.

— Sire? — Bastien disse silenciosamente, claramente seguindo os problemas nos pensamentos de Aden.

— Tem alguma coisa faltando, — Aden disse. — O conselho vampírico não perdoará esse tipo de mensagem. Silas sabe disso. Então, o que ela ganharia com isso?

— Você acha que não foi Silas, — Bastien intuiu.

— Eu não sei. Levar Sidonie era algo que ela faria, mas essa bagunça pública... eu não sei.

— Mas estão claramente conectadas.

— Parece que sim, — concordou Aden.

— Poderia Silas estar esperando que você perdesse o duelo indo atrás de Sidonie ao invés de encontrá-la esta noite?

— Talvez. Por outro lado, o que me impede de matá-la rapidamente e então ir atrás de Sidonie?

— Talvez sua intenção seria de separar suas forças. Ela sabe que você tem apenas quatro de nós. Se você mandar um ou mais de nós atrás de Sidonie, você a estará enfrentando sem toda a proteção.

— Estamos achando que foi Silas que levou Sidonie. E se não foi? E se isso for nada mais do que uma coincidência?

Aden franziu o cenho. Ele não acreditaria em tal coisa antes de hoje a noite também. Mas e se Silas não estivesse por trás do rapto? Então onde diabos estará Sidonie? Seu maxilar trincou, seus instintos lhe dizendo para largar tudo e ir atrás dela. Foda-se Silas, foda-se o maldito Conselho e suas regras. Mas então seu olhar correu pelo lobby, alcançando cada um de suas crianças vampiras. Para um homem, eles eram extremamente leais para com ele, e eles confiavam nele em retribuir essa lealdade cuidando de suas vidas. Se Aden perdesse o desafio para Silas, ou por perda ou fraqueza, suas crianças seriam as primeiras a sofrerem, até mesmo morrerem.

Mas ainda pior que isso, ele tinha obrigação com uma larga comunidade vampira em manter discricção que permita eles viverem em paz com os humanos. O que significava lidar com a polícia humana em cima de um grande espetáculo que alguém havia deixado em seu lobby. Era isso que significava ser um Senhor dos vampiros. Não era a riqueza ou o prestígio, apesar de serem coisas boas. Mas no seu fundo, ser um Senhor significava cuidar daqueles que vivem acreditando em você. E por mais que pesasse sobre ele aceitar isso, mais vidas do que de Sidonie estavam em jogo essa noite.

Quem quer que tenha levado Sidonie fez por alguma razão envolvendo ele. Ele estava certo disso. Eles a levaram de sua Fortaleza, acima de tudo – um ato corajoso. Se o poder por trás do sequestro fosse Silas, então ela morreria esta noite e Sidonie estaria a salvo. Mas, e se não fosse Silas? Ele suspirou infeliz. Então quem quer que fosse iria contatá-lo logo, e nesse meio tempo, eles manteriam Sidonie viva. Era uma barganha ruim, mas a única que ele tinha.

Sua atenção foi tomada para uma van de painel escuro que havia parado na frente.

— Trav?

— Essa é a equipe de limpeza vampírica, meu senhor. — Travis confirmou.

— Está bem, deixe eles cuidarem disso e da cena lá em cima. Freddy, eu quero que você vá até as fontes locais, qualquer um que nós conhecemos. Se alguém ouviu falar de Sidonie, quero saber, não importa quão duvidosa seja a informação. Nesse meio tempo, nós temos que limpar esse conglomerado que deixaram em nossa porta da frente. Silas pode não se importar em criar um espetáculo para nossos casos, eu sim.

— E quando tivermos terminado com isso... Eu irei matar Silas e trarei Sidonie de volta para casa.

CAPÍTULO DEZOITO

ERA TARDE NA HORA que Aden acabou de limpar a bagunça que o assassino deixou para trás, embora a maioria de seu envolvimento pessoal fosse na linha de limpar memórias e lidar com a polícia. Aparentemente, o tio do porteiro era de um alto cargo no comando da polícia. Ele levantara o sagrado inferno com Detetive Trevisani e havia insistido por uma entrevista pessoal com Aden. A ordem inicial era para Aden apresentar-se no posto de polícia, a qual ele recusou totalmente. Eles tentaram a coisa de sempre, ameaçando prendê-lo, mas Aden sabia de seus direitos e, mais importante ainda, de seu poder. Deixe-os tentar prendê-lo. Eles não dariam dois passos dentro do prédio antes que esquecessem o porquê de estarem ali. O tio finalmente se decidiu por uma visita pessoal a cena, o que Aden, mais que de boa vontade, aceitou.

Mas quando o tio partiu com seus pensamentos devidamente alterados, Aden estava fervendo. Silas, ou quem quer que tivesse planejado isso, esteve tão envolvido com suas próprias necessidades que desconsiderou o principal dogma da sociedade vampírica. Vampiros não saem por aí deixando pilhas de corpos para as autoridades humanas encontrarem, nem mesmo na aparência de violência humana. Apenas a rápida ação de Aden e dos seus assegurou que não havia nada que ligasse interesses de vampiros na morte do porteiro. A residência de Aden no prédio tornou-se nada mais que uma coincidência, com a polícia convencida de que ele e seu pessoal eram inocentes e não tinha especificamente nenhum conhecimento da tragédia do dia.

Mas se Aden tivesse falhado na limpeza do desastre no quinto piso antes da polícia saber do que ocorreu, se ele não tivesse pego Detetive Trevisani a tempo de dirigir a investigação para longe do caminho desejado por ele, isso teria se tornado desastroso.

Não apenas para Aden, mas para vampiros em todo lugar, especialmente devido à alta quantidade de visitantes na cidade para o desafio territorial.

Mas então, talvez isso tivesse sido um trunfo para Silas. Ela nunca seria aquela que arriscaria a própria vida quando tivesse outra pessoa cuja vida ela

poderia arriscar. Ela não tinha nada de diferente de todas as outras mulheres na vida de Aden após ele ter se tornado Vampiro. Sempre almejando deixá-lo vulnerável para assegurar sua própria segurança e seu conforto. Isso não era para sugerir que essas mulheres não tenham tentado usá-lo desde que ele se transformou, apenas que elas não tiveram sucesso. A única exceção numa vida de amarga experiência com uma mulher era Sidonie, e agora alguém estava ameaçando matá-la. A visão de Aden se encheu com sangue enquanto ele contemplava a dor que seus sequestradores sentiriam quando ele os encontrasse.

O primeiro passo em direção ao ouro era encontrar Silas. As duas SUV's de Aden surgiram na frente do armazém perto do Chicago River (Rio de Chicago) de onde Silas enviara o desafio formal. O prédio parecia abandonado, suas paredes de tijolos esburacadas e escurecidas com a idade, as janelas velhas e rachadas, elas refletiam sem brilho a distante luz da meia-lua. Vários prédios dessa área haviam recebido o status de marco histórico, uma memória cintilante de outra era. Infelizmente, esse armazém não era um deles. Estava claramente abandonado, apesar de nesta noite em particular haver um número justo de vampiros agrupados dentro dele.

Aden se perguntou se Silas havia comprado o prédio para uso próprio durante o desafio, ou se era simplesmente conveniência. Também era possível que esse fosse um dos antigos prédios de Klemens, uma vez que Silas fora próxima a ele e saberia das suas propriedades. Se tivesse pertencido a Klemens, seria de Aden antes que a noite acabasse, assim como tudo mais que Klemens possuiu. Assumindo que o armazém continuasse de pé após Aden matar Silas.

A área ao redor do prédio era estranhamente adequada para atividades noturnas. As ruas estavam sombrias e estreitas, com apenas algumas lâmpadas em torno do rio por um pouco mais que um quarteirão adiante. Numa primeira vista o local parecia deserto, mas não estava. Havia pessoas nas sombras, predadores de humanos apareciam pelas atividades inesperáveis e com seus veículos caros, os quais estavam fora de lugar nessas ruas sombrias no meio de uma noite de domingo.

Travis e Kage saíram do primeiro veículo e imediatamente foram para perto da SUV de Aden, ficando em posições na frente e atrás do carro. No banco

da frente, Freddy e Bastien saíram simultaneamente e se uniram a eles, deixando Aden só até que Bastien voltou e abriu sua porta.

Aden deslizou para fora do SUV, permanecendo parado por um momento enquanto ele olhava para os prédios ao redor, os becos e as ruas. Seu poder inchou, atingindo o ápice de sua raiva, a lua azul da meia-noite de seus olhos brilhava por entre suas pálpebras cerradas. Ele pressentiu a crescente irritação dos humanos que o assistiam por sua invasão em seu território, sentiu seus choques quando seu poder os alcançou como algo físico, uma onda de energia que golpeou cada um deles, empurrando-os de volta para as sombras.

Ele sorriu sombriamente pelo som de seus corações acelerando com o medo incomum, pelo doce aroma das ondas de pavor que fluíam deles enquanto se esgueiravam.

Eles não eram os predadores esta noite, eles eram a caça.

Aden virou as costas, tirando os humanos de sua mente enquanto ele estudava o velho armazém. Além de seus carros, não haviam veículos na frente e nem à vista, mas dos poucos velhos carros estacionados ao longo do meio-fio nenhum deles seria usado por Silas. Ela era vaidosa demais para se rebaixar tanto assim, mesmo por um propósito de subterfúgio. Ela devia ter chegado mais cedo. Afinal, aqui era sua escolha de campo de batalha, então ela iria querer preparar sua melhor vantagem, distribuir os seus. Ele não tinha ilusões sobre esse encontro ser uma armadilha. Ele assumiu que fosse. Aden também sabia que a armadilha não seria uma explosão, porque não havia dúvida de que Silas e seus lacaios estavam dentro. A presença de tantos vampiros era tão difícil de fingir quanto de esconder. Eles zumbiam como um tubo fluorescente dentro de seu crânio, e se ele se concentrasse poderia detectar Silas soando mais alto que qualquer um deles. Ela definitivamente estava lá nesse momento.

Ele lançou um olhar para os quatro vampiros que trouxe consigo. Eles estavam vestidos como ele, tudo preto—camiseta de manga longa, calças estilo combate enfiadas em botas ATAC. Freddy e Kage estavam convencionalmente armados, e haviam vários adicionais da submetralhadora Heckler & Koch MP5 com fácil alcance dentro de cada um dos carros. Não era usual trazer armas humanas para uma luta de desafio; os combatentes esperam depender apenas de suas habilidades vampíricas e nada mais. Mas Aden não confiava em Silas.

Apesar de toda a formalidade provinda dos velhos tempos em seu pergaminho escrito a sangue, ela provara sua fraqueza em jogar sujo a cada passo. Havia sido o ataque de Stig Lakanen naquela noite, quando Silas incitou Stig, aquele muito mais fraco, a ir atrás de Aden, mesmo ele sabendo que iria falhar. E então, ela havia trabalhado com a Professora Dresner para colocar Sidonie no campo de Aden, usando-a para apontar a emboscada no clube—a emboscada na qual Silas fugiu, deixando em seus rastros subordinados para sangrar e morrer. E agora ela provavelmente tinha Sidonie como refém, possivelmente esperando usá-la para chantagear Aden a conceder a luta. Como se ele fosse estúpido demais para não perceber que ela o mataria de qualquer forma assim que ele lhe desse as costas.

Não que Aden tivesse alguma intenção em conceder algo para Silas.

Os desafios territoriais deveriam ser cara-a-cara, vampiro versus vampiro. O tipo de disputa mesquinha que Silas tinha feito—usando humanos como ferramentas, deixando outros morrerem em seu lugar—apenas ressaltou sua fraqueza.

Uma fraqueza que iria fazer o Centro-Oeste se afogar em caos, com vampiro após vampiro a desafiando de dentro do território ou de fora, rondando o local, partindo-o em pedaços até que estivesse fraturado e vulnerável. Isso não iria acontecer. Mesmo se Aden não tivesse tanta certeza de sua superioridade, e não fosse confiante em suas habilidades para destruir Silas e qualquer outro competidor, ele sabia que Raphael nunca permitiria que Silas governasse. O próprio senhor do Oeste a tiraria, deixando Lucas governar seu território até que um candidato mais aceitável aparecesse. Talvez entre os competidores Aden era o único que não tinha ilusões sobre o papel de Raphael em escolher o sucessor de Klemens, nem sobre seu sangue frio para fazer o que fosse necessário para garantir sua visão de uma América do Norte segura. E agora que Aden entendeu a ameaça vinda da Europa, ele abraçou de todo coração essa visão e iria fazer com que o Meio-Oeste fizesse sua parte. Silas claramente não entendia nada disso—não entendia a iminente ameaça e certamente nem compreendia o papel de Raphael em decidir quem iria comandar. E ela apenas enganou a si mesma acreditando que poderia ganhar. Seja por conta de Klemens tê-la favorecido,

deixando-a acreditar que fora seu próprio poder, ao invés do dele, que alimentou sua ascensão em seus postos, ou se ela era apenas estúpida, Aden não sabia.

Mas ele sabia que uma das razões para ela ter permanecido fiel a Klemens era por que ele a deixava jogar seus joguinhos cruéis, permitindo que ela tomasse os vampiros mais fracos e os atormentasse, que matasse humanos apenas pela diversão disso. Não importa que Klemens tenha jurado proteger os vampiros que Silas atormentou, ou que ele tenha criado uma instabilidade permitindo que ela caçasse humanos. O recém-morto Lorde vampiro provavelmente achou seus jogos engraçados. Não era incomum uma criança de vampiro ser o reflexo dele mesmo. E Klemens fora um filho da puta doentio.

Desconsiderando o porquê de Silas ser como que ela era, era tarde demais para ela. Se tivesse ido até Aden no começo, se ela tivesse se afastado em reconhecimento de sua força muito maior e prometido sua lealdade, ele a teria guardado, até mesmo dado uma cidade para ela. Não uma metrópole, mas algo devidamente rentável.

Mas depois de tudo o que aconteceu, ele não confiaria nela fora de sua vista, e ele não gostava dela o suficiente para mantê-la em sua vista. Se ela saísse por aquela porta agora mesmo e fosse até ele e se curvasse num joelho, apenas faria ser mais conveniente quando ele cortasse sua cabeça fora.

Aden checkou pela última vez seus vampiros, recebendo um rápido aceno de Bastien. Reunindo sua força, ele enviou uma onda de poder, procurando pelo armazém, querendo saber exatamente o que esperava por ele lá dentro. Verdade seja dita, Silas trouxera tantos dos seus lacaios que era difícil saber a contagem exata. Ele não se incomodou em tentar. Não valia a pena gastar tanta energia.

— Ela trouxe mais do que eu posso facilmente contar, então fiquem perto e esperem por truques, — Aden disse aos seus, então lançou um olhar a Freddy, que permaneceu perto da entrada, e assentiu.

O grande vampiro empurrou a pesada porta, entrando primeiro quando Aden teria entrado. Aden teve que sorrir por isso. Era instinto vampírico de proteger seu próprio mestre. Ele teria feito o mesmo por Lucas.

Aden entrou no armazém e imediatamente deu um passo para o lado, limpando a entrada para o resto de seus vampiros. Não havia luzes lá dentro. A

única iluminação vinha da luz da lua através das janelas sujas, mas dificilmente a escuridão era uma barreira para um vampiro.

O povo de Silas esperava por ele, espalhado no fundo do armazém em linhas desorganizadas, sua agressividade palpável, levantando qualquer poder que tivessem, se preparando para a luta que viria. Na sua maioria, seus olhos brilhavam em vermelho, traindo sua falta de poder significativa. Silas estava na última linha, rodeada pelos seus lacaios. Ela era uma mulher pequena, tão pequena que ele só sabia que ela estava lá por conta do brilho de metal sujo de seus olhos na escuridão do armazém.

— Essa é sua festa, Silas, — ele falou para ela. — Você e seu pretencioso convite. Nós não temos usado sangue humanos para tais coisas faz um século ou mais, — ele adicionou sarcasticamente, alfinetando seu temperamento e lembrando-a que ele era de longe mais velho que ela e mais experiente também. Ele olhou para os vampiros reunidos com um olhar zombeteiro, terminando com seu olhar diretamente em Silas. — Mas tudo o que vejo são subordinados. Está se recusando a lutar? Novamente?

— A menos eu tenho lacaios, — Silas respondeu, sua voz de soprano ecoando de uma forma estranha que mostrou para ele que ela a estava aumentando de alguma forma. Provavelmente fazendo soar mais alto, e gastando energia pra isso.

— Diferente de seus patéticos quatro, — ela continuou. — Se não fazem nada mais, minhas muitas crianças provam minha habilidade em governar.

— Silas, Silas, — Aden repreendeu. — Eles não o fazem. Você necessita deles, e não provam nada, mas sua fraqueza.

Silas rosnou furiosa. — Matem ele! — ela ordenou estridentemente. — Mantem a todos!

Aden se ocupou dos vampiros de Silas sem misericórdia, enojado pela natureza da batalha.

Ele odiava ter que matar tantos vampiros, mas estava nessa batalha para ganhar, então ele lutou com tudo o que tinha.

Ele e seus quatro atacaram como um time, seus vampiros alimentando-o com suas energias, enquanto ao mesmo tempo tornavam sua defesa forte com sua disposição em morrer por eles.

Os vampiros atacantes rodearam Aden, tentando isolá-lo de seu pessoal, pensando em derrubá-lo pela pura força da quantidade. Eles eram como cachorros dando dentadas num leão, mas até mesmo cachorros podem causar danos se tiver o suficiente deles. Nenhum dos lacaios de Silas era poderoso suficiente por eles para matá-lo, mas enquanto Aden lutava com eles, enquanto eles tentavam atingir o raro golpe de sorte que o deixara sangrando, ele sabia que o objetivo verdadeiro dela era que eles o deixassem fraco para ela. Ela não queria que eles matassem Aden, ela mesma precisava fazer isso, precisava desse detalhe se fosse sair do desafio com alguma honra. Mas isso não quer dizer que ela não podia ter os seus lacaios o cansando, deixando-o ferido e sangrando, incapaz ou relutante em usar seu poder esgotado para curar a si mesmo. Era assim que Silas via a situação. Aden tinha outros planos. Aden deixou o povo de Silas o ferirem, deixou-os derramar seu sangue pensando que o abateram. Ele escutou o vitorioso uivo dela, sentiu a onda de poder que o avisou que ela acreditava que tinha o triunfo nas mãos. E ainda assim ele esperou. Até que eles estivessem ao seu redor como ratos, seus olhos faiscando rubi na escuridão, suas defesas baixas, confiantes de que ele estava derrotado.

E então ele os matou, cortando-os como uma foice através do trigo, seu poder uma lâmina com ponta afiada que cortava através de seus corpos com facilidade.

E profundo em Aden, a metade sombria de seu poder vampírico se agitou, despertado pelo sangue embebedando o chão coberto de cinzas, pelo cheiro do ar que se tornou um miasma avermelhado da morte. Mas dessa vez, Aden não combateu. Dessa vez ele abriu os braços e deixou que surgisse. Ele riu com prazer enquanto as ligações se quebravam, desencadeando este aspecto mais sombrio de poder. Era uma corrida erótica, como se ele tivesse sido o que estivera aprisionado, como se estivesse finalmente livre. Uma chama escura correu através de seus músculos e de seu sangue, expandindo seu poder, atingindo o exterior, procurando por vítimas, procurando...comida. Ele rugiu seu prazer enquanto o macabro poder, que era uma grande parte dele, saiu e bebeu a energia dos que morriam, sugando suas forças vitais, ficando mais forte com cada morte, não se incomodando com quais vampiros morreram por suas mãos e quais não.

Os lacaios de Silas olharam para ele com horror, sem mais lutar para ser o primeiro a atacá-lo, mas ao invés tentando escapar. Eles pisotearam um ao outro durante o pânico, ignorando os gritos de sua senhora os ordenando a atacar, mais bem dispostos a encarar a raiva dela que a fome de seu monstro que havia subitamente se manifestado no meio deles.

Mas nenhum escapou.

Aden não permitiria isso. Seus quatro leais não permitiriam isso. Enquanto o último de seus atacantes morria, enquanto o grito de descrença continuava ecoando das paredes de tijolos, Aden freou seu poder mais mortal. Veio de bom grado, como uma criança satisfeita, cansado de seus esforços e cheio de mais para protestar. Aden fechou seus olhos brevemente, então os abriu e fez um balanço. Ele olhou para a esquerda e para direita, bebendo da vista de suas quatro crianças vampiras, sujas de sangue, mas continuavam firmemente ao seu lado.

Ele captou um movimento nos recessos sombrios do armazém. Havia uma porta nos fundos, e flashes de uma luz fraca apareceram enquanto Silas tentou rastejar para longe mais uma vez. Aden alcançou seu poder e bateu a porta antes que pudesse abrir mais que uma polegada ou duas. Silas girou para encará-lo, seus olhos arregalados em medo e surpresa.

— Não dessa vez, Silas, — Aden rosnou.

Ele atravessou o espaço aberto, levando seu tempo, provocando-a com sua confiante arrogância. — Um guerreiro esperto conhece seu inimigo, — Ele falou deliberadamente. — Você nem mesmo se incomodou em descobrir a natureza de meu poder. Klemens sabia. Por que você pensa que ele se recusou a tomar o campo se eu estivesse lá?

Ele foi até cinco metros dela e parou, o azul brilhante de seus olhos lançando-a dentro da nebulosa cor. — Você pensou que seus servos lacaios iriam garantir minha derrota, mas a única derrota dessa noite será a sua.

Os olhos dela cerraram-se em raiva, seu brilho de cobre fazendo-a parecer pálida e doente. Mas apesar de todo seu olhar de desafio, ela estava com medo dele. Ela continuava esfregando seus braços, como se tentasse raspar as teias do poder dele que se agarravam a ela, continuava tentando chamar com sua mente seus lacaios mortos, ficando desesperada novamente quando descobriu que todos

eles se foram. Ela nem mesmo tentou se render, pareceu entender, ao menos, que foi longe demais, que havia causado muito derramamento de sangue para que ele aceitasse a submissão dela.

Mas ela ainda era um vampiro, ainda animada pelo poder do sangue. Ela fez uma última, desesperada, tentativa por sua sobrevivência, juntando toda sua força restante numa única lâmina de energia.

Com um gesto de longe mais disciplinado que Aden teria dado crédito a ela, ela impulsionou isso em Aden, um golpe para matar visando seu coração. Aden não era assim tão fácil de atingir. Ele tinha lutado com adversários vampiros por um século antes de Silas ter nascido. Ele sentiu seu desespero, sentiu ela juntado poder. Quando ela lançou seu ataque surpresa, ele estava pronto para ela. Com um gesto, ele desviou sua lâmina conjurada e virou essa energia contra ela, e a atirou através do chão para se chocar contra a parede mais longe enquanto ela lamentava de dor e de raiva.

Aden estava silencioso enquanto atravessava os poucos metros para onde Silas deitava asfixiando-se em seu próprio sangue, seu poder drenado, os danos de seu corpo além de sua atual capacidade habilidade de curar. Se Aden estivesse disposto, ele poderia salvá-la. Mas ele não estava. Silas precisava morrer. A única questão era quanta dor ela iria suportar primeiro. Afundando em um joelho, ele a estudou friamente. Ele sabia do risco que estava tomando e o fez livremente. Ela não era o primeiro vampiro a morrer dessa forma, e ela não seria o último. Foram muitos daqueles que foram feitos vampiros, especialmente os que eram levados a subir na escala de poder. Abaixando-se quase que ociosamente ele espalmou seus dedos no peito dela, onde o coração continuava batendo freneticamente. Em outro contexto, o gesto teria sido sexual. Mas não havia nada de sexual nisso.

— De uma forma ou de outra, Silas, — ele falou, — você morrerá essa noite. — Ele deu de ombros. — Posso fazer isso fácil, ou— Ele dobrou seus dedos ligeiramente, e seu poder apertou o coração dela.

Silas chorou, seus olhos se arregalando pelo choque da intensidade da dor —Eu posso fazer isso bem doloroso, — ele finalizou. Ela piscou para cima olhando-o, sua respiração reduzida a ásperos arquejos por oxigênio.

— Diga-me onde está Sidone, — ele disse, sua voz dura e firme, — e eu farei isso ser rápido.

— Eu não, — ela começou sem ar, lutando por ar suficiente para falar. Sua cabeça virou de um lado para o outro em negação. — Eu não sei do que você está falando.

O olhar de Aden ficou monótono, e seus olhos se acenderam, banhando-a com seu brilho gélido.

— Resposta errada, — ele rosnou.

Ela gritou enquanto ele rasgava sua mente em duas, enquanto ele procurava pelo conhecimento do sequestro de Sidonie e não encontrou nada. E quando ele acabou, ele afundou seus dedos no peito dela e apertou seu coração como um tomate, sentindo a carne sangrenta através de seus dedos como se fosse algum purê macabro.

Quando tudo acabou, quando Silas se tornou parte da sangrenta lama no chão do armazém, Aden permaneceu. Se ela tivesse algum poder restante ele teria absorvido de bom grado, mas quando ele a matou, ela tinha sido drenada de cada pinga de poder. Ele fechou seus olhos contra o inevitável baque de adrenalina e sentiu Bastien e os outros se juntando ao redor dele, oferecendo proteção e força.

— Ela não sabia de nada sobre o sequestro de Sidonie, — Aden disse baixo. Bastien lhe deu um olhar preocupado.

— Então onde ela está?

— Eu não sei.

— Devemos ir, meu Senhor. Haverá luz o suficiente através dessas janelas para queimar essa bagunça, e podemos deixar seus veículos lá atrás. Limpadores locais irão aproveitar-se deles mais eficientemente que nós poderíamos fazer.

Aden lançou um olhar pelo armazém recentemente vazio. — Se qualquer um dos seguidores dela— Ele nem mesmo se incomodou em terminar a sentença. Não havia ninguém para sobreviver a morte de Silas.

— É tarde, meu Lorde, — Bastien o lembrou. Era tarde, mais tarde que ele havia planejado. Os negócios com o porteiro morto e o que se seguiu haviam levado muito de seu tempo. E ele se perguntou se alguém havia planejado que fosse dessa forma, alguém que tivesse Sidonie em suas garras agora. Não fez bem

algum xingar o sol nascente e seus implacáveis efeitos sobre sua natureza vampírica, mas ele fez de qualquer forma, xingando longamente e fluentemente. Sidonie estava lá fora em algum lugar. Sozinha ou pior. Ela não estava morta. Ele tinha tirado sangue suficiente dela para saber caso ela morresse. Infelizmente, haviam alternativas de longe piores que a morte. Ele havia pessoalmente experimentado muitas delas.

Ela sabia que ele estava procurando por ela? Que ele não pararia até encontrá-la?

Ele tomou um folego profundo enquanto saiam para a rua, grato pelo ar fresco.

Frio e úmido como estava, era uma melhora em relação ao armazém, que se tornara opressivo com o cheiro de sangue seco e cinzas.

— Acabou, meu senhor? — Bastien perguntou, parando para olhar para Aden enquanto abria a porta da SUV.

Seu tenente perguntava se a batalha da noite concluía o desafio. Se Aden era agora senhor do Centro-oeste. Aden assentiu, mas esperou até que estivessem na SUV e em seu caminho para casa antes de entrar em detalhes.

— Silas era o maior adversário que eu saiba. É possível que algum competidor desconhecido esteja lá fora esperando nos bastidores até que todos nós matemos uns aos outros, mas não ouvi de ninguém.

— Mas então, como você reivindica—

— Isso é com Lucas. Ele é o atual Lorde do Centro-Oeste de fato, senão em espírito. Eu o avisarei de minha intenção em reivindicar o território. Ele tem a opção de lutar contra mim, mas acho que ambos sabemos que ele não fará isso. Embora, — ele adicionou pensativo, — se Silas tivesse tentando reclamar a vitória, ele teria feito ela lutar por isso.

— Ou simplesmente atizado Raphael para cima dela, — Bastien murmurou.

Aden riu. — Você conheceu Raphael, Bastien. Ele parece para você um vampiro que pode ser atizado por alguém?

O rosto de Bastien brilhou num raro sorriso enquanto ele olhava de seu assento para Aden — Acho que Cyn poderia conseguir isso.

Eles compartilharam uma risada cansada e Bastien disse, — Então, você informa Lucas, e depois o quê?

— Depois nós viajamos para aquele rancho maldito dele no meio do nada, e ele formalmente transfere o Centro-oeste para mim. Nós passaremos uma noite bebendo e então voltamos para Chicago e começamos a trabalhar. Mas antes de fazermos qualquer uma dessas coisas, eu preciso encontrar Sidonie. Se não foi Silas que a sequestrou, então quem foi? E o que eles querem?

— Poderia ser aquele competidor desconhecido que você citou?

Aden franziu o cenho, balançando a cabeça. — Talvez. No entanto, isso não soa certo. É preciso de muito poder para levar Hamilton e seu povo daquela forma. Se houvesse um competidor na cidade com números suficientes para fazer isso, eu teria escutado sobre isso. Porra! — ele xingou, batendo no apoio de braço em frustração, sentindo o calor oscilante dentro de seu crânio que o avisava que o sol nascente estava quase no horizonte.

— Eu posso colocar alguns de nosso pessoal do dia colocando antenas amanhã, meu Lorde. Isso nos dará um ponto de partido em nossa procura por ela.

Aden assentiu, seu humor sombrio. — Ele usou humanos no assalto, e humanos falam. Eles parecem não conseguir ajudar a si mesmos. Alguém estará se vangloriando por derrubar um vampiro, mesmo que não seja isso o que aconteceu. Nós simplesmente precisamos extirpá-lo.

— A encontraremos, meu senhor.

Aden concordou silenciosamente. Ele encontraria Sidonie. Ele apenas esperava que não fosse tarde demais.

CAPÍTULO DEZENOVE

Na noite seguinte Aden abriu seus olhos para o conhecimento de que ele era o Lorde do Centro-Oeste. Ele dissera a Bastien que tinham de contatar Lucas, e que tinham que passar por várias formalidades antes. Mas esse era apenas o trabalho por escrito. Ele sentia a vitória em seus ossos e em seu sangue. Ele sabia que não havia um vampiro em Chicago que pudesse se opor a ele, e não detectou um vampiro em todo o território, seu território, que pudesse.

Ele teria que fazer uma visita pessoal a Lucas de qualquer forma, para receber o poder total e o fardo de sua Senhoria. Cada vampiro do Meio-Oeste iria, em breve, precisar dele para seu próximo suspiro, para o próximo batimento de seu coração. Aden tentou imaginar o peso disso. As vidas de seus quatro vampiros jovens pareciam peso o suficiente. Como seria ter milhares de fardos sobre ele cada minuto do dia?

Ele provavelmente iria saudar o levantar diário do sol por tudo o que ele traria. Ele se sentou, empurrando sua consciência e estreitando seu foco. Lucas teria que esperar.

A prioridade de Aden era encontrar Sidonie. Ela estava em algum lugar nessa cidade, uma cidade que ele agora possuía. Em algum lugar lá fora havia um vampiro que sabia de algo, que vira algo, que levaria Aden para quem quer que tenha atacado seus guardas e levado Sidonie dele. Ele não precisava de alguém para apontar a casa, eles apenas precisavam levá-lo para perto.

O sangue dela contaria o resto para ele.

Jogando as cobertas para o lado, ele saiu da cama e caminhou a passo largos para o chuveiro. E sentiu seus vampiros acordando em seus quartos seguros no fim do corredor. E então ele piscou em surpresa, seu passo quase vacilando enquanto sentia algo mais, algo que apenas um Lorde sentiria...vampiros acordando por toda a cidade. Bom.

Ele colocaria a todos eles para trabalhar.



ADEN ESTAVA SURPRESO por encontrar Earl Hamilton esperando quando ele caminhou para seu escritório. O humano esteve caminhando pela área da recepção e se virava quando Aden apareceu. Ele estava vestido em traje de combate, incluindo uma submetralhadora MP5 em volta de seu pescoço numa tipóia. Suas mãos pousaram sobre a arma enquanto ele encarava Aden.

— Hamilton, — Aden disse em surpresa.

— Meu senhor, — o humano disse, inclinando sua cabeça respeitosamente. — Eu ouvi...perdoe-me, meu senhor, mas eu ouvi que a srta. Reid foi sequestrada. É verdade?

— Infelizmente, — Aden confirmou sombriamente.

O rosto do homem estava preenchido de arrependimento. — Eu devo apresentar minha demissão, meu senhor. Eu falhei com você e srta. Reid pagou o preço.

Aden descansou suas mãos em seu quadril e estudou o humano. Ele compreendia o desânimo do homem, mas não via como sua demissão ajudaria alguém.

— Eu não aceito isso, — ele disse finalmente. — Eu preciso de você agora mais que nunca. E se você insistir em se sentir responsável, então Sidonie precisa de você também. Tenha você falhado, ou não, comigo, você ofereceu sua vida em defesa da minha e dos meus. Alguns de seus homens deram suas vidas nessa defesa. De fato eu seria um Lorde estúpido se recompensasse tal lealdade atirando em você.

Lágrimas brilharam nos olhos de Hamilton quando ele falou. — Obrigado meu Senhor. Eu estou honrado em servi-lo de toda forma possível.

— Então me ajude a encontrá-la.

— Irei. Nós temos pessoas vasculhando as ruas, basicamente escutando fofocas. E os telefones finalmente começaram a tocar. Todos sabem que estamos procurando, e ofereceremos uma recompensa.

— Boa ideia. Dobre a recompensa por informações que levem a seu cativo, e triplique se eles nos derem a localização exata.

— Sim, meu lorde. — Hamilton assentiu respeitosamente e seguiu para o elevador, enquanto os quatro vampiros de Aden faziam seu caminho no corredor em direção a ele.

— Travis, — Aden chamou sem se virar. — o vampiro que encontrou Sidonie bisbilhotando a casa de escravos no começo, qual era seu nome?

— Elias, meu Senhor, — Travis falou enquanto se juntava a Aden.

— Certo. Ligue para ele. Se não foi Silas, então alguém associado à rede de escravos é, muito provavelmente, culpado. Sidonie causou um monte de problemas lá e os fez perder uma boa quantidade de dinheiro.

— E ela também insistiu que na operação havíamos perdido o vampiro mandante.

Aden assentiu. — Carl Pinto, — ele confirmou, o conhecimento como uma luz sendo acesa em seu cérebro. — Encontre-o.

O celular tocou, e Bastien circulou a mesa para atendê-lo, Ele falou brevemente, então estendeu o telefone para Travis.

— Falando no diabo.

Travis compartilhou um olhar rápido com Aden e pegou o celular de Bastien. — Elias?

— Rumores dizem que seu chefe é o novo Lorde. — Aden podia ouvir ambas as metades da conversa com facilidade.

— Rumores correm rápido, — Travis disse. — Eu acabei de acordar.

— Mais rápido que você pensa. Eu ouvi esse pedacinho particular das notícias na última hora antes do sol nascer essa manhã. Isso é verdade?

— Parece que sim.

— Nesse caso, tenho outra para você.

— Estou escutando.

— Você sabe aquilo que eu falei para você antes?

Travis levantou seu olhar para encontrar o de Aden — Sim?

— Nem todos estavam felizes com a interferência de Lorde Aden nos negócios deles.

— É assim que as crianças descoladas estão chamando os escravos nos dias de hoje?

— Não foda comigo, Trav. Você sabe— Elias não chegou mais longe, pois Aden arrancou o celular de Travis.

— Chega de besteira, — ele exigiu. — Onde ela está?

— Meu Senhor, — Elias respirou, e Aden podia ouvir o choque e o medo nessas duas palavras. Era assim que era ser um Lorde vampiro. Agora ele era Lorde Aden, com o poder para alcançar e parar o coração de um vampiro.

— Fale, — Aden mandou.

— Carl Pinto, meu Lorde. Ele era o homem de Klemens no comando do círculo de escravos. Drogas também, mas ele realmente gostava da ideia de possuir estas mulheres.

— Onde? — O maxilar de Aden estava tão apertado que ele teve problemas em forçar essa pequena palavra. Se Pinto tivesse tocado Sidonie, ele iria morrer. Na verdade, ele iria morrer de qualquer forma, mas se ele se atrevesse a feri-la, sua morte seria lenta e excruciante.

— Eu posso lhe dar o endereço, meu Lorde, mas seria mais fácil lhe mostrar.

— Certo. — Aden estendeu o celular para Travis . — Combine um local de encontro. Partimos em cinco minutos.



SID VOLTOU à consciência lentamente, sentindo-se preguiçosa e cansada, lutando contra a insistência de seu cérebro para ela acordar. Queria voltar a dormir, e não havia razão para não o fazer. Ela era uma repórter freelance. Não era como se ela tivesse um horário, e se ela tivesse um compromisso seu celular teria soado até agora. Sorrindo, ela rolou, estremecendo em dor quando algo fez pressão em seu osso do quadril, algo duro e... Seus olhos abriram-se de súbito enquanto lembrava onde estava. O que era a coisa pressionando seu quadril?

Ela sentou rápido demais, fazendo sua cabeça girar enquanto ela olhava para as outras mulheres no quarto, as suas companheiras cativas. Exceto que elas obviamente não a viam de forma alguma como uma companheira. Havia uma luz muito fraca, uma lâmpada amarela no teto, mas o suficiente para contar que

havia sete outras mulheres encolhidas tão longe dela quanto o pequeno quarto e suas correntes permitiriam.

Desconfiança estava pintada em seus rostos, em camadas por cima de uma espécie cansada de horror pela situação.

Empurrando seu cabelo para longe, Sid se arrastou para trás até que pudesse se encostar contra a parede, aliviando seus músculos depois do que pareciam horas deitada torcida no chão arenoso de madeira. Ela fechou seus olhos e tentou se lembrar, juntar os eventos que a haviam levado a acordar nesse quarto imundo. Ela não se lembrava de adormecer, mas seu corpo podia dizê-la que horas haviam se passado. A janela estava barrada do lado de dentro e fechada por tábuas do lado de fora, mas ela podia ver o suficiente para saber que era noite, e duvidava que era a mesma noite que havia sido sequestrada. Ela lembrava de falar com o vampiro, Carl Pinto, lembrava-se de seu capanga humano arrastando-a até esse quando e libertando suas mãos. E ela se sentiu feliz, pois poderia alcançar a arma. E então... nada até que ela acordara agora mesmo. Mas havia algo errado, algo mais que obvio, pois ela não deveria ter sido capaz de dormir de forma alguma. Ela deveria ter estado muito mais que acordada e aterrorizada. Aqueles bastardos devem tê-la drogado novamente, mas como? Ela não comeu ou bebeu nada. De fato, ela estava com tanta sede como se tivesse corrido alguns quilômetros num dia quente e sem água. O pensamento a fez olhar ao redor por água e não encontrando nenhuma. Sem surpresas.

Ela pressionou suas costas contra a parede, se esticou, e começou a trabalhar nos músculos de suas pernas, que estavam doloridos e dormentes por terem ficado amontoados no caminhão por tantas horas e depois por ela ter dormido no chão. Estendendo primeiro uma perna, e então a outra, ela trouxe ambos os joelhos para seu peito e esticou-os novamente várias vezes, massageando suas panturrilhas, suas coxas... ela franziu a testa, passando seus dedos pela coxa direita. Estava mais que dolorida.

Estava macia, com um nó que estava tão febril que ela podia sentir através da calça de brim. Sob outras circunstâncias não teria pensado muito sobre isso. Ela se machucava facilmente e de forma horrível, e ela frequentemente não se lembrava de como causou qualquer marca em particular. Mas isso era

mais que um hematoma. Era mais como quando ela tomou uma vacina antes de ir para a África do Sul, e tivera uma reação negativa a...

Porra. O guarda não estava apertando sua coxa noite passado. Ou, melhor seria se ele tivesse, mas ele não estava preparando-a para um estupro, ele deu para ela uma dose de alguma droga. Ela estava tão aliviada por ele ter soltado suas mãos, mas ele fizera isso apenas por que sabia que ela apagaria. Jesus, o que ele deu para ela? E se fosse algo viciante? E se a agulha não estivesse limpa?

Ela evitou um crescente ataque de pânico tentando lembrar-se que ela tinha um problema muito maior e mais imediato. Ela era prisioneira de um vampiro que a queria morta, que seu plano mais otimista era ela sendo vendida como uma escrava. Com um vício ela poderia lidar, com uma doença poderia lutar. Mais tarde. Quando ela estivesse livre. No que ela precisava focar agora era em sair dali e levar todas aquelas mulheres com ela.

— Por favor, — Sid disse, falando com a mulher mais velha, que ainda era vários anos mais nova que a própria Sid. O espanhol de Sid era bom. A cozinheira de sua mãe, que era a babá de Sid quando ela era mais jovem, era porto riquenha e não usava mais que espanhol para falar com Sid.

— Por quanto tempo estou aqui? — ela perguntou, continuando em espanhol. — O quanto eu dormi?

— Algumas horas, — a mulher respondeu. — Eles lhe trouxeram noite passada e você dormiu por todo o dia.

— Mas apenas um, — Sid esclareceu. — Um dia.

A mulher acenou. — Eles logo voltarão, — ela alertou. — Mas ao menos trarão água e comida.

Sid assentiu. Fazia sentido. Eles não gastariam mais que o necessário para manter as mulheres saudáveis, mas precisavam delas vivas. Você não pode vender uma escrava morta.

— Quantos homens, quando eles trazem a comida? — Sid perguntou.

— Dois. — A mulher deu de ombros. — Às vezes apenas um.

— Por quanto tempo você está aqui? — Sid perguntou curiosamente. Com Aden limpando a outra casa, ela estava esperando que Pinto movesse as mulheres o mais rapidamente possível.

— Seis dias, eu acho, — a mulher disse. — Eles nos algemaram juntas após uma noite, e nos disseram que estávamos partindo, mas então... — A mulher deu de ombros novamente. — Eles foram embora e não voltaram. Eu pensei que nos deixariam para morrer. Mas então ele veio, e agora nós esperamos novamente.

— Você se refere ao vampiro.

Uma das mulheres mais jovens, uma garota, opinou, assentindo. — O bonito, — ela disse, — com os olhos cruéis.

Carl Pinto tivera a intenção de mudar essas mulheres junto com as outras, Sid percebeu, aquelas que Aden havia libertado no ataque surpresa na casa que Sid descobrira. Mas Pinto foi forçado a mudar seus planos. E agora ele se estabeleceu nessa casa com algumas de suas cativas, provavelmente com medo demais de ser pego para mudá-las, mas também sem querer arriscar a libertá-las e perder o lucro. Talvez ele pensasse que quem quer que ganhasse o desafio o deixaria voltar para sua corrida de escravos. Claro que isso era rentável, se não se importasse sobre de onde o lucro vinha. Sid, por outro lado, estava convencida de que Aden seria o vencedor final. E isso significava que os dias de Carl Pinto estavam contados.

Infelizmente, ela não podia esperar tanto. Ela levantou e continuou a se alongar, passando por vários cenários de fuga em sua cabeça enquanto fazia isso. Por outro lado, ela estava confiante que Aden a procurava. Ele não acreditaria que ela o deixou. Ela não estava pensando claramente antes. Tinha que haver evidências de seu sequestro. Earl Hamilton e toda sua segurança estavam de serviço apenas um andar abaixo. Ela franziu a testa, imaginando o que tinha acontecido com Hamilton e seus homens. Estavam eles todos mortos? Deus, ela esperava que não.

Ela livrou-se do pensamento. Não havia nada que ela pudesse fazer quanto a isso, e ela não precisava de energia negativa drenando seu plano. Ela precisava focar numa coisa, e apenas em uma, e era em dar o fora de lá. Então, pontos a seu favor: primeiro, Aden estaria procurando por ela, e segundo, ela ainda tinha sua arma. Ela havia aprendido com Dresner, aquela vadia traidora, que você não precisava realmente de uma estaca para matar um vampiro. Esse era o método tradicional, mas a chave não era a estaca por si própria, mas o dano

que causava. Faça danos suficientes ao coração de um vampiro, sem importar como, e você pode matá-lo. Se ela pudesse de alguma forma chegar perto de Carl Pinto o suficiente para encostar a arma em seu coração, o truque seria feito.

Ou melhor, o truque seria conseguir colocar a arma perto o suficiente e então apertar o gatilho. Ela nunca matou alguém antes, nem mesmo atirou em algo vivo, muito menos numa pessoa. Mas Pinto não tinha apenas matado Janey, ele escravizou um incontável número de mulheres, enviando-as para um destino horrível e às vezes para a morte. Ela poderia matá-lo se chegasse a isso? Ela pensava que sim.

Mas o que ela sabia é que não podia sentar-se e esperar pela aparição de Aden. Isso não era um conto de fadas, e ela não era uma princesa. Não podia contar com um herói montado num cavalo branco, ou nesse caso dirigindo uma SUV preto. Mesmo que ele aparecesse, ele poderia estar atrasado demais.

O som pesado de passos soou pelo corredor e parou do lado de fora da porta do quarto. Algumas das mulheres choraram, abraçando umas as outras e olhando para a porta como se esperassem que um monstro entrasse, o que não estava muito longe da verdade. Ela não se juntou ao amontoado aterrorizado — ela não tinha certeza se elas a teriam aceitado caso ela tentasse — mas ela jogou pelo seguro, se derrubando no canto e levando seus joelhos contra seu peito, sem querer concretizar a leve chance de sua arma ser descoberta.

Havia um arranhão de metal, e então o que parecia ser um cadeado pesado caindo contra o batente da porta, antes da porta balançar aberta. Sid esperava que fossem guardas trazendo comida e água, mas ao invés disso era o próprio Pinto lá, seus olhos brilhando em vermelho enquanto ele a encarava na débil luz.

— Levanta, vadia, — ele rosnou.

Sid não se mexeu, apenas o encarou desafiadoramente. Ela não ia tornar as coisas fáceis para ele. Pinto lhe deu um sorriso cruel, movendo-se mais rápido que os olhos humanos podiam seguir, ele atravessou o quarto e agarrou uma das mulheres mais jovens, a mesma que o chamou de bonito. Ela chorou, pendurada em seu aperto duro e choramingou baixinho.

— Levanta, — ele repetiu para Sid. — Ou vou bebê-la até secá-la e deixar a carcaça.

Sid tentou colocar todo o ódio que sentia em seu olhar enquanto se levantava, mantendo suas costas contra a parede. — Deixe-a em paz, — ela mandou. — Você me quer. Estou aqui.

— Que comovente, — Pinto zombou. Mas ele abriu seus dedos, libertando a adolescente. Ela caiu no chão com um ruído de correntes, e então se arrastou de volta ao nó de cativas aterrorizadas.

— Então venha, Sidonie Reid. Vamos descobrir por que um bastardo frio como Aden acharia você tão irresistível.

Sidonie andou lentamente, armando parar quando chegasse na porta. Mas ela nunca chegou lá. Um som ensurdecedor de repente balançou a casa. Um estalo alto de madeira, seguido por uma batida forte de algo pesado caindo no chão. Como a pesada porta da frente. Seu coração voou quando ela percebeu que Aden deve tê-la encontrado, que o resgate chegara, não só para ela, mas para as outras mulheres. Ela abriu a boca para gritar, para deixar Aden saber onde ela estava, mas antes que pudesse até mesmo puxar o ar, Pinto estava nela.

Uma de suas mãos agarrou seu pulso, puxando-a para seu lado, a outra cobriu sua boca enquanto ele a arrastava para longe da sala de estar e para o lado oposto do corredor, que dava na cozinha.

Soava como se uma guerra acontecesse atrás deles, com o som constante de tiros e gritos de homens vindos da sala. Sid sentiu um momento de medo por Aden antes de ser arrastada para seu perigo enquanto Pinto a empurrou contra a parede do corredor com força suficiente para tirar seu fôlego. Ele se pressionou contra ela, sua mão sobre sua boca, e então manteve-se lá por um longo momento enquanto Pinto parecia escutar com atenção algo vindo da cozinha. E então, tão abruptamente quanto, eles estavam se movendo novamente.

Sid lutou tanto quanto podia, mas Pinto era um vampiro. Sua força de longe excedia a dela, e ele não se importava em machucá-la. Ela se esforçou para ouvir o que acontecia na sala. Com uma exceção, os capangas de Pinto eram humanos. Se fosse Aden lá fora, e seus instintos diziam que era, a gangue humana de Pinto não tinha uma chance. Ele a forçou numa parada mais uma vez, segurando-a um pouco antes da abertura entre a sala e a cozinha. Ele congelou, dedos imundos cobrindo a boca dela, seus braços cingindo as costelas dela tão apertado que ela mal podia respirar. Ela achou que soubesse por que ele

estava esperando. A porta para a garagem era do outro lado da cozinha, e Pinto teria que passar diretamente em frente da sala de estar para chegar lá. Mesmo na velocidade vampírica, eles estariam em plena vista da sala de estar por alguns segundos preciosos. Pinto a segurou no lugar, balbuciando quase que silenciosamente, persuadindo-se a esperar, insistindo que ninguém perceberia e amaldiçoando Aden na mesma respiração. Sid se contorceu e virou, tentando fazer um som, bater em algo e expor onde eles estavam, mas Pinto esmagou seu rosto contra as prateleiras de um armário aberto, as bordas cavando em sua bochecha, seus peitos e suas coxas. Ar frio vindo de uma porta aberta que dava no exterior varreu seu rosto, e se ela rolasse seus olhos para o lado ela podia ver a porta abrindo.

Os músculos de Pinto se contraíram. Seu balbuciar tornou-se mais urgente, e Sid sabia que ele estava se preparando para a corrida final pela sua liberdade. Esse era o momento da verdade para ela. Ou ela agia agora, ou ela rendia-se de sua liberdade e talvez de sua vida. Seu braço solto estava preso de forma estranha pelo aperto de ferro de Pinto e pela prateleira pressionada contra seu peito. Mas seu braço direito estava livre do cotovelo para baixo. Rangendo os dentes, rezando para que Pinto estivesse ocupado demais com seus próprios problemas para prestar atenção no que ela estava fazendo, Sid deslizou sua mão direita por sobre seu cinto. Ela se moveu lentamente, curvando seus dedos em garras e recorrendo a dupla camada de sua camiseta e de seu casaco, deslizando por baixo dela até que encontrou a borda de seu cinto. Ela então parou, testando a reação dele. Mas ele parecia tão focado no perigo dos invasores na sala de estar que descartou uma possível ameaça vinda de sua refém humana.

Deixando sua mão sobre seu cinto, ela esperou até que ele fizesse seu movimento, até que ele a agarrasse e passasse pela pia de porcelana movendo-se numa velocidade de vampiro enquanto eles apareciam a vista para a sala de estar e depois passassem direto para a porta. Ele hesitou mais uma vez, e Sid fez seu próprio movimento.

Arrastando sua mão pelo cinto, ela curvou seus dedos ao redor da 9mm. Parecia sólido e firme em sua mão, pesado, e ela tirou lentamente do coldre enquanto puxava uma respiração pesada de coragem. E então num esforço que era mais estranho que gracioso, ela curvou seu cotovelo, torceu a arma até que

estava pressionada contra o peito de Pinto e puxou o gatilho várias e várias vezes até que o slide deslizou para trás e não tinha mais nenhuma munição.



ADEN NÃO DESPERDIÇOU nenhum momento elaborando estratégias. De acordo com Elias, com quem eles haviam se encontrado como usual, Pinto tinha apenas um vampiro restante do grupo que Aden dizimara alguns dias antes. O resto eram humanos, a maioria bandidos que estavam felizes em agir como guardas e executores. O pagamento era bom e o risco era pequeno. Ou assim o era antes dessa noite. Nesta noite, o próprio inferno estava prestes a descer sobre eles na forma de um Lorde vampiro muito irritado.

A casa alvo era numa vizinhança de longe pior que a de antes. Pinto provavelmente se sentiu mais seguro ali. As autoridades raramente se aventuravam por essas ruas, geralmente apenas nos casos de manifestação de violência, e não havia nada nessa casa para chamar atenção indesejada.

Os vampiros de Aden estacionaram suas SUVs na metade da quadra, mostrando suas presas abertamente enquanto saíam, para que não houvesse dúvida alguma sobre com quem possíveis ladrões estariam lidando. E apenas para ter certeza, Aden enviara uma mensagem muito clara de não-foda-comigo numa onda de poder que até mesmo o humano mais maçante entenderia. Eles trouxeram três veículos no caso de haver prisioneiras que precisassem de transporte, e ele não queria voltar e encontrá-las todas rasgadas em pedaços.

Andaram o curto caminho para a casa, parando enquanto Aden enviava um firme fio de poder, escaneando a casa e seus ocupante. Sidonie definitivamente estava lá dentro, definitivamente viva, embora ele não pudesse dizer se ela estava machucada. Ele precisava entrar lá.

— Um guarda do lado de fora, — ele falou firmemente para Bastien, que estava próximo a ele.

— Humano, do lado direito da casa.

Bastien assentiu. — Há uma porta de lado. Provavelmente significa sem uma porta de trás.

— Eu esperava mais, — Aden comentou, observando os espaços escuros de cada lado da casa, usando seu poder para escanear a casa e o quintal, procurando mais guardas.

— Pinto deve ter pouco pessoal. Eles perderam muitos homens poderosos na casa de escravos, — Bastien sugeriu.

Aden não confiava em possibilidades, mas ele confiava no que seu próprio senso lhe dizia.

— Certo. Kage, você vai em frente e pega o guarda. Quando você nos ouvir passar pela porta da frente se junte a nós.

— Senhor. — Kage reconheceu e caiu fora, deslizando pela rua como uma sombra sob o luar. Ele não se incomodou em perguntar como saberia quando Aden e os outros entrassem. Ele sabia tanto quanto qualquer um que não haveria nada de sutil na entrada de Aden.

— O resto de nós vai à frente, rápido e sujo, — Aden disse, afirmando o óbvio. — A porta cai, nós entramos. Há Pinto e mais um vampiro, mais uma dúzia ou mais de humanos. Alguns deles devem ser escravos, então matem qualquer coisa que se mova a menos que seja fêmea. Vamos resolver o resto mais tarde.

— E Pinto, meu Senhor? — Isso era Freddy. Sempre pronto para uma luta, e a verdadeira luta esta noite seria de Carl Pinto.

— Pinto é meu, — Aden disse um lado de uma boca se curvando num meio sorriso. — Você pode ter o outro. Vamos fazer isso.

Aden cruzou a rua sem esperar pelos outros, caminhando pelo concreto, dando os três passos restantes para a varanda numa simples passada. Enquanto seu pé alcançava a grande varada, ele uniu seu poder num aríete de pura energia e empurrou na sua frente.

A porta pesada com sua chapa de metal e dobradiças reforçadas se dobrou no meio como um pedaço de madeira podre. Freddy pisou na frente de Aden e, se virando, chutou a porta quebrada que caiu fazendo baque altíssimo, crescente, como o ruído de uma tapa. Tiros foram disparados pelos guardas humanos postos na porta da frente, aumentando enquanto aqueles que se surpreenderam e pularam com sua entrada original recobravam a razão e suas armas e começaram a lutar por suas vidas. Freddy entrou sob uma rajada de

balas de uma submetralhadora. Aden pegou o rico cheiro do sangue dele e enviou uma onda de cura para sua criança vampira, parando para agarrar seu ombro enquanto ele passava. Levando seu olhar para o humano que tinha atirado, Aden o agarrou pela garganta com uma mão, envolvendo sua outra mão embaixo do queixo do homen, e torceu, quebrando sua garganta com velocidade e força que nenhum humano podia conciliar.

Ele captou movimento no corredor e apenas havia se virado quando um dos guardas agrupou várias mulheres aterrorizadas em frente a ele na porta. Um rápido olhar o mostrou que seus vampiros tinham os outros guardas em mãos, então ele virou sua atenção para o covarde que usava escravas como escudo para sua própria vida sem valor.

— Deixe-me ir, ou eu vou matar todas, — o homem gritou, sua voz se quebrando com medo. Ele tinha seu braço ao redor da garganta de uma adolescente, o cano de sua arma contra o pescoço dela.

Aden olhou para o homem com o tipo de ódio que ele guardava para aqueles que escravizariam outros, que abusaria deles por dinheiro ou prazer. — Vá para o Inferno, — ele rosnou.

O homem o encarou de volta, seus olhos brilhantes demais, sua frequência cardíaca alta nos ouvido de Aden. Ele estava chapado demais, seu peito inchado com arrogância exagerada.

— Eu não estou indo a lugar algum, babaca. Agora, dê o fodido fora do meu caminho, ou todas elas morrem, começando por essa aqui. — Ele apertou a arma no pescoço da garota, e ela chorou enquanto ele deslizava por sua pele, tirando sangue.

O olhar de Aden se estreitou enquanto ele estudava o homem. — Aquilo sobre ir para o inferno? — Ele arrastou as palavras, então estendeu a mão e puxou a arma do aperto do homem, agarrando-o pelo pescoço com a outra mão. — Não era uma sugestão.

O som de tiros soou de algum outro lugar da casa, e todas as mulheres gritaram e correram para a porta da frente, apenas para encontrá-la bloqueada por Freddy. Sem perceber que ele estava ali para ajudá-las, elas se encolheram num canto, uma agarrando a outra, chorando. O terror delas era algo palpável para Aden, como um gosto ruim em sua boca. Elas não sabiam se estavam sendo

resgatadas, ou se algo ainda pior estava acontecendo para elas. Mas Aden não tinha tempo para tranquilizá-las.

Encontrando o olhar horrorizado do humano em seu aperto, ele disse, — Inferno é bom demais para você. — Apertando tanto que ele podia sentir a pressão de seus dedos através da carne do homem, ele estalou a medula espinhal do ser humano, então estendeu a mão com um pensamento e explodiu seu coração em seu peito. Ele derrubou o pedaço vazio de pele, e então virou para olhar os rostos das mulheres trêmulas, confirmando o que seus instintos já lhe disseram. Sidonie não estava entre elas. Ele havia dado o primeiro passo para o corredor quando ouviu sua voz atrás dele. — Aden? — Ele se virou. Ela estava inclinada contra a porta aberta da cozinha. E estava coberta de sangue.



CARL PINTO NÃO chorou e nem mesmo gemeu quando Sid atirou nele. Ele lhe deu um olhar chocado, estremeceu tão forte que ele a sacudiu e colapsou no chão da cozinha. Ele a teria levado para baixo com ele, mas Sid se arrastou para longe no último momento, o assistindo cautelosamente enquanto recuava para longe. Ela ficou lá por um momento, encarando, esperando ele fazer poof e sumir da forma que ela sempre ouviu que vampiros faziam quando morriam. Mas ele permaneceu teimosamente corpóreo, deitado ali no chão, sangue encharcando sua camisa, se contorcendo como um homem tendo um sonho realmente ruim.

Sid não sabia o que isso significava. Ele estaria morto logo? Ou ele iria lentamente levantar-se como algum vilão e agarrar seu calcanhar apenas no momento em que ela pensar que estava livre dele? Ela apenas sabia que ele estava caído por agora, e ela pretendia ter certeza que ele permaneceria assim. Suas mãos estavam tremendo tanto que ela dificilmente era capaz de pressionar o compartimento de sua Glock, e ela quase derrubou o pente de balas vazio. Sugando uma respiração profunda ela se forçou a se concentrar e empurrou o pente vazio no bolso de seu cinto. Levou três tentativas até que ela conseguisse rodear a munição extra e deslizá-la no lugar. Mas na hora que ela estava

deslizando o pente carregado ela já estava se sentindo mais confiante, as horas de prática finalmente transparecendo.

Ela começou a carregar a arma, pretendendo descarregar outras dez balas em Carl Pinto, quando ela ouviu mulheres gritando atrás dela. As escravas! Ela as deixou no quarto, e tinha esperanças quando ouviu a luta acontecer de que elas continuariam lá até que tudo estivesse acabado.

Sid se apressou em tempo de ver o guarda de Pinto com uma arma pressionada contra o pescoço de uma das adolescentes que estava presa no quarto com ela. E encarando o homem com a arma, suas costas para Sidonie, estava a vista mais bem vinda que ela alguma vez já viu. Aden. Seu coração cresceu com tanto alívio, em com tanta confiança de que ela estava salva, que ela finalmente entendeu por que em todos aqueles contos de fadas as princesas colapsavam em lágrimas quando viam seus heróis.

E que herói ele era. Ela engasgou enquanto Aden usava sua velocidade vampiresca para ajudando a garota refém. Aden esperou até que todas as escravas estavam amontoadas no o canto, e... Ew. Okay, isso foi muito nojento, mas funcionou. O homem colapsou como um boneco cujas cordas foram cortadas e, já que era humano, deixando-o muito morto.

Aden estava prestes a ir pelo corredor para os quartos quando ela o chamou.

— Aden.

Ele girou com o som de sua voz, seus olhos brilhando numa chama azul de poder enquanto ele a olhava em suas roupas encharcadas de sangue, na condição espancada dela. Ela levantou uma mão para seu próprio rosto inconscientemente, mas antes que pudesse dizer algo, ele estava lá, rodeando-a com seus braços, segurando-a contra seu largo peito, e sussurrando coisas que ela não podia entender em sua orelha.

Sid deixou as lágrimas virem, deixou todo o medo e stress das últimas horas saírem enquanto ela se segurava nele. Ela seria forte novamente em alguns minutos, mas por agora ela deixou a si mesma ser a donzela resgatada e chorou em alívio.

Aden foi para trás até que pudesse ver o rosto dela. — Ele lhe machucou? — ele perguntou, colocando sua mão no rosto dela suavemente, esfregando um

polegar cuidadosamente em sua bochecha manchada de lágrimas. — Ele— Aden respirou, olhando em seus olhos e ela soube o que ele estava perguntando.

— Ele não me tocou, — Ela disse lentamente. — Não dessa forma.

— O sangue...

— A maioria é dele, — ela disse se virando para apontar para Pinto que parecia não ter se movido, mas que ainda não estava morto, porra.

Um rosnado profundo retumbou no peito de Aden enquanto ele encarava o vampiro no chão.

— Eu atirei no coração dele várias vezes, — ela disse exasperada. — Mas ele não morre.

Aden sorriu e correu uma mão pelo cabelo emaranhado dela. — Seus pais sabem que você é tão sanguinária assim? — Ele riu quando ela bateu em seu braço e adicionou, — Você ficará muito bem. — Sua expressão tornou-se cruel quando ele mudou sua atenção para Pinto que, Sid estava começando a ver, se mexia um pouco.

— Ele voltará se não matarmos ele, — Aden disse. — Mas ele é sua morte. Você que a fazer as honras?

— Não, — ela disse imediatamente, batendo em seu largo peito. Ela poderia viver sem essa honra em particular. — Eu fiz minha parte. Ele é todo seu agora.

— Bom, — Ele disse, e havia tanta malícia numa palavra, tanta satisfação, que Sid tremeu, mesmo que não estivesse destinada a ela. — Assista, — Aden murmurou.

E Sid assistiu.

O olhar dele se fixou em Pinto onde ele estava deitado no chão, Aden levantou sua mão, palma para cima, quase como um convite. Mas então seus dedos se fecharam lentamente, e subitamente Pinto não estava mais apenas de contorcendo. Seus olhos se abriram, e ele chiou como um porco enquanto tentava se arrastar para a porta, tentava rolar em sua barriga e rastejar em direção à porta aberta, querendo escapar. Os dedos de Aden se fecharam num aperto forte, e as costas de Pinto se curvaram enquanto ele gritava em agonia, implorando, soluçando, antes de colapsar como uma boneca de pano, seus choros se tornando altos e não naturais, qualquer aparência de racionalidade se foi.

Isso durou apenas alguns minutos, enquanto Sid encarava em horror e satisfação, mas Pinto finalmente, finalmente, morreu, tornando-se nada mais que uma pilha de sujeira no linóleo rachado do chão.

Os braços de Aden a cingiram, puxando-a para longe da bagunça que antes fora Pinto, apressando-a através da sala de estar destruída. — As mulheres serão cuidadas, — ele a assegurou, parecendo entender que o bem-estar delas seria sua primeira preocupação. — Mas estou te levando para fora daqui.

Sid assentiu, sentindo que ele estava montando na borda afiada da violência, que tanto quanto ela queria se ver salva, ele precisava ainda mais disso. Por toda a sua cara de durão, sua imagem que odiava coisas femininas, Aden tinha uma raia de proteção de um quilômetro de largura.

Ele precisava proteger as pessoas com quem ele se preocupava. Ele se importava com aquelas mulheres, pois ele odiava qualquer tipo de escravidão. Se importava com seus vampiros. Sid viu a forma com que ele olhava para eles, ouviu o respeito em sua voz quando ele falou com eles. E ele se importava com ela. Ela vira o alívio no rosto dele quando ele percebeu que ela estava viva e, mais ou menos, ilesa, o orgulho quando ele havia oferecido a ela a honra de matar Pinto. Ele se preocupou, e ele precisava vê-la a salvo. Então ela lhe deixou levá-la para a porta e para a calçada. Eles estavam se movendo rápido, com Bastien alguns passos na frente deles. Os outros ficaram para trás, presumivelmente para tomar conta das mulheres cativas e limpar qualquer evidência de que eles estiveram lá. Ela tinha a impressão de que vampiros eram muito bons em grandes limpezas, sem deixar digitais para qualquer um seguir. Sem dúvida do por que tão poucas pessoas sabiam algo sobre eles.

Isso lhe lembrou o pesadelo no escritório de Aden.

— Estão todos mortos? — Ela perguntou, quase tropeçando numa parada quando o pensamento a golpeou.

Aden nem mesmo desacelerou, apenas enrolou um braço ao redor de sua cintura e continuou andando. — Quem está morto? — ele perguntou distraidamente, e Sid se deu conta de que ele ficava cada vez mais tenso, não menos, desde que eles deixaram a casa, que ele estava observando a rua, como se esperasse por problema.

— Há alguém— ela começou, mas nunca terminou a frase, pois ele subitamente colocou os dois braços ao redor dela e a girou para longe da SUV.

— Bastien, para baixo! — Ele rugiu, o fim de suas palavras perdido enquanto todas as três SUVs para as quais eles se dirigiam subitamente explodiram num turbilhão de fogo e detritos. Sid gritou enquanto a explosão quebrava a noite, empurrando-os para fora do chão e mandando-os voando pelo ar. Ela atingiu o chão com força, os braços de Aden ainda ao redor dela, amortecendo sua queda, enquanto pedaços de metal flamejante e vidro derretido choviam ao redor deles.



— SIDONIE, PARE, — Aden rosnou. Percebendo que ela não podia ouvi-lo por sobre seus próprios gritos, ele colocou uma mão gentilmente por sobre a boca dela. Os olhos dela estavam enormes e aterrorizados quando finalmente focaram nele, mas ela assentiu convulsivamente e sugou o último de seus gritos quando ele tirou a mão.

— Você está bem? — ele perguntou.

Mais acenos frenéticos, os dedos dela afundando nos braços dele. Ele a segurou apertadamente. Ela estava tremendo. Ela havia sobrevivido a Carl Pinto, ela chegou perto de matar o fodido vampiro ela mesma, e essa era sua recompensa. Eles não podiam nem mesmo andar pela rua sem algum idiota tentando explodi-los.

Aden se levantou, levando Sidonie com ele. Eles não podiam ficar ali ao ar livre. O instinto já o colocara a procurar pela noite, seu poder se elevando para encontrar seu último assassino. Ele estaria próximo. Ele iria querer testemunhar a morte de Aden por si próprio, para reinvidicar a morte dele no desafio, ou para avisar para quem quer que seja o covarde para quem ele trabalhe.

Aden ouviu Sidonie choramingar, percebendo que estava apertando-a demais e conscientemente relaxou seu aperto. Ele estava obviamente furioso.

— Porra, — ele disse furiosamente. Ele olhou para cima e encontrou todos os quatro vampiros os rodeando, os três que haviam ficado na casa haviam corrido ao som da explosão.

— Bastien, — ele chamou. Seu tenente mancou para seu lado, a Aden olhou para baixo para encontrar sangue ensopando a perna de sua calça.

— É mínimo, meu lorde, — Bastien o assegurou. — O que posso fazer?

— Tome conta dela, — Aden disse, passando Sidonie para seu cuidado.

Sidonie se remexeu brevemente, se torcendo para olhar para ele. — Aden?

Ele pôs uma mão ao redor de sua bochecha, a gentileza um esforço no meio de sua raiva. — Logo estarei de volta, — ele lhe assegurou. — Você fica aqui com Bastien. — Ele se forçou a falar suavemente, a não deixar nada da raiva que estava fervendo em seu sangue transparecer em suas palavras. Isso não enganou Bastien, é claro.

— Senhor?

Ele encontrou o olhar de Bastien por sobre a cabeça de Sidonie. — O suficiente basta. — Ele disse sombriamente. E com isso, ele liberou seu poder e o mandou através das sombras como uma serpente até que encontrou o assassino. Humano, ele estava abraçado a parede de uma casa vazia, tremendo ao encarar sua falha, aterrorizado demais para correr, estúpido demais para perceber que ele não poderia se esconder de um vampiro tão poderoso quando Aden. Aden arrastou o covarde para a luz da Suv em chamas, usando seu poder como um gancho enfiado no peito do homem, tornando o mais doloroso possível.

— Eu lhe conheço, — ele rosnou, reconhecendo o humano Balderas. Ele era o chefe da segurança de dia de Silas, mas ele era também aquele que tentara sequestrar Sidonie na estação de trem.

— Foda-se vampiro, — o humano tentou suspirar, arranhando seu peito como se o gancho fosse algo físico que ele pudesse remover. Ele olhou para cima, seus olhos cheios de lágrimas, mas não de dor, ao menos não desse tipo de dor.

— Você a matou! — ele gritou acusadoramente.

— É disso que se trata? — Aden questionou em descrença. — Você quer vingança por aquela estúpida vadia da Silas?

— Não ouse— As palavras de Balderas foram cortadas, substituídas por um grito gutural de agonia enquanto Aden torcia o gancho de seu poder para o intestino do homem.

— É assim que se joga o jogo, humano, — Aden silvou, recolhendo seu poder, arrastando Balderas com isso até que ele estivesse a um braço de alcance.

— Eu a amava, — o homem choramingou.

— Então você pode se unir a ela.

O poder se tornou um espeto enquanto Aden enfiava-o pelas costelas até o coração do homem, queimando em brasa enquanto o humano gritava em dor, até que ele não tivesse ar restante para gritar, até que seu coração não era nada mais que carne murcha.

Aden deixou o corpo cair na calçada. Mas ele não terminou ainda. Sua cabeça virou de um lado para o outro, suas sobrancelhas baixas, pálpebras pesadas sobre seu olhar. Mas ele não estava vendo a vizinhança em que estava, com as casas negligenciadas e carros velhos, os pisos rachados e gramados secos. Seu olhar foi para bem mais longe que isso. Puro, poder cru estava ministrando essa busca, se espalhando pela cidade, procurando e encontrando cada vampiro na área de Chicago, movendo-se até mesmo além disso, para os milhares de vampiros no Meio-Oeste, suas vidas brilhando em sua visão, algumas brilhantes, outras apenas pontinhos de luz.

— Isso acaba agora, — ele rosnou. Reunindo cada pinga de poder que possuía, sugando o poder da vida de cada vampiro que ele encontrou, ele enviou uma onda violenta de comando, reivindicando o Meio-Oeste como seu e desafiando qualquer vampiro a lhe encarar aqui e agora, a tirar o poder dele se pudessem, e a se submeterem ou a morrer se não pudessem.

Jogando a cabeça para trás, ele fechou seus olhos, Aden ficou com os braços abertos, mãos abertas, palmas para cima enquanto ele atingia as vidas em seu território, uma após a outra, primeiro uma gota e depois uma inundação. Seu poder trovejou enquanto os vampiros de rendiam, caindo em seus joelhos, curvando seus rostos até o chão, reconhecendo o novo lorde do Meio-Oeste.



SID NÃO SABIA o que estava acontecendo. Num momento eles estavam apressados para o SUV, e no outro o mundo explodiu. Ela sabia que Aden a salvara, que ele a protegeu com seu corpo. Ela nem mesmo pensava que ele estava consciente do sangue encharcando as costas de sua camisa, dos rasgos e

cortes em sua carne. Ela não pensava que ele estava ciente disso, pois ele entrou num estado de Zen que fez Bastien recuar e levá-la com ele.

— Bastien, — ela disse confusa, — O quê—

— Shh, — ele a silenciou rapidamente. — Espere. Não o distraia.

Ela franziu a testa. Distraí-lo? Aden? Ele não parecia muito fácil de distrair nesse momento. De fato— seus pensamentos se silenciaram quando o humano subitamente apareceu, parecendo como se estivesse sendo puxado como um peixe, e a contra gosto. Ela piscou. Ele parecia familiar. As roupas eram diferentes, mas...

— Esse é o cara, — ela sussurrou. A mão de Bastien apertou o braço dela num novo aviso, mas ele assentiu.

— O que vai—

— Sid, — Bastien sussurrou urgentemente, virando-a para encarar ele. — Por favor. Você precisa ficar quieta.

Os lábios de Sid se apertaram em frustração, mas ela sabia que Bastien sabia muito mais que ela do que estava acontecendo, e ela não queria fazer nada que pudesse por Aden em perigo. Ela se virou, encarando em choque quando o homem subitamente gritou como se alguém estivesse arrancando sua pele, e então se sentiu levemente doente quanto Aden jogou o corpo do homem na rua como se fosse um pedaço de lixo.

Não que ela culpasse Aden por estar com raiva. O cara acabou de tentar matar a todos eles. Mas ela vira violência e morte o suficiente nas últimas quarenta e oito horas pelo resto de sua vida.

Ela respirou, pensando que tinha finalmente acabado, mas então Aden rosnou algumas palavras, e o mundo ficou mais louco. Seus pulmões se apertaram enquanto todo o ar parecia desaparecer do lugar de uma vez, enquanto as poucas árvores nuas de inverno ao seu redor começaram a chacoalhar como ossos secos, se inclinarem e rangerem debaixo de uma forte tempestade com Aden no centro. Um Trovão retumbou, mas não era o tempo. Ele estava vindo abaixo de seus pés, um som de terremoto, balançando o chão até que ela se agarrou a Bastien, seus pés apoiados enquanto a rua se ondulava como uma folha ao vento.

E Aden ainda continuou, sem se mover, imóvel. Seus braços estavam abertos como se ele estivesse proclamando o poder dos deuses por sobre seus inimigos e se banhando em seu brilho. Exceto que o brilho era o azul de seus olhos, brilhando mais forte que as chamas dos destroços, dois lasers de um brilhante azul safira.

De repente Aden jogou sua cabeça para trás e gritou, suas mãos se fechando em punhos como se ele estivesse segurando algo. Ele permaneceu assim por um longo tempo, e então seus braços caíram ao seu lado, seus olhos se abriram e sua cabeça girou para fixar nela o brilho azul de laser de seu olhar.

— Deixe-a ir, — ele falou.

Bastien a liberou de uma vez, seus dedos voando abertos como se eles subitamente tivessem se tornado quentes.

— Venha aqui, Sidonie, — Aden murmurou.

Ela congelou por uma batida de coração, sabendo que algo mais estava acontecendo que seus simples sentidos humanos podiam captar. Mas era Aden, e ela sabia que ele nunca a machucaria.

Ela fechou a distância entre eles, indo para seus braços sem hesitação. Ele parecia de alguma forma maior, e isso era algo, pois ele era, para começar, um cara grande. Mas ao mesmo tempo, havia algo cansado em sua expressão, como se ele tivesse aguentado um fardo pesado nesses últimos minutos, algo que ela não podia ver, exceto em seus olhos.

— Você está bem? — ela perguntou, tocando a bochecha dele e percebendo que seus olhos começaram a perder o brilho de laser e a voltar ao azul usual da meia noite.

Ele piscou, parecendo surpreso por ela ter perguntando. E então ele sorriu.

— Ficarei bem. Vamos para casa, e eu lhe direi sobre isso.

CAPÍTULO VINTE

ADEN CONDUZIU Sidonie para fora do elevador em seus aposentos privados. Elias tinha sido convocado, e eles tinham usado seu veículo para se afastar da cena do bombardeio. A explosão tinha sido muito dramática até mesmo para esse bairro, e a cena estava agora cheia de policiais humanos. Não havia nada para ligar Aden aos veículos destruídos, de modo que não havia preocupação. E Elias, com a intenção de provar a si mesmo para seu novo senhor, tinha ficado para trás no lugar de Pinto, chamando uma equipe para deixar as mulheres em segurança e para fazer uma limpeza completa na casa. Aden não confiava totalmente em Elias, mas ele julgava que o vampiro ia ser inteligente o suficiente para ver que seu futuro dependia de fazer Aden feliz. Com vampiros, auto-interesse sempre era o melhor motivador.

— Você provavelmente vai querer um banho, — Aden disse a Sidonie enquanto ele a empurrava através da sala de estar e em linha reta para o quarto.

— Você está dizendo que eu estou fedendo? — Sua resposta foi brincalhona o suficiente, mas ela não chegou a retirá-la. Ela precisava mesmo de um banho, mas não porque ela fedia. Ela estava coberta de sangue, a roupa dura, sua pele pegajosa, com pedaços de sujeira da explosão ainda agarrados em todos os lugares.

Mas Aden não lhe disse nada disso. Deslizando os braços em volta dela, ele a puxou para perto e disse: — Eu estou dizendo que você teve uns dias difíceis, e um chuveiro quente vai te ajudar a dormir.

Ela suspirou e encostou a testa contra o peito, as mãos descansando em ambos os lados de sua cintura. O gesto foi tão natural e mostrou tanta confiança. Ele olhou para a cabeça inclinada e sentiu seu coração apertar com emoção rara.

— Você está certo, — disse ela, em seguida, levantou a cabeça para encontrar seus olhos com um olhar perverso que desmentia sua exaustão. — Você vai se juntar a mim?

Ele deu uma risada baixa e deixou sua mão deslizar para descansar na curva de seu doce traseiro. — Eu tenho um telefonema para fazer primeiro. E eu preciso verificar com Bastien e os outros. Mas não vai demorar muito.

— Tudo bem, — disse ela, em pé na ponta dos pés para dar-lhe um beijo rápido. — Mas não me culpe se você perder toda a diversão.

Aden esperou até que ela desaparecesse no banheiro, fechando a porta atrás dela, então ele caminhou rapidamente para trás através de seus aposentos e pelo corredor até seu escritório.

Bastien e os outros estavam esperando por ele, mas ele levantou a mão para adiar quaisquer perguntas. — Eu preciso chamar Lucas.

Ele não se incomodou em fechar a porta. A audição de vampiro fazia tais barreiras inúteis. Além disso, estes quatro vampiros eram seus conselheiros mais próximos, seu círculo íntimo quando ele se comprometeu a governar o Centro-Oeste. Ele teria muito poucos segredos deles.

Pegando o telefone, ele bateu um número de discagem rápida e ouviu o toque. Ele não teve que esperar muito tempo. A chamada foi atendida no segundo toque.

— Eu ouvi rumores de um terremoto em Chicago, — disse uma voz familiar. — A videira vampiro está cantarolando esta noite.

Aden fez uma careta. — Eu sinto muito por isso, Lucas. Não é do jeito que eu queria, mas os asseclas malditos não param de chegar. Eles explodiram três veículos de merda hoje à noite, e Sidonie estava comigo. Ela poderia ter sido morta.

— Sidonie? — A voz de Lucasafiada com interesse, e Aden percebeu que ele tinha dito mais do que pretendia.

— Uma amiga. Olha, eu vou estar lá amanhã à noite para fazê-lo corretamente. Eu só queria avisar as bases.

— Considere as bases avisadas, e parabéns, meu amigo, — disse Lucas alegremente. — Vejo você amanhã. E traga Sidonie com você! — Acrescentou. Ele ainda estava rindo quando ele desligou.

— Porra, — Aden praguejou baixinho. Lucas nunca iria deixar isso passar. Não que o outro vampiro tinha qualquer motivo para se importar. Ele estava totalmente amarrado com a sua nova namorada do FBI e parecia querer ficar assim por um tempo.

Aden jogou o telefone em cima da mesa e juntou-se a Bastien e os outros no escritório exterior.

— Tudo bem, — disse ele. — Como vocês ouviram, vamos a Dakota do Sul amanhã à noite. Dentro e fora. Estaremos de volta aqui ao amanhecer. Uma vez que tomamos cuidado, a nossa primeira ordem de negócio é a construção de um núcleo sólido de lutadores. Bastien, eu quero que você coloque um chamado para recrutas de fora. Prioridade para os vampiros com quem trabalhamos em Kansas, e em seguida, praticamente qualquer um do território de Lucas ou de Rafael. Você sabe o que fazer. Vocês quatro podem fazer a triagem inicial, mas eu vou querer uma lista para revisão final. Ninguém, e eu quero dizer nenhum, da ninhada de Klemens entra nessa rodada. Talvez no futuro, quando as coisas se acalmarem - não vamos fechar a porta para a possibilidade, ela vai apenas causar ressentimento. Mas agora, eu não confio em nenhum deles.

— Eu tenho que descobrir o quão longe a podridão dos Klemens se espalhou e tirar qualquer um de seus ex-aliados que têm uma lealdade persistente para a velha guarda. Eu não quero ter que me preocupar com onde a próxima porra de bomba vai estar vindo. Eles vão dizer que não é justo, mas foda-se. Nós somos vampiros, não crianças. Em seguida, precisamos de um novo lugar para morar e usar como um quartel-general. O ataque de ontem mostrou o quão vulnerável este lugar é. Agora, eu estou mais interessado na área da propriedade do que a casa. Nós sempre podemos construir outra casa, mas quero um pouco de espaço entre mim e a cidade. Coloque Hamilton nisso. Ele pode selecionar as propriedades do ponto de vista de segurança, e ele também pode trabalhar com um corretor de imóveis durante o dia. Uma vez que ele tenha

algumas possibilidades, vou dar uma olhada, mas eu quero isso até na próxima semana.

— E quanto a propriedade de Klemens na Gold Coast? — perguntou Bastien.

— Minha inclinação é para queimá-la para o chão e vender o lote, mas isso pode chamar muita atenção. Freddy, você sabe quem lida com esse tipo de coisa. Precisamos ter certeza de que não há segredos dentro, sem passagens escondidas, nada que possa se voltar contra nós. Eu quero que ele esvazie e coloque paredes e pisos nus. Quero cada armário esvaziado, cada janela aberta. Eu quero a luz solar em cada fenda e canto.

— Sim, meu senhor.

— Tudo bem, — disse Aden, mais do que pronto para encerrar a noite. — Mais alguma coisa?

Seus vampiros compartilharam olhares, balançando a cabeça em uníssono. — Nada, senhor, — disse Bastien por todos eles.

Aden sorriu. — Então, vamos dormir um pouco. E parabéns, senhores. Nós fizemos isso.



SIDONIE DEIXOU todas as suas roupas em uma pilha no chão do banheiro, não tendo certeza se alguma seria aproveitável e realmente não se importando. A única coisa em que ela teve o cuidado adequado foi com a sua arma. Dobrando o coldre com cuidado, ela saiu do banheiro e colocou-o no topo da cômoda, colocando a arma em cima disso e acariciando-a com carinho. Provavelmente era bobo, e não de todo consistente com uma imagem de garota durona, mas esta era a primeira vez que ela tinha usado a arma em uma situação de vida ou morte. Sentia-se orgulhosa e um pouco dona de si sobre a coisa toda.

Sorrindo para si mesma, ela deu a arma um tapinha final e voltou para o chuveiro, inclinando-se para ligar a água quente e deixá-la correr. Culpa a esfaqueou sobre o desperdício de água. Ela era geralmente uma pessoa de espírito muito conservador. Mas às vezes uma garota precisava de vapor, e este era um desses momentos. Seus poros necessitavam uma abertura. Ela queria que todo o traço de Carl Pinto e sua casa do inferno se fosse. Sem mencionar o caralho da explosão de depois. Ela descobriu que ela tinha praticamente esgotado o fornecimento de adrenalina da sua vida nos últimos dois dias.

Enquanto esperava o banheiro se tornar nebuloso, ela se inclinou para o espelho e usou a mão para esfregar um ponto para que ela pudesse estudar os danos.

— Oh meu Deus, — ela murmurou, horrorizada. Isso estava muito pior do que ela pensava. Era uma maravilha Aden não ter ido embora e a deixado na rua. Seu cabelo era um ninho de ratos, e ela estava usando há um par de dias um rímel escorrido, mas tudo bem, isso era esperado. O que ela não esperava, embora ela provavelmente devesse dada a sua dor de cabeça latejante, era a contusão vermelha e roxa que cobria metade de seu rosto. Ela não sabia o quanto ela era de Pinto e o quanto era da explosão, mas não se importava. Tudo se uniu para criar a imagem de um pesadelo que estava olhando para ela. Ela literalmente parecia uma refugiada de um filme de terror.

Ela fechou os olhos e se virou, não querendo ver mais. O banheiro estava fumegante e quente, e ela tomou uma respiração profunda, calmante. O vapor foi bom para seus seios, que estavam inchados e quase únicos, mas tinha se esquecido sobre a lesão em sua lateral, onde Pinto a tinha chutado e ela teve que engolir seu grito de dor. Ela franziu a testa e apertou as costelas danificadas com ternura, verificando se estavam quebradas. Não que ela tivesse certeza de que saberia a diferença, mas elas não pareciam quebradas. Nada esmagado quando ela pressionou, sem dor afiada. Apenas realmente dolorido.

Ela suspirou, desejando que ela pudesse voltar para a casa, de volta ao momento em que Aden tinha perguntado se ela queria ter a honra de acabar com Pinto ela mesma. Ela não iria deixar passar uma segunda vez. Ela ia explodir a

cabeça desse filho da puta fora, mas não antes de chutá-lo algumas vezes para que ele soubesse o que se parecia estar amarrado e indefeso.

Era engraçado, de uma forma não-engraçada-em-tudo, que o pior de seus ferimentos tinha vindo de seu curto período de tempo com Pinto e não da explosão gigantesca depois. Isso porque Aden a tinha protegido, amortecendo a queda e tendo a maioria dos danos para si mesmo.

Ela entrou no chuveiro, de pé, com os olhos fechados e a cabeça inclinada, deixando a água quente surrá-la nas costas e pescoço, lavando a poeira e sujeira ... e sangue. A maior parte do sangue era de Pinto, mas não todo ele. Precisando estar limpa, ela se virou e pegou o shampoo. Seu cabelo era um emaranhado, mas a sujeira tinha que ir em primeiro lugar. Ela o lavou rapidamente e completamente, em seguida, mais uma vez, e finalmente o massageando cerca de duas vezes mais condicionador do que ela usaria normalmente. Ela estava enxaguando esse último, os olhos fechados, a cabeça inclinada para a frente sob o jato quente, quando a porta do chuveiro abriu atrás dela.

Ela sorriu sem abrir os olhos.

— Eu estava me perguntando quando você ia chegar aqui.

Os braços fortes de Aden a rodeavam, uma mão indo baixo em sua barriga quando ele colocava as costas contra seu peito, sua ereção um comprimento duro contra sua bunda.

— Eu lhe disse que não levaria muito tempo, — ele murmurou. Buscando por cima do ombro o sabão, ele ensaboou suas grandes mãos e começou a esfregá-lo na pele com cuidado requintado, o seu toque muito mais suave do que ela teria pensado que ele fosse capaz de fazer.

Aden era um homem de tais contrastes. Não era um homem em tudo, de acordo com ele. Teria ela acreditado que ele tinha deixado para trás sua humanidade há muito tempo, quando ele tinha sido escravizado, tratado como uma coisa. Mas isso não explicava sua preocupação com as mulheres capturadas, sua bondade em fazer o certo, de que elas não fossem apenas

cuidadas, mas que estavam seguras em seu caminho de casa. A forma com cuidado que ele a tinha protegido. Ele era tão poderoso e o seu toque quando ele examinou seus machucados era ainda tão suave, tão cheio de. . .

Ela queria dizer amor, mas ela não sabia se isso era verdade. Sentia como amor, mas talvez ela estivesse projetando seus próprios sentimentos para ele. Porque ela estava definitivamente caindo e caindo duro. Ela estava à beira desde a primeira noite em que ela o conheceu. Como um rude e irritante que ele tinha sido, tinha havido uma faísca inegável entre eles. Ela inicialmente negou tudo, não o vendo como mais do que uma atração sexual. Afinal, o cara era o sexo em uma vara. Qualquer mulher que ainda respirasse gostaria de tê-lo. Mas a verdade tinha se insinuado, crescendo a cada hora que passavam juntos, cada pedacinho de si mesmo que ele revelou a ela, até que ela já não podia negar. Ela nem sabia o exato momento em que chegou ao ponto de não ter retorno. Foi o olhar em seus olhos quando ele a viu em pé na porta da cozinha esta noite. Seu alívio ao vê-la viva, e sua raiva quando ele tinha visto o que Pinto tinha feito para ela.

Ela sabia que ele se importava, mas ela não sabia se ele a amava.

— Vire-se, — ele murmurou contra seu ouvido, e ela estremeceu com o estrondo da sua voz profunda.

Ela obedeceu, virando-se para encará-lo, erguendo o olhar de seu peito densamente musculoso com seus maravilhosos ombros largos, passando pela forte coluna de sua garganta aos lábios sensuais com ligeiras curvas de diversão, antes de finalmente encontrar seus olhos escuros.

— Estou horrível, — ela lamentou.

— Você está linda. Você está viva, e isso é tudo que importa para mim.

Sid suspirou e descansou a cabeça contra seu peito. — Eu sabia que você viria, — ela disse a ele.

— Mas você não esperou de qualquer maneira.

Ela virou a cabeça de lado a lado. — Eu decidi que não era uma princesa de conto de fadas.

— O que isso significa? — ele rosnou. — Ele poderia ter te matado. Você deveria ter esperado por mim.

— Eu não podia. Eu não sabia o que ele iria fazer para essas mulheres.

— Eu teria cuidado delas. Você sabe disso.

— Eu sabia, e eu sabia que você viria atrás de nós, mas eu estava preocupada se seria tarde demais. Pinto estava preparando para se mover, e eu estava com medo que ele teria todos nós em malas e ido embora antes de você chegar.

— Então, eu teria te rastreado, — disse ele implacavelmente. — Eu sou um lorde vampiro, Sidonie. Eu tenho recursos.

— Mas você não é infalível. E eu não podia correr esse risco. Além disso, eu sou mulher, ouça-me rugir.

— Mais uma vez, o que quer que seja o que isso significa. Preciso verificar a sua cabeça por concussão?

Sid riu. — Pobre velho Vampiro. Vou explicar tudo a você mais tarde.

— Velho? — Suas mãos lisas de sabão deslizaram por suas costas para a curva de sua bunda levantando-a contra seu eixo completamente excitado.

— Bem, você está velho, — disse ela, sem fôlego, então assobiou quando suas costelas doloridas foram esmagadas contra seu peito.

Aden amaldiçoou e soltou. — Você está ferida. Deixe-me curar...

Mas Sid não o deixou terminar. De pé na ponta dos pés, ela enganchou os braços em volta de seu pescoço e puxou seu rosto para baixo no dela. Ela beijou-o avidamente, torcendo a língua em torno dele até que ele gemeu. Envolvendo os braços em volta dela com cuidado, ele levou o beijo mais profundo, uma mão enredando em seus longos cabelos, puxando sua cabeça para trás enquanto seus lábios arrastavam, passando a boca para seu pescoço, beijando-a suavemente, deixando-a sentir a varredura de sua língua antes de levantar sua cabeça com outra maldição.

Sidonie expressou um protesto sem palavras. Ela não queria ser mimada, ela queria ser fodida. Erguendo a boca para a dele, ela provocou os lábios abertos com a língua, e então ela mordeu o lábio com força suficiente para tirar sangue. Ele resmungou, mas só apertou a bunda dela em advertência.

Ela sorriu contra seus lábios e mordeu com mais força, engolindo um pouco de seu sangue, sentindo a urgência, sentindo cada centímetro de sua pele, cada terminação nervosa formigar com a consciência dele.

— Você quer jogar? — Ele rosnou por fim. — Nós vamos jogar. — Ele a ergueu mais, girando em torno de ambos até que suas costas estavam contra a parede oposta do chuveiro, as pernas ao redor de sua cintura.

Sua boca foi para o seu pescoço, e ela estremeceu em antecipação. Ele chupou duro o suficiente para que ela soubesse que teria um antiquado chupão, mas ele não a deixou sentir ainda a borda de seus dentes afiados.

— Aden, — ela implorou, flexionando os quadris contra sua barriga.

— O que você quer, habibi?

— Não é justo, — ela reclamou.

— Eu não jogo justo.

— Mas— Ela engasgou quando a mão dele deslizou por suas costas, ao longo da curva de sua coxa e no vazio dolorido entre suas pernas, enchendo-a com os dedos.

— Você está tão molhada. Isso é para mim, Sidonie?

— Sim, — ela respirava.

— Só para mim?

— Sim, — ela repetiu com urgência.

— Hmm. — Ele ergueu os dedos algumas vezes dentro e fora, demorando a mergulhar brevemente em sua abertura inferior. Com os músculos agrupados,

ele segurou-a contra a parede, quando alcançou entre eles para segurar seu pênis e posicioná-lo na abertura de sua vagina.

— Grite para mim, Sidonie, — ele murmurou e bateu inteiro dentro dela com um único golpe poderoso, com as mãos segurando sua bunda, segurando-a aberta, para que ele pudesse ir mais fundo ainda.

E Sid gritou, mas foi um grito de puro prazer sensual, suas unhas cavando em seus ombros, a cabeça jogada para trás contra o azulejo molhado quando ele bombeava de novo e de novo, seus quadris batendo contra o dela, sua bunda flexionada sob seus tornozelos cruzados.

— Abra os olhos, — ele ordenou, e ela o fez, olhando-o através de uma névoa de desejo, seu belo rosto tão severo e focado, seus olhos escuros delineados no brilho azul de seu poder.

— Eu quero que você saiba quem está te fodendo, — ele rosnou.

Ela lhe deu um sorriso lânguido, todo o seu corpo impregnado de desejo, oscilando à beira de um clímax que ela lutou para manter fora, porque se sentia tão bem por estar a borda com ele.

— Eu sei quem você é, — ela murmurou, suas palavras arrastadas com sensualidade. — Não há ninguém como você no mundo. Ninguém além de você.

Ele resmungou, os olhos brilhando como lasers enquanto seus dedos cravaram em sua bunda. Ele se inclinou, pressionando seu peito com força contra seus seios, cobrindo sua boca com um beijo, um calor abrasador, os lábios selados contra a dela, sua língua esfaqueando entre os dentes e se defrontando com sua língua. Ela estava sem fôlego quando ele finalmente a soltou, seu coração acelerado, todos os nervos que possuía tremendo em antecipação quando ele abaixou a cabeça para seu pescoço. Sentiu a varredura de sua língua áspera contra sua pele quente, o raspar de suas presas, atormentando-a, deixando-a sentir suas pontas afiadas, mas não rompendo a pele, ainda não.

— Aden, — ela suplicou, sufocando um soluço quando ela lutou por ar, seu corpo tão pronto para o clímax que sua pele estava muito apertada, pronta

para explodir com todos os sentimentos, todas as sensações que rugiam ao longo de seus nervos, apertando seus músculos.

— Sidonie, — ele sussurrou, como uma oração, em seguida, suas presas cortaram seu pescoço e perfurou sua veia, e ela estava perdida.

Ela não gritou quando o clímax a levou, sua garganta apreendida quando ela sacudiu em seus braços, o orgasmo derramando por suas veias como líquido quente, sentindo-a em cada centímetro de seu corpo, seus dedos raspando sobre seu couro cabeludo, pés cavando os músculos firmes de sua bunda, até o conjunto requintado de sensação em seu clitóris, essa pequena protuberância oh tão sensível. Pulsos de prazer esmagador rugiram através dela, as ondas de êxtase tão forte que ela teria se perdido se não fosse por Aden, mantendo-a em seus braços, mantendo-a segura.

Eu te amo, ela pensou, mas não disse, quando ele levantou a cabeça e encontrou o olhar dela.

— Fique comigo, Sidonie, — ele murmurou.

Ela sorriu. Ele não podia dizer isso também. — Eu vou, — ela sussurrou. — Contanto que você me queira.



SID saiu do banheiro para encontrar Aden estendido na cama, gloriosamente nu, encostado na cabeceira da cama com um braço musculoso atrás da cabeça. Ele segurava um iPad em sua outra mão, sua expressão muito atenta ao ler o que quer que estava exibindo. Ela parou por um momento, admirando-o.

— Gosta do que você vê? — Ele perguntou, sem levantar os olhos do iPad.

Ela riu, atravessando a sala para subir na cama com ele. — Pescando elogios, vampiro?

Ele bufou. — Como se eu precisasse.

— Oh meu Deus! Você é tão vaidoso.

Ele desviou o olhar para olhar para ela. — Você está dizendo que você não gosta do que vê?

Sid deixou escapar um suspiro de desdém. — Certo. Então, me diga alguma coisa.

— Alguma coisa em particular?

Ela deu um tapa na coxa. Era como tapa de aço sólido, e ela parou por um momento para apreciá-lo, acariciando-lhe, a mão para trás e para frente.

— Sidonie?

O olhar dela disparou, e suas bochechas aquecidas. Jesus, ela era patética. — Sim, — disse ela, cobrindo, — Eu só estava pensando. Naquela reunião desafio, quando te conheci pela primeira vez...

— Lembro-me bem.

Ela corou de prazer com o calor em seus olhos, o estrondo de luxúria em sua voz. — Hum, bem, — ela disse, tentando reunir seus pensamentos sob o ataque de imagens eróticas que ele conjurou sem sequer tocá-la.

— Como você se tornou um vampiro? — Ela deixou escapar. Ela tinha certeza de que não era o que ela queria perguntar, mas foi a primeira coisa que lhe veio à mente.

Aden colocou o iPad de lado e a estudou em diversão, intrigado.

— Quero dizer, eu sempre quis saber, — continuou Sid. — A maioria de vocês, os poucos que eu conheci de qualquer maneira, parece, — ela franziu a testa, como se estivesse procurando a palavra-certa — feliz, — disse ela, surpresa com sua própria escolha de palavras. — Eu li um monte de livros, e eles sempre falam sobre como o vampiro era transformado contra a sua vontade, e ele era um monstro e que ele se odeia. Mas todos os vampiros que eu já conheci parecem

realmente felizes por ser um. Isso é porque você acabou de aceitar isso? Será que você tem uma escolha sobre a coisa toda?



ADEN OLHOU SIDONIE com curiosidade. Ela era a mulher mais curiosa que ele já conheceu. Ou talvez fosse simplesmente que ela era a única mulher cuja perguntas ele já tinha sido inclinado a responder.

— Cada vampiro tem a sua própria história, — disse ele, sabendo que uma resposta tão banal nunca ia satisfazê-la.

— Mas qual é a sua história? — Ela persistiu, bem na hora.

Ele considerou, soprando-a, a distraíndo com mais sexo que eles tanto gostavam. Mas se ele queria passar algum tempo com Sidonie - e ele queria há muito tempo,- então teria que responder a suas perguntas. Porque ela só ia continuar perguntando.

— Minha senhora, — ele disse a ela, — isto é, o vampiro que me fez, me ofereceu uma escolha. Mas foi uma que ela sabia que eu iria aceitar. Eu estava em uma situação difícil, ainda que de minha própria autoria, e ela me deu uma saída. Uma maneira de escapar para o que ela disse que seria uma vida melhor.

— E foi?

— Oh, sim.

Marrocos, 1778

ADEN ACORDOU TARDE naquele dia. Era a primeira semana do mês sagrado, e o negócio era leve. Nem mesmo os ricos se atreveriam a ira do seu Deus durante este tempo. Ele pensou nele como Deus deles, porque ele já não

acreditava em Deus, não o deles nem o de qualquer outra pessoa. Certamente não o Deus de seu pai, que o tinha vendido como um animal, ou mesmo o Deus da sua mãe, que o tinha descartado para proteger o seu próprio conforto. Nenhum Deus nunca tinha feito a Aden nenhum favor.

Mas ele era grato por esta época do ano, quando ele não era forçado a jogar de prostituta, ou, pior ainda, de bode expiatório dessa bosta de homem gordo que continuava a lhe bater e tirar sangue sempre que seu humor o feria, e tudo com a bênção de sua amante. Como ele poderia ter pensado que ela se importava com ele? Ela o tinha substituído em sua cama há muito tempo, a compra de um novo jovem escravo para treinar assim como ela tinha feito com ele. Mas ele tinha pensado que alguma afeição ainda permanecia entre eles. Sua vontade de vendê-lo tão cruelmente matou quaisquer ilusões, sua traição muito maior do que a simples brutalidade do homem gordo.

Ele rolou para fora da cama devagar, sentindo-se com o dobro de sua idade cada vez que cada centímetro de tecido cicatricial, cada ferida fresca se movia. Ele tinha cicatrizes em cima de cicatrizes. E quando ele não estava sendo chicoteado, ele era esperado para atender as mulheres que continuavam a pedir por ele, embora ele derivasse apenas o prazer mais perverso de fode-las. Ele enganou-se no passado a pensar que o desejavam, que mesmo se importavam com ele. Mas não mais. Ele era um prostituto, e era usado como um.

— Aden? — Era a jovem Sana, batendo de leve na moldura de sua porta.
— Posso passar óleo em suas costas para você?

Ela se sentia responsável, como se ela tivesse de alguma forma pedido para ele ser chicoteado sangrentamente naquele dia que ele tinha ido em seu socorro.

— Hoje não, Asal.

— Você tem certeza? Porque não estamos ocupados.

— Hoje não, — repetiu ele.

— Muito bem, mas se você mudar de ideia...

Aden permaneceu em silêncio até que ele ouviu o som de seus pés descalços preenchendo suavemente a distância. Às vezes, ele a deixava esfregar os óleos porque o ajudava, suavizando o tecido da cicatriz e mantendo-o tão flexível como sempre ia ser.

Mas ele não confiava em si mesmo esta noite. Ele estava cheio de tanta raiva. Era como carvão quente em sua barriga, queimando-o de dentro para fora. Era isto que seria o resto de sua vida? O que aconteceria quando ele ficasse muito velho para servir as mulheres, velho demais, mesmo para o homem gordo desfrutar de bater? Será que sua amante o deixaria nas ruas para mendigar?

Ele começou a andar, as pernas compridas não necessitando mais de três passos para percorrer o comprimento da sala. Com cada passo que dava, sua raiva crescia. Qual o propósito em continuar com esta farsa? Por que não acabar com ela? Ele conhecia as ervas, uma simples xícara de chá com leite e mel para diminuir o sabor. Uma de suas senhoras lhe trouxe como presente pequenos bolos, assados com canela e gergelim, preparados por seu cozinheiro que era um escravo como ele. Mas eles iriam ter um sabor melhor por isso, e ele poderia comê-los todos com a sua taça final de chá. Não haveria nenhum ponto em guarda-los por mais tempo, não adiantava os acumular como os únicos tesouros de sua vida miserável.

Ele andou um pouco mais, e para trás, cuidando de sua raiva, de seus sentimentos de traição, até que uma ideia começou a tomar forma. Sim, ele iria acabar com essa existência miserável, mas ele não queria ir sozinho.

Andando para a caixa de madeira barata onde ele guardava seus poucos pertences, ele cavou fundo até que ele descobriu mais um presente de uma cliente, este muito mais útil do que alguns bolos. Era uma lâmina, proibido para alguém como ele possuir. Mas a senhora tinha dado a ele não porque era uma arma, mas porque era linda. Era para ser faca de mesa de uma mulher, pequena e adornada com joias. Quando ela tinha lhe dado, ele tinha estado tão bobo quanto uma criança com um brinquedo, mas não mais. Ele afiou-a ao longo do tempo, escondendo-a de dia e trabalhando nela tarde da noite, até que a borda

agora brilhava na luz fraca. Ele a apertou suavemente contra a ponta do dedo e observou uma linha de sangue surgir.

Ele sorriu. Ele faria.

Ele não se preocupou em se vestir para a ocasião. Nenhuma de suas roupas eram melhores do que as calças largas que ele usava. E não importava de qualquer maneira.

Segurando a lâmina na palma, ele abriu a porta frágil que era para a privacidade dos seus clientes não para sua própria, e caminhou pelo curto corredor para as escadas, subindo rapidamente para o terceiro andar com o seu fresco corredor de azulejos, onde vivia sua amante em um esplendor muito maior do que qualquer um dos escravos que tornaram tal opulência possível. Ele olhou através da janela pequena perto de sua porta e viu que a noite havia descido. Ele podia ouvir a multidão do lado de fora, o devoto que rápido terminou com o pôr do sol, e que passaria a se empanturrar na expectativa de fazer tudo de novo amanhã.

Ele não se incomodou batendo na porta de sua amante. Ele sabia que ela estaria tomando seu tempo se sentando para uma refeição mais fina do que qualquer outra pessoa na casa iria gostar. Em uma outra vez, ele teria tido um jantar com ela, mas ela não o convidou.

Não importava. Hoje à noite, ele estava convidando a si mesmo.

Ele empurrou a porta aberta, ignorando seu grito de surpresa. — Como se atreve— Seu protesto indignado foi cortado, literalmente, por sua lâmina contra a garganta.

Ela olhou para ele em choque, seu escuro olhar molhado com medo. — Aden, — ela engasgou. — Por favor.

Aden olhava com olhos cobertos, sentindo nada além de satisfação cruel quando ela implorou por sua vida.

— Eu te amo, — ela sussurrou.

Nojo virou raiva, uma fúria fria enquanto levava a borda brilhante da faca afiada na garganta, cortando a pele e tendões, liberando uma fonte de sangue enquanto ela ia para a morte olhando para ele, incrédula.

Ele torceu os dedos em seus cabelos compridos, observando a bomba de sangue quente para fora de seu pescoço, decepcionado que não tivesse demorado, que sua morte tinha sido muito rápida.

— Você fez isso muito fácil.

Aden virou ao som de uma voz baixa e de mulher sensual atrás dele. Ele olhou para a recém-chegada, ainda segurando a lâmina sangrenta em uma mão, a outra mão abrindo para deixar o corpo de sua amante cair morto no chão, esquecido.

A mulher sorriu. — Se você cortar o pescoço aqui... — Ela passou um dedo na frente de sua própria garganta. — É gratificante, mas o sangue derrama muito rapidamente. Se você quer que eles sofram, você deve cortar aqui. — Ela indicou o lado de sua garganta. — Eles ainda vão morrer, mas a morte vai ser lenta, e eles vão estar conscientes de cada momento.

Aden olhou em silêncio. Ele não sabia quem era essa mulher, nunca a tinha visto antes nesta casa. Ela não estava chocada e não parecia incomodada por ele, ou pelo fato de que ela estava diante de um homem estranho, armado e seminu. Ela também não pareceu muito incomodada que ele tinha acabado de assassinar sua amante na frente dela.

— Aden, não é? — Disse ela, dando um passo mais perto.

Ele pensou em usar a faca nela antes que ela pudesse correr gritando para relatar seu crime. Mas algo o deteve. Ela não tinha feito isso ainda, e além disso, o que importava se esta mulher o denunciasse? Ele não podia ficar aqui de qualquer maneira, e ele estaria muito longe antes que alguém chegasse.

Ela estendeu a mão, acariciando-o pelo braço, o olhar em seus olhos que ele já tinha visto muitas vezes o suficiente para reconhecê-lo. As mulheres o

achavam atraente, bonito mesmo. Elas admiravam seu rosto, seu tamanho, e a força de seu corpo.

— Doce criança, — ela sussurrou, insinuando-o a virar. — Deixe-me ver.

Ele virou-se, deixando-a ver a ruína de suas costas, assim como ele fez uma careta para sua própria satisfação, a sua obediência. Ele dificilmente era a criança que ela o chamava, mas era como se a voz dela estivesse dentro de sua cabeça, substituindo os seus próprios pensamentos, dizendo a seu corpo o que fazer.

— Elas quase arruinaram você, não é? — Ele sentiu dedos frios deslizando sobre o tecido da cicatriz irregular. — Que desperdício, — ela murmurou. — Mas nós podemos consertar isso, — acrescentou, falando normalmente. — Olhe para mim, filho.

Ele fez, perguntando de novo por que ela o estava chamando de criança quando estavam certamente muito perto em idade.

— Você gostaria de ir comigo, Aden? Deixar este lugar, esta vida, para sempre?

Ele olhou para ela, confuso. — Eu não— ele começou, com a voz num coaxar de som. — Eu não entendo, — disse ele, tentando novamente. — Onde é que vamos?

— Pra qualquer lugar que nós quisermos, — disse ela, com um sorriso misterioso. — Eu posso dar-lhe a liberdade que você só sonhou. Nós podemos ir a qualquer lugar, fazer qualquer coisa.

— Como?

Seu sorriso se alargou, até se tornar um golpe branco contra sua pele oliva. Ele assistiu com espanto como alguns de seus dentes começaram a crescer, até que se tornaram. . . presas. Como uma serpente. Duas suaves presas afiadas dividiam suas gengivas superiores e pressionavam contra a plenitude exuberante de seu lábio inferior.

Em algum lugar no fundo de seu cérebro uma voz estava choramingando de terror, insitando-o a fugir dessa fêmea monstruosa. Mas o resto do corpo sentia. . . conteúdo. Como se depois de 27 anos de peregrinação, ele finalmente tinha encontrado o único lugar que ele realmente pertencia. Ele levantou a mão, querendo tocar na face da mulher que seria suave e macia, tocar a dureza de diamante de suas presas. Mas o sangue de sua amante ainda escorria de seus dedos, e isto o fez hesitar. A mulher viu sua hesitação e sorriu, e então ela fez algo que chocou a seu núcleo. Tomando a mão dele, ela beijou, sua língua do lado de fora lambendo para provar o sangue.

Os olhos de Aden se arregalaram. — Vampiro, — ele sussurrou. Ele tinha ouvido contos de tais coisas, mas ele tinha pensado apenas isso, histórias infantis feitas para assustar.

A mulher sorriu para ele, com orgulho, como se ele tivesse feito algo inteligente, algo maravilhoso.

— Eu sou vampira, — ela concordou. — E isso é maravilhoso. Gostaria de compartilhar com você, Aden, se você quiser.

— O que isso significa?

— Você e eu iríamos longe. Nós não precisaríamos de nada.

Aden olhou ao redor na opulência do quarto de sua falecida amante, a seda e ouro, os pratos de porcelana fina. E ele pensou em seu próprio quarto minúsculo, com a sua caixa de madeira barata escondendo seus poucos tesouros, a luz fraca escondendo o estado de suas roupas surradas, os dons berrantes que suas mulheres trouxeram como se ele fosse um animal a ser cegado por sua superfície brilhante e muito estúpido para saber o seu verdadeiro valor.

Pensou um pouco em Sana e nos outros. Ele iria sentir falta deles. Ele teria dado a sua vida para protegê-los. Mas ele descobriu que ele não sacrificaria esse futuro por eles.

— Qual é o seu nome, senhora? — ele perguntou.

O sorriso da mulher cresceu. — Eu sou Letícia.

Aden repetiu as sílabas estranhas em silêncio, saboreando-os em sua língua. — Letícia, — disse ele em voz alta. — Eu vou com você.

Chicago, IL, hoje

— O QUE ACONTECEU depois disso?

A voz de Sidonie empurrou Aden de volta para o presente, para os quartos elegantes do seu quartel-general de Chicago e para a mulher quente deitada nua ao seu lado cheirando a sexo. Ele a rolou debaixo dele, saboreando sua rendição fácil, o jeito como ela abriu as pernas para acomodá-lo, suas coxas de seda embalando seus quadris.

— Nós viajamos o mundo, — disse ele, respondendo a sua pergunta.

— Será que você. . . Quero dizer. . . vocês eram um casal?

Aden levantou uma sobrancelha inquisitiva. — Você quer dizer se nós tivemos sexo?

Sidonie fez uma careta para ele, e ele se inclinou para beijar seus lábios macios, alisando e afastando o cenho franzido.

— É claro que nós fizemos. Ela era a minha Senhora. Ela me fez um vampiro. Fomos amantes por meio século.

— Por que você parou?

Ele encolheu os ombros com desdém. — Uma noite, eu salvei a vida dela, e ela me libertou.

— Será que você... — Sidonie respirou fundo, como se reunindo coragem. — Você a amou?

Ele acariciou seus dedos suavemente sobre a testa, ao longo de suas maçãs do rosto, memorizando seu rosto. — Um vampiro ama sempre aquele que o transforma, — disse ele, pensativo. — É como se nossas células sanguíneas reconhecessem de onde viemos, quem nos criou. — Ele segurou o olhar dela, querendo que ela entendesse. — Mas eu nunca a amei do jeito que você quer dizer. Ela era uma amante disposta e uma mulher inteligente. Eu gostava dela.

— Mas por que ela iria te mandar embora quando você tinha salvado sua vida?

— Ela teve outros filhos vampiros durante esse tempo, e eu tinha crescido muito poderoso. Ela estava com medo de mim. Ela o chamou de um presente, quando ela me soltou, mas na verdade, ela só estava me mandando embora. Eu fiquei sozinho durante meio século. Eu não tinha ninguém até que encontrei Bastien e fiz dele o meu próprio.

— Mas como vocês poderiam ser amantes se ela estava com medo de você?

— O sexo entre nós tinha se tornado pouco frequente até então. Ela disse que eu era frio. Que enquanto eu sabia onde tocar, onde colocar minha língua, como entregar prazer, não havia paixão na minha vida amorosa. Quando ela me libertou, ela me deu um beijo de despedida e disse que esperava que eu encontrasse a minha paixão algum dia.

— E encontrou?

Aden olhou para Sidonie, seus olhos azuis de cristal olhando para ele com tanta honestidade, seus cachos de cobre selvagens emaranhados no travesseiro embaixo dela. Ele colocou uma mecha de cabelo longe de seu rosto machucado, maravilhado com o contraste entre eles, suas mãos parecendo tão grandes e ásperas ao lado de suas feições delicadas, tão escuras contra sua pele pálida.

— Você me diz, Sidonie. Eu sou frio?

Ela piscou para ele por um instante confusa, então com os braços enrolados em torno de seu pescoço, seus dedos acariciavam sua nuca. — Não, —

ela sussurrou. — Você tem um coração de safira com a chama mais quente. Quando estou com você, eu me sinto como a mulher mais sexy de todo o mundo. Eu me sinto amada e segura. — Ela engoliu. — Eu me sinto amada.

Aden congelou. Será que ele amava Sidonie? Tinha mais de dois séculos e meio de vida o trazido a este tempo e lugar para que ele pudesse finalmente saber o que significava amar alguém? Para amar essa mulher? Ele a beijou novamente, uma escova macia de seus lábios que se tornou um beijo demorado, uma sedução de sua boca. Sidonie encontrou seu beijo com ansiosa paixão, sua boca abrindo por baixo dele, a língua se lançando para o provar, tecendo em torno da sua até que sentiu sua fome subindo, a necessidade de possuí-la de novo, de reclamá-la como sua.

Ele levantou seus quadris, deixando arrastar seu eixo já duro na umidade entre suas coxas. Sidonie fez um pouco de barulho ganancioso e abriu mais as pernas, se empurrando contra ele.

— Sou frio, Sidonie, — ele sussurrou novamente.

— Não, — ela insistia ferozmente. Ela alcançou entre seus corpos, pegando o pênis em seus dedos finos e acariciando-o com amor antes de tomar o controle e colocar a ponta entre as dobras inchadas de seu sexo, deixando-o sentir seu calor.

Não havia nada de frio sobre sua Sidonie, ele pensou quando ele mergulhou profundamente em seu calor sedoso, sua bainha apertando e liberando seu pênis enquanto ele dirigia dentro e fora. Ele gemeu com a maciez de cetim de sua buceta, com a plenitude sensual de seus seios, com as pérolas duras de seus mamilos.

A sedução lenta tornou-se uma demanda quando o ritmo acelerou. Ele bateu seus quadris entre as coxas, seu pau enterrando profundamente em seu interior, em seguida, puxando para fora para fazê-lo novamente. Sua bainha o apertou em cada impulso, mil dedos acariciando seu comprimento, acariciando-o, pedindo-lhe para vir, para superar essa barreira com ela, para cair nesse desconhecido êxtase, para aproveitar a oportunidade.

— Eu te amo, — ela sussurrou contra a pele suada e lisa de seu pescoço, seus dedos cavando nos músculos de suas costas, as pernas cruzadas sobre as costas, prendendo-o dentro dela. — Você é minha paixão, Aden. Eu te amo.

Uma onda de emoção respondeu seu voto sussurrado, um incêndio que se espalhou por cada centímetro de seu corpo, iluminando-lhe os nervos e aquecendo o seu coração frio, até que este bateu contra suas costelas, sentindo como se estivesse batendo voluntariamente pela primeira vez em dois séculos. Como se até agora, neste momento, tinha bombeado só porque precisava, porque o manteria vivo. Sentiu-o batendo em seu peito, sentiu o calor de Sidonie em torno dele, acolhendo-o, amando-o.

O clímax veio do nada, rugindo sobre o seu corpo, cada músculo tenso de desejo, todos os nervos vibrando com eletricidade. Suas bolas apertaram e seu pau inchou, crescendo mais e mais grosso dentro de Sidonie, enchendo-a tão completamente que ele mal conseguia se mover. Ela gemeu, um som cheio de calor e desejo, e era seu nome em seus lábios.

— Aden. — Ela repetiu isso como uma oração, com a cabeça jogada para trás, suas unhas cavando em seus ombros.

Aden rosnou, suas presas dividindo suas gengivas ansiosamente, com fome de seu sangue, para a febre que era Sidonie. Sua Sidonie.

Ele abaixou a boca em seu pescoço, cortando sua pele de veludo, perfurando a parede fina de sua veia e bebendo o bom e doce fluxo de seu sangue, sentindo-o se expandir por todas as células do seu corpo, dando-lhe vida, dando-lhe ela.

Ela sacudiu debaixo dele, gritando quando sua mordida trouxe euforia em vez de dor, sua boca fechando em seu ombro enquanto tentava abafar seu grito. Ele sentiu o desgaste da pele sob os dentes, sentiu a atração quando ela engoliu seu sangue. Ele a apertou ainda mais, diminuindo seu peso sobre seu corpo, segurando-a no lugar enquanto ela se debatia contra o duplo assalto de sua mordida e seu sangue. Ela nunca tinha provado muito do seu sangue antes, nunca tinha tido essa conexão. Aden sabia o que poderia ser forjado se ela

bebesse mais, se ele a permitisse fazê-lo novamente no futuro. Um link poderoso seria criado, o tipo de ligação que seres humanos só poderiam tentar replicar com seus votos e suas declarações de amor.

Se perguntado, ele teria dito que não queria essa ligação com ninguém. Assim, ele não poderia explicar por que ele pressionou o rosto dela contra seu ombro, enquanto ele a pediu para morder mais forte, para beber mais. Como seu pênis agitou de novo quando ela obedeceu, quando ele se juntou a ela enquanto ela gemia contra a sua pele quando um orgasmo final rolou através de ambos, deixando-a trêmula e mole em seus braços.

Aden manteve Sidonie perto, segurando-a com força enquanto ele rolou e puxou o edredom sobre a cama, então deslizou ambos no calor debaixo das cobertas.

— Você vai ficar comigo hoje, — disse ele ferozmente. — Nada mais de passear ao redor do escritório para você.

Ela nem sequer se mexeu, apenas se encaixou mais profundamente em seu abraço e foi dormir. Ele sorriu para ela, maravilhado com os sentimentos de aperto no peito. Ele não sabia se estava em sua natureza tomar uma companheira em sua forma de vampiro, se ligar a alguém como ele para sempre. O que ele sentia por Sidonie era amor, mas para sempre era um longo tempo. Ela podia se cansar dele, da vida que levava. Talvez ela quisesse ter filhos e netos, e ele não podia lhe dar nenhum desses.

Mas, por agora, ela era dele. E ele pretendia mantê-la por muito tempo.

— Durma, *nuur il'-en*. Temos uma noite movimentada amanhã.

CAPÍTULO VINTE E UM

SID acordou com um sorriso, enquanto um braço musculoso se enrolava ao redor de sua cintura e a puxava, deslizando-a através dos lençóis e colocando-a debaixo de seu corpo pesado como se ela não pesasse nada. Ela abriu os olhos para encontrar Aden junto a ela, parecendo como um homem que esperava impaciente por ela acordar.

— É hora de dormir novamente? — Ela perguntou sonolenta, pegando uma mecha grossa de cabelo negro dos seus olhos.

— Como está se sentindo? — Ele perguntou por sua vez, seu olhar tão atento que a fez se perguntar se ela deveria estar se sentindo pior do que ela estava.

— Hum. Com um pouco de dor, — ela se aventurou. — Você é um cara grande e...

— Não é isso, Sidonie, — disse ele, embora ele não pudesse parar o sorriso de satisfação que curvava seus lábios.

— Oh! — Disse ela, em seguida, franziu a testa, como se só agora de lembrasse da surra que tinha levado nas mãos daquele Carl Pinto detestável, lembrando-se da explosão e do incêndio que se seguiu. — Surpreendentemente bem, na verdade. — Sua carranca se aprofundou quando ela percebeu o quão bem ela realmente se sentia. Ela puxou uma respiração profunda, testando, e não havia sequer uma pontada de dor em suas costelas. Ela tocou seu rosto com cautela. Sua bochecha tinha estado tão inchada que ela poderia ver sem um espelho. Mas parecia completamente curada, não sensível e não mais inchada. E ela se sentiu descansada de uma forma que ela não tinha sentido em semanas, apesar de que poderia ser explicado pelos tremores convulsivos da noite anterior. Ela corou com veemência, lembrando exatamente o que alguns desses tremores tinha implicado.

Aden a pegou corando, é claro, e sorriu como se soubesse o que ela estava pensando.

— Você pode ler minha mente? — Ela perguntou em tom acusador.

— Só se eu tentar.

— Bem, não tente.

— A menos que seja necessário para sua segurança.

Ela apertou os lábios, pensando sobre isso. Ele riu e inclinou a cabeça para beijá-la, persuadindo seus lábios com carícias suaves, até que sua boca se abriu para ele.

Quando ele levantou a cabeça de novo, ela estava sem fôlego... mas ainda em posse de seu cérebro então perguntou: — Quanto tempo eu dormi? — pensando que talvez ela tivesse ficado inconsciente por dias, e é por isso que seus vários ferimentos já estavam curados.

— Ao longo do dia, um pouco mais. O pôr do sol foi há uma hora atrás.

— Mas apenas um dia?

— Você está se perguntando por que seus ferimentos foram curados, — ele adivinhou.

Ela assentiu com a cabeça.

— Você se lembra de me morder? — Ele acenou com o queixo em seu ombro esquerdo, onde ela podia distinguir a marca de uma mordida humana. Sua mordida?

— Oh meu Deus! Sinto muito! — Disse ela imediatamente. — Eu não...

Ele a beijou novamente, parando o fluxo de palavras. — Não se desculpe, habibi. Foi uma coisa boa.

— Doeu?

Ele não respondeu diretamente, dizendo em vez disso, — Meu sangue te curou.

Ela deu-lhe um olhar perplexo. — Professora Dresner, aquele cadela, — acrescentou ela, quando seus olhos se estreitaram com o nome. — Ela me disse que a razão pela qual todos eram tão bonitos.

— Nem todos nós.

Sid revirou os olhos. — A razão pela qual tantos de vocês são bonitos é porque uma vez que você se torna um vampiro, seu sangue cura tudo o que estava errado, todos os defeitos.

— E alguns de nós já nasceram bonitos.

Ela riu e colocou a mão no seu queixo esculpido. — E alguns de vocês são muito mais do que apenas bonitos. Mas, — ela continuou, — agora você está me dizendo que as habilidades de cura de seu sangue podem ser estendidas para qualquer um que o bebe?

— Esse é o nosso mais profundo segredo. Se você disser a alguém..

— Eu sei, você vai ter que me matar.

— Não eu. Eles terão que passar por mim para chegar até você. Mas, eventualmente, o Conselho mataria a nós dois.

Ela piscou para ele. — Você está falando sério.

— Estou falando sério. Embora a maior preocupação é que isso não se torne de conhecimento público, e você é uma jornalista. Isso traz-lhe um escrutínio extra.

— Ufa! Okay. Meus lábios estão selados. O que acontece se eu mordê-lo novamente? Posso me tornar uma vampira?

— Não, é um pouco mais complicado do que isso, e eu gosto de você do jeito que é. Mas... — Ele ficou muito sério com tudo isso. — Se você continuar a beber o meu sangue, isso vai nos unir.

Ela encontrou seu olhar solene. — Como para sempre?

— Por quanto tempo nós escolhemos continuar, — emendou. — Mas vai ligar a sua vida a minha de uma forma muito direta. Quanto mais tempo estivermos juntos, mais forte a ligação, mas mesmo com o que temos um com o outro já, eu poderia te encontrar em praticamente qualquer lugar. Eu soube que você estava na noite passada com Pinto, porque tivemos uma dica. Mas uma vez lá, eu podia sentir que você estava viva e naquela casa. Agora que meu sangue está dentro de você, eu já não preciso de ajuda para encontrar a sua casa. Eu poderia segui-la a partir de qualquer ponto da cidade.

— Então, nós estamos indo com calma?

Ele riu, e ela estendeu a mão novamente para tocar sua bochecha. — Você deveria fazer isso mais vezes, — disse ela.

— Fazer o quê?

— Rir. Fica bem em você.

— Eu vou manter isso em mente, mas, Sidonie, isso é sério. Quanto mais você bebe o meu sangue, mais forte você se liga a mim. Na forma de vampiro, seremos um casal.

Ela encolheu os ombros. — Tudo bem. Eu preferia ter um anel de diamante, mas super cura é bom também.



ADEN ESTUDOU Sidonie quando ela lhe deu um sorriso doce, como se ele não tivesse dito que ela ia acorrentar-se a ele da forma mais visceral que se possa imaginar. Seus corpos estariam ligados. Esta não era uma cerimônia humana romântica com promessas de amor e devoção, este era um chamado de sangue a sangue. Se ela ficasse com ele por muito tempo, suas vidas estariam unidas. Ela permaneceria jovem, enquanto ela bebesse seu sangue, mas, por isso mesmo, se ele morresse...

Sid empurrou contra seu peso, e ele a deixou rolá-lo até que ela estava deitada em cima dele. Apoiando as mãos sobre o peito, ela esticou-se e começou a beijar seu rosto todo, leves toques de seus lábios sobre sua boca, suas bochechas e sua testa, suas pálpebras baixaram uma de cada vez.

— Eu te amo, Aden, — ela sussurrou, e seu coração se apertou enquanto seus braços se fecharam ao redor dela. Mas ela não tinha terminado. Ela deslizou de seu abraço, soltando beijos ao longo de sua mandíbula e pescoço, deixando-o sentir o calor entre suas coxas enquanto ela deslizava para baixo. Ela beijou as pontas dos músculos sobre o peito, fechando a boca sobre um plano mamilo masculino e sugando-o com dureza, então trancando os dentes sobre ele e mordendo suavemente.

Seu pênis flexionou avidamente ao sentir a boca dela, mas seu estômago se apertou e ele lutou contra o desejo de assumir o controle, de obedecer ao instinto que gritava com ele para jogá-la e transar com ela até que ela implorasse por uma liberação. Ele gostava, ele precisava dominar suas amantes.

— Aden. — O sussurro de Sidonie cortou seus pensamentos, e ele olhou para cima para encontrar seus olhos arregalados de emoção e cheio de lágrimas. — Eu sei o que fizeram com você, baby, mas isso não tem que ser assim. Deixe-me te amar. Deixe-me fazer isso por você.

Aden olhou para ela. Ele sabia que estava torcido, que seus anos como um escravo tinham deformado seus desejos sexuais, obrigando-o a jogar o submisso quando o domínio era criado em seu DNA. Nem mesmo seu vampiro Mestre jamais forçou-o a se apresentar assim. Ele não tinha rendido o controle sobre seu corpo a qualquer um desde o dia em que ele deixou o bordel Zaahira em Marrocos, e ele não ia começar agora.

Exceto. Esta era Sidonie. Ela era sua. E de alguma forma ele também tornou-se dela.

Aden forçou-se a relaxar, conscientemente liberando um músculo de cada vez. Enredando os dedos nos sedosos fios de cabelo de Sidonie, ele viu como ela inclinou-se para a sua tarefa mais uma vez, lambendo a pele sobre o abdômen e

barriga, a boca macia succulenta sugando, deixando beijos em uma trilha para sua virilha e mais abaixo. E ali ela parou, seus dedos finos envolvendo em torno de seu pênis esticado, segurando-o como um bastão grosso e deliciosos de doce, enquanto ela acariciava a língua de um lado e para o outro, rolando seu olhar até ter certeza de que ele estava assistindo quando ela tomou apenas uma dica dele em sua boca, trabalhando como um beijo, sua língua torcendo e mergulhando na fenda em sua cabeça.

Aden rosnou demandando por mais, o que tornou-se um gemido de prazer quando ela finalmente levou-o totalmente em sua boca, sua ereção endurecendo ainda mais quando seus lábios se fecharam em torno dele, sua cabeça mergulhando no inferior com cada lenta chupada, até que finalmente a ponta de seu pênis encontrou a parte de trás de sua garganta. Ela cantarolou com prazer, e o som vibrou junto a pele esticada de seu eixo como um diapasão. Era tudo o que ele podia fazer para não pegar sua cabeça e foder sua boca deliciosa, para não bater no fundo de sua garganta, até que chegasse duro e ela fosse forçada a engolir cada gota. Mas, mais ainda do que isso, ele queria a luva quente e molhada de sua buceta. Ele queria suas pernas ao redor de sua cintura, ele queria ela resistindo debaixo dele, onde ela pertencia.

— Eu quero a sua buceta, — ele rosnou e agarrou a mão no cabelo dela, forçando-a a olhar para ele.

Ela deu a seu pau uma chupada final, em seguida, levantou a cabeça lentamente, sua língua deslizando todo o caminho até o seu eixo até que ela soltou, seu hálito quente soprando a cabeça molhada do seu pau, enquanto seus olhos se encontraram. Ela lambeu os lábios, saboreando o gosto dele com um sorriso perverso.

Aden estendeu a mão para ela, com a intenção de rola-la e bater entre suas coxas até que ela gritasse seu nome. Mas, em vez de se submeter como uma boa menina, ela apoiou as mãos em seu abdômen e deslizou até seu corpo ficar em cima dele mais uma vez, sua buceta tão quente que era como um fogo contra sua virilha. Ela levantou o suficiente para envolver os dedos ao redor de seu pênis, e o posicionar entre os lábios inchados de seu sexo, e então ela se abaixou

lentamente em torno de seu pênis, no calor de seu corpo, transando com ele, montando nele.

Aden endureceu novamente, cada músculo tornando-se aço, seus dedos cavando em seus quadris. Mas, então, Sidonie fechou os olhos e começou a balançar os quadris acima dele, balançando suavemente, seu pau deslizando, em cada movimento, para dentro e para fora de sua sedosa boceta.

Seus dedos afrouxaram seu aperto, uma mão viajando até sua suave bunda e puxando-a para baixo até que suas bocas se encontraram num beijo apaixonado e lento. Ele traçou sua boca gentilmente, seus dentes fechando sobre o lábio inferior em uma mordida persistente enquanto lutava para recuperar o fôlego.

— Amo você, habibi, — ele murmurou. Seus olhos azuis se abriram de surpresa e se encheram de lágrimas de cristal.

— Eu também te amo, — ela sussurrou. Em seguida, sentou-se e começou a cavalgar com mais força, seus quadris flexionando e rolando, seus seios fartos balançando tentadoramente perto, antes de suas mãos subirem para os cobrir e apertar. Aden resmungou um protesto, substituindo os dedos dela pelos dele, acariciando os globos macios, beliscando seus mamilos entre o polegar e o indicador, sentindo uma satisfação feroz quando sua vagina se apertou em torno de seu pênis em resposta, quando ela gritou e apertou suas coxas ao redor de seus quadris.

Ela levantou os braços para embalar sua cabeça enquanto ela buscava conforto para sua fome em crescimento, quando os gemidos cresceram em volume, tornando-se gemidos de necessidade até que Aden finalmente chegou entre as coxas e pressionou os dedos contra o nó inchado de seu clitóris.

Seus olhos se abriram, desfocados quando ela deu um grito mudo. Seus movimentos se tornaram frenéticos, os dedos descendo para cobrir os seus como se para impedi-lo de levantar sua mão, o cheiro de seus seios tão sedutoramente eróticos que Aden flexionou o abdômen e se sentou o suficiente para levar um seio em sua boca. Chupando até o mamilo intumescer como uma cereja madura,

ele mordeu e bebeu o gosto doce do seu sangue, enquanto sua buceta sofria espasmos em torno dele, agarrando seu pênis como um punho duro.

Sidonie gritou quando ela veio, inclinando-se para cavar suas unhas em seu peito, seus quadris balançando seu sexo contra ele até que ele pudesse sentir cada convulsão de sua vagina quando seu clímax ondulava ao longo de seu pênis. Ele cavalgava seu orgasmo, cerrando os dentes, segurando-a quando ela estremecia no rescaldo, quando ela caía em cima dele, os seios esmagados contra o peito, os mamilos pontos rígidos que raspavam sua pele a cada respiração. E então, ele passou a mão em suas costas e seus dedos mergulharam em seu apertado cuzinho. Ele começou a empurrar-se contra ela, fodendo com ela com seu pênis e com os dedos cheios em sua bunda, ouvindo seus gemidos exaustos se transformarem em gritos de êxtase quando ele bateu em sua buceta ainda tremendo. Aden gemeu quando sua vagina apertou ao redor dele mais uma vez, quando o seu próprio orgasmo tomou seu corpo, a sua libertação rugindo seu pênis em uma onda de calor, enchendo Sidonie enquanto ela se contorcia debaixo dele, seus gritos do clímax reunindo com seu rugido de satisfação, pois caíram juntos em êxtase.

Aden passou os braços ao redor do corpo trêmulo de Sidonie quando ele caía de costas na cama. Seu coração estava batendo contra suas costelas, ou talvez o coração batendo era dela. Ela foi rebocada contra ele com tanta força, seus corpos suados tão perto que até mesmo ele não poderia dizer onde um começava e o outro terminava. Sua respiração estava quente em sua pele, seus dedos acariciando seu peito levemente onde estavam presos entre eles.

Ela suspirou quando ele rolou um pouco para o lado, permitindo-lhe esticar as pernas para fora de onde eles estavam envolvidos em torno de seus quadris. Aden deslizou uma mão calmante sobre seu pescoço e ombros, em seguida, puxou o lençol para cobri-la antes que ela pudesse ficar gelada.

Sidonie fez um barulho suave e enterrou mais perto. E Aden se sentia... contente. Era uma emoção tão estranha que ele parou para examiná-la. Sidonie tinha feito isso. Aden acreditava-se livre dos laços de escravidão há muito tempo, mas ele estava errado. Uma última cadeia tinha permanecido, cavada tão

profundamente que ele não sabia que estava lá, deformando-o, mantendo-o como um escravo de seus desejos retorcidos.

Ele abraçou-a, tocando os lábios em seu cabelo desgrenhado. A boca de Sidonie se curvou em um sorriso que ele sentia contra sua pele nua de seu peito, seu corpo mole quando ela caiu meio adormecida.

Ele estava desejando que ela pudesse ficar assim quando seu celular tocou, vibrando sobre a mesa do lado, como um alienígena com excesso de cafeína.

Ele estendeu um longo braço e o pegou. — Bastien? Dê-nos uma hora.

Sidonie se agitou o suficiente para murmurar: — O que em uma hora?

— Desculpe, habibi. É o tempo que temos para tomar banho e nos juntarmos aos outros. Vamos. — Ele colocou seus braços em volta dela e saiu da cama, colocando-a na frente dele e tendo certeza que ela estava firme em seus pés, antes de impulsioná-la para o banheiro com uma mão possessiva em sua bunda.

Ela mexeu seu bumbum longe de sua mão e franziu a testa por cima do ombro, com os olhos ainda nublados com sono. — Para onde vamos? — Ela perguntou irritada.

— Dakota do Sul. Estou prestes a tornar-me um oficial senhor vampiro.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

Dakota do Sul

SIDONIE SENTIA COMO se estivesse em um filme. Um daqueles sombrios e escuros, onde toda a ação se passa no meio da noite, geralmente quando está chovendo. Até agora, a sua noite tinha todas essas características. Eles tinham voado de um aeroporto escuro e privado fora de Chicago sem ninguém por perto, exceto eles e sua tripulação de voo. Eles desembarcaram em Rapid City e rolaram para longe do saguão principal bem iluminado para um pequeno hangar escuro ao lado, onde dois SUVs estavam esperando por eles. Os SUVs tinham motoristas, o que consistia com o ar de sigilo da noite, eles tinham ido em um dos veículos com Kage e Freddy, enquanto Travis assumia o volante do outro e dirigia para ela e Aden, com Bastien segurando uma espingarda.

Não havia chuva em Dakota do Sul, mas havia neve. Depois de um início de inverno bastante leve com nada mais que banhos de neve, a temporada real estava finalmente em cima deles. A neve caía pesada e difícil, mas o tempo não parecia incomodar ninguém, exceto ela. Talvez porque todo mundo fosse vampiro indestrutível que não precisava se preocupar com acidentes de carro. Ela se inclinou para frente para espreitar entre os bancos dianteiros e para fora através do pára-brisa do SUV. Aparentemente, indestrutível não era a única coisa que os vampiros eram. Eles também poderiam ver no escuro, porque ela não via qualquer brilho de faróis lá fora.

Ela sentou-se, os dedos encontrando a mão de Aden e apertando – mais para sua própria garantia do que a dele. Alguém poderia pensar que se tornar um lorde vampiro era um negócio grande o suficiente para justificar alguns nervos, mas Aden estava completamente relaxado. Ele se inclinou e beijou o topo de sua cabeça, mas não disse nada.

Sid não sabia onde eles estavam indo. Oh, Aden tinha dito a ela que eles estavam indo visitar Lucas Donlon, que era um lorde vampiro e atualmente estava no poder do que era chamado Territórios Planos. Parecia que Aden tinha trabalhado para Lucas por, oh, cerca de um século. Um século! Sentia-se como uma criança. Inferno, seus avós ainda não tinham nascidos quando os dois vampiros se conheceram. Ia levar algum tempo para se acostumar com isso.

Ela lançou um olhar furtivo para Aden, seu perfil claro no brilho das luzes. Sim, levaria algum tempo para se acostumar, mas valia a pena.

De qualquer forma, Lucas tinha assumido todos os vampiros quando Klemens, o bastardo, foi morto. Na verdade, ela ouviu uma conversa entre Kage e Travis que a fez pensar que Lucas tinha sido o único a matá-lo. Mas se isso era verdade ou não, essa parte era difícil de entender, ele segurou a vida dos vampiros do Centro-Oeste, bem como a sua própria. Sid ainda estava aprendendo sobre como senhores vampiros faziam a sua coisa, mas uma coisa que ela sabia era que a conexão entre os senhores e seus vampiros era muito direta e muito pessoal.

— É perigoso, — ela sussurrou para Aden.

— O quê?

— O que Lucas vai fazer para você hoje à noite. É perigoso?

Ele libertou a mão dela e colocou seu braço ao seu redor em vez disso, puxando-a contra seu lado. — Nem um pouco. Hoje à noite é mais uma formalidade. Você já viu a parte mais difícil.

— Você quer dizer quando você causou o terremoto, — disse ela, confiante.

Aden bufou uma risada. — Eu disse a você que não era um terremoto. Foi mais como uma onda de concussão, como o que acontece com um bate estaca.

— Ainda fez a terra se mover.

— Mas, habibi, — ele murmurou em seu ouvido, — eu faço isso todas as noites.

Sid deu uma risada surpresa, então cobriu a boca com um olhar culpado para os dois vampiros no banco da frente. Ela não discutiu o ponto, no entanto. Ele certamente fazia sua terra mover.

O SUV fez uma grande curva, e lá estava, finalmente, algo diferente do que a escuridão do lado de fora das janelas. Havia luzes e... um celeiro? Com cavalos?

Aden viu sua expressão intrigada e disse: — Lucas gosta de cavalos. Ele os alimenta.

— Huh.

— Aqui estamos.

O SUV reduziu em frente a uma bela e ampla casa, toda iluminada com luzes de paisagem que exalava um suave brilho dourado. Bonita. A porta da frente da casa se abriu para revelar mais um vampiro incrivelmente bonito.

Aden se virou para Sid e abraçou-a. — Lembre-se, Sidonie, Lucas é um amigo. Não importa o que você veja hoje, não importa o quão ruim parece, não estou em perigo.

Sid se puxou para trás para que ela pudesse olhar para o rosto dele, procurando seus olhos sob a luz fraca. Tinha mil perguntas que ela precisava perguntar, mas antes que ela pudesse perguntar alguma, Bastien abriu a porta do caminhão, e Aden estava deslizando pelo lugar e a levava com ele. Quase imediatamente, eles foram cercados por um bando de vampiros que ela não conhecia, em seguida, foi empurrada para cima para as escadas e dentro da casa.



— ADEN! — A SAUDAÇÃO DE LUCAS era previsivelmente entusiasmada, embora o vampiro irlandês tinha aprendido há muito tempo não tentar a coisa de

abraços em Aden. Eles fizeram uma colisão de ombro ao invés, segurando as mãos uns dos outros em um aperto, os ombros batendo um no outro com força suficiente para mover uma pequena casa.

— Lucas, — Aden cumprimentou. — Deixe-me apresentar-lhe...

— Você deve ser Sidonie, — disse Lucas antes que Aden pudesse terminar. Ele tirou Aden do caminho, empurrando enquanto pegava a mão de Sidonie na dele, segurando-a com um cuidado estudado e trazendo-a para seus lábios para um beijo suave. — Eu sou Lucas, — ele ronronou, olhando para ela sobre a pálida curva de seus dedos. — E estou muito feliz em conhecê-la.

Sidonie deu a Lucas um olhar de dúvida, os olhos apertados e seu queixo dobrado para baixo. Seus olhos cortaram para Aden com um olhar que dizia: O que eu faço agora?

— Menos, menino, — Aden rosnou e livrou os dedos de Sidonie da espera de Lucas, antes de colocá-la contra seu lado.

Os olhos de Lucas se arregalaram. — Eu nunca pensei que veria esse dia.

— Isso vale para nós dois. Onde está Kathryn afinal?

— Minha linda companheira está no telefone, como sempre, — disse Lucas, e Aden não perdeu a ênfase na palavra companheira, que era uma novidade. — O FBI nunca descansa, — continuou Lucas. — Mas ela vai se juntar a nós em breve. Vamos voltar para o escritório. Vamos começar este negócio fora do caminho em primeiro lugar.

Eles começaram a andar para o final do corredor e foram rapidamente se juntar com o tenente de Lucas, Nicholas.

— Parabéns, Senhor Aden, — disse Nick, com um sorriso, oferecendo o mesmo tipo de aperto de mão, como Lucas, embora com uma postura menos machista.

À medida que entrava no escritório, Aden se inclinou e sussurrou no ouvido de Sidonie, — Lembre-se do que eu disse. — Ele acenou para Bastien, que

se aproximou e colocou o braço em volta dos ombros de Sidonie, puxando-a para um lado onde eles pararam em frente de uma parede de fotografias preto e branco.

Aden lhe deu um olhar reconfortante final, em seguida, espelhou o movimento de Lucas para o centro da sala. Havia uma mesa cheia na esquerda, um grande sofá de couro na direita com uma mesa de café empurrada para o lado.

Lucas parou e virou-se para Aden. — Não há necessidade de fazer cerimônia, — disse ele em um raro momento de seriedade. — Você sabe o que esperar?

— Mais ou menos, — Aden concordou. — Eu tive um bom gosto na outra noite.

Os lábios de Lucas achataram em um sorriso irônico. — Não é um mar de rosas e doces, mas é um bom show.

Aden sacudiu a cabeça, divertindo-se com a descrição de seu amigo. — Melhor do que a alternativa.

— Isso é verdade, — Lucas concedeu. — Então, vamos fazer isso.

Ele ofereceu sua mão, assim como ele tinha antes. Aden tomou-a, agarrando duro quando eles entraram num concurso habitual de macho alfa, mas, em seguida, sem qualquer aviso, houve de repente algo nada habitual sobre o encontro.

O olhar de Aden brilhou ao encontro de Lucas quando suas mãos pareciam se fundir, tornando impossível quebrar o encontro. Os olhos de Lucas tinham assumido um brilho dourado, ficando mais brilhante a cada segundo, e Aden podia sentir seu próprio poder subir-lhe ao encontro. A situação toda parecia bem próxima a um desafio, e ele lutava para lembrar que Lucas era seu amigo, e que esta era uma transferência voluntária de poder.

O ar em torno deles cresceu elétrico. Papeis voaram da mesa de Lucas, e as imagens sacudiram nas paredes. E eles ainda estavam apertando as mãos uns

dos outros, seus olhos reluzentes em um teste de vontades que nenhum deles estava disposto a ceder. Os lábios de Lucas desmarcaram um grunhido quando suas presas dividiram suas gengivas. Aden mostrava os dentes em uma resposta sorridente, as gengivas doloridas até suas próprias presas deslizarem para fora com um rosnado.

Com os músculos do braço esbugalhados, seu aperto aumentou, atraindo-os juntos até que eles estavam quase peito a peito. Aden era uma fração mais alto do que seu antigo mestre, e muito mais volumoso, mas, em seguida, a força física não era o que importava aqui. Isto era sobre força bruta, pura e simples, e os dois tinham poder de sobra. As paredes começaram a gemer com a pressão, e Lucas vaiou seu desagrado.

Seus dedos espremeram Aden até ambos estavam sangrando, até que caíram no chão, de joelhos juntos, as mãos ainda entrelaçadas diante deles.

— Aden, foda-se, — Lucas finalmente rosnou. — Deixe. Eu. Entrar.

Aden sorriu, satisfeito por ter feito seu amigo pedir, porque não tinha sido esse o ponto de toda esta pequena disputa? Lucas era um amigo, mas ele também era um lorde vampiro rival. Porque quando se tratava de lordes vampiros, não havia nenhum outro tipo. Lucas tinha claramente esperado usar seu conhecimento de Aden, e a lealdade entre eles como um ponto fraco, uma porta para escorregar na mente de Aden e forçar a transferência.

Mas ele teve que pedir docemente em seu lugar.

Com esse pensamento, Aden abriu sua mente. A transferência começou como um fio de água, mas logo se tornou uma inundação, quando as vidas de milhares de vampiros, cada sanguessuga único que vivia no Centro-Oeste, rugiu na alma de Aden. O ataque foi um fardo muito maior do que ele já tinha pensado suportar, muito maior até mesmo do que ele esperava, depois de tomar o poder a outra noite. Mas ele levou-os de boa vontade, acalmando seus medos quando, pela segunda vez em meses, eles encontraram-se com um novo mestre. Congratulou-se com todos eles, os que saudaram a sua chegada com alegria e os

remanescentes de Klemens, mesmo os que perderiam com a depravação do Senhor morto e sua absoluta falta de decência.

Aden absorveu suas vidas, suas histórias, até que ele pensou que iria estourar, até que pensou que não poderia suportar mais, e ainda assim eles vieram. E então, finalmente, com um suspiro longo aliviado, o olhar de Lucas quebrou, e seu queixo caiu para o peito. Seu aperto afrouxou quando sua mão escorregou longe da de Aden e caiu molemente ao lado dele.

Com gemidos correspondentes de alívio, ambos se sentaram sobre seus calcanhares, peitos arfando com esforço. O nível do poder vampiresco ao redor da sala caiu abruptamente. Documentos e imagens caíram, embora não precisamente nos mesmos lugares, e as paredes deixaram de gemer, ficando apenas algumas rachaduras.

Aden permaneceu ajoelhado no chão enquanto ele lutava para dar sentido a todos os novos sentimentos e necessidades que enchiam todos os cantos de seu ser. Doeu em sua alma tê-los lá. Havia um puxão de guerra constante dentro dele, entre a pessoa que era Aden e o vampiro que agora era o Senhor do Centro-Oeste. Ele suspirou, cansado e sentiu uma mão suave na parte de trás do seu pescoço.

— Aden? — Sidonie ajoelhou-se ao lado dele, com o braço em torno de suas costas como se oferecendo a ele a sua força e apoio, sua bochecha descansando em seu ombro. — Você está bem?

Seu braço estendeu automaticamente, circulando sua cintura e puxando-a contra ele. Ele levantou a cabeça e encontrou seu olhar preocupado, e ele se perguntou de novo se esta mulher o amava.

Ele tocou seus lábios nos dela. — Eu estou bem, — ele murmurou contra seus lábios. — Melhor agora que você está aqui.

Ela corou com veemência, o seu olhar para o lado para desviar de onde Lucas ainda se ajoelhava muito perto.

— Não se preocupe com Lucas, — Aden assegurou. — Eu o chuto para fora.

— Foda-se, — Lucas rosnou bem na hora e ficou de pé, como se estivesse pronto para fazer tudo de novo.

Mas Aden tinha antecipado seu amigo. Ele agarrou Sidonie e ficou em pé com a mesma rapidez, dando dois passos para trás para colocar alguma distância entre eles.

Lucas olhou para Aden por um longo momento, então bufou uma risada. — Isso definitivamente pede uma bebida. — Ele olhou ao redor do escritório, que estava um pouco pior pelo desgaste. — Talvez devêssemos ter feito isso lá fora. — Ele encolheu os ombros. — Tarde demais agora, mas vamos ao fundo do corredor. A bebida é melhor, e, se eu não me engano, minha Katie está esperando por mim.

Sidonie fechou os dedos sobre o braço de Aden quando eles saiam do escritório, segurando-o perto enquanto os outros atravessaram a entrada principal da ala oposta, entrando em uma sala cerca de meio caminho para baixo.

Aden deu Sidonie um olhar interrogativo.

— Será a última coisa disto? — Ela perguntou baixinho, tocando os dedos sangrando. Ela levantou a cabeça, e havia um brilho de lágrimas nos olhos. Por ele? — Está doendo?

Ele teve que admitir sua mão doía como um filho da puta, como se cada osso do dedo estivesse quebrado ou a beira de quebrar. Mas ele não podia dizer isso a ela.

— Dói, — admitiu ele, — mas não muito. Lucas provavelmente está se sentindo pior. — Ele só podia esperar, pensou em particular.

Sidonie balançou a cabeça, os lábios achatados em reprovação. — Vocês são como crianças em uma escola. Terminou agora? Não há mais testes, não há mais terremotos?

Eles começaram a caminhar pelo corredor até onde se podia ouvir os outros falando.

— Sem mais testes, — Aden concordou. — Quanto aos outros, o tempo é curto. Vou precisar consolidar o território sob minha autoridade o mais rapidamente possível.

Ela franziu a testa em concentração. — Você quer dizer que alguns do povo de Klemens pode tentar levá-lo de você?

— Eles podem tentar, mas eles não vão conseguir, — disse Aden, balançando a cabeça. — Eu não posso deixar. Há um perigo muito maior para todos nós que aparece no horizonte, e eu vou dizer-lhe tudo sobre isso... amanhã, — acrescentou rapidamente. — Eu só me tornei Senhor do Centro-Oeste, e dane-se, eu estou tirando uma noite e esquecendo todo o resto. Sem preocupações com o território ou uma guerra que pode não vir. Hoje à noite, você e eu vamos comemorar. Toda essa porcaria ainda estará esperando por nós amanhã.

EPÍLOGO

Chicago, IL

SIDONIE correu para a suíte do escritório de Aden na nova casa. Eles haviam se mudado há duas semanas, após a menor garantia que ela já tinha ouvido falar. Vampiros realmente deviam ser mágicos, pensou, se eles podiam comprar um imóvel grande e caro como esse em trinta dias. Ajudou que a casa estivesse vazia por um tempo. Os vendedores tinham sido chamados pelo seu agente de "altamente motivados", o que o agente de Aden os tinha chamado era "desesperados". Eles tinham estado mais do que felizes em deixar os vampiros começarem a reformar o imóvel para as suas necessidades específicas, mesmo antes da compra ser efetivada. Renovação, neste caso principalmente, significava a instalação de amplas medidas de segurança, incluindo um novo portão da frente e sensores em todo o entorno que eram dignos da Casa Branca. Na verdade, ela tinha certeza de que a Casa Branca não teria esse nível de sofisticação, sendo uma casa de pessoas e tudo mais.

A nova casa era enorme, três níveis em duas alas, incluindo uma caverna que tinha sido completamente adaptada para fornecer acomodações seguras para muitos vampiros. Havia novos vampiros que se juntavam para os detalhes de segurança de Aden todos os dias, e Bastien tinha dito a ela que haveriam muitos mais. Era mais que simples segurança. Era um exército, e eles já estavam treinando como tal.

Ela e Aden tinham uma suíte no porão privado para eles próprios, bem longe dos outros. Portas foram instalados em todas as entradas do porão que se assemelhavam com o tipo usado em grandes cofres de bancos, e havia excesso em cima de excessos.

Sidonie havia se acostumado à segurança e à vida principalmente à noite. Apesar de ser humana, ela ainda precisava de luz solar, e sendo do sexo feminino, ela precisava ter seu cabelo e unhas feitas e entrado em uma maratona de compras ocasionais ou almoço com os amigos.

Como hoje, quando ela descobriu toda uma nova safra de amigos que verdadeiramente estavam chegando. Hoje era o reconhecimento oficial de Aden como Senhor do Centro-Oeste e membro do Conselho Vampiro norte-americano. Todos os outros senhores de vampiros estavam na cidade, e Sid tinha tido o prazer de descobrir que a maioria deles tinha companheiras e eles as trouxeram junto.

As companheiras tinham ido fazer compras hoje, uma viagem de campo organizada por Cyn, que era a mulher que Sid tinha visto conversando com Aden na primeira noite na gala. Cyn parecia tomar como sua missão pessoal na vida, levar todos a obter tantos problemas quanto possível. Felizmente, as outras mulheres eram mais calmas, e tinham resolvido por um almoço regado a vinho, com compras depois.

Sid olhou para o braço e teve que segurar uma risada. Bem, a calma tinha principalmente prevalecido. Ela estava se sentindo muito mais perversa do que legal agora. Mas então, Aden adorava quando ela era má, e Sid adorava quando ele lhe ensinava o erro de seus caminhos. Ela sorriu feliz, só de pensar nisso.

Kage estava recostado no sofá grande de couro na sala externa da suíte do escritório, os braços musculosos principalmente nus em uma camisa de manga curta que mostrava suas tatuagens, seus piercings brilhando na luz baixa. Ele sorriu para ela.

— Como vão as coisas, Sid? As senhoras tiveram um bom tempo hoje?

— Nós, sim, e olha— Ela empurrou a manga de seu suéter. — Eu tenho uma tatuagem!

O sorriso de Kage congelou no rosto. Ele saiu do sofá em um suave movimento único, o olhar fixo no esboço delicado de penas em seu antebraço direito.

Como se atraído pela reação de Kage, Bastien, Travis, e Freddy apareceram de repente e se reuniram ao redor, todos eles olhando para a tatuagem como se esperasse que ela pulasse fora de seu braço e fosse para suas gargantas.

— Sidonie. — A voz profunda de Aden tinha todos os seus os quatro vampiros empurrados com surpresa, o que era uma surpresa em si. Ela nunca tinha visto eles reagirem dessa forma antes. Eles sempre sabiam onde ele estava.

— Hey, — ela se virou com um sorriso. Ela não sabia qual era o problema dos vampiros, mas ela estava se sentindo bem e ficou feliz de ver seu amante. Ela atravessou a sala e levantou os braços automaticamente para um abraço de boas-vindas e um beijo. Ela estava acostumada a acordar com ele e tinha faltado hoje.

Mas, como os outros, o olhar de Aden estava cravado em seu antebraço, na sua nova obra de arte.

Com sua testa abaixada, ele parecia inchar com raiva, seus olhos mudando para encarar seus vampiros.

— Quem diabos— ele começou.

Mas Kage rapidamente o interrompeu, pela primeira vez na experiência de Sid. — Eu nunca faria isso, meu senhor. Não foi qualquer um de nós. Mas eu não tenho certeza—

Sid teve o suficiente. Ela bateu o pé para obter a sua atenção, mas dirigiu sua ira contra Aden. — Qual é o grande negócio. É o meu braço. Se eu quiser—

— Você deixou alguém te tocar, deixou sangrar você? — Aden exigiu.

Ela abriu a boca para responder, em seguida, abruptamente percebeu o significado do que ela tinha feito. Se ela tivesse aprendido algo sobre o seu tempo

com Aden, era que os senhores vampiros eram territoriais sobre tudo, incluindo especialmente, seus companheiros. Eles eram o alfa de todos os alfas. Eles fizeram o Tarzan parecer uma criança. E uma tatuagem? O que ela estava pensando? Sangue era o prêmio máximo para um vampiro. Ela poderia muito bem ter aberto uma veia e deixado outro homem dar uma lambida.

— Eu não, — disse ela com urgência. — Olha... — Ela correu para a mesa e abriu uma gaveta, pegando o pacote de lenços que estava lá dentro. Rasgando para abrir, ela esfregou e limpou sua pena com bastante pena. — É temporária, — ela disse a ele. — Logo vai sair.

Aden lhe deu um olhar, em seguida, olhou por cima de sua cabeça a seus vampiros. — Vejo vocês na sala de conferências. — Com murmúrios de "Senhor" e "meu senhor", todos eles saíram do escritório, fechando a porta atrás deles.

— Vem cá, Sidonie.

Sid pensou em quanto malvada ela se estava sentindo, e o que ela esperava do tempo a sós com Aden. Mas isso não era o que ela esperava.

Ela terminou de limpar sua nova "tinta", então se aproximou para olhar para ele, com as mãos descansando sobre seus quadris estreitos.

— Sinto muito, — disse Aden, surpreendendo-a mais uma vez. Toda essa noite estava se transformando em uma gigante surpresa.

Seu rosto deve ter registrado seu choque, porque ele riu e puxou-a em seus braços. — Eu posso ter exagerado. Dessa vez. Se eu tivesse prestado atenção ao meu nariz, em vez de meus olhos, eu teria sabido que não havia sangue e que a tatuagem não poderia ser real. Mas vamos ser claros sobre uma coisa. Seu corpo é meu. Ninguém escreve sobre ele, exceto eu. E com certeza ninguém o penetra sem ser eu. — Ele pontuou este último com um toque de sua ereção crescente contra seu ventre.

Sid respirou aliviada, sentindo como se a crise tivesse terminado. — E se—

— Se você quiser uma tatuagem, Kage vai fazer isso, e eu vou supervisionar. Mas eu amo a sua pele do jeito que ela é.

— Era apenas temporária, — ela lembrou-lhe lamentavelmente. — Todos nós fizemos uma. Diferentes, mas todos nós fizemos alguma coisa.

— Quem você diz por nós?

— Todos as companheiras, até mesmo Colin.

— Quem é Colin?

— Ele está acoplado a Sophia, ela é senhor de...

— Eu sei quem é Sophia. Eu não sabia que ela estava acoplada.

— Ele costumava ser um SEAL da Marinha. Eu acho que ele e Cyn conheceram assim.

— Cyn, — ele repetiu secamente. — Eu aposto que isso foi ideia dela.

Sid assentiu. — Quando ela descobriu que eu estava acoplada a você, ela não podia acreditar. Ela disse que você era um filho da puta frio, e que lhe devia dinheiro.

— Ela fez? Ela é apenas uma má perdedora. Nós caçamos a mesma presa não muito tempo atrás.

— Quem ganhou?

— Depende do seu ponto de vista. Cyn localizou a presa, mas eu fiz a matança. — Ele sorriu. — Ela me mandou uma conta enorme do caralho por serviços prestados. O que você fez quando ela disse isso de mim? — Ele perguntou, curioso.

— Eu disse a ela para manter a porra da opinião para si mesma, e, além disso, você é o homem mais doce que eu já conheci.

— Doce?

— Doce, — disse ela com firmeza.

— Hmmm. Deixe-me ver o seu braço, — disse ele, mudando de assunto.

Ele tomou-lhe o braço em sua grande mão e examinou-o com cuidado. A pele estava vermelha e irritada onde ela esfregou a tatuagem fora. Era especialmente notável dada a sua tez pálida, e ela suspirou.

Puxando-a para mais perto, Aden beijou-lhe o braço com uma ternura que ela sabia que iria surpreender a todos, menos ela. Mas então, como se para lembrá-la da verdade, ele imediatamente deixou cair sua mão grande para sua bunda e espalmou ambas as bandas possessivamente. — Eu acho que nós precisamos estabelecer algumas regras básicas, habibi. Mas, mais tarde. — Ele deu um tapinha no seu bumbum levemente. Sid tomou isso como um aviso do que está por vir e sentiu um zunido de antecipação que rapidamente se espalhou entre suas coxas em uma onda de calor úmido.

— Tudo bem, — disse ela, sem fôlego.

Ele riu. — Essa é minha Sidonie. Vamos lá, eu não quero me atrasar para a minha primeira reunião do Conselho.



DO OUTRO LADO DA grande casa, Raphael ficou em silêncio no mezanino no topo das escadas. Seus colegas senhores vampiros estavam se reunindo abaixo, fora da sala de conferência onde eles logo se encontrariam como o Conselho Vampiro norte-americano para confirmar Aden em suas fileiras. Os senhores chegavam em pares e trios, conversando e brincando uns com os outros, na maior parte, apertando as mãos e batendo mãos nas costas de Aden como parabéns. Mesmo Sophia se juntou as saudações, seu grande companheiro SEAL estava com ela, desafiando qualquer um a chegar muito perto. Não há muito tempo, essas reuniões tinham sido hostis, os senhores individualmente chegavam tarde e saíam cedo, oito deles sentados em torno de uma enorme mesa, mal se falando.

Raphael tinha trabalhado arduamente ao longo dos últimos dois anos para mudar isso, fazendo o que fosse necessário para colocar vampiros no Conselho com o qual poderia, e iria, trabalhar juntos. Ele tinha entendido quando ninguém mais tinha, que os vampiros da América do Norte precisavam de um Conselho unido, que uma invasão da Europa era apenas uma questão de tempo.

Lá em baixo, apenas um membro do conselho ainda permanecia à parte, o lábio enrolado com desdém quando ele contornou o grupo violento e foi diretamente para a sala de conferência, seu primeiro-tenente atrás dele. Enrique Fernandez del Solar governava o México por mais de duzentos anos e parecia determinado a ficar lá por mais duas centenas. Ele era o único membro remanescente da velha guarda neste Conselho, exceto o próprio Rafael. Mas Raphael via o futuro, enquanto Enrique mais provavelmente residia no passado. E isso fazia dele um ponto de ruptura potencial para todo o continente. Ele nunca iria concordar em trabalhar com os outros, e por isso ele tinha que ir.

Raphael sabia coisas sobre o território de Enrique que ele duvidava que até mesmo o velho senhor vampiro sabia, até mesmo que a lealdade de seu primeiro-tenente, Vincent, já não era tão firme como deveria ser. Vincent tinha sido tenente quase tanto tempo quanto Enrique tinha sido senhor. Mas os vampiros mexicanos estavam cada vez mais frustrados pela regra de ferro de Enrique, por sua falta de vontade de mudar, e Vincent era o ponto focal para essa inquietação.

Infelizmente para Enrique, Vincent estava prestes a descobrir uma verdade que levaria sua lealdade à beira. Na verdade, Raphael estava apostando que a descoberta seria a ponta que levaria Vincent direito sobre a borda, e que as mentiras de Enrique finalmente seriam sua queda.

— Você está indo dizer-lhes sobre a carta?

A boca de Raphael curvou em um sorriso automático ao som da voz de Cyn atrás dele. Ela se aproximou de seu lado, e ele passou o braço em volta da sua cintura, inclinando-se para respirar o perfume que era só dela.

— Ainda não, — ele murmurou, respondendo a sua pergunta.

— Você não confia neles?

— Nem todos eles.

Cyn estudou o grupo com ele, seu olhar afiado quando ela teve um vislumbre de Enrique pelas portas abertas, quando ele se acomodou em uma cadeira contra a parede oposta.

— Enrique, — ela sussurrou.

Raphael assentiu.

— O que podemos fazer sobre isso?

Ele sorriu divertido e abraçou-a perto. — Mesmo eu, não posso controlar tudo minha Cyn. Mas há eventos em movimento, mesmo agora, eu suspeito que vai haver um novo membro do conselho se juntando a nós em breve.

— Meu senhor? — A voz profunda de Jared chamou a atenção de Rafael para o fato de que todos os outros senhores tinham desaparecido na sala de conferências e tinham tomado os seus lugares.

Raphael se inclinou para roçar os lábios contra os de Cyn. Essa reunião era apenas para os senhores e seus tenentes. Um senhor, um tenente. Ele poderia ter levado Cyn ao invés de Jared. Ninguém o teria questionado. Mas Jared precisava saber que Rafael confiava nele, e assim os outros o fariam. Jared tinha um papel a desempenhar antes que isso acabasse, e ele precisaria de toda a sua confiança se fosse sobreviver.

Então, beijou Cyn e disse: — Eu vou te ver em breve. — Ele deixou sua mão deslizar para baixo sobre a curva de seu quadril quando ele se afastou.

Ela assentiu com a cabeça, parecendo entender, e ele agradeceu ao destino por tê-la trazido para o seu lado. Todos eles precisavam de pessoas que poderiam confiar nos próximos meses, pessoas que estivessem a postos com eles e não vacilassem em face do perigo.

Mas ele precisaria de Cyn mais do que nunca.

Continua. . .
em VINCENT